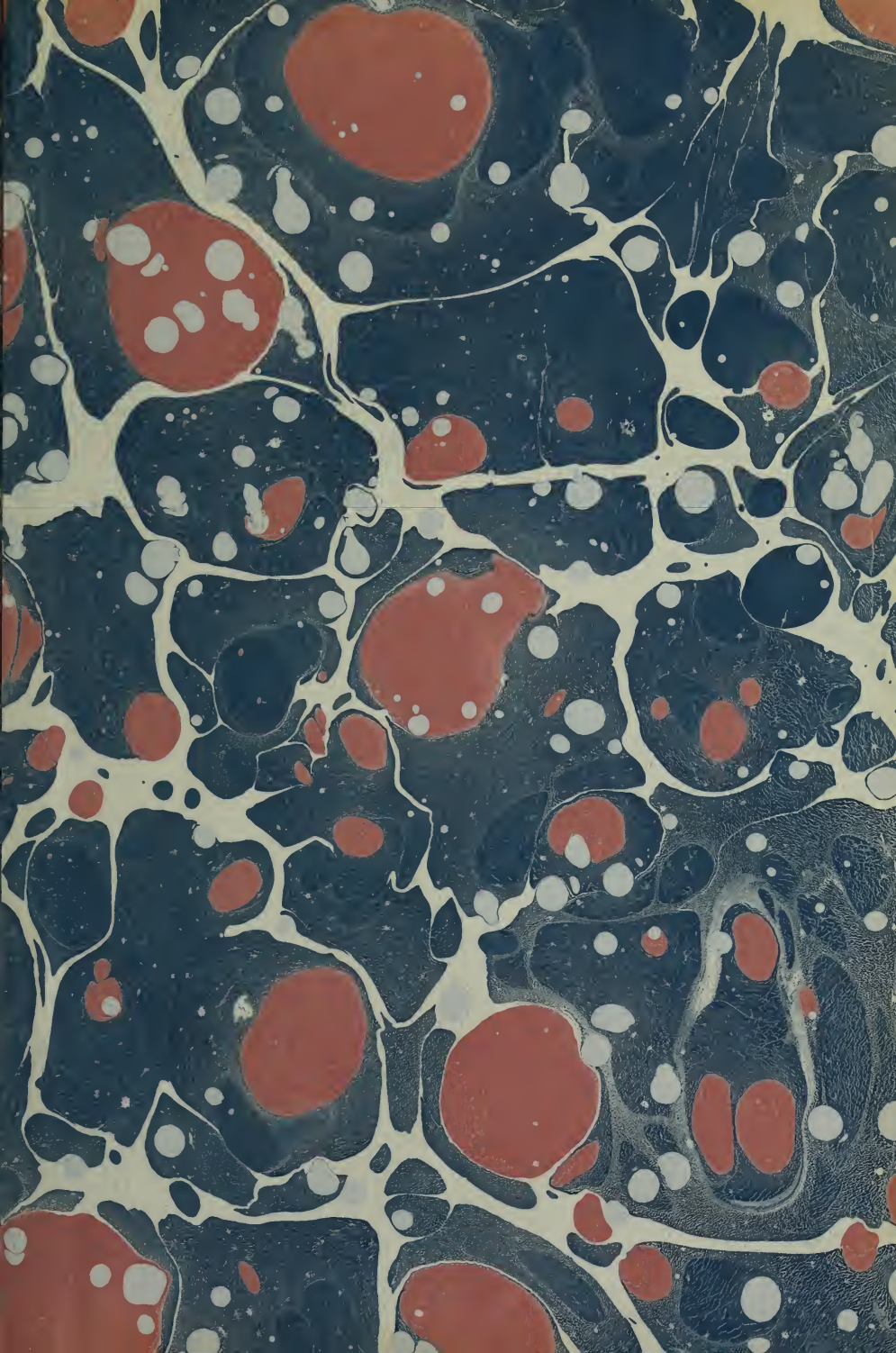
O MUNDO DO LIVRO
L. da Trindade, 11 - 13
Tel. 2 9951 — LISBOA



Frederico d'Almeida
ENCADERNADOR
Lisboa — Rua António Maria Cardoso, 31 — (Ao Chiado)

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/regrasdaartedapi00prun

REGRAS
DA
ARTE DA PINTURA.

REGRAS
DA
ARTE DA PINTURA,

Com breves Reflexões Criticas sobre os caracteres distinctivos de suas Escolas, Vidas, e Quadros de seus mais célebres Professores.

Escritas na Lingoa Italiana por Michael Angelo Prunetti.

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE BORBA

FERNANDO MARIA JOSÉ DE SOUSA COUTINHO CASTELLOBRANCO E MENEZES,

UM DOS GOVERNADORES DO REINO, &c. &c. &c.

POR

JOSÉ DA CUNHA TABORDA,

Pintor ao Serviço de S. A. R. o Principe Regente N. Senhor.

Accresce Memoria dos mais famosos Pintores Portuguezes; e dos melhores Quadros seus que escrevia o Traductor.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1815.

Com licença.

Le goût naturel des Romains pour la Peinture, les occasions qu'ils ont de s'en nourrir, si je puis parler ainsi, leurs moeurs, leur inaction, l'occasion de voir perpétuellement dans les Eglises et dans les Palais des chef-d'oeuvres de Peinture ; peut-être aussi la sensibilité de leurs organes rend cette Nation plus capable qu'aucune autre d'apprecier le mérite de leurs Peintres sans le concours des gens du métier.

Il Cav. de Jaucourt.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

SAhe a publico este meu trabalho, e sem me consentir duvidar por um só momento na escolha do Mecenas, impõe-me desde logo a indispensavel obrigação de não poder dedica-lo a nenhum outro de juro senão a Vossa Excellencia. *Toda a nação reconhece o prazer com que Vossa* Excellencia *por amor, e inclinação sabe prezar as producções das Sciencias, e das Artes; e não menos o generoso acolhimento com que se digna receber em sua presença com satisfação os que as professão; e esta só lembrança accusaria meu animo com razão de descuido culpavel se faltasse a este dever de minha gratidão.*

Ninguem ha que ignore, que entre as preclaras virtudes que constituem o caracter de Vossa Excellencia, *esta, e muito especialmente herdou Vossa* Excellencia *com o sangue de seus illustres predecessores. São testemunhos authenticos desta verdade os copiosos monumentos que por toda a parte offerece o Palacio de Vossa* Excellencia *em raras preciosidades de inestimavel valor em todo o genero, e com particularidade na Arte de minha profissão; rico deposito do bom gosto pelo numero, escolha, e variedade rarissima de originaes, e outros primorosos quadros assim de nacionaes como de estrangeiros, que sendo de admiração aos olhos do Sabio, e do Artista, são ao mesmo tempo, e serão sempre publicos pregoeiros dos louvores que se devem, assimcomo aos inclitos Avós de Vossa* Excellencia *que os souberão adquirir, assim dos muitos que a Vossa* Excellencia *he tambem a patria credora por lhos conservar, e apreciar.*

Eis-aqui, SENHOR, *as razões, por que considerei, que devia escrever na frente deste Livro o respeitavel Nome de Vossa* Excellencia; *são estes os bem fundados titulos, que abonão a minha eleição. A todos que o lerem fará logo sentir a mesma força da verdade, e confessar ser puro, e sincero tributo devido a Vossa* Excellencia, *devido á gloriosa successão das heroicas virtudes, que trazem por brazão vinculado na antiquissima Casa de Vossa* Excellen-

cia o explendor da nobreza com o lustre da santidade.

Se sem offender a modestia de Vossa Excellencia me fôra permittido agora, e soubesse ostentar o elogio da grande Casa de Borba, de que Vossa Excellencia tem o sangue, e possue o titulo, que o Ceo por dilatados annos lhe concederá, que immenso campo se abria a meus olhos nos mais remotos seculos da antiguidade? Bastára recordar que já desde a era de 800 de Christo brotava sazonados fructos a fecundissima arvore dos Souzas, Varonia actual da grande Casa de Vossa Excellencia, que tendo origem nos tempos da restauração da Hespanha, antes ainda de unir a si a regia Estirpe de Portugal e Navarra, já contava em sua familia os dois ditosos Lumes de Santidade tão celebrados na Historia Ecclesiastica Santa Senhorinha de Basto, e S Gervazio, filhos ambos de Hufo Hufes, que floreceo nos reinados de D. Affonso o Magno, D. Garcia, D. Ordonho II., e D. Affonso IV. Bastára olhar as outras não menos florentes anteriores Varonias de Coutinhos, e Castellosbrancos, cuja esclarecida nobreza coeva da Monarchia, tão fecunda em grandeza como em feitos gloriosos tem dado a Portugal honra e fama em mais de vinte ascendentes coroados em um e outro genero de virtudes heroicas.

Mas sem advertir, SENHOR, quasi que me ia encantando a attractiva grandeza das acções em

tudo esclarecidas dos immortaes predecessores de Vossa Excellencia. *Queira Vossa* Excellencia *relevar esta minha distracção, que eu muito bem conheço, que nem pura se acreditar entre as nobilissimas e antiquissimas Casas de Hespanha necessita a de Vossa* Excellencia *de recommendações alheias, nem Vossa* Excellencia *rico de proprios merecimentos faz consistir a sua gloria na ostentação de seus maioues.*

Volto-me já a Vossa Excellencia consagrando-lhe o tenue fructo de minhas applicações. A geral estimação, em que eu via era tido na Italia por todos os Sabios o pequeno Tratado, que offereço traduzido, excitou-me o desejo de o vêr publicado no patrio idioma. Contém elle as regras mais importantes da Pintura, explicadas com tanta precisão, sem ommittir nada do essencial, com tanta ordem, e descripção, com tanta propriedade, com tamanha clareza, e graça, e tanto daquelle puro, e finissimo gosto, que deve reinar em todos os escriptos deste genero, que julguei faria com elle bom serviço aos amadores da Arte.

Mas não era de razão, que vendo ali acreditados tantos Pintores das nações estranhas, de que elle faz menção nas differentes escolas de Sena, Florentina, Flammenga, Venesiana, Lombarda, Romana, Franceza, e Bolonheza deixasse de accender em meu animo o amor da nação vivo desgosto por jazerem sepultados nas densas trévas do esqueci-

mento tantos, e tão insignes Portuguezes, que accreditárão a Arte, que se accreditárão a si em todos os tempos, e com que podiamos ostentar tambem como ellas a nossa gloria.

He verdade, que pois ninguem atégora emprehendeo este trabalho, deixando-nos ao menos seus nomes em abbreviado catalogo, destituido de todo o soccorro me vi muitas vezes perplexo sem poder descobrir noticias de muitos delles; mas como considerei que as grandes emprezas não se concluem logo, que se por não poder dar inteira historia de todos, e ainda as particulares de cada um, faltasse em publicar as poucas que tinha podido colligir de alguns, deixava as cousas no primitivo estado; e que nenhum credito arriscava em excitar com meus poucos trabalhos muitos sugeitos de avultadas forças a levantar edificio sobre estes fracos alicerces, resolvi-me tambem a dar as poucas memorias dos nossos Pintores, se bem que tudo pobre e mui defeituoso.

Eisaqui portanto, SENHOR, para que imploro o alto, e respeitavel nome de Vossa Excellencia *com o intento de defender-me contra os detractores da maledicencia e inveja inimigas da virtude. Bem conheço, que a mesma obra por não ser decorosa não merece por isso a protecção, a que aspira; mas, SENHOR, tal, qual he, ainda prescindindo daquella nobilissima qualidade de não saber* Vossa Excellencia *desprezar as offertas por mais humildes que*

sejão, como por tributo, e por dívida lhe he dirigida, já me está augurando que será bem acceita; e com a sua protecção merecerá no público o seguro conceito que sem ella seria vã temeridade pertender. Deos guarde a Vossa Excellencia como todos os bons fervorosamente desejão. Lisboa 28 de Março de 1815.

De Vossa Excellencia

Humilissimo, e obsequiosissimo criado

José da Cunha Taborda.

PROLOGO.

NÃo foi o amor da gloria que me induzio emprehender este meu trabalho; foi sim o amor nacional quem excitou meu animo interessado sómente na utilidade do publico: que este deve ser o fim principal de todos os que escrevem. Via bem a meu pezar, e até com perjuizo notorio da minha Arte andarem vagando os seus alumnos anciosos por encontrar fontes, em que bebendo solidos principios pudessem tirar proveito no estudo della. Mas que poderião elles achar, se nada se havia publicado em vulgar, capaz de instruir, e regular a mocidade, destinada a aprender uma Arte tão admiravel, quanto em outro tempo erão assaz estimados os seus professores. Aqui deveria eu agora lembrar as muitas honras, privilegios, e mercês, que já nos primeiros Reinados da Monarchia Portugueza liberalizárão os Soberanos áquelles, que nella se distinguião; isto porém seria desviar-me do meu proposito, e accusaria mais desta sorte a falta de Nacionaes em escrever os preceitos, ou regras da Pintura.

Filippe Nunes movido (como elle mesmo confessa no Prologo aos Pintores) pela falta de

haver mui pouco quem tratasse esta materia, publicou em 1615 a sua *Arte da Pintura Symmetria e Perspectiva*, na qual mais se diviza o decidido zelo pela sua profissão, que regras precisas e uteis para os que tem de saber, o que seja Desenho, Composição, Invenção, Expressão, Claroescuro, Colorido, e as mais partes essenciaes della, sem cujo assiduo estudo nunca chegarão a immortalizar-se.

Este Escriptor merece hoje entre os sabios muita contemplação pela linguagem que empregou na citada obra; nem eu duvido tributar-lhe todo o respeito por ser o primeiro, e ainda o unico que soube prestar tão bom serviço á Patria: pois os quatro Livros de Symmetria de Luiz da Costa não só não erão originaes, por serem traduzidos do Italiano de Alberto Durero, mas nunca chegárão a imprimir-se. E tal foi a acceitação que teve o dito Tratado de Filippe Nunes, que mereceo de Filippe II. Alvará de privilegio concedido talvez a não ter apparecido até alli outro semelhante; e se reimprimio em 1761. José Lopes Baptista de Almada pareceu querer darlhe maior extensão com as suas observações na obra, a que deu por titulo: *Prendas da Adolescencia, ou Adolescencia prendada etc.* impressa em 1749. Ambas ellas carecem das proveitosas, e adequadas noções; e são faltas de methodo, bemque contenhão muitas cousas uteis, e de im-

portancia. E eis-aqui o que se acha impresso originalmente sobre preceitos de Pintura na lingua Portugueza.

Tinha á muito tempo feita por me instruir a Traducção, que offereço do célebre Italiano Michael Angelo Prunetti, á qual me havia proposto sem a menor lembrança de que poderia vir alguma vez ao prélo, unicamente por vêr no seu bellissimo Tratado um completo resumo dos mais solidos, e importantes segredos da Arte em reflexões judiciosas para o amante della, indespensaveis ao que a aprende, e de grande utilidade para o que a exercita. Sómente aos grandes mestres toca o dar regras de qualquer Arte; só elles conhecem com perfeição as delicadezas, que aos de mais escapão, e por seus talentos, e reputação imprimem no público o sello da authoridade em tudo que escrevem.

E tal he o juizo que se deve fazer deste Tratado, a que melhor chamaria o deposito do bom gosto na Arte da Pintura; e este mesmo conceito mereceu elle em toda a Italia dos melhores intelligentes, logoque se divulgou em Roma no anno de 1786; por se vêr recopilado nelle com clareza, precisão, e grande discernimento tudo, quanto de mais bello devia esta nobilissima Arte ás indagações de *Richardson*, *Webb*, *Reynolds*, Inglezes; *La Combe*, *du Bos*, *d'Argens*, *du Piles*, *Fresnoy*, *Felibien*, Francezes; e entre os

Italianos *Vasari*, *Bellori*, *Malvasia*, *Baldinucci*, *Borghini*, *Ridolfi*, *Dominici*, *Lomazzo*, *Scannelli*, *Armenini*, *Baglione*, *Dolce*, *Zannotti*; e do celebre Alemão *Mengs*, etc.

Certo desta verdade, apezar de conhecer-me inhabil para preencher devidamente o difficultoso cargo de Traductor, dicidi-me a publica-la só na certeza de encontrar desculpa pelo honesto fim a que se dirige, e por considerar que a vontade de ser util aos meus Nacionaes, requer por si mesmo dissimulação, principalmente quando he unida á confissão que faço de meus descuidos, e imperfeições. Esta esperança me deu tambem confiança, a exemplo do mesmo Author traduzido, addicciona-la com as Memorias dos Pintores Portuguezes, que tão esquecidos andão entre nós, e como taes são ignorados dos Estranhos. Daquelles Pintores, digo, que tendo-se acreditado, a si, e enobrecido tão primorosamente a Arte, como os melhores das escólas que elle nos offerece por modélos, tem direito a serem resgatados do esquecimento, e viverem entre nós, credores da fama, e dos louvores de que por seu grande merecimento se fizerão dignos.

Não pude seguir a mesma ordem, e formar um igual catalogo, e epitome das suas vidas como fez o Author Italiano, daquelles de que escreveo; e de necessidade por isso que aquelles havião sido já repetidas vezes o assumpto de mui-

tos Historiadores, e dos nossos quem fallou atégora? Deliberei-me dizer com tudo delles mais, ou menos circumstanciadamente á proporção dos subsidios que encontrasse: e até mesmo dar de alguns só os nomes se outra cousa não pudesse (e me dou por muito contente tê-los achado) para que lembrados por mim possão servir a alguma penna douta, a que de boamente cedo a gloria, se alguma me toca, quando delles se escreva com maior diffuzão, e mais apuradas indagações.

O objecto tão vasto, e tão difficil desta minha empreza não era para se confiar das forças de um só homem, porisso procurei recolher o pouco que alguns havião já escripto, e ajudarme de todos. Confesso dever alguma cousa a José Gomes da Cruz por nos deixar na sua Carta Apologetica e Analytica pela ingenuidade da Pintura a pag. 48 os nomes de *Christovão de Utrech*, *Christovão Lopes*, *Balthazar*, *e Affonso Alvares*, *Nicoláo de Frias*, *Affonso Sanches*, *e Filippe Tercio* se bem este contou elle entre os Pintores, quando delle unicamente ha Carta de Architecto. Esta obra escreveo elle em 1752 a instancias de André Gonçalves, que como Pintor affeiçoado á sua Arte adornou o frontespicio della com uma alegorica estampa de sua composição; e lhe pedio a dedicasse á Marqueza Camareira mór D. Anna Catharina Henriqueta de Lorena por ser não só affeiçoada á mesma Arte, mas

uma das nobres e virtuosas matronas que a exercerão com tanta gloria.

A varios outros Escriptores não menos respeitaveis sou igualmente devedor, sebem se contentárão de inserir nas suas obras ou já simples nomes, ou mal fundados juizos de alguns Pintores mais modernos, como forão Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo na Carta aos Redactores do Jornal de Paríz fallando a pag. 196 de *Francisco Vieira Lusitano*, *André Gonsalves*, e *Ignacio de Oliveira*; e Francisco Dias Gomes a pag. 18 em uma nota das Obras Poeticas impressas pela Academia Real das Sciencias em 1799; onde supposto falle com mais propriedade de *Grão Vasco*, *Gaspar Dias*, *Bento Coelho*, e do mesmo *Vieira Lusitano*; com tudo enganou-se attribuindo ao Reinado do Senhor Rei D. João III. o primeiro destes quatro Artistas, e reputando contemporaneo delle *a Gaspar Dias.*

No meio de tão lamentavel penuria, sem desistir de meu projecto, muito tempo me deteve a lembrança, de que alguns sugeitos de reconhecida litteratura tinhão esmorecido na empreza, mostrando em seus escriptos a difficuldade della. Alentava por outra parte meu desejo o muito erudito Bispo de Béja, e Arcebispo de Evora D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-boas, quando lia a pag. 135 das Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito deste insigne Prelado as seguintes

palavras: »Quem entrasse na empreza de his-
»toriar a Pintura do Reino, sem fallar dos
»excellentes quadros, que temos, assim ori-
»ginaes como copias, dos Pintores Estrangei-
»ros, não lhe faltaria materia que expôr dos
»nossos Portuguezes. Não sómente na Corte,
»mas nas Provincias sei eu haver Pinturas admi-
»raveis, em que salta aos olhos a maneira dos
»seculos, e da Nação.» Neste mesmo lugar faz menção de *Grão Vasco* da escóla de Pedro Perugino, de *Marcos da Cruz*, *Vanegas*, *D. Heliodoro de Paiva*, Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, *Campello*, *Fernão Gomes*, *Reinozo*, *e Gaspar Dias*: mas pela maneira comque alli são ennumerados por esta ordem, tambem parece foi por aquelle Prelado desconhecido o tempo, em que viverão. E quem á vista daquellas palavras não esperaria encontrar grande número de Portuguezes insignes, que em todos os tempos illustrárão esta Nação? sendo certo, como he, e deixou escripto nas suas Flores de Hespanha Antonio de Souza de Macedo a pag. 71 vers. fallando da Pintura, e Escultura: »Assi
»mismo las excelentes pinturas, y famosas esta-
»tuas muestran aver em Portugal muchos Apeles
»e Parrasios en lo primero, y en lo segundo mu-
»chos Lysipos»?

Mas com quanto sentimento conheci bem fundada a queixa, que muitos tem feito dos nos-

sos Antigos em não apontarem memorias, para virmos no conhecimento de muitas cousas, que nos são desconhecidas! Tal foi o que me aconteceo encontrando nos nossos Chronistas, tanto nos Seculares, como nos das Ordens Religiosas quasi nada, ou bem pouco de nossos Pintores; e nenhuma noticia delles, ainda quando por fazerem memoria de alguns quadros, que louvão, deverião declarar ao menos os nomes de seus Authores. Assim lamentarei sem remedio ficarem nas trevas de profunda obscuridade alguns, a quem não pude resgatar, a pezar de muitas diligencias, como: *Strabile* (*) de quem se vê em Roma o seu quadro dos Machabeos; *Campana* dos Campanas do Porto, cujos nomes sómente ao acaso descobri por uma relação manuscrita que veio ás minhas mãos, extrahida de Memorias que se guardão na casa de um dos Grandes desta Corte; *José Mendes*, cuja existencia consta do assento do obito de sua mulher Urraca Antunes falecida em 1597, que vi no Livro dos obitos da antiga Sé, hoje Basilica de Santa Maria Maior; o *Mestre Hieronymo*, de quem se lembra Fr. Manoel da Esperança no Tomo I. da Chronica Serafica a pag. 198; *José da Silva*, de quem faz menção Fr. Agostinho de Santa Maria Santuario Marianno Tomo VII. Livro I. Titulo 22; *Sebastião Ribeiro*, apontado por Barboza Machado no Tomo III. da Bibliotheca Lusitana em Luiz da Costa;

Antonio de Oliveira Bernardes, e *Gaspar Bezerra* apontados tambem na mesma Bibliotheca o primeiro em Valerio de Oliveira Bernardes seu filho, e o segundo em João Valverde; *Simão Rodrigues*, e alguns outros de quem com bastante magoa não cheguei a haver mais do que estas noticias.

Todavia assim mesmo animoso e cheio de confiança metti mãos a obra na persuasão de que encontraria, como me succedeo, sugeitos benemeritos, e de reconhecida reputação que alentando meu zelo quizessem auxiliar-me no desempenho della. He neste lugar, que eu devo publicar os seus nomes em signal de agradecimento a algumas particularidades, que lhes devem estas Memorias, e a que faltaria com grave detrimento da Historia, se por seu meio as não houvesse; o que julgo muito acertado por não inccorrer na reprehenção, que Plinio dava no Prologo da sua Historia Natural: *Obnoxii profectò animi est deprehendi in furto malle, quam mutuum reddère*; que no sentido Portuguez quer dizer: Ser só proprio de animo mesquinho querer ser tomado antes com o alheio, que confessar o devido áquelle de cujo he.

E forão estes, porque o publico lhes fique tambem na mesma obrigação que lhes confesso, o erudito Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, Bibliothecario maior da Real Biblio-

theca publica, e Socio da Academia Real das Sciencias; o meritissimo Desembargador Bartholomeu José Nunes Cardozo Giraldes, a cuja generosa benevolencia não menos que ao mui digno Socio da mesma Real Academia das Sciencias Pedro José de Figueiredo me confesso summamente devedor; pois como sabios, e zelosos da gloria da Nação me apontárão meios, donde colhi copioso fructo. Igualmente protesto todo o meu reconhecimento ao muito distincto Perito Paleografo Francisco Nunes Franklin, Ajudante da Reformação do Real Archivo, por tomar sobre si generosamente subministrar com a sua costumada exactidão as muitas noticias, que extrahi do mesmo Archivo, e me forão de grande luz para este trabalho.

Não tenho de encarecer o grande cuidado e diligencia, que nelle empreguei, investigando com aturada applicação todas as noticias, que por qualquer via fossem concernentes a meu proposito. Como obra minha, e fructo só de meus pobres talentos sempre a contemplo pequena, incompleta, e cheia de muitas imperfeições, para a pôr na presença de uma Nação illustrada, fertil de engenhos raros, que em todos os seculos, como as outras, tem obrado prodigios de admiração nas Armas, e nas Letras, como em todas as Artes. Nem mesmo o temor da malvada, e insolente calumnia, que hoje tanto agrada, me surprehende; pois esta como só cabe em animos baixos e

invejosos, quando se propõe desacreditar os outros, desacredita-se a si, e só grangea o desprezo do sabio, e virtuoso Cidadão. Amo o bem da Patria, e basta-me só o desejo, aindaque o não possa conseguir, de querer exaltar uma Arte, por cuja profissão assaz me vejo condecorado. He por ella, e com quanta satisfação o digo, que mereci a distincta honra do Nosso Augusto Principe, que Deos guarde, me admittir ao Seu Real Serviço imitando desta sorte a generosidade, e munificencia dos seus Augustos Predecessores, que já mais deixárão de promover as Artes, e protege-las.

E que progressos de melhoramento não vão ellas agora ter no seu Paternal Governo, debaixo da judiciosa direcção do Excellentissimo Visconde de Santarem João Diogo de Barros Leitão e Carvalhoza? Elle sabe unir aos seus muitos conhecimentos inclinação particular com delicado gosto pela Pintura, e não só anima os que a excitão, quando lhes prepara no Regio Palacio da Ajuda um espaçoso campo para desafogo das suas idéas; mas até se ostenta admiravel na boa escolha dos assumptos, que uma vez desempenhados com arte nunca deixarão de fazer lembrado o illustre nome, de quem tambem os dirige.

Vou finalmente apparecer a publico destituido de todo o soccorro de bem escrever. Assim será meu estylo commum e vulgar, e sem con-

certo de palavras, falto dos ornatos convenientes a quem tem de elogiar varões, que por seus avultados talentos ganhárão reputação na Arte, e direito aos nossos louvores: mas se (como já disse) não he a ambição nem algum outro motivo de gloria, o que me dirigio a penna, e só me moveo unicamente o desejo de ser util á Patria, a que devem aspirar todos os bons vassallos, confio, que este meu trabalho, aindaque imperfeito, como dirigido a tão louvavel fim, haja de conseguir,

„Que por esta, ou por outra qualquer via
„Não perderá seu preço e sua valia.

Cam. Cant. V. Est. 100.

SUMMARIO

Dos Artigos comprehendidos nesta Obra.

ARTIGO PRIMEIRO.

Regras da Pintura. 1

ARTIGO SEGUNDO.

Reflexões sobre a Arte Critico-Pictorica. 25

ARTIGO TERCEIRO.

Caracteres distinctivos das diversas Escólas da Pintura; com um Epitome critico das vidas dos mais famosos Professores. 35

ARTIGO QUARTO.

Exame Analytico dos quadros mais celebres das Igrejas, e das mais famosas Pinturas a fresco dos Palacios de Roma. 96

ENSAIO PICTORICO.

ARTIGO PRIMEIRO.

Regras da Pintura.

A Pintura *he uma imitação dos objectos visiveis da natureza, representada em superficie plana com varias cores, na sua maior perfeição.* He semelhante á Poezia, que descreve as coisas naquelle estado de excellencia, que deverião ter; só a Historia pinta a natureza tal, qual ella existe. Não he meu intento fallar das *Festas Hollandezas*, das *Bambochatas Flamengas*, nem dos desengraçados *Retratistas de paizes, de flores, e de fructos*; embora sejão estas lisongeiras producções d'Arte a delicia dos opulentos Senhores do Norte. O meu Ensaio Pictorico não sahirá dos restrictos limites daquella Arte sublime, que bem sabe com o pincel filosofico deleitar, e ao mesmo tempo instruir o espirito do homem. Este he o fim da Pintura.

João Baptista Armenini, que escreveo em 1587 devidio a Pintura em *Desenho*, *Claroescuro*, *Colorido*, *e Composição*. Esta mesma divisão foi logo adoptada especialmente de Webb, de Megns, e em parte tambem de Reynolds, e de outros. Mas o fim principal

destes célebres Escritores foi o instruir a mocidade na Pintura, e por isso ajuntando á Theorica os preceitos do Mechanismo estabelecêrão começar pelo *Desenho*, *Claroescuro*, *Colorido*, etc., uma vez que os alumnos devem iniciar-se em tão estimavel Arte com o lapis, compasso, e depois com o pincel representar as suas idéas. O meu ponto de vista he diverso, poronde não deverá causar maravilha ser differente o meu sentimento. A divisão que faz Richardson, e com pouca differença Mr. du Piles parece-me mais facil a desenvolver o talento de quem sem o uso do lapis deseja por si só descobrir, senão todas, ao menos parte das bellezas, e defeitos de qualquer Pintura. Escrevo para os amadores desta bella Arte, e a primeira coisa que se lhes offerece á vista, he a *Invenção*, a *Composição*, e a *Expressão*; e depois o *Desenho*, o *Claroescuro*, *o Colorido*; e finalmente reunindo debaixo do mesmo ponto de vista todas estas partes elles devem saber achar a *melhor escolha*.

Bacon de Verulamio costumava dizer, que para fazer evidente, e utilissimo o estudo de qualquer Sciencia, era necessario reduzi-la a proposições, e experiencias, cada uma dellas fundada em algum principio geral, e deste deduzir Corollarios. Grandissimos louvores se tem dado a Hipprocrates por ter sido, quem reduzio a Medicina a aforimos. Este o motivo que me induzio tambem a compilar a *Arte Pictorica* em tantos preceitos, ajuntando-lhe reflexões análogas para maior clareza.

Da Invenção.

A Invenção, diz José Reinolds nos seus Discursos da Arte do Desenho, *não he outra coisa mais que uma combinação diversa de imagens, que com tempo se recolhem, e depositão na memoria.* Os Poe-

tas deverão ser (digamos assim) a machina electrica, que excite o Pintor, e o seu fogo animado poderá muito bem fecundar a sua imaginação. Homero, Virgilio, Dante, Milton, Spencer, etc., e sobre tudo a Escriptura Santa poderão subministrar objectos os mais sublimes. Tambem os affeiçoados a esta bella Arte não deverão omittir a leitura delles, paraque possão julgar melhor da bondade, e do merecimento da *Invenção*. As regras que deverão observar são as seguintes.

1.

Se a Invenção fôr de um facto historico, sagrado, ou profano, o Pintor não poderá accrescentar de sua idéa, senão aquillo que parecer provavel. Nos quadros de Jesu Christo Crucificado, ordinariamente costuma pôr o Artista as mulheres piedosas, e S. João no acto de dividir a sua compaixão com Jesus pendente da Cruz; e Maria Santissima dolorosa á vista daquelle lastimoso espectaculo. Da Escriptura Santa certamente não se collige isto.

2.

Se o assumpto do quadro fôr allegorico, deverse-ha dar ás figuras aquelles caracteres já conhecidos, e authorizados; e não recorrer ás frias imagens das Estampas, ou á Iconologia de Ripa. Quanto melhor illustrará a mente do Pintor o estro bizarro de hum Vicente Monti, e os eruditos pensamentos de Ennio Visconti! Sabemos de Proclo, que quando Fidias quiz representar o seu Jove, copiou sómente a imagem exprimida em Homero. A amizade de Annibal Caro enriqueceo de elevados assumptos o pincel dos Zuccaros; e o saber de Castiglione abrio ao genio de Rafael uma ampla estrada para subir áquella perfeição, a que o chamava a natureza.

3.

Se o facto fôr misto, não deverá a allegoria

confundir, ou transtornar o verdadeiro caracter da Historia Do genero misto he pintada a volta do Palacio Barberini por Pedro de Cortona. (*)

4.

Finalmente se a Invenção fôr meramente ideal, poderá então o Pintor desafogar a sua fanthasia; porém sempre dentro dos limites do verosimil. Este na Pintura, (como observou o Abbade du Bos) he de dois modos; *verosimil poetico*, *e verosimil mechanico.* O representar uma coisa, que não he impossivel segundo as Leis da Estatica, do Movimento, e da Optica, chama-se *verosimil mechanico.* O *poetico* pois consiste em dar ás figuras as paixões analogas á sua idade, temperamento, dignidade, e bom effeito da acção que se ha de representar no quadro. Assim-como tambem consiste em dar ás personagens um caracter conhecido, especialmente nas cabeças. De Sidonio Apollinar sabemos, que os Filosofos antigos nas suas fysionomias tinhão um caracter distintivo: „ *Per* „ *gymnasia pinguntur Zeusippus cervice curva*; „ *Aratus panda*; *Zenon fronte contracta*; *Epicurus* „ *cute distenta*; *Diogenes barba comante*; *Socrates* „ *coma cadente*; *Aristoteles brachio exerto*; *Xeno-* „ *crates crure collecto*; *Heraclitus fletu oculis claus-* „ *sis*; *Democritus risu labris apertis*; *Chrysippus* „ *digitis propter numerorum indicia constrictis*; *Eu-* „ *clides propter mensurarum spatia laxatis*; *Clean-* „ *tes propter utrumque corrosis.* Desta erudição o grande Rafael soube tirar sabiamente *o verosimil poetico* para communica-lo á sua Escola de Athenas.

5.

No inventar deve ter-se em vista a unidade do tempo, do lugar, e da acção. O Papa *Julio II.* no

---

(*) Veja-se adiante o Exame Analytico.

Templo de Jerusalem, logoque foi expulso Eliodoro, mandou pintar juntos em uma mesma aptitude, e no mesmo quadro a Santo Athanazio, S. Francisco, S. Filippe, etc. e a *Transfiguração* de Jesu Christo, contemporanea ao facto do Energumeno, que o Evangelho diz ter acontecido um dia antes. São invenções estas, que não poderá jámais desculpar a determinação caprichosa, ou o zelo de uma devoção multiplicada de quem ordenou a execução de taes quadros.

6.

Convem escolher o momento mais vantajoso da acção, que se quizer representar. Nisto consiste a grande Invenção. He necessario saber escolher aquelle momento não seguido ainda de algum outro, e no caso de ter sido já usado, sabe-lo enriquecer com o Poetico d'Arte, paraque pareça um assumpto em tudo novo. Em vão tentará qualquer Pintor amaneirado (*) desculpar a sua fria Invenção queixando-se, de que todos os mais bellos factos historicos estão já exauridos. As circumstancias, diz Addisson, tiradas de uma prompta imaginação creadora, são tantas, e tão varias, que todos os dias subministrão novos, e brilhantes objectos, a quem os tem de genio.

7.

Qualquer pois que fôr o argumento, ou historico, ou allegorico; misto, ou ideal, sempre deverá ser izento de toda a obscuridade. Temos de Horacio Flacco um facil documento para confirmar esta verdade ,, *Rectius Illiacum carmen deducis in actus.*

Quam si proferres ignota, indictaque primus.

(*) Uso desta palavra thecnica na falta de outra Portugueza, querendo por ella significar o defeito de alguns Pintores de repetirem em todas as suas Obras certos objectos, ou acções, para que o seu gosto particular os convida.

Julio Romano, especialmente venceo a todos, pelas suas caprichosas Invenções.

Da Composição.

A esta parte da Pintura, (diz Mr. du Piles) *pertence collocar commodamente, e exprimir com vantagem, e com decóro os objectos, que subministra a Invenção.* A este respeito se deverão observar as regras seguintes.

1.

Convêm averiguar bem os costumes. Entende-se por costumes Pictoricos tudo aquillo que he a norma dos tempos, do genio, dos usos, das leis, do gosto, das riquezas, e do caracter do paiz, no qual se quer representar a scena do quadro.

2.

Deve-se indicar de alguma sorte o lugar onde se faz a acção. Tanto Caracci, quanto Dominichino no seu quadro da Communhão de S. Jeronymo, puzerão uma figura vestida ao Oriental, para mostrarem que aquella acção se praticou em uma das ruas do Oriente.

3.

He necessario evitar toda, e qualquer superfluidade. O pincel he a lingua do Pintor, *ne quid nimis*; a Historia deve narrar-se com a maior simplicidade possivel. Annibal Caracci não permittia em um quadro mais de doze figuras; mas esta regra tem sua excepção; basta que cada uma dellas tenha o seu caracter proprio, e analogo á composição.

4.

Não deve entrar em uma Pintura heroica coisa alguma que seja absurda, indecente, ou vil. O pintar um cão roendo um osso em um banquete de pessoas de qualidade, ou o representar um rustico,

ourinando diante de varões conspicuos, são certamente indecencias, que a authoridade de Paolo Veronez nunca poderá jámais justificar.

5.

Nenhuma coisa deverá desviar, ou divertir a attenção do objecto principal. Protogenes no seu famoso quadro de Jalisso, porque nelle tinha pintado uma perdiz com tanta propriedade, que maravilhou toda a Grecia a apagou inteiramente, poisque distrahia a attenção do objecto principal. Só elle deve fazer a maior expectação, e primeiro que tudo chamar a si as nossas vistas.

6.

A moda corrente dos enfeites não authoriza o bom gosto de vestir as figuras. Parece, que os Romanos, e os Gregos tiverão nesta parte melhor gosto, ou ao menos nós estamos tão bem prevenidos a favor daquelles grandes homens, que tudo aquillo, que delles vem, se nos mostra acompanhado de graça, e de nobreza. André del Sarto foi um dos que especialmente no representar as historias, ainda mesmo antigas, vestio as figuras conforme os costumes do seu tempo. Em semelhante defeito cahio geralmente a Escola Veneziana.

7.

Da opposição dos seus contrarios se deverá tirar o effeito para o objecto principal. A mulher, e as filhas de Dario pintadas por Le Brun, são devedoras de uma parte da sua formosura, e magestade á pouca belleza dos rusticos criados, que tem em torno.

Lanfranco, e Pedro de Cortona, principalmente se distinguírão pelas grandiosas composições. Porém nas de Rafael vê-se a melhor escolha.

Da Expressão.

Esta voz na Arte, significa a *representação dos movimentos d'alma, e das suas paixões.* Eisaqui as regras mais geraes.

1.

A expressão deve corresponder aos caracteres de cada pessoa. Marsyas esfollado por Apollo deve exprimir a dôr mais desesperada, e a mais vil impaciencia. Mas no Apostolo S. Bartholomeu deverá haver uma dôr pacientissima, e um soffrimento admiravel. Valentim observou muito bem esta regra no seu quadro dos Santos Martyres Processo, e Martiniano; não assim Daniel de Volterra no seu Descendimento da Cruz; poisque não he propria da Mãi de um Deos aquella baixa expressão, e uma dôr tão cheia de fraqueza.

2.

Convêm exprimir as pessoas com engracadas fysionomias. A primeira coisa que se apresenta á nossa vista em um quadro, são os rostos das figuras; por isso he necessario dar-lhes expressão, e nobreza.

3.

Ha algumas expressões artificiaes, que o Pintor deve observar, para supprir a falta das palavras. Com que artificio, e com que idéas de sublime poezia não exprimio o nosso Rafael a Deos, quando separa a luz das trévas, quando prescreve os confins ao Oceano, e quando cria a Lua, e o Sol! Nas *Lojas Vaticanas* existem ainda estes raros exemplos d'Arte. (*)

Não ha melhor escola para a *Expressão* que a

(*) Veja-se adiante Exame Analytico.

da natureza ; nem tem havido nesta parte um só que excedesse Rafael considerado nos seus quadros historicos. Porém no genero de retratos deve dar-se a primazia da expressão a Ticiano, e Wandyck.

Do Desenho.

A idéa ordinaria, que temos do Desenho ; he ; que *faz uma parte da Piutura, e dá aos corpos, tanto intellectivos, como sensitivos, e inanimados, as suas justas porporções.* Esta sorte de Desenho depende de medidas exactas feitas por meio do compasso. A natureza não tem composição mais difficil, que a do ente intellectivo ; e se a Arte deve imitar a natureza, não tem por tanto composição ordenada mais difficultosa, que a da figura humana. Michael Angelo doze annos successivos trabalhou no estudo da Anathomia. O conhecimento desta fará grande o Pintor em saber marcar nas suas figuras os nervos, as veias, os ossos, os musculos, etc. e a observação sobre as producções da natureza o habilitará para desenhar correctamente os corpos vegetativos, e inanimados ; e com a lição de Leonardo da Vinci, de Lomazzo, de Dante, de Armenini, etc. aprenderá por meio do compasso, qual seja a justa dimensão de uma cabeça, quantas dellas devem formar a figura humana, quantas os braços, as pernas, etc. O Desenho tomado neste sentido he como a Grammatica do Pintor ; nem eu intento fallar mais deste assumpto. As regras, que agora vou a expôr, versão sobre o Desenho no sentido, em que alguns o definem, *Imitação do caracter dos objectos visiveis*, dando movimento, aptitude, e semelhança conveniente ás pessoas, vestindo-as principalmente com bom gosto.

I.

O Desenho (tomado em qualquer sentido) *deve*

ser porporcionadamente exacto, e exprimido com espirito, e sem ambiguidade. Esta mechanica facilidade diz Webb, nos que forem principiantes n'Arte só poderá fazer vêr uma fogosa incorrecção de Desenho; porém nos consummados Artistas será uma prova da sua franqueza, que he filha de prolongada penosa deligencia. Sem grande fadiga não se consegue bom nome.

2.

Os contornos devem ser grandiosos, e não seccos; ondeantes, e não recortados. A primeira maneira de Rafael era secca, e recortada, isto he, não usava contornos, que fossem a confundir-se, como devião, com a côr que os cercava. Michael Angelo ordinariamente os desenhava com muita expressão, e viveza.

3.

Deve dar-se um justo, e natural movimento ás figuras, o necessario desafogo; e que estejão bem equilibradas sobre o plano. As leis do Movimento, da Perspectiva, e da Estatica forão pouco observadas dos Pintores antigos.

4.

He necessario dar ás figuras aptitudes naturaes. Aquelle Hebreo, que está sobre a escada, para levar um prégo no quadro do Descendimento de Daniel de Volterra, não tem a sua natural positura.

5.

He coisa ridicula dar ás figuras costumes particulares, e inconstantes; devem antes ter aquellas aptitudes geraes, que em todo o tempo, e em todo o lugar forão sempre as mesmas. O não se separarem as modas transitorias dos constantes habitos da natureza ir-se-ha a encontrar (como bem reflecte José Reynolds) aquelle ridiculo estilo dos Pintores Francezes, que tem dado aos heróes da Grécia os mesmos

costumes, e aptitudes usadas na Côrte de Luiz XIV.

6.

As aptitudes deverão ser oppostas entre si, e universalmente pendentes sempre ao esférico. Nisto foi grande Paulo Veronez, que se bem nos seus quadros se vejão um infinito numero de pessoas, com bom arteficio soube guardar nas suas magnificas representações aquelle silencio Pictorico, que tanto reinava no coração de Annibal Caracci. Todavia esta advertencia algumas vezes se sacrifica em proveito da Arte, como fez o nosso Rafael nas *Lojas Vaticanas.* Em signal de excessiva alegria o Povo Hebreo, levanta as mãos ao Ceo igualmente parallelas, para receber de Moysés as Taboas da Lei. Os Pintores, bemcomo os Poetas, arrebatados do gosto, e do genio, tomão muitas vezes certas licenças, para dar maior realce ás suas composições.

7.

Convêm, que tenha a figura uma certa energia, e huma grandeza lisongeira, especialmente se o assumpto do quadro he algum heroe. Supposto que Alexandre Macedonico fosse de pequena estatura, e Ageziláo algum tanto defeituoso de corpo, com tudo o Pintor deverá dar-lhe aquella figura elegante, e fysionomia de grandeza, que constitue o caracter do homem magestoso. Elle não póde como o Poeta fazer fallar o seu heroe como homem grande.

8.

He necessario mostrar em todas as partes da Pintura, qual seja o caracter geral daquella historia, que no quadro se representa. No Nascimento de Christo deve tudo respirar um ar alegre, e risonho; e o contrario na sua Crucifixão.

9.

As prégas da roupagem devem ser lançadas

com naturalidade, amplas, e não muito replicadas. Convêm observar exactamente esta regra, paraque se não descubra a deligencia, e o fastidioso trabalho; mas tudo pareça um effeito do accaso, e a figura receba hum bello resalto. Carlos Maratta era de opinião, que o vestir elegantemente as figuras, fosse coisa mais difficil, que o desenha-las bem.

10.

Não deve perder-se o nú debaixo das roupagens; nem marcar-se muito. O nú em uma figura vestida convêm, que seja como a Anathomia em uma figura nua.

11.

Assimcomo as figuras entre si não devem ter nenhuma semelhança, assim tambem o lançado da roupagem deve ter a sua diversidade. Rafael diversificava a fórma das prégas, segundo o nú que lhe estava debaixo. Com estudo particular das obras dos antigos conheceo, que se a parte, ou musculo era grande, devia fazer-se uma grande massa de prégas; e a mesma quantidade, mas todas escorçadas, se as partes vinhão a encolher-se, e apertar se; e onde pois nada havia debaixo, o marcava só com largas dobraduras. E deste modo fazia a sua fórma tão diversa, quanto o são os musculos do corpo humano.

12.

As prégas devem ter o seu motivo, ou em razão do pezo, ou pela acção dos membros. Por ellas deverá saber-se se uma perna, ou um braço antes daquelle movimento em que se observa, estava adiante, ou atrás; se um membro passou do dobrar ao estender, etc.

13.

Nenhuma prega deve ter a fórma redonda, nem quadrada. A fórma quadrada especialmente he incompativel com as prégas, só no caso de ser dividida,

e formar dois triangulos. As roupagens, por exemplo, quando vem a apertar-se de uma parte, e alargar-se da outra, produzem necessariamente uma fórma triangular.

Michael Angelo Buonaroti foi o desenhador mais expressivo; porém o mais natural foi Rafael. A Escola Romana, a Florentina, e a Bolonheza forão as que mais se destinguírão nesta parte tão essencial da Pintura.

Do Claroescuro.

O Claroescuro na Pintura não he outra cousa mais, *que uma intelligente imitação de todos os effeitos da luz, e das sombras da natureza.* O seu fim he dar aos corpos um relevo redondo, explicando as fórmas; e impedir a dissipação da vista. A perspectiva aéria he tambem uma parte do Claroescuro, e este he produzido, ou pelo ar, ou pelo sol, ou pelo fogo. Na verdade seria bem, que os affeiçoados a esta Arte se instruissem na Theorica da luz, para saberem sobre que corpos os seus reflexos tem maior actividade. Um Ensaio Pictorico não he um Tratado. Exporemos sómente do Claroescuro as regras mais geraes.

1.

A luz fechada do ar deve vibrar sobre os corpos como uma luz reflexa. Entende-se por luz fechada, a que nós recebemos por exemplo de uma janella; e não obstante que o sol esteja da parte opposta, ella recebe alguma coisa da sua luz perfeita. Por isso a melhor luz he a do Norte.

2.

Se a luz aberta do ar dimana do sol coberto de nuvens, ella illuminará os objectos com mais força doque quando vem da parte, onde existe o sol. Ad-

virta-se porém, que se a luz aberta nascer do ceo sereno, não havendo sol, os objectos vêr-se-hão illuminados verticalmente. A luz mais desvantajosa para o Pintor he a luz aberta.

3.

A luz do sol descoberto não admitte outra degradação mais, que a positura do corpo que a recebe. Esta he a luz mais difficultosa e quasi impossivel a poder-se imitar bem.

4.

A luz do fogo tanto maior será a sua degradação, quanto for mais pequena.

5.

As sombras devem seguir a direcção dos corpos, que a recebem; e quanto mais estiverem distantes da nossa vista, tanto mais deverão ser escuras.

6.

A perspectiva aéria deve ter as mesmas regras, que a lineal, em quanto á diminuição da força do Claroescuro. Ella depende da observação, e da fyzica da luz, não menos que dos nossos sentidos, e esta tem regras certas, e mathematicas. Os diversos Tratados que temos sobre esta materia poderão optimamente esclarecer o entendimento dos amadores desta Arte.

7.

Para haver um bom effeito, são necessarios dois, ou tres gráos de differença entre a luz do contorno de uma figura, e a do centro mais realçado aos nossos olhos. Observou Mengs, que entre outros Correggio, por conseguir unidamente estes dois effeitos, fazia talvez a justa degradação no corpo principal illuminado, pondo-lhe por fundo um objecto de sua natureza escuro, e tenebroso.

8.

A luz principal deve ser uma só. Rafael po-

rém quiz usar de tres luzes igualmente principaes no seu Carcere de S. Pedro; mas para isto he necessario ser um grande Pintor como elle era.

9.

Não se deve destruir a graça de um semblante, nem de um panno claro, com pôr-lhe um escuro forte. O estilo de Michael Angelo de Caravaggio, de Guercino, de Spagnoletto, de Valentin, e dos outros seus imitadores he totalmente opposto a esta regra, levados do desejo de exprimirem com mais valentia os objectos.

10.

Cada coisa deve receber o seu claro, e o seu escuro correspondente. Seria improprio pintar um vestido branco com sombras inteiramente negras. A côr não póde mudar a sua natureza.

11.

Convém que as roupagens tenhão grandes massas de luz, e de sombras. Entre outros nesta parte, foi famoso Guido, e André Sachi.

12.

Os claros de uma, ou mais massas em um quadro, devem unir-se nos sitios mais elevados, tanto nas figuras vestidas, como nas nuas. A primeira maneira de Rafael era recortada; porque sobre um membro elevado especialmente punha prégas grandes, e outras coisas escuras, que o cortavão. Mas do conhecimento de Frei Bartholomeu de S. Marcos, e das obras dos antigos adquirio grande descernimento nesta parte do Claroescuro, e principiou a dar a sua justa redondeza a todas as partes.

13.

As massas da luz, e das sombras, ainda mesmo que sejão gruppos, devem formar um certo socego, e vagas separações, que lisongeiem, e deleitem a vista do expectador. Porém he necessario evi-

tar as repetições de pequenas luzes, e de pequenas sombras, porque formão um gosto mesquinho : percipicio de Pintores ordinarios.

14.

He necessario disfarçar insensivelmente os grandes claros á medida, que se vão avizinhando ás suas extremidades. Por meio das meias tintas se obtem esta doce passagem; e por isso Correggio foi julgado por Mengs pelo maior mestre no genero do Claroescuro.

15.

O reflexo da luz he, que deve interromper todos os escuros. Com fazer uso de muitos reflexos conseguio Correggio a mais bella apparencia de Claroescuro. Não se dá sombra, que não seja reflexa.

16.

O uso dos reflexos deve supprir a falta da luz recta. Correggio, e Mengs (diz o perspicaz observador, e erudito Cavalleiro Azara) com este artificio pozerão tal encanto nos seus quadros, que os olhos surprendidos não sabem onde nasça, e donde venha aquella luz. Esta não opéra só directamente, mas communica parte dos seus raios aos objectos immediatos; nem jámais toca coisa alguma, de quem não tire os seus reflexos.

17.

Convêm observar a unidade dos objectos. Se no quadro houver mais massas de luz, he necessario, que uma só sobresaia ás outras, de sorte que faça distinguir a acção principal, e apresentar á nossa vista o primario objecto, isto he, o heroe do quadro.

Ticiano no Claroescuro imitou sómente a natureza, e se por acaso nas suas obras se vê a boa escolha, ella he, diz Mengs, um effeito mais do seu colorido, que do estudo, que sobre ella fez. Nesta

parte he inferior a Rafael, e a ambos elles excedeo Correggio.

Do Colorido.

Esta parte da Pintura he denominada Cromatica. *Com ella se imitão todas as côres, com que a natureza se compraz tingir as coisas.* O bom gosto do Colorido, e a sua harmonia depende das regras fundadas na sciencia, e na razão. Eisaqui as mais principaes.

1.

Devem os reflexos trazer comsigo não só a côr do corpo propriamente illuminado, mas ainda parte da côr da luz. Esta sciencia he muito util para a harmonia do quadro, e para a disposição do Colorido das roupagens. A theoria da luz, e dos seus reflexos he necessaria aos amadores da Arte. Elles poderão entende-la com a Fysica Newtoniana.

2.

He necessario, que em um quadro domine uma tinta geral, que vá a misturar-se com todas as côres. O ar he o primeiro a receber a luz, e por isso deve necessariamente colorir-se da sua côr. Ainda que a luz não tenha em si côr alguma, he porém innegavel, que atravessando materias intermedias se tinge por meio das refracções, que faz de um corpo a outro, atéque chega aos nossos olhos.

3.

As sombras mais profundas devem ser da côr da tinta da harmonia geral, suppondo-se o ar já tinto desta. O mesmo se entende de todas as roupagens, e de todos os outros corpos.

4.

As côres mais puras, e brilhantes devem empregar-se nos sitios mais nobres do quadro. O ob-

jecto principal da acção deve ser o mais vistoso, e por isso as côres mais brilhantes devem pôr-se no seu sitio, e predominar sobre tudo.

5.

Convêm variar o Colorido, segundo o assumpto, segundo o tempo, e o lugar. Seria improprio pintar o Concilio dos Deoses com o tom do Colorido de Caravaggio; assimcomo seria absurdo representar Eneas no Inferno com as tintas brilhantes de Baroccio. A côr azulada, por isso que he composta do mais puro, e do mais tenebroso, costuma produzir sensação lúgubre; e o verde sendo um mixto da côr mais clara, e mais escura será o mais gracioso a mover os orgãos dos olhos sem em nada os cansar.

6.

Não se deve usar nas carnes do encarnado. Ticiano, e Wandyck souberão fazer a pelle com tal transparencia, que parece vêr-se circular debaixo della o vivo sangue: elles porém pelo abuso dos reflexos tiverão seu deffeito nas carnes, fazendo-as muito lúcidas; e Rafael pela escaceza delles as pintou muito uniformes, e talvez de uma côr trivial.

7.

Para dar ás carnes as suas competentes côres he necessario attender ao sexo, á idade, e á condição das pessoas. A mulher de Menelao não deve ter as côres féras, e bronzeadas do Deos Marte; mais mimosas deverão ser as carnes de Endymião, que as do velho Sileno; nem a bellicosa Minerva se deverá pintar com côres as mais gentís, e patheticas.

8.

A côr dos vestidos tambem deverá ser proporcionada á idade, e caracter de cada um. Seria um erro pintar a juvenil Cióe em habito de côr acinzentada; Eneas com côr de roza; e Platão com capa de côres vistosas, e transparentes.

9.

A harmonia do Colorido consiste em saber distribuir as côres com igual quantidade nos sitios mais convenientes. O Iris tem em si uma grande harmonia de côres; mas se lhe tirarem o encarnado, o azul, e o amarello fica logo destruida. Rubens mettia nos seus quadros as côres sem equilibra-las, como fazia Ticiano. No equilibrio daquellas tres côres principaes consiste o acordo, e a harmonia do Colorido.

10.

A natureza, e a maneira com que a imitárão os melhores coloristas, serão as regras mais seguras nesta parte encantadora da Pintura. Daquella se aprende o artificio da contraposição das partes, e que a luz deve ser livre de toda a affectação do claroescuro; e por esta se achão todos os meios, por onde elles copiárão da natureza as suas melhores côres.

Ticiano foi o melhor colorista. Rafael foi muito monótono, e sempre contrario das côres amarellas, e vermelhas. O Colorido de Correggio he bom, mas pouco delicado, e as suas carnes parecem muito sólidas. Rubens costumava empastar as côres fazendo, que reflectissem umas nas outras, sem em nada olhar ao acordo. Wandyck tinha um pincel delicado, mas o demasiado uso, que fez dos reflexos, e dos accidentes da luz, he a causa, por que as suas carnes parecem de setim. Rembrant entendeo o effeito do claroescuro, e tambem foi insigne colorista; mas todos os seus assumptos são pintados como em uma grutta illuminada com um pequenino raio da luz do sol. Baroccio ao contrario, diz Mengs, parece que tinha visto as suas historias no ar aberto, ou nas nuvens; tanto são resplandecentes os seus quadros pela abundancia do claro. Os Caraches usárão de côres muito opacas. Sómente o que adoptou nos seus

quadros as mais bellas côres da natureza com maior apparencia de verdade, foi Ticiano.

Da bella Escolha.

A boa escolha dos Italianos; *o bello ideal* dos Francezes; *o genio, e o gosto grandioso* dos Inglezes são appellativos de uma mesma coisa, isto he, daquella *faculdade intellectual que ennobrece a Arte da Pintura, e a distingue do puro mechanico.* A regra fundamental para adquirir *este gosto grandioso, este bello ideal, esta bella escolha* deve ser o comparar continuadamente todos os objectos da natureza confrontando-os uns com outros. Peloque *o bello ideal* (como o define o Cavalleiro Azara na vida de Mengs) *consiste na escolha judiciosa das partes, que estão espalhadas na natureza; pela qual se chega a formar um todo perfeito superior á mesma natureza.* Este he o meio, poronde (diz José Reynolds) poderá o Artista chegar a possuir a idéa daquella fórma central, de que desviando-se cahirá em grande deformidade. Esta opinião talvez parecerá a qualquer algum tanto rigorosa.

He innegavel, que se dão differentes idéas de belleza. O Hercules Farneziano, o Gladiador Borguez, e o Apollo de Belvedere nos mostrão a idéa do bello possivel; porém nenhum por si mesmo offerece uma fórma geral de belleza perfeita, que se possa apropriar a toda a especie humana considerada na sua totalidade. Esta, dar-se-hia sómente, quando se chegasse a unir em porporção a actividade do Gladiador, com a delicadeza de Apollo, e a robustez do Hercules.

Os Poetas, e os Oradores da antiguidade sempre inculcárão, que todas as Artes devião receber a sua perfeição da belleza ideal. A simples imitação da natureza em geral, não poderá jámais inflammar o

entendimento dos espectadores. Eisaqui o motivo, por que se dá á escola Italiana a preferencia sobre a Flamenga, e superior a todas as da Italia a Romana.

A observação filosofica sobre a natureza foi a estrada, poronde Fidias subio ao ideal da Arte. Os primeiros entre os modernos, que deixárão a simples imitação servil, forão Rafael, Correggio, e Ticiano. Estes procurárão a boa escolha, da qual depois nasceo o gosto na Arte. Forão por isso os que primeiramente engrandecêrão todas as partes da Pintura, se bem cada um delles, guiado pelo seu proprio genio, especializou a sua, na qual se fez excellente, e incomparavel. Rafael (segundo Mengs) a achou na expressão, Correggio nas engraçadas massas do claroescuro, e Ticiano na judiciosa apparencia do colorido. E assimcomo a parte mais interessante da Pintura he a expressão, a quem está unida a composição, e o desenho; por isso Rafael será sempre reputado pelo primeiro dos outros dois.

A boa escolha, e o bello ideal entrão em todas as partes da Pintura. As suas regras já ficão expostas nos seus respectivos lugares, por cujo motivo agora aqui não farei mais, que recopila-las. Na Invenção pois o ideal consiste em saber imaginar bem uma acção nunca vista na Pintura, ou se acaso já foi usada enriquece-la pelo novo estro de Poezia. Na Composição, em collocar os objectos com a maior elegancia, e decóro, paraque produzão effeito, e fação vêr a verdade em qualquer quadro. Na expressão consiste o ideal em dar aos objectos energia natural; porém a mais nobre, a mais escolhida, e em tudo análoga ao assumpto. No Desenho, em reunir varias partes graciosas, que convém entre si; assignando aos objectos a forma, o caracter, as roupagens, a aptitude, e o gesto o mais magestoso e conveniente a

cada um. No Claroescuro consiste em saber escolher as massas, e os accidentes da luz os mais a proposito, para augmentar a belleza de um quadro. E finalmente a eleição do tom o mais conforme, que se quer dar ás coisas; o uso artificial das côres, mais ou menos fortes, e mais proprias a receber os raios da luz, e a espalhar a mais perfeita harmonia em um quadro, formão o ideal do Colorido.

Filhas da bella Escolha são a graça, e a grandeza. Aquella, conhece-se pelos movimentos faceis, amorosos, mais humildes, que arrogantes, e oppostos ao muito acabado; a grandeza porém regeitando toda a affectação, e pequenhez se serve nos contornos de linhas pouco curvas, e pouco ondeantes; e communica a todas as partes da Pintura um caracter de soberania, e magestade.

Qualquerque seja a divisão dos estilos, ou maneiras, e de qualquer modo que as queirão chamar, se não tiverem graça, ou grandeza, nunca chegarão jámais a receber os applausos públicos. Estas duas qualidades são as que formão os dois estilos principaes, poronde tantos homens famosos se elevárão ao mais alto gráo de um nome immortal. Rafael possuio uma graça superior, e uma grandeza, que, senão he totalmente antiga, he effeito do seu grande genio, e da mais exacta crítica. Julio Romano teve uma grandeza, que muito se aproxima ao gosto antigo; mas não sem mistura de algumas idéas suas caprichosas, especialmente nas fysionomias, que faz ser necessario grande discernimento para se imitar. Perin del Vaga tentou seguir os passos de seu mestre; mas não sem alguma pequenina affectação. Leonardo da Vinci não careceo de graça. Michael Angelo teve um estilo seu proprio; não he antigo, mas abunda de grandeza arrogante, que se eleva talvez até ao terrivel. O Vasari, o Salviati, o Pon-

torno, o Bronzino, etc. por idolatrarem o terrivel estilo do seu famoso concidadão, usárão tambem como elle de grandeza, mas de grandeza algum tanto amaneirada: não assim André del Sarto, que possuio grandeza, e graça, que, supposto não sejão antigas, com tudo agradão. Correggio teve uma graça, que não cede á de nenhum outro; e o Parmegianino possuio-a sim, mas fundada em uma grandeza affectada. Ticiano, Tintoretto, Paulo Veronez, e outros mais da escola Veneziana tiverão uma grandeza, e uma graça, que, se bem não vem do antigo, são todavia do bom gosto Italiano.

A grandeza de Nicoláo Poussin, he demasiadamente Estatuaria, porque o seu gosto sempre o transportava pelas estatuas antigas; a de le Brun porém não he isenta de alguma pequena caricatura. Ludovico, e Annibal Caracci forão enamorados pela grandeza, bemcomo em parte o foi igualmente Domenichino, e Lanfranco. Guido pelo contrario parece a mesma graça, nem menos gracioso foi Albano. Guercino tomou um estilo proprio, de maneira que a sua grandeza não póde chamar-se antiga, nem totalmente moderna. Michael Angelo de Caravaggio seguio a natureza em geral, donde a sua grandeza não he filha da boa Escolha, mas traz a sua origem de uma belleza Plateal. No estilo grandioso de Rubens claramente se vê o gosto Flamengo. Em Wandyck porém se descobre uma graça misturada com grandeza, que, supposto tem algum tanto da natureza em commum, parece com tudo escolhida nos momentos os mais favoraveis. Finalmente Pedro de Cortona, e Lucas Jordão derão-se a um novo estilo de grandeza, reduzindo toda a composição a uma vistosa apparencia; porém não fizerão assim André Sachi, e Carlos Maratta, os quaes, se não possuírão a graça, e a grandeza de Rafael, com tudo do seu estilo se manifesta

a exacta observação, que fizerão sobre as obras daquelle Pintor sublime.

Mas para se entender melhor, o que seja o bello ideal da Arte, e para mais facilmente se descobrir a graça, e a grandeza nas obras dos famosos Artifices, será bom, que os affeiçoados á Arte se acostumem por algum tempo á lição dos Poetas; mas daquelles sómente que souberão escolher o melhor das suas idéas. Não merecem o nome de Poetas, (como diz Addisson) senão aquelles, que revestindo as imagens dos seus prazeres attractivos, entrão impetuosamente na alma, e como innundando a fantazia penetrão até o coração. Em nenhuma Arte se explica tanto o ideal, como na Poezia, e na Pintura. Mas assimcomo o verdadeiro genio da Poezia não poderá jámais fermentar, segundo observa Mr. Racine, em um homem, que seja de humor frio, e indolente; assim tambem não se espere de achar este ideal nas pinturas daquelles, que não tiverem uma fantasia luminosa, uma fibra facilmente irritavel, e uma (d gamos assim) mentirosa melancholia, que formão o verdadeiro temperamento Pictorico, e o dispõem para as paixões mais vivas.

Depoisque os Amadores da Arte tiverem assim instruido a sua mente nas bellezas poeticas, deverão habituar-se a vêr repetidas vezes as melhores obras dos grandes Artistas, para adquirirem um fino discernimento: elles já tem feito frente aos seculos, e a sua perduravel fama comprova bem o seu verdadeiro merecimento. E provéra a Deos, que os modernos alumnos desta Arte se applicassem de contínuo, e com reflexão áquelles famosos exemplares, e soubessem por uma vez descobrir, e imitar o bello ideal. Mas ainda, quem sabe!... Aquelles quatro pequenos retabolos pintados por um tal de Sermoneta na nova Sachristia Vaticana; e aquelle quadro de um Pintor Romano moder-

namente posto na sachristia nova de S. Thomás em Parione, são certamente os signaes mais demonstrativos do bello genio Pictorico. Quem póde saber o que está escondido no seio do futuro!

„ Credette Cimabue n ella Pittura
„ Tener lo campo, et ora ha Giotto il grido;
„ Si che la fama di colui oscura. = *Dante.*

Se pois dos Mecenas devem as Artes tirar o seu explendor, não tem a mocidade Romana nada a invejar ainda mesmo daquelles felizes tempos em que vivia Rafael. Todo o mundo sabe, que o vasto pensar de Leão X., seu genio animador de todas as Artes ingenuas muito revive hoje mais explendido no Optimo, e Maximo dos Pontifices Pio VI.

ARTIGO SEGUNDO,

Reflexões sobre a Arte Critico-Pictorica.

Não tem havido até hoje uma só Pintura, que por alguma parte não seja deffeituosa. As regras, e os principios de uma Arte são os meios, pelos quaes se póde julgar da bondade das suas producções. As estabelecidas poderão illustrar o entendimento dos amadores da Arte; mas paraque com maior evidencia, e com mais exacto criterio possão descobrir os defeitos de um quadro; bemcomo as diversas maneiras, e estilos dos Artistas; e differençar as copias dos seus originaes, convêm fixar bem na memoria as seguintes Reflexões.

Bellezas, e defeitos.

1.

Deverá o amante da Arte guardar-se das antecipações, e falsos juizos. Que um quadro tenha sido estimado até hoje por alguns intelligentes; que estivesse, e que esteja ainda em uma gallaria, aonde não ha senão quadros excellentes; que se diga vir da melhor escola Italiana, e do mais insigne author; e que até tenha querido um Inglez paga-lo por 100 sequins (*), etc., etc. tudo isto ao meu ver são suppostos titulos muito treviaes na boca dos vendedores de quadros, e tambem de algum exagerador antiquario.

2.

Para fazer um exame crítico sobre algum quadro, devemos parte por parte analyzar comnosco mesmo as suas bellezas, e defeitos, regulando-nos pela norma dos estabelecidos, e inconcussos principios da Arte, e não pela tenção, qualquer que ella seja, que o author podia ter. Costumão, na verdade, os commentadores de uma obra, descobrir quando muito algumas bellezas, em que o author jámais pensou; assim, se he licito, descobrir os defeitos, que elle igualmente não suppoz haver commettido, será uma justiça reciproca, que deve dar-se ao Escriptor, e ao Artista.

3.

Para julgar dos gráos de bondade que possa haver em um quadro, he necessario ver repetidas vezes as melhores Pinturas. De outra sorte Carlos Maratta, e José Chiari na reputação daquelles, que não tiverem visto o mais sublime, serão julgados por um Rafael, e por um Ticiano.

(*) O sequim Romano corresponde sendo de ouro na nossa moeda a 1720 reis.

4.

O mediocre, o bom, e o excellente serão os grãos de bondade, que possa ter um quadro. O primeiro tem grande extensão; o segundo he mais restricto; e o terceiro he muito limitado. Tambem poderá ter o quarto grão, que he o perfeito; mas assimcomo deve ser isento de toda a imperfeição, fica portanto reservado para algum genio mais feliz.

5.

Para se ajuizar do grão de merecimento que tenha um quadro, he necessario considerar a sua especie, e depois as differentes partes, que compõem a Pintura. Uma historia será preferivel a um paiz, a uma marinha, a uma bambuchata, etc. Pelo que diz respeito ás partes da Pintura, he necessario observar, que coisa ha no quadro mais bem acabada, e se he aquella, que se deve ter em maior apreço. A parte da Pintura que mais deleita, e instrue, dever-se-ha reputar pela mais digna. O Desenho por si só, tomado no seu sentido geral, pela simples imitação da natureza em toda a sua extensão, não póde deixar de ser agradavel; o Colorido deleita mais; o Claroescuro muito mais encanta; a Composição não só deleita, mas contribue a fazer vistosas as outras partes; a Expressão deleita, e instrue; a Invenção o faz tambem muito mais; e finalmente a boa escolha, isto he, a graça, e a grandeza deleitão, e instruem por extremo. Ellas manifestão, e aclárão a idéa do assumpto, e communicão uma expressão amavel, e virtuosa. As outras partes dependem pelo mais da vista; esta ultima occupa particularmente o espirito. Peloque he certo, que um quadro de Alberto Durero, sebem muito correcto no Desenho, não se poderá dizer mais bello, e mais estimavel que um de Correggio, supposto não seja tão bem desenhado.

6.

Se á vista de um quadro sentirmos em nós prazer, ou desgosto, devemos exactamente indagar a causa. Para isto he indispensavel examinar em que parte da Pintura, e em que gráo principalmente o Artista sabio bem, ou mal; assimcomo tambem se o bom, ou máo, se o deleite, ou displicencia procede mais do assumpto, que do pincel. Estas observações contribuirão muito a illustrar as nossas idéas, paraque exactamente, e com razão clara possa caracterizar-se a obra do author.

7.

A ordem, e o methodo são necessarios para observar hum quadro. Paraque as multiplicadas observações nos não confundão, e embaracem, he preciso averiguar uma coisa após da outra; nem deverá entrar-se na segunda observação, semque a primeira esteja de todo feita. O seguinte methodo será o mais a proposito.

Antes de se avizinhar ao quadro, que se quizer examinar, he necessario pôr-se em uma certa distancia, donde possa sómente vêr-se, e apenas distinguir-se, qual seja o seu assumpto; e em uma tal situação considerar em geral o todo das massas, e qual seja destas, a que compõe o todo. Será tambem conveniente examinar na mesma distancia o Colorido em geral, se apráz á vista, ou lhe he ingrato. Depois disto se considerará a Composição, e todas as qualidades necessarias para um bello composto. Daqui no mesmo ponto de vista se passará ao exame particular do Colorido, Claroescuro, e Desenho, os quaes deverão formar as nossas considerações pela norma das regras da Arte. Analyzadas assim todas as partes mencionadas, o espirito se achará mais livre, e apto para examinar a Invenção; e se esta he acompanhada de uma conveniente Expressão. Finalmente a grande atten-

ção, e a mais exacta crítica coadjuvarão para ver se a graça, e a grandeza reinão sobre o todo, e se convêm ao caracter de cada um.

Maneiras, ou Estilos de diversos mestres.

No maior escuro da noite conhecemos qualquer amigo ao simples som da sua voz; e pela letra de qualquer carta comprehendemos o correspondente que nos escreveo, aindaque sejão cem mil os nossos amigos, e correspondentes. Pela mesma razão, depois de estarmos acostumados a ver as Pinturas dos famosos Artistas, quasi insensivelmente reconheceremos as suas obras. He verdade, que tem havido alguns Pintores com dois, ou tres estilos differentes; mas ordinariamente conservão alguma coisa, poronde se descobre ser de uma mesma mão. Eisaqui algumas reflexões.

1.

Divisão-se no pensamento, e na execução alguns rasgos particulares de certos mestres, que seria necessario ser cégo para não conhecer o Author. No meu Rafael, por exemplo, se descobre de improviso uma certa graça, e grandeza, que he necessario confessar ser aquelle estilo de um famoso Professor, o qual, como diz Shakespear de Julio Cesar, deixou após de si todos os outros homens.

2.

Alguns Artistas ou por motivo da escola, ou por genio se tem dado a imitar a maneira dos outros. Pelegrin de Modena, e Perin del Vaga imitárão a seu mestre Rafael; a primeira maneira de Ticiano se assemelha muito á de Giorgione. João Baptista Bertano seguio a seu mestre Julio Romano; os filhos de Bassano imitárão a seu pai. O Schiavone adoptou o estilo de Parmigianino; o Schidone imitou Correggio; Carlos Veneziano a Caravaggio; descobre-se grande semelhança nas maneiras dos dois Zuccaros, e maior ainda nas de Maturino, e Polidoro.

3.

Aindaque se dê semelhança nos estilos de dois authores, sempre haverá entre elles alguma diversidade que os faz distinguir um do outro: como será por exemplo o modo de pensar, de compôr, o lançado dos pannos, o ar das fysionomias, o toque, etc. A maior parte da escola Veneziana se assemelha no Colorido, porém com tudo Ticiano se destinguio na magestade; Tintoreto he caracterizado pela sua fereza; Bassano pelos seus ares campestres; Paolo Veronez pela sua magnificencia. Assim igualmente o Parmigianino se distingue dos outros da sua escola pela fórma particular das pernas, e dos dedos; Michael Angelo pela firmeza dos contornos, e pelo seu vasto estilo; Rafael pelos ares graciosos das suas cabeças; e Julio Romano pelas roupas, e pelos cabellos, tudo digno de notar-se.

4.

Convêm que o amante da Arte de proposito se dispa das seductoras idéas da pervenção. As vidas historicas, que temos dos Pintores, nos dão sómente caracteres exagerados dos seus heroes, e talvez se comprázão de apreciar coisas bem insignificantes. O muito decantado circulo de Giotto; e a linha tão divinamente tirada por Apelles, e depois dividida no seu justo meio por Protogenes, não são outra coisa mais que inepcias, que se nos apresentão com apparencias mysteriosas. O mesmo Plinio se mostra algum tanto exagerado, quando diz que Parrhazio pintou o genio dos Athenienses por uma parte facil, e clemente, e da outra iracundo, e injusto. He necessario advertir, que os Pintores, ainda os mais egregios, sempre são homens, sujeitos por isso mesmo a qualquer defeito, se não causado da impericia, ao menos originado da fragil natureza. Eu para mim estou persuadido, que Rafael não podia pintar uma figura, ou um membro estro-

piado, uma vez que puzesse a attenção possivel. Mas Rafael, assimcomo o resto dos homens, podia em alguma occasião estar opprimido, ou de aborrecimento pelo assiduo trabalho, ou por uma indisposição da máchina, ou afflicção de espirito, e eisaqui Rafael em orgasmo, e cercado de idéas confusas muito facil a errar.

5.

He necessario examinar, quaes tenhão sido as differentes mudanças de estilo de cada Artista em todo o decurso da sua vida. Qualquerque olhe sómente para a maneira Romana de Rafael, se achará muitas vezes suspenso, vendo um quadro feito na primeira maneira Perugina, ou ainda na segunda Florentina. Ordinariamente quasi todos os mestres tiverão nos seus principios o mais alto gráo de enthusiasmo, e de decadencia, principalmente na sua idade avançada; em cujo tempo ainda as pinturas indicão a languidez, propria do pincel de um velho. Rafael aindaque, pelo dizer com Milton = *cahio do Zenith como uma exalação* = em vez de caminhar passo a passo, correo rapidamente á excellencia da arte, e as suas melhores obras são as ultimas, as quaes patenteão todo o estro espirituoso da sua vigorosa, varonil idade, em que ficou submergido debaixo da escuridão da morte. Finalmente deve advertir-se, que tem havido grandes Artistas, que ou por genio, por capricho, ou por algum outro accidente mudárão o seu primeiro estilo. Jacomo Pontorno deixou o seu bom estilo Italiano, por imitar o de Alberto Durero. Guido por bizarria deixa a sua doce maneira, e vai imitar a de Caravaggio, e com effeito o fez muito bem como se póde vêr no quadro da crucifxão de S. Pedro em a nova sacristia Vaticana. Annibal Caracci, depois de ter pintado no Palacio Farneze uma obra, que será sempre um dos mais bellos ornamentos de Roma,

levado da melancholia, por não ser muito bem pago, mudou inteiramente a sua maneira, que bem indicava seu desgosto. Guido do estado da oppulencia, a que tinha sobido pelas suas famosas obras, cahio nas mãos da indigencia por causa do jogo, e das suas extravagancias; e por isso não tendo de que subsistir, se vio obrigado a pintar para os contratadores de quadros, e como precisava trabalhar depressa facilmente se póde julgar, que todas as obras desta qualidade são de um estilo bem ordinario. O mesmo Malvazia na sua Felzina Pittrice o maior panegyrista de Guido concorda tambem comigo nesta affirmativa. O quadro por exemplo he de Annibal Caracci, de Pontorno, de Guido, logo deve ser bom; das primissas suppostas não deverá o amador da arte deixar-se allucinar por um dilemma tão falso, e inconsequente.

6.

Quando haja dúvida, de quem seja o author de um quadro, será bem então fixar-se a escola, de que possa crer-se ter sahido. Será este um methodo, que firmará a indagação dentro dos limites os mais estreitos, e por esta indagação se poderá chegar a descobrir o incognito author. Mas para fazer isto, he necessario conhecer os differentes caracteres das escolas, e de cada artifice em particular, e por isso daremos adiante uma breve explicação.

Dos Originaes, e das Copias.

Um quadro, que um pintor faz de propria invenção, ou copiado da natureza chama-se original; a repetição porém de uma obra já feita, se diz copia. Todavia ha algumas pinturas, que na realidade nem são originaes, nem copias. Se em um quadro historico se inserirem figuras de uma obra de outro pintor não será aquelle quadro nem original, nem copia.

Seria coisa facil o distinguir os originaes das copias, se estas fossem feitas sempre por um pincel ordinario, e servil. Mas sem dúvida muitos famosos artistas nos seus principios emprehendêrão a penosa arte de copiar quadros os mais insignes; empreza esta que o genio creador aborrece. Assim tambem tem praticado os maiores sabios, não duvidando traduzir na sua propria lingua as obras de diversos authores. Temos por Cicero traduzidas algumas orações de Eschines, etc. Pope traduzio Homero; o Cardial Bentivoglio a Estacio; Annibal Caro a Virgilio; d'Alembert muitos fragmentos de Tacito; Alexandre Marcheti a Lucrecio; o Marquez Prospero Manara as Bucolicas de Virgilio; Diderot a historia Grega do Inglez Stanian; Cezarotti L'Ossian; e o Abbade Julio Nuvoletti com aquella nítida traducção do *Voltaire entre sombras*, nos mostrou, que muitas vezes uma boa copia, póde fazer mais apreciavel um original mediocre. Costumão ordinariamente os grandes talentos imprimir nas traducções o sello do seu genio creador, e tanto, que nada se sente o duro estilo servil dos mais insignificantes traductores. Assim igualmente vemos na pintura copias desempenhadas tão divinamente por famosos artistas, que até chegão a enganar os principaes professores d'arte, reputando-as originaes. Um semelhante engano teve Julio Romano ao ver a bella copia, que André del Sarto tinha feito de uma obra de Rafael. Portanto porei aqui algumas reflexões mais geraes, que ao menos em parte poderão ajudar ao amante d'arte para um tão difficil discernimento.

I.

Convêm observar, se a invenção, a disposição das partes, e a expressão tem a sua justa correspondencia com as fysionomias, com o desenho, graça, e com a grandeza. E logoque todas estas partes se acordem de modo, que possão applicar-se ao

estilo de uma só pessoa, então será verosimil, que a obra he original: se porém virmos, que em uma invenção engenhosa, em uma disposição judiciosa falta a harmonia, e são mal executadas as acções nobres, e graciosas; assimcomo quando descobrirmos, que as cabeças nada tem de graça, que o desenho he incorrecto, que o empaste do colorido he insipido, e que o toque parece tímido, e pezado, então poderemos asseverar, que um quadro desta natureza he verdadeiramente uma copia.

2.

Um quadro muito bem acabado he mais facil de copiar-se, que o de um toque livre, e expressivo. Porque assimcomo he impossivel a qualquer transformar-se derepente n'outro homem; da mesma sorte a mão acostumada a mover-se de uma certa maneira, não poderá tomar n'um momento diversa positura. O mesmo se póde dizer do colorido, e do desenho.

3.

A ninguem he possivel o copiar, sem tomar alguma liberdade, e sem pôr alguma coisa de sua idéa. Porque, se quizer imitar demasiadamente o original, virá a cair em amaneirado, que bem se distingue do estilo natural, e animoso, só proprio de poder usar-se, por quem obra com todo o desembaraço.

Se tivesse de descrever as mais meudas circumstancias, e delinear as noções mais concisas, não seria isto Ensaio Pictorico, mas um longo Tratado; que faria grosso volume. A Rafael, porque era dotado de grande genio, e talento, bastou só ver tirar poucas linhas a Leonardo da Vinci, e a Michael Angelo para banir de si o secco estilo Perugino. Ao contrario aquelle Grego de tardo engenho, diz Luciano, em vão trabalhava noites inteiras sobre os escritos dos melhores Filosofos; e á luz da candeia de Epitecto, comprada por elle a grande preço.

ARTIGO TERCEIRO,

CARACTERES DISTINCTIVOS DAS DIVERSAS ESCOLAS DA PINTURA, COM UM EPITOME CRITICO DAS VIDAS DOS MAIS FAMOSOS PROFESSORES.

A Pintura era já conhecida na Persia, e no Egypto, quando passou aos Gregos; estes porém forão os primeiros, que a elevárão ao maior gráo de excellencia. Da Grecia se espalhou pelas cidades da Italia, então florescente pelo victorioso dominio dos Romanos. Ao decahir destes a Pintura se vio tambem enfraquecer-se; de maneira que depois de varias revoluções experimentou tambem o fatal destino do Imperio Romano. Perdeo o seu primeiro explendor, e quasi que ficou anniquilada: mas que desapparecesse da Italia, e que antes do meio do Seculo 13 desterrada de Constantinopola se não tornasse a refugiar entre nós, he este um ponto, que a mais severa crítica tem já bastantemente desmentido. As sementes da Pintura permanecêrão por muito tempo no seio da Italia; mas opprimidas pela barbaridade ficárão debaixo das gothicas ruinas quasi de todo sepultadas. Aos Senenses pois somos devedores de nos terem guardado uma tão bella Arte; elles forão os primeiros na Italia, que com actividade propria do seu genio expellírão a fria inercia. A Pintura em Sena tinha já os seus estatutos, e os seus professores muitissimos annos antes, que nascesse em Florença João Cimabue. Este só depois do meiado do Seculo 13 he que abrio escola na sua patria; bemcomo poucos annos depois João Van-Eyh de Bruges, inven-

tor da pintura a oleo, a abrio tambem em Flandres; João Bellini em Veneza; André Mantegna na Lombardia; Rafael em Roma; Francisco Primaticcio em França; e finalmente os Caracces em Bolonha.

Escola Senense.

He esta a primeira, e a mais antiga escola da Italia depois da restauração das bellas Artes. He devedora da sua descoberta ao incansavel Monferrino, e a la Valle, que com immensa fadiga recolheo, e publicou por meio da estampa os seus antiquissimos Institutos, e mui authorizados Documentos, pelos quaes desde o Seculo 12 até o nosso se vê uma continuada serie de famosos artifices. A par disto o silencio de Jorge Vazari não poderá certamente fazer algum obstaculo; e talvez que a paixão occasionada pela rivalidade, que naquelles tempos fermentava com todo o ardor entre as duas Républicas Florentina, e Senense guiasse a penna daquelle Escriptor, aliàs tão benemerito pela sua Historia Pictorica. O inconstante espirito do partido tem sido sempre a pedra, em que tropeçárão ainda mesmo os maiores Historiadores.

Os Professores desta escola tiverão particularmente um estilo energico na invenção, graciosas fysionomias, um colorido vistoso, e um bom desenho.

Mas a parte em que mais se mostrárão grandiosos foi na composição; seguírão pouco o antigo, e o bello ideal; e usárão, excepto alguns, de côres algum tanto vivas, e oppostas a uma doce harmonia.

Seculo XIII.

Guido de Sena.

Este póde chamar-se o pai da escola Senense; não obstante poucos annos antes do seu nascimento existirem já em Sena os estatutos Pictoricos, e por consequencia existirião tambem aquelles Professores, que os compilárão. Guido porém foi o primeiro, que usou pôr seu nome em um quadro grande, pintado por elle na Igreja de S. Domingos em Sena, cuja data he de 1221, isto he, 19 annos antes do nascimento de Cimabue. A pintura deste quadro he sobre o gosto Grego moderno, de metter medo aos meninos, assimcomo todos os mais daquelles tempos. Mas com tudo elle he o monumento mais antigo, com que se póde gloriar a Toscana depois do restabelecimento de tão bella Arte. Entre os seus discipulos se numerão Duccio, e Ugolino, que imitou todo o estilo de seu mestre.

Duccio de Boninzegna Senense.

Foi este dotado pela natureza de superiores talentos aos de seu mestre, por isso tentou uma nova estrada, como demostra um quadro seu grandissimo, pintado de ambas as partes com infinito estudo, e com o laborioso trabalho de tres annos. Este quadro foi feito no anno de 1310; não temos daquelles tempos monumento mais precioso. O Principe D. Sigismundo Chigi, tão amante das bellas artes,

„ Ed a chi Dio si vasta anima diede,
„ Ch' or d'Homero le veneri emulasse,
„ Or d'Erodoto i geni, or d'Archimede;

o mandou abrir em estampa, paraque o mundo todo pudesse ver um quadro, que faz época na historia Pictorica. A Duccio devemos a invenção de ornar os pavimentos com varios marmores de diversas cores recortados, e unidos uns aos outros: o claroescuro produz nelles a mesma illusão que costumão produzir as côres sobre o panno. No numero dos seus discipulos se contão o mestre Lourenço, pai dos célebres Lourenzetti; Frei Jacob da Torrita, e Jacob da Ponte.

Seculo XIV.

Simão de Memmo.

Simão de Memmo, Senense, foi discipulo do mestre Lourenço, e condiscipulo dos Lourenzetti. A sua maior gloria consiste em ter feito o retrato da famosa Laura, pelo qual o immortal Petrarcha lhe dirigio dois sonetos, que o exaltão excessivamente; liberalidade muito praticada dos Poetas. Em Roma se crê ser delle a N. Senhora dita da Bocciatta, que se vê nas Lojas Vaticanas.

Seculo XV.

Balthazar Peruzzi, Senense.

O estudo da natureza, e das obras dos famosos artistas o fizerão egregio Pintor. O seu desenho he correcto, se bem um pouco secco; no colorido achou um admiravel tom; e a perspectiva nos seus quadros faz vêr, quanto foi excellente até na Architectura. A este grande homem se deve a renovação das decorações theatraes. Em Roma existem suas Pinturas; na Igreja de Santo Onofre no altar mór, todas a fresco da cornija de baixo. Em Santa Maria da Paz,

debaixo da cupula, um quadro da SS. Virgem da Apresentação ao Templo. No Palacio da Farnezina algumas Pinturas a fresco.

O Sodoma.

A João Antonio Razzi o Sodoma fazem uns natural de Verzelle no estado de Sena, e outros de Vercelli no Piemonte. Comoquerque seja, não ha dúvida, que á escola Senense pertence este grande homem. Foi um daquelles genios felizes, que facilmente executão as coisas mais difficultosas: nas suas obras se descobre o estudo, que elle fez do antigo, sobre o nú, e sobre a anathomia. Vazari pertende, que elle pintasse por prática; porém não obstante as suas Pinturas podem estar a par das melhores daquelles tempos. Forão seus discipulos o Rusticone, o Riccio, o Mecherino, o Scalabrino, Marcos de Pino, e Michael Angelo Anselmo. Em Roma se conservão suas Pinturas na Farnezina. Veja-se Exame Analytico.

O Mecherino.

Domingos Beccafume Mecherino, Senense, discipulo do Sodoma, foi copioso na invenção, e deo ás suas fysionomias aquella graça, que se descobre nos risonhos semblantes das gentís matronas de Sena; nas mãos porém, e nos pés foi um pouco incorrecto. A obra, em que elle se mostrou sublime, foi o prodigioso pavimento da Cathedral de Sena, em que teve grande parte.

Seculo XVI.

Vanni.

O Cavalheiro Francisco Vanni, Senense, o estudo, que elle fez das obras de Baroccio, e de Correggio, mais do que com algum mestre, lhe servio de muito para adquirir aquelle vigoroso colorido, e aquelle toque gracioso, que se devisa nos seus quadros; foi facil na invenção, e teve um desenho correctissimo; as suas roupagens porém são desagradaveis, e recortadas. Guido Reni teve com elle uma sincera amizade. Entre os seus alumnos foi Michael Angelo, e Rafael seus filhos. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja de S. Pedro a quéda de Simão Mago, em S. Cecilia em Trastiberi J. C. açoutado á columna, e S. Cecilia moribunda, debaixo do altar mór. No Oratorio da Igreja Nova, o quadro do altar he de um dos seus filhos. Em S. Maria Maior um S. Francisco sustentado pelos Anjos. Em S. Maria de Populo a cupula, e os quatro angulos.

Salimbeni.

O Cavalheiro Ventura Salimbeni, Senense, discipulo de Archangelo seu pai, era irmão pela parte da mãi do sobredito Vanni. Possuia uma muito boa maneira de pintar, e um colorido semelhante ao da Lombardia, sebem hum pouco duro. Se tivesse frequentado os laboriosos estudos, que se requerem para chegar ao sublime da arte, não ha dúvida que teria sido excellente. As inclinações amorosas que o levárão a Capua, e os triunfos de Annibal Caracci tornárão mais languida a actividade deste Pintor. Em Roma são pinturas suas; na terceira capella á mão direita

em Jesus, um Abrahão que adora os Anjos, e alguns meninos a fresco, nos triangulos do tecto; e na Capella da Santissima Trindade, o Padre Eterno a fresco. Em Santa Maria Maior, em a nave do meio entre as janellas, uma N. Senhora com o Menino, e São José; e a Annunciação. Em S. Simeão Profeta a Circuncisão.

Além destes outros mais Artistas famosos sahírão desta escola. Podem consultar-se as cartas Senenses do muito louvado de la Valle, jáque os apertados limites de um Ensaio não permittem dar mais vasta noticia. Nas outras escolas igualmente faremos tambem assim seguindo o mesmo methodo. Advirta-se pois, que nos pareceo mais acertado o fazer que os alumnos vão depois dos mestres, de quem tiverão os principios da Arte; por cujo motivo collocamos por exemplo Ciro Ferri, aindaque Romano, na escola Florentina; e Passignani, sebem Florentino, na Romana, etc.

Escola Florentina.

Os caracteres, que distinguem esta escola, são um estro poetico, um pincel livre, e correcto, e um estilo nobre, e grandioso. Nos seus quadros porém pouco gosto se acha do bello antigo, e as mais das vezes falta no colorido, ou por muito languido, ou por demasiadamente forte. Eisaqui os grandes homens, que nella se distinguírão.

Seculo XIII.

João Cimabue.

João Cimabue Florentino foi instruido nos principios da Arte, ou por algum Pintor Grego, como alguns querem, ou talvez por algum Senense. Seja qual

fôr o seu mestre, he certo, que depois do novo augmento das bellas artes na Italia, não teve a escola Florentina outro Pintor mais antigo. Tinha na verdade genio para a Arte, mas pouco daquelle bom gosto, que se adquire sómente pela experiencia.

Giotto.

Giotto Florentino, discipulo de Cimabue fez o quadro da Barca de S. Pedro, que está da parte de dentro sobre a porta da Bazilica Vaticana. Este monumento he mais precioso pela antiguidade, do que pela pintura. Veja-se adiante o Exame Analytico.

Seculo XV.

Masaccio.

Masaccio Florentino, discipulo de um certo Masolino nos poucos annos da sua vida poz a Arte em tanta reputação, que com razão se póde chamar o Chefe da escola moderna Florentina. Em Roma na capella do Rosario em S. Clemente existem suas Pinturas a fresco.

Lucas Signorelli.

Lucas Signorelli de Cortona na Toscana, discipulo de Pedro de la Francesca a parte em que foi primoroso, foi o desenho; nas suas composições se vê muito espirito, de maneira que Michael Angelo Buonaroti fazia das suas obras tal estimação, que copiou algumas coisas deste grande homem. He bem difficil o differença-las das de seu mestre. Em Roma as suas pinturas a fresco são a historia de S. Bernardino em Aracæli na primeira capella á mão direita; outros os fazem do Pinturicchio.

Leonardo de Vinci.

Leonardo de Vinci do Estado Florentino, discipulo de André Verrocchio foi um dos primeiros artifices que mais se distinguírão nesta escola: pintou com Michael Angelo no sallão do Conselho de Florença, onde fizerão aquelles famosos cartões, dos quaes estudando Rafael abandonou a maneira secca. O desenho deste sublime Pintor he correctissimo, o colorido agradavel; e tirando o ser alguma vez um pouco mesquinho, expremia com a maior viveza as paixões d'alma. Forão do numero dos seus discipulos Fr. Bartholomeu de S. Marcos, o Pontormo, e Cesar de Sesto.

Pedro Perugino.

Pedro Perugino, discipulo do mesmo André Verrocchio, não obstante o estilo daquelles tempos algum tanto secco, e mesquinho, teve maneira graciosa com muita elegancia nas fysionomias; porém sobre tudo o que mais contribuio para a sua fama foi o ter sido mestre do grande Rafael. Tambem forão seus alumnos Baccio Ubertini, e Pinturicchio Em Roma existem suas pinturas; em S. Marcos o quadro do altar na capella do Santissimo, no Palacio Vaticano algumas a fresco.

Pinturicchio.

Bernardino Pinturicchio de Perugia, discipulo de Pedro Perugino, teve muito genio, e grande talento, segundo bem mostrou na vida de Pio II., pintada na Bibliotheca da Cathedral de Sena, na qual se crê, que o ajudasse Rafael de Urbino. Nos seus quadros usou de côres muito fortes, e teve por costume o pintar em cima de superficies relevadas; novidade esta

que não teve séquito. Em Roma em S. Maria de Populo está um Nascimento; S. Jeronymo, com todas as outras Pinturas da mesma capella, e o quadro da SS. Virgem com S. Agostinho. Em Santo Onofre as Pinturas a fresco no altar Mór da cornija superior. Em Aracæli as da primeira capella á mão direita.

Fr. Bartholomeu de S. Marcos.

Frei Bartholomeu de S. Marcos Florentino, discipulo de Leonardo de Vinci, teve amizade com Rafael, de quem aprendeo as regras da perspectiva, e elle lhe ensinou as do colorido. He suave o seu pincel, o desenho correcto, e as suas figuras não carecem de graça. Entre os seus discipulos tem lugar Cecchino del Frate.

Michael Angelo Buonarotti.

Michael Angelo Buonarotti Florentino, foi alumno de Domingos Ghirlandajo. A sua maneira de pintar era féra, e terrivel, escolhia sempre posituras, difficultosas, e estravagantes; o seu colorido era aspero, e para fazer pompa da Anathomia, e do desenho marcava demasiadamente os musculos, e as outras partes do corpo. Mas que espirito, que força admiravel na expressão das suas composições! Que Poetico enthusiasmo nas suas idéas! Elle foi o primeiro a banir da Pintura o estilo secco. Um dos seus alumnos foi Daniel de Volterra. Não póde negar-se, que seja seu o desenho da Flagellação de Jesu Christo, que está em S. Pedro Montorio em Roma, cujo quadro foi depois colorido por Frei Sebastião del Piombo. Na capella Sixtina do Palacio Vaticano o Juizo Universal. Veja-se Exame Analytico.

André del Sarto.

André del Sarto Florentino, foi discipulo de Pedro de Cosimo. Mais que nenhuma outra coisa o proprio talento o constituio na ordem dos egregios Pintores. Foi na verdade excellente desenhador, bom colorista, e grande intelligente do nú; mas nem sempre usou a necessaria verdade nos rostos das figuras, e nas suas obras pouca energia se admira. Fez uma copia do retrato de Leão X., pintado por Rafael, tão exacto, e fiel, que enganou o mesmo Julio Romano, que lhe tinha feito as roupagens. Jorge Vazari, e Jacopin del Conte forão seus discipulos.

Seculo XVI.

Pontormo.

Tiago Carucci, o Pontormo, Florentino, discipulo de Leonardo de Vinci, teve grandiosa maneira, suppostoque algum tanto dura. Nas primeiras obras deste famoso artista se descobre um pincel vigoroso, e um bello colorido; mas por quanto adoptou depois o pintar Todesco, daqui vem, que as suas ultimas obras sejão pouco apreciaveis. Bronzino foi um dos seus discipulos.

O Mestre Rosso.

O genio singular deste Florentino, e o estudo, que fez com especialidade das obras de Michael Angelo, e de Leonardo de Vinci lhe grangeárão um nome célebre na Pintura. Exprimia muito bem os affectos da alma; dava um respeitavel caracter ás cabeças dos velhos, e muita viveza, e docura ás figuras de mulheres. Mas algumas vezes pintou

por capricho, e postoque o seu desenho fosse correcto tinha comtudo algum tanto de inculto, e feroz. Em Roma existem suas pinturas na Igreja da Paz, sobre a primeira capella, á mão direita da grande cornija superior.

Daniel de Volterra.

Daniel de Volterra no Estado Florentino, discipulo de Michael Angelo, desenhou, segundo o estilo de seu grande mestre; mas como só longa, e incansavel applicação lhe fez conseguir pericia, e intelligencia da Arte, por isso se vê alguma dureza no seu pincel, e nem sempre as suas figuras tem expressão conveniente. Estudárão com este Pintor famoso Tiago Rocca, Pellegrino Tibaldi, Miguel Alberti, e João Paolo Rossetti. Em Roma são pinturas suas em S. Marcello, as da capella do Crucifixo, exceptuando Adão, e Eva, e a de S. Mattheus, e S. Lucas, que são de Pierin del Vaga. Na Trindade dos Montes, o Descendimento da Cruz. Veja-se adiante o Exame Analytico.

Francisco Salviati.

Francisco Salviati Florentino, discipulo de Baccio Bandinelli, foi valente no desenho; teve uma côr de carne, a mais natural; boa escolha das roupagens, sem interromper o nú. Porém seria mais louvavel se tivesse tido maior fluidez nos contornos. Forão seus alumnos José Porta, chamado o Salviati; e Roviale Hespanhol. Em Roma, em S. Francisco em Ripa, existe uma Annunciação. Em S. João degollado no Oratorio, o quadro do altar; a Visitação de N. Senhora; e a Natividade de S. João Baptista. Na Igreja de Santa Maria de Populo, as pinturas, que ador-

não a capella de N. Senhora do Loretto, isto he, sómente dos quatro ovados. Em Santa Maria dell'Anima, no altar de Jesu Christo Morto, as pinturas a fresco.

Angelo Bronzino.

Angelo Bronzino Florentino, discipulo de Pontormo, imitou muito bem a primeira maneira de seu mestre, de sorte que as obras de ambos elles parecem de um só pincel. Forão seus discipulos Estevão Pieri, Alexandre Allori, e Sante Titi.

Jorge Vazari.

Foi este Florentino, discipulo de André del Sarto, e de Michael Angelo Buonarotti. Entendia maravilhosamente os ornatos, e a Architetura; era facil no desenho, mas repetidas vezes desprezou o colorido. Forão seus alumnos Donato de Formello, e Tiago Zucca. Em Roma existem suas obras no Palacio Vaticano, e na Chancellaria; em S. Pedro Montorio a Conversão de S. Paulo; em S. João degollado, o quadro do altar mór.

Jacopino del Conte.

Jacopino del Conte tambem foi Florentino, discipulo de André del Sarto. Digno certamente de tão grande mestre, foi este Pintor insigne, o qual no genero de retratos excede a todos os Pintores da escola Florentina. Scipião Pulzone Gaetano, foi um dos seus alumnos. Em Roma se conservão suas pinturas, em S. João degollado no altar de N. Senhora, as figuras, e a gloria. No Oratorio o Descendimento da Cruz; e a historia de quando o Anjo annuncia a concepção de S. João Baptista, quando

préga, e quando baptiza a Jesu Christo. Em S. Luiz dos Francezes, um S. Dionyzio. Na Igreja dos Capuchinhos, um Christo morto com outras figuras, e um S. Francisco com os signaes das chagas.

José Porta.

José Porta, dito o Salviati, do Castello Novo na Garfagnana foi discipulo de Francisco Salviati. Este Pintor soube apropriar ao seu genio uma maneira, que participava do gosto Romano, e Veneziano. O seu desenho he correcto, bom o seu colorido, e a invenção facil; mas observa-se nas suas obras nimia affectação, principalmente no exprimir os musculos do corpo.

Scipião Pulzone.

Scipião Pulzone, denominado Gaetano, porque era de Gaeta, discipulo de Jacopino del Conte. Os seus quadros inspirão devoção, tem correcção de desenho, elegancia nas figuras, e colorido no seu tom conveniente. Em summa póde dar-se-lhe o titulo de um dos primeiros pintores da escola Florentina. Em Roma as suas pinturas ornão varias Igrejas. Em Santa Catherina dos Cordeiros, uma Assumpção. Na Igreja Nova na primeira capella á mão direita um Crucifixo. Em S. Eloy dos Ferreiros, o quadro do ultimo altar á mão esquerda. Em Jesus na capella da parte esquerda do altar mór, as pinturas debaixo. Em S. João de Laterão, o quadro do altar da sachristia. Na Igreja de Aracæli, passada a capella do Crucifixo um retrato no Deposito. Em S. Silvestre em Monte Cavallo o quadro do altar do Cruzeiro da parte esquerda.

Alexandre Allori.

Alexandre Allori, Florentino, discipulo de Bronzino seu tio, entendia primorosamente o nú; o seu pincel he fertil, e delicado, e os seus quadros são cheios de graça, e de viveza. O Cigoli foi seu alumno.

Sante Titi.

Sante Titi, Florentino, foi tambem discipulo do mencionado Bronzino. Nos seus quadros vê-se observada optimamente a historia com boa perspectiva, e paizagem. Baccio Ciarpi, e Agostinho Ciampelli estudárão com este sabio mestre. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja de S. Chrysogono um S. Francisco em oração; em S. João dos Florentinos, um S. Jeronymo orando diante de um Crucifixo.

Zucca.

Tiago Zucca, Florentino, discipulo de Jorge Vazari excedeo largamente a seu mestre no colorido, e na doçura do pincel. Entre os seus alumnos se numerão Francisco Zucca, ou Zuchi seu irmão, e João Cosci. Em Roma existem suas pinturas; em Santo Espirito em Sassia, as da tribuna, e a vinda do Espirito Santo; em São João degollado, o nascimento deste Santo; no Oratorio da Santissima Trindade dos Peregrinos, o quadro do altar; em Santa Maria maior, o quadro do Pontifice Liberio, indicando o sitio para a fabrica da Igreja; na Igreja de Santa Maria in via, a abobeda da capella da Annunciação.

Cigoli, ou Civoli.

Luiz Gardi de Cigoli, ou Civoli, na Toscana, discipulo de Alexandre Allori, foi grande Anathomico, e por isso valente desenhador. Teve muito engenho, e um pincel firme, e vigoroso. O quadro de um Ecce Homo, que fez em competencia a Baroccio, e a Michael Angelo de Caravaggio, foi julgado pelo melhor. João Belinerti, e Domingos Feti forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja de S. Paulo extra muros, o quadro do altar no meio da tribuna, e o enterro do mesmo Santo; em Santa Maria maior, a cupula da capella, onde se vê representada a Virgem N. Senhora em pé sobre a Lua; em São João dos Florentinos um S. Jeronymo escrevendo, cujo quadro está posto a um lado da capella do mesmo Santo.

Vecchi.

João de Vecchi, foi natural de Burgo na Toscana. Teve por mestre nos seus principios um Pintor ordinario, porém depois se aperfeiçoou com Rafaellin del Colle, discipulo de Rafael. Bom desenho, e gracioso colorido possuio este excelso Pintor; porém não entendia sufficientemente o contraste da luz, e das sombras. Todavia os seus quadros são assás estimados pelos intelligentes. Forão seus alumnos André Commodo, João, e Cezar Torelli. Em Roma permanecem suas pinturas; em S. Pedro Montorio, as Chagas de S. Francisco; em Santa Martha no Vaticano, uma Santa Margarida; em S. Paulo extramuros, um S. Bento em extasi; em S. Bartholomeu dos Marchantes um Santo do mesmo nome; em Santo Eloy dos Ourives, o nascimento de Christo; na

Trindade dos peregrinos um S. Francisco; em S. Lourenço em Damazo, a fachada, defronte do altar mór; em Santo André de la Valle, um S. Sebastião; na Igreja de Aracœli, um S. Jeronymo, e outros prodigiosos factos da vida deste Santo, em Santa Praxedes, um Senhor Morto; em Santo Angelo em Borgo, um S. Miguel; em S. Bernardino, um S. Diogo, e Santa Hellena.

Baccio Ciarpi.

Baccio Ciarpi, Toscano, foi discipulo de Sante Titi. Este Professor tinha uma boa, e correcta maneira; mas sem dúvida maior gloria lhe resulta de ter sido alumno de Pedro de Cortona. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja dos Padres Capuchinhos, um Christo no Horto; em S. João dos Florentinos, Santa Maria Magdalena, levada pelos Anjos.

Seculo XVII.

Mannozzi.

De João de S. João Mannozzi, no Estado Florentino, ignora-se quem fosse o mestre; mas he certo que este Artifice illustrou grandemente a escola Florentina com a superioridade do seu talento. Foi especialmente excellente em pintar a fresco; o seu colorido he florido; intelligente da perspectiva, e no imitar com o pincel os baixos relevos de marmore foi insuperavel. Em Roma existem suas pinturas; em S. Chrysogono no segundo altar á mão direita os tres Anjos; em Santi Quattro a tribuna, e a Annunciação; em N. Senhora dos Montes varias pinturas na capella de S. Carlos; em Santa Maria de Populo a pintura a fresco da terceira capella á mão esquerda;

Berretini.

Pedro de Cortona Berretini, na Toscana foi discipulo do sobredito Baccio Ciarpi. O seu colorido he verdadeiramente florido, mas um pouco fraco nas carnes; bemcomo tambem os seus quadros pela maior parte carecem de expressão: as figuras de elegancia, e as roupagens lançadas com máo gosto. Mas entendeo perfeitamente a força ou o effeito do claroescuro, e a distribuição dos gruppos. Pelo fogo, e vivacidade do seu vasto engenho teve maior merecimento nas grandes machinas, isto he, nos quadros de uma invenção complicada. Forão seus discipulos, Bartholomeu Palombo, Guilherme Corteze, Paolo Perugino, João Ventura Borghezi, Pedro Paolo Baldini, Lazaro Baldi, Antonio Gherardi, Carlos Cezi, Jacinto Gemignani, João Francisco Romanelli, Cyro Ferri, e Pedro Lucatelli. Em Roma existem suas pinturas; no Convento das Freiras de Santo Ambrozio um S. Estevão; em S. Carlos o quadro do altar mór; na Igreja Nova, a abobada, a cupula, e a tribuna a fresco, e a abobada da sachristia; em S Lourenço em Miranda, o quadro do altar mór; nos Capuchinhos, um S. Paulo, na acção de recobrar a vista; em S. Pedro no Vaticano, a Santissima Trindade; em S. Salvador do Louro, o nascimento de Christo; no Palacio Barberini a abobada. Veja-se Exame Analytico.

Cyro Ferri.

Cyro Ferri Romano, discipulo de Pedro de Cortona imitou tão bem seu mestre, que he difficil, não confundir as obras de um com outro; e talvez por effeito de não ter diversificado, e exprimido bastantemente os caracteres de cada figura. Ha quem di-

ga, que o ciume pela fama de Bacici, que então pintava em Jesus a sua maravilhosa obra, foi a causa da sua morte. No numero dos seus alumnos deve entrar João Baptista. Em Roma existem suas pinturas; em Santo Ambrozio, o quadro do altar mór; em Santa Ignez á Praça Navona, a cupula; em S. Marcos, a Virgem Maria N. Senhora com o Menino, e Santa Martinha; em S. Lucas, um S. Lazaro Pintor, sebem alguns o fazem de Lazaro Baldi; em Santa Maria da Morte, o quadro do altar mór.

Escola Flammenga.

Os caracteres distinctivos desta escola, são uma perfeita intelligencia do claroescuro, um bem acabado sem seccura, um pincel gracioso, e uma douta união de tintas locaes. Emquanto pois aos seus defeitos imitou quasi sempre a natureza servilmente, tal qual em si se mostra, e não qual deveria ser. He bastante numerosa esta escola, porque comprehende tambem a Holandeza, e Alemã. Mas assimcomo a maior parte das suas pinturas só representão bambuchatas, banquetes, paizes, frutos, e flores, de cujos generos não he minha tenção fallar, porisso darei tão sómente de alguns abreviadas noticias.

Seculo XIV.

Van-Eyk.

João Van-Eyk, de Bruges, aprendeo a Arte com um seu irmão; mas em breve o excedeo: e assim he reputado pelo Fundador da escola Flammenga. Este famoso Artista, foi quem inventou a pintura a oleo.

Seculo XV.

Alberto Durero.

A Alberto Durero, de Norimberga, o seu extraordinario talento, mais que algum mestre contribuio a faze-lo famoso. Tinha uma imaginação viva, executava as suas obras sem nunca mudar de estilo; era muito correcto no desenho, sebem algum tanto áspero. Negligenciou em demasia a degradação das côres; usou de expressões pouco nobres; e na parte, que diz respeito aos costumes, tambem não foi izento do grande defeito de vestir os Patriarchas da antiga Lei ao modo Todesco.

Seculo XVI.

Holbein.

João Holbein, de Basilea, discipulo de seu pai, este grande homem tirando lhe nas roupagens o máo lançado, separou-se dos defeitos desta escola. A sua imaginação era sublime, o colorido vigoroso, e deu ás suas figuras um relevo que docemente engana.

Vaenio.

Ottão Vaenio, de Leyden, discipulo de João Winghen, veio estudar a Roma sobre o antigo, e melhores obras dos Pintores Italianos, e tambem por algum tempo ouvio os dictames de Frederico Zuccaro. Foi insigne no desenho, no claroescuro, e na expressão. Os emblemas de Horacio, abertos dos seus desenhos grande idéa nos dão da sua intelligencia, e do seu talento extraordinario. Rubens estudou com este Artista famoso.

Bloemart.

Abrão Bloemart, de Gorcum, foi discipulo de um Pintor pouco célebre. Um modo de vestir as figuras bem entendido, um toque expedito, e livre, com a grande intelligencia do claroescuro formão o bello dos seus quadros. O gosto porém do seu desenho tem muito de Todesco.

Rubens.

Pedro Paolo Rubens, de Anvers (*), discipulo de Vaenio. A sua viagem pela Italia lhe fez tomar primeiramente uma maneira semilhante á de Caravaggio; mas tantoque chegou a Veneza, e vio as obras de Ticiano, de Paolo Veronez, e de Tintoretto, mudou logo inteiramente de gosto, formando dahi por diante um estilo seu proprio. Nos quadros deste sublime Professor brilha uma abundancia de idéas, que surprende; uma boa intelligencia de claroescuro, um pincel mimoso, e um gosto delicado nas roupagens. Imputa-se-lhe com tudo alguma falta de correcção nas figuras; um gosto de desenho pesado; e nas suas composições descoberto muito o artificio. Wandyck foi seu discipulo. Em Roma se vem suas Pinturas (**) na

---

(*) Mr. de Piles o faz nascido em Colonia, por motivo de ter seu pai João Rubens, natural de Anvers, deixado a patria, em que tinha servido honrosamente os empregos públicos, e vir estabelecer-se alli, para dar-se a vida mais tranquilla. Veja-se *Recueil de divers Ouvrages sur la Peinture et le coloris*, *pag.* 357, onde escreve a sua vida.

(**) Mr. de Piles na sobredita Obra descreve todos os quadros, que ornão o Gabinete do Duque de Richelieu, com

Igreja Nova o quadro do altar mór, com os dois latteraes.

Seculo XVII.

Wandyck.

Antonio Wandyck, de Anvers, discipulo de Rubens fez alguns quadros de historia, dignos de toda a estimação; e crê-se, que algumas obras, que correm em nome de seu mestre, sejão suas. O genero, porém em que mais se distinguio, foi nos retratos, no qual a nenhum he inferior, senão unicamente a Ticiano. Este famoso Pintor não teve grande correcção no desenho; porém sabia escolher aquelles momentos, em que o caracter de uma pessoa se mostra em uma maneira mais vantajosa para retratar-se: o seu pincel he harmonioso, e com summa verdade, e graça exprimio a natureza, sebem não sempre na sua belleza, como deveria ser. Mas pelo demasiado uso dos reflexos no claroescuro as suas côres de carne tem muito lustro.

Rembrant Van-Ryn.

Rembrant Van-Ryn, de Leyden, discipulo de um Pintor mediocre, para não cahir nos erros da perspectiva, cujos principios nunca quiz aprender, costumava frequentemente pôr nos seus quadros o fundo negro; tambem não estudou nada do antigo, e porisso o seu desenho he muito pouco correcto. Todavia es-

---

as suas competentes medidas, desde pag. 287 até 352, analyzando-os miudamente, e elogiando o seu Author como elle merece.

te grande Professor com razão se conta no numero dos mais famosos Artistas. Os seus quadros vistos de perto parecem emboçados, porém em distancia produzem effeito maravilhoso. Possuio em gráo eminente o claroescuro, e sabia dar ás suas côres harmonia tão perfeita, que as suas figuras parecem de relevo, especialmente as cabeças dos velhos, que são prodigiosas. Gerardo Dou foi seu alumno.

Vander Kabel.

De Vander Kabel Hollandez, as obras de Salvador Rosa, e dos Caraches, póde dizer-se, forão mais que nenhum outro o seu mestre; e porisso a sua maneira he totalmente opposta áquelle estilo polido muito acabado da sua escola. Porém os seus quadros presentemente parecem defumados, em razão das más côres, que usou talvez para fazer maior interesse.

Vanderneer.

Eglone Vanderneer, de Amsterdam, discipulo de Arnaldo seu pai, excellente paezista, teve engenho particular para retratos, e assumptos amorosos; representava a natureza com toda a expressão possivel: o seu pincel he mimoso; o colorido muito vivo; e o seu toque tem todo o espirito.

Vanderwerff.

Adrião Vanderwerff, de Roterdam; discipulo de um mestre ordinario, por força do seu engenho se exaltou a tal gráo de excellencia, que o Eleitor Palatino o nomeou Cavalleiro. He correctissimo no desenho, o seu toque firme, e precioso, e as suas figuras tem um bello resalto. Emquanto ao mais,

as suas côres de carne são taes, que parecem marfim; e não são bastantemente vivas; e nas suas composições falta aquelle enthusiasmo, que he mais digno de estimar-se, que o muito acabado.

Seculo XVIII.

Mengs.

Antonio Rafael Mengs, de Auzig na Bohemia, aprendeo com Ismael seu pai. Nas primeiras obras deste eminente Artista, como bem observou o illustre Autor da sua vida, se descobre o estudo, e a perfeição; mas depois adquirio facilidade, graça, e juntou maior expressão ao colorido tornando-o mais conforme com a verdade, e harmonioso. Ao contrario porém, Ricardo Cumberland, naquelle seu livro intitulado „ *Acdotes of eminent Painters in Spain*, *etc.* „ pertende dar-lhe um caracter assás diverso; mas o excessivo amor da patria talvez lhe augmentou os mais diminutos defeitos deste grande homem. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja de Santo Eusebio a abobada; e no Palacio Vaticano o tecto da Camera dos Papeis.

Escola Veneziana.

Um douto colorido, uma summa intelligencia de claroescuro; toques cheios de graça, uma fiel imitação da natureza; e pelo contrario um desenho pouco correcto, e pouco conveniente á historia, e ao bello antigo, são geralmente os caracteres, pelos quaes se destinguem as obras desta escola.

Seculo XV.

Bellini.

Gentil Bellini, Veneziano, discipulo de Jacob Bellini, seu pai, foi empregado pelo Senado na sala do Grão Conselho, e tão boa reputação adquirio na Arte, que Mahomet II. o pedio á Republica para seu serviço.

Bellini.

João Bellini, Veneziano, discipulo de Gentil seu irmão, foi um dos primeiros, que na Italia pintou a oleo, cujo segredo aprendêra de Antonio Messinense, que havia pouco o tinha trazido de Flandres. Teve muita nobreza nas fysionomias, e nos seus ultimos quadros, especialmente usou de um vivissimo colorido; o seu gosto porém de desenho não he do melhor, os géstos das suas figuras são forçados, e até se servio muito mal da mesma natureza. Ticiano, Giorgione, e Frei Sebastião del Piombo forão seus alumnos.

Ticiano.

Ticiano Vecelli, de Cador no Castello de Friuli, discipulo de João Bellini, he um dos mais famosos Pintores, que tem feito época no mundo. O Imperador Carlos V. houve por bem fazer-se retratar tres vezes por este grande homem. O seu pincel nobre, e delicado pintava admiravelmente figuras de mulheres, e meninos, e já as dos homens não são tão bem tratadas. Possuio em gráo eminente tudo que respeita ao colorido. Os defeitos, de que o criticão, consistem em não ter estudado o antigo, e não exprimir convenientemente os affectos da alma, bemcomo de ser algumas vezes copista, e finalmente de haver commet-

tido muitos anachronismos. Paris Bordone, e Palma o velho forão seus discipulos.

Giorgione.

Giorgione, ou Giorgino de Castel franco em Trevizano, foi discipulo tambem de João Bellini. As obras de Leonardo de Vinci, e a natureza o aperfeiçoárão. Foi grande rival de Ticiano, e na verdade tal era a expressão, e viveza que punha nos seus quadros, tal a intelligencia do claroescuro, e daquella Arte tão difficultosa de pôr todas as partes em perfeita harmonia, que com razão podia temer Ticiano ser excedido por elle, se a morte não terminasse sua feliz carreira na fresca idade de 32 annos. Pordenone, e João de Udino forão seus alumnos.

Pordenone.

João Antonio Licinio Pordenone, de Friuli, foi discipulo de Giorgione. A belleza do seu colorido, o seu estilo nobre, e grandioso, a sua facilidade e gosto de desenho o fizerão preferivel talvez a Ticiano. João Antonio Licinio seu filho, dito o moço, que alguns reputão melhor que o pai nos frescos, foi seu alumno.

Sebastião del Piombo.

Sebastião del Piombo, Veneziano, discipulo de João Bellini, foi chamado a Roma por Michael Angelo para obstar com elle a Rafael; mas postoque lhe ensinasse todos os segredos da Arte, e possuisse a parte mais attractiva da Pintura, qual he o colorido, assim mesmo não pôde nem ainda igualar o vasto talento, e o delicado gosto de desenho do seu emulo. Em Roma existem suas pinturas; em S. Pe-

dro Montorio na primeira capella á mão direita a Flagellação de Jesu Christo, desenhada por Michael Angelo; em Santa Maria de Populo na capella Chigi o quadro do Altar, desenhado de Rafael.

Bordone.

Paris Bordone, de Trevizo, discipulo de Ticiano, aprendeo muito bem a maneira do seu mestre, principalmente no pintar retratos.

João de Udino.

João de Udino, discipulo de Giorgione, quando veio a Roma affeiçoou-se a Rafael, que assás o empregou no Palacio Vaticano. Tinha muito talento para pintar animaes, fructos, flores, e ornatos, genero, em que obrou prodigios. Em Roma no Palacio Vaticano existem suas pinturas a fresco.

Seculo XVI.

Bassano.

Diogo da Ponte Bassano estudou com seu pai os elementos da Pintura. Este famoso Pintor teve seus defeitos relativamente á pouca sublimidade das suas idéas, e ao pouco gosto das roupagens; mas nenhum mestre até hoje o excedeo jámais em quanto á verdade, que punha nos differentes objectos dos seus quadros. O seu pincel he doce, e firme, as côres locaes bem entendidas, as carnes pintadas com toda a verdade, assimcomo tambem foi maravilhoso nos retratos, e nos paizes. Pintou alguns assumptos nocturnos. Porém advirta-se, que nos seus quadros ordinariamente se vem escondidas com graça as mãos, e

os pés das figuras; porque tinha grande difficuldade em pintar estas partes. Teve por discipulos Francisco, Leandro, João Baptista, e Jeronymo seus filhos. Em Roma existe de Francisco Bassano em S. Luiz dos Francezes o quadro do altar mór; em Jesus a SS. Trindade, com todos os Santos.

Schiavone.

De André Schiavone foi verdadeiro mestre o estudo, que fez das obras de Ticiano, de Giorgione, e particularmente de Parmigianino, a quem sobre todos se propoz imitar. O seu desenho não póde negar-se, que seja incorrecto; porém he o seu colorido tão espirituoso, o seu toque tão facil, e todo graça, tão bom gosto nas roupagens, e tão bem achadas são as atitudes das suas figuras, e tem tal contraste, que Tintoretto quando pintava, punha diante de si um quadro deste grande homem. As mulheres, e as cabeças dos velhos com especialidade são pintadas na ultima perfeição.

Tintoretto.

A Jacob Robusti Tintoretto, Veneziano, as obras de Michael Angelo pelo desenho, e as de Ticiano pelo colorido, juntamente com a nimia deligencia, que elle poz em copiar do modello, e consultar o antigo, grangeárão grande fereza de idéas, um colorido flórido com toques animosos, bom gosto no pintar as carnes, e intelligencia do claroescuro. He accusado este Artista famoso de ter dado ás figuras aptitudes excessivas, que porisso parecem extravagantes; assimcomo igualmente de desprezar algumas vezes a Arte, por cuja causa se diz delle, que teve tres pinceis, um de ouro, outro de prata,

e o terceiro de ferro. Palma o moço foi seu alumno. Em Roma existem suas pinturas; em S. Marcos, o quadro da capella da parte direita. Outros porém as julgão ser de Palma o Moço seu discipulo.

Paolo Veronez.

Deo a Paolo Veronez Calliari um seu tio Pintor pouco conhecido as primeiras instrucções na Arte, mas o proprio talento o guiou á excellencia della. Foi rival de Tintoretto, que o excedeo no luxo, e na grandeza. Nos seus quadros brilha uma imaginação fecunda, activa, magestosa, e sublime. O seu colorido he fresco, as suas côres locaes são bem entendidas, e as suas roupagens tem toda a verdade, e inculcão uma magnificencia, que he sua propria. Este egregio Artista tambem commetteo suas faltas, poisque algumas vezes pintou amaneiradamente, bem como nas suas composições, quasi sempre attaca, e offende a decencia, e seria melhor que tivesse mais delicadeza nas suas expressões, maior conhecimento do claroescuro, e melhor gosto, e correcção de desenho. De todos os seus quadros, os que mais se avalião, são os banquetes.

Jeronymo Mussiano.

Jeronymo Mussiano, de Brescia, foi discipulo de um Pintor bem pouco estimavel; porém dando-se a estudar do antigo, e das obras dos Artistas famosos da escola Veneziana achou uma maneira, poronde se fez excellente. Pelo seu colorido claramente se conhece o muito, que consultou Ticiano; o seu desenho he de um gosto delicado, não menos he a expressão, que elle dava ás cabeças; acabava até o ultimo ponto os seus quadros. O seu toque na paizagem, he pelo estilo da

escola Flammenga, genero, em que excede a Italiana. Observa-se visivelmente como elle preferia a todas as arvores o castanheiro. Cezar Nebbia d'Orvieto foi seu discipulo. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Martha no Vaticano, o S. Jeronymo; em S. Paulo extra muros, a Assumpção; em Santa Catharina dos Cordoeiros, Jesu Christo morto; em Santa Catharina da Roda, as pinturas a fresco da primeira capella á mão direita; na Igreja Nova, a Ascenção de Jesu Christo; em S. Luiz dos Francezes o S. Nicoláo; em Jesus o quadro do altar mór; na Igreja d'Aracæli, um S. Paulo; em Santa Maria Maior, a ressurreição de Lazaro; nos Capuchinhos, as chagas de S. Francisco; em Santo Agostinho, uma Santa Apollonia; em S. Jeronymo da Caridade, um S. Pedro.

Palma o velho.

Tiago Palma o velho, de Bergamo, foi discipulo de Ticiano. Não deve procurar-se nas suas obras o gosto, ou a correcção de desenho; mas não se encontrarão algumas outras, que sejão acabadas com mais paciencia, nem que tenhão côres mais transparentes, mais bem unidas, ou mais floridas. Porém nota-se-lhe o não ter sido sempre igual.

Palma o moço.

Tiago Palma o moço, foi sobrinho do antecedente, e discipulo de Tintoretto, cuja maneira soube imitar optimamente; mas a excessiva ambição das riquezas lhe fez accelerar grande numero de quadros, donde nem todos lhe dão igual honra. Forão seus discipulos o P. Cozimo Capuchinho, e Camillo Rama. Em Roma existem suas pinturas; em S. Marcos o quadro da primeira capella á mão direita; outros po-

rém o attribuem a seu mestre; em S. Silvestre a monte Cavallo o quadro da segunda capella á mão direita; aos Cruciferos as pinturas do altar, passado o de S. Camillo.

Seculo XVII.

Carlos Veneziano.

Carlos Veneziano Sarraceno estudou com Camillo Mariani de Vicenza; mas depois deo-se a imitar totalmente a maneira de Michael Angelo de Caravaggio, a quem seguio tanto nas bellezas como nos defeitos. Em Roma são pinturas suas; em Santa Maria da Escada o Tranzito da SS. Virgem: em Santa Maria de Monserrate a Senhora com o Menino, e S. Jacomo; em Santo Adrião um Santo prégando; em São Cosme, e Damião o Santo Antonio de Padua, copia de Caracci; aos Orfãos as pinturas a fresco na capella da Annunciação; em S. Lourenço em Lucina o S. Carlos com varias figuras; na Igreja do Santo Profeta Simeão, uma Santa Anna; em Santa Maria dell Anima, o milagre do peixe, e o martyrio de um Santo Bispo; em a Minerva, a Coroação de espinhos.

Alexandre Turchi.

Alexandre Turchi, dito o Veronez, e tambem chamado o Orbetto estudou nos seus principios com mediocre Pintor, chamado Bruzasorci, na sua mesma patria Verona. Os seus primeiros quadros tem muito do estilo secco, e reprehensivel de seu mestre, mas depois, dando-se a imitar a belleza da Arte, apropriou optimamente o colorido de Correggio, e as fysionomias de Guido. Os seus erros são todos na roupagem por não ser bem entendida; porém no desenho o bom

gosto, e a muita graça do pincel farão sempre apreciaveis os seus quadros. Em Roma existem suas pinturas; em S. Romualdo a fugida da Senhora para o Egypto; nos Capuchinhos, um S Felix com o Menino; em S. Lourenço em Lucina, a Virgem Maria com Jesus, e S. José; em S. Salvador do Louro, um S. Carlos.

Francisco Trevizano.

Francisco Trevizano, de Trevizo no Estado de Veneza, foi discipulo de Antonio Zanchi. Uma bella expressão, um colorido harmonioso, e um correcto desenho tornão dignas de toda a estimação as suas obras; sebem que nem sempre tem o energico, e o sublime da Arte. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja das Chagas, o quadro do altar mór; em S. Silvestre, um Senhor Crucificado, com os dos lados; em S. João Laterano, em a nave do meio, o Profeta Habacuc; em Santo Ignacio, um S. José; em Aracœli, o S. Francisco do altar do cruzeiro; na sachristia da Igreja nova, duas meias figuras a oleo; em Santo Onofre, o Bemaventurado Pedro de Piza.

Ricci.

Sebastião Ricci, Veneziano, Corvelli ordinario Pintor lhe ensinou a manejar o pincel; mas os exemplares da Arte o aperfeiçoárão. Tinha idéas magestosas, o seu imaginar era vivo, e fertil, e vigoroso o seu colorido; mas ameudadas vezes desprezou a natureza. Em Roma são pinturas suas na Igreja dos Santos Apostolos, as do tecto da sachristia.

Escola Lombarda.

Um bom gosto de desenho, formado sobre a bella

natureza, sebem inteiramente moderno, graça, e colorido que surprende, disposição magnífica, e expressão engraçada com transparentes contornos, são os distinctivos caracteres desta escola, á qual he unida tambem a Genoveza; mas ambas ellas falhão na pouca intelligencia da historia, e do antigo, bemcomo igualmente a Veneziana, de quem esta se originou.

Seculo XV.

Mantegna.

A André Mantegna, Paduano, Tiago Bellini de Veneza illustrou os seus talentos. Abrio escola em Mantua, onde pintou o Triunfo de Cezar, que he um assombro. Foi elle o inventor de abrir as estampas a buril. Nas suas obras ainda se descobre o estilo secco daquelles tempos. Correggio foi seu alumno.

Correggio.

Antonio Allegre Correggio, de Modona, discipulo do mencionado André Mantegna como Pintor sublime arrebatou o pincel das mãos das mesmas graças. Foi o primeiro a pintar nos tectos figuras em perspectiva rigorosa, e entendeo primorosamente a Arte dos escorços. A cupula da Cathedral de Parma he a sua obra prima. O colorido encantador pela força do claroescuro, um pincel mimoso, uma maneira graciosa, e franca; e pelo contrario, alguma falta de correcção nos contornos, pouca bizarria nas fysionomias das figuras, nas suas aptitudes, e contrastes, formão o caracter deste grande homem. Jeronymo de Carpi foi um dos seus alumnos. Em Roma o pequeno quadro de N. Senhora com o Meni-

no, S. José, e dois Anjos muito separados, que existe na sachristia de S. Luiz dos Francezes, se pertende ser de Corregio; o maior numero dos intelligentes julgão o contrario, e o attribuem mais a seu discipulo Jeronymo de Carpi, ou antes a Schidone.

Seculo XVI.

Parmigianino.

Francisco Mazzuoli Parmigianino, discipulo de um seu tio veio a Roma aperfeiçoar-se com os exemplares de Michael Angelo, especialmente de Rafael, e foi tal o estudo que sobre elles fez, que parece herdára o genio destes dois extraordinarios Pintores. Observa-se algumas vezes falta de correcção no desenho, e affectação principalmente no fazer os dedos das figuras compridos em demazia; porém deo a suas figuras movimento, e parece, que as suas roupagens são impellidas pelo vento.

Cangiagio.

Lucas Cangiagio, ou Cambiaço, Genovez, discipulo de seu pai, foi bizarro no desenho; nas suas composições divisa-se um imaginar fecundo, e uma Arte particular em dar ás suas figuras tal viveza que parece que fallão.

Castelli.

Bernardo Castelli, Genovez, foi discipulo de um certo André Semino; mas das obras de Cangiagio, cuja maneira tanto imitou, aprendeo a perfeição da Arte. Foi excellente retratista, e o haver pintado os melhores Poetas do seu tempo, foi causa, porque em

seus Poemas se celebra tanto o seu nome. Tasso especialmente teve com elle íntima amizade. Era colorista insigne, e não menos egregio desenhador; mas da natureza nada era affeiçoado. Valerio seu filho, e discipulo talvez o haja excedido. Em Roma he pintura sua em a Minerva o quadro de São Vicente Ferreira.

Schidone.

Bartholomeu Schidone, de Modona, na sua patria estudou as regras da Arte, e contrahindo depois estreita amizade com Annibal Caracci mudou para melhor, e se limou de alguns deffeitos. Os seus quadros são rarissimos, e assás estimaveis pela graça, pela delicadeza, e colorido mimoso, partes estas, que os tornão a delicia dos intelligentes. Não houve Pintor algum, que mais se avisinhasse a Correggio.

Michael Angelo de Caravaggio.

Michael Angelo de Caravaggio, denominado Amerighi, Milanez, não póde dizer-se discipulo de algum, poisque foi guiado pela natureza, e fez proprio só de si um particular estilo. Nas suas obras tudo he forte, e por effeito das grandes sombras, e do muito negro, as suas figuras tem relevo; mas esta maneira, que tanto encanta nos assumptos nocturnos, e nos retratos, ou meias figuras, he insoffrivel nas composições grandes, por não observar nem perspectiva, nem degradação de luz. Em quanto ao mais as suas cabeças não tem nobreza, e são pintadas com côr lívida, olhos amedrentados, e com negros cabellos. Spagnoletto, Angelo Carozelli, e Bartholomeu Manfredi forão seus discipulos; este ultimo com especialidade imitou maravilhosamente seu mestre. Em Roma exis-

tem suas pinturas; na Igreja Nova, um Senhor morto; em S. Luiz dos Francezes, um S. Mattheus, com os dois Lateraes; em Santa Maria de Populo, as pinturas dos lados na capella da Assumpção; em Santo Agostinho, uma N. Senhora, com dois peregrinos em oração.

Seculo XVII.

Spagnoletto.

José Ribera, Spagnoletto, foi discipulo de Michael Angelo de Caravaggio. Os sugeitos horriveis erão as suas delicias: não póde pintar-se com mais verdade, do que elle fez, mas desgosta a sua enorme ferocidade; desenhava correctamente; o seu pincel porém não he dos mais mimosos. Foi bastantemente opposto a Lanfranco. Lucas Jordão foi seu alumno.

Guercino.

João Francisco Barbieri, Guercino, de Cento junto de Bolonha, discipulo de um certo Bento Gennari, com vêr as obras dos Caraches, e especialmente as de Caravaggio pelo colorido, a passos largos caminhou pela vareda da maior gloria. Teve bom gosto de pintar; as suas côres são vigorosas, tirava a luz do alto, fazia-a reflectir nas figuras por meio de sombras fortes, e unia todas as côres com tintas purpureas; além desta maneira teve outra mais clara, e menos viva. Não houve outro Pintor ainda, que pintasse com maior facilidade, e porisso a correcção, a magestade, e a expressão, que são fructos da refflexão, faltão de ordinario nas suas obras. Em Roma existem suas pinturas; em S. Pedro, uma Santa Petronilla. (Veja-se adiante o Exame Analytico); em S. Chrysogono no meio dos artezões, o mesmo Santo; em Santo Adrião

se lhe attribue o S. Pedro Nolasco, sustentado por dois Anjos; em S. Pedro ad Vincula, a Santa Margarida; na Igreja das Convertidas uma Santa Maria Magdalena; em Santo Agostinho, o quadro deste Santo com os dois dos lados; na Igreja Nova, o quadro da capella interior de S. Filippe; em S. Nicoláo Tolentino, o quadro da terceira capella á mão direita.

Borzoni.

Luciano Borzoni, Genovez, foi discipulo de um Pintor mediano; mas o seu grande talento, e applicação assidua lhe descubrírão aquella maneira viva, e fertil; o seu desenho foi algum tanto recortado. Os seus tres filhos Carlos, João Baptista, e Francisco Maria forão seus discipulos.

Carloni.

João Carloni, Genovez, foi discipulo de Pintor mediocre, a sua maneira he grande, correcto o desenho, e o colorido vigoroso; era excellente no pintar de grande em pequeno; seu irmão João Baptista, foi seu alumno. Em Roma existem suas pinturas em Jesus, na abobada a fresco da capella de S. Francisco Xavier.

Benvenuto Garofalo.

Benvenuto Garofalo, de Ferrara, teve máos mestres; porém dando-se a viajar pela Italia, e vendo as obras dos famosos artistas sentio inflammar-se-lhe o proprio espirito, e daqui se pôz em estado, de fazer célebre o seu nome. Era particularmente maravilhoso em copiar as obras de Rafael. Observa-se nos seus quadros, como este Pintor usava pintar em quasi todos os quadros de sua invenção um cravo.

Benedicto Castiglione.

Benedicto Castiglione, Genovez, na sua mesma patria teve os principios da Arte; porém, fazendo-se amigo do famoso Wandyck, obteve tal perfeição na delicadeza do toque, na elegancia do desenho, no bello colorido, e na perfeita intelligencia do claroescuro, que porisso se estimão em grande preço os seus quadros. Francisco, e Salvador seus filhos o tiverão por mestre, mas muito inferiores a elle.

Filippe Lauri.

Filippe Lauri, Romano, discipulo de Angelo Carozello, que havia estudado com Michael Angelo de Caravaggio, teve toque expedito, a sua composição tem muita graça, he seu desenho correcto; mas o seu colorido raras vezes no tom conveniente. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Maria da Paz, a historia de Adão, e Eva, sobre a segunda capella da parte esquerda.

Lucas Jordão.

Lucas Jordão, Napolitano, discipulo de Spagnoletto, foi singular no imitar diversos estilos, punha muita harmonia, e doçura no seu colorido, entendia perfeitamente a perspectiva, e era assás fecundo na invenção. A presteza porém com que pintava foi causa, de que nem todas suas obras sejão igualmente apreciaveis, e correctas. Carlos Garofalo foi seu alumno. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Maria in Capitelli uma Santa Anna; na Igreja do Anjo Custodio um Santo Antonio de Padua; em o Espirito Santo dos Napolitanos um S. Januario; na Magdalena um S. Lourenço Justiniano.

Bacici.

João Baptista Gauli Bacici, Genovez, discipulo de Pintor ordinario, teve idéas grandes, e animosas; mas alguma vez tambem demasiadamente bizarras: as suas figuras tem um prodigioso relevo, e bom colorido; porém pelo contrario o seu desenho he incorrecto, e teve máo gosto nas roupagens. João Odazzi f i seu alumno. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Margarida, um S. Francisco; em a Minerva, o S. Luiz Beltrão; em Jesus, a aboda e a tribuna a fresco; em S. Francisco em Ripa, a Virgem com o Menino, e Santa Anna; em Santo André a m nte Cavallo, um S. Francisco Xavier moribundo; em a Magdalena, um S. Nicoláo de Bari; em S. Roque, uma N. Senhora com o mesmo Santo, e Santo Antão Abbade; em os Santos Apostolos, a abobada a fresco; em S. Nicoláo Tolentino, um S. João Baptista.

Escola Romana.

Com razão póde gloriar-se esta escola por ser della o chefe o primeiro, e mais sublime Pintor, que tem havido no mundo depois do renascimento das bellas Artes. Os seus destinctivos caracteres são, um gosto formado sobre o antigo, um desenho exactissimo, uma expressão erudita, um estro cheio de imaginação, e enriquecido de tudo aquillo que uma férvida fanthazia póde inventar de mais bello, e de mais patherico. A maior parte dos Professores desta escola usárão comtudo uma composição caprichosa, sebem ellegante, e carecêrão tambem daquelle attractivo colorido da escola Veneziana, e Flamenga; defeito commum de todos que desenhárão correctamente. Esta escola traz a sua origem da Florentina.

Seculo XV.

Rafael Sanzio.

Rafael Sanzio, de Urbino, discipulo de Pedro Perugino da escola Florentina, he o Pintor, que atégora possuio maiores partes, e que se chegou muito de perto ao cume da perfeição. Teve tres maneiras differentes de pintar; a primeira era secca, e mesquinha, que porisso se chama Perugina; a segunda grandiosa, adquirida em Florença pelos Cartões de Michael Angelo, e de Leonardo de Vinci, e he chamada a Florentina; a terceira finalmente a Romana, isto he, aquella judiciosa maneira que conseguio pelo estudo da natureza, e do antigo. Com esta pintou a sua ultima obra da Transfiguração, considerada pelo primeiro quadro do mundo. Um engenho feliz, um imaginar fecundo, um compôr simples, e ao mesmo tempo sublime, boa escolha, grande correcção de desenho, graça, e grandeza nas figuras, delicadeza, e novidade de idéas, conveniente expressão nas aptitudes são os caracteres, pelos quaes se podem conhecer as suas obras. No que respeita ao colorido cede a Ticiano; e na doçura de pincel, bem como na intelligencia do claroescuro, o excedeo Correggio. Entre outros foi seu alumno Pellegrin de Modona, Gaudencio, Rafaellin de Colle, Innocencio de Imola, Bagnacavallo, Maturino, além dos que adiante se seguem. Em Roma existem suas pinturas; em S. Pedro Montorio, a Transfiguração, (veja-se Exame Analytico); em S. Lucas o quadro do altar mór; em Santo Agostinho, na nave do meio, o quadro do Profeta Isaias, (veja-se Exame Analytico); em Santa Maria da Paz, sobre a primeira capella á mão direita, as Sibillas da grande cornija de-

baixo, (veja-se Exame Analytico); em Aracæli „o quadro do altar mór, que corresponde ao coro; em S. Nicoláo Tolentino, dentro no coro, a SS. Virgem, que se crê ser sua; no Palacio da Farnezina, e do Vaticano, varias pinturas a fresco, (veja-se Exame Analytico.)

Seculo XVI.

O Fattore.

João Francisco Penni, o Fattore, Florentino, foi discipulo de Rafael, que o deixou por herdeiro juntamente com Julio Romano. He difficil não confundir os seus quadros com os de seu mestre; tão bem soube imita-lo! Quando porém perdeo de vista os desenhos de Rafael, deo em um gosto gigantesco, e pouco gracioso. Em Roma existem suas pinturas; na Trindade dos Montes na capella de Santa Maria Magdalena a abobada, e as lunetas a fresco, em que o ajudou Julio Romano; no Palacio da Farnezina, e do Vaticano, varias pinturas a fresco, (veja-se Exame Analytico.)

Julio Romano.

Julio Romano, Pippi, o predilecto discipulo de Rafael, em quanto foi simples imitador, parece um Pintor gracioso, mas depois da morte de seu mestre dando desafogo, e força ao seu engenho fez aturdir as nações com o seu estilo fogoso, com o seu grande gosto de desenho, com a expressão das suas composições, com a grandeza dos seus pensamentos Poeticos, e com as expressões as mais vivas, e caprichosas. He porém digno de crítica o muito que desprezou o estudo da natureza, para seguir antes o an-

tigo ; assimcomo tambem não variar sempre as feições dos semblantes , ter um colorido acinzentado, e pouca intelligencia do claroescuro. O Primaticcio chefe da escola Franceza , Pedro Ligorio , e João Baptista Bertano forão seus discipulos. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Maria da Navicella, varios frisos em cima nos artezões ; em Santa Praxedes, um Christo açoutado; em a Trindade dos Montes , na capella da Magdalena, a abobada, e as lunetas a fresco, ajudado por Fattore; em Santa Maria dell Anima, o quadro do altar mór , retocado porém com bastante damno por Carlos Veneziano; no Palacio da Farnezina , e do Vaticano, (veja-se Exame Analytico.)

Polidoro de Caravaggio.

Polidoro de Caravaggio , discipulo de Rafael, nos seus quadros descobre grande gosto de desenho summamente correcto, bom colorido com intelligencia do claroescuro, e bem lançadas roupagens ; mas seria melhor se nas suas composições tivesse usado mais modestia. Foi condiscipulo de Maturino, e com elle teve tão íntima amizade , que até á morte sempre estudárão, e pintárão juntos. Ambos estes Pintores forão maravilhosos especialmente no imitar os vestidos, as armas, os vasos, os sacrificios, o gosto, e os caracteres dos antigos. Mal se podem distinguir as suas obras. Em Roma existem suas pinturas ; em Santa Maria ao campo Santo , as pinturas a fresco da capella da Paixão, e o quadro do altar mór ; em S. Silvestre a monte Cavallo , os factos da vida de Santa Maria Magdalena , com os paizes , (não entrando a abobada) da segunda capella á mão esquerda ; no Palacio do Vaticano, (veja-se Exame Analytico.)

Pierin del Vaga.

Pierin del Vaga, Buonaccorsi, Toscano, discipulo de Rafael teve por sorte imitar muito bem a seu mestre, e na parte que diz respeito ao bem acabado, e á douta maneira de pôr em execução os seus pensamentos não lhe foi inferior. Porém onde se distinguio mais, foi em caracterizar os lugares, segundo os costumes. Jeronymo Sicciolante, denominado o Sermoneta, Marcello Venusti, e Livio Agresti forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja dos Santos Apostolos, um Christo morto com a SS. Virgem, na primeira capella da parte esquerda; outros porém crem que seja pintado por seu discipulo Sermoneta sobre o seu desenho; em S. Tiago dos Hespanhoes, a abobada da primeira capella á mão direita; em a Trindade dos Montes varios factos de N. Senhora pintados no lado esquerdo do cruzeiro; no Palacio Vaticano, (veja-se Exame Analytico.)

Taddeo Zuccaro.

Taddeo Zuccaro, do Estado de Urbino, foi discipulo de Octaviano seu pai, Pintor ordinario; porém com o estudo do antigo, e das obras de Rafael, se fez grande. Entendia egregiamente a disposição das partes dos seus assumptos; era nobre nas idéas, e de muita harmonia, e delicadeza o seu pincel; mas com effeito algumas vezes pintou por prática, e por isso se vê algum tanto amaneirado. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Maria del horto, uma Annunciação; em Santa Sabina, a tribuna a fresco; em Santa Maria da Consolação, um Senhor crucificado com os dois dos lados; em S. Marcello, as pinturas a fresco da capella da Conver-

são de S. Paulo; no Palacio Vaticano, (veja-se Exame Analytico.)

Baroccio.

Federico Baroccio, de Urbino, foi discipulo de um Pintor mediano; o estudo porém das obras de Corregio, unido ao seu sublime talento, lhe fizerão ter a gloria de se lhe aproximar muito na harmonia, e graça. Nas suas composições logo á primeira vista se conhece a grande reflexão, com que imaginava as historias, os seus semblantes indicão todos ar risonho; o colorido he flórido, e muito bem entendeo os effeitos da luz, suppostoque usou demasiadamente dos claros. Seria porém de desejar, que fosse menos affectado nas aptitudes das figuras, e que não exprimisse tanto as partes do corpo. Antonio Viviano, dito o Surdo de Urbino, e André Lilio, forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja Nova, um quadro da Apresentação da SS. Virgem, e a Visitação de Santa Isabel; em a Minerva, um quadro da cea; em a Victoria, em cima no coro, uma Annunciação.

Federico Zuccaro.

Federico Zuccaro, do Estado de Urbino, discipulo de Taddeo, seu irmão, era muito facil na invenção, bom colorista, e teria sido desenhador perfeito, senão desse em amaneirado. Em Roma existem suas pinturas; em S. Lourenço em Damazo, o quadro do altar mór; em Santa Maria Egypciaca, o quadro do altar mór; em Jesus, o quadro dos Anjos; em Santa Praxedes, um Senhor com a Cruz ás costas; em S. Marcello, a Conversão de S. Paulo; em a Trindade dos Montes, a Coroação de Maria SS.; em Santa Catherina dos Cordoeiros no altar

mór, nas paredes dos lados os factos da vida da mesma Santa; no Palacio Vaticano, (veja-se Exame Analytico.)

Rafaelin de Reggio.

Rafaelin de Reggio, discipulo de Federico Zuccaro, possuio uma graciosa maneira; mas aprendeo tambem de seu mestre o defeito de amaneirado. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Maria, em Transtivere, a capella do Presepio; em S. Silvestre a monte Cavallo, as pinturas a fresco da capella do Nascimento de Christo; em os Santos quatro Coroados, se julgão suas as pinturas a fresco, antes de entrar na Igreja; em Santa Maria della morte, se crê ser deste Pintor, o S. Miguel; no Palacio Vaticano, (veja-se Exame Analytico.)

Passignani.

Domingos Passignani, Florentino, discipulo de Federico Zuccaro, foi magestoso, e nobre na composição, e teve bom gosto de desenho. Mattheus Roselli, Anastasio Fontebuoni, e Alexandre Tiarini forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; em S. Pedro no Vaticano, um S. Thomé Apostolo; em Santa Prisca, o Baptismo da Santa; na Igreja Nova, a Annunciação; em S. André della Valle, o quadro, com os dois lateraes da primeira capella á mão esquerda; em Santa Maria Maior, a abobada na capella do coro, e a da sachristia; em S. Tiago dos Incuraveis, o Baptismo de Christo; em Santa Maria da Paz, os dois lateraes da capella mór.

O Cavalheiro d'Arpino.

José Cesar, Cavalheiro d'Arpino, denomina-

do tambem Giuzeppino, foi discipulo de Rafaelin de Reggio, e rival de Michael Angelo de Caravaggio. Muito espirito se admira nos seus quadros, e as suas composições tem pela maior parte muita expressão, e sublimidade de idéas; mas ordinariamente pintava de prática, o seu colorido he frio, e as expressões parecem forçadas. Em Roma existem suas pinturas; em S. Chrysogono, um quadro da SS. Virgem com o Menino, sobre o sacrario; em S. Sebastião dos Mercadores, o Santo do mesmo nome; em a Trindade dos Peregrinos, uma N. Senhora sentada com o Menino, e outros Santos; em a Igreja Nova, a Coroação de Maria SS.; e na primeira capella, á mão esquerda, a Appresentação no Templo; em Santa Luzia em Selcilla, uma N. Senhora com o Menino Jesus, S. Agostinho, e Santa Monica; em Santa Praxedes, a abobada da capella Olgiati; em Santa Maria da Paz, um S. João Evangelista; em N. Senhora do Loreto, o nascimento da SS Virgem; em Santa Maria in Via, uma Annunciação com os dois lateraes; em Santa Maria Transpontina, uma Santa Barbara; em S. João de Laterão, o quadro na capella do coro de inverno.

Seculo XVII.

André Sacchi.

André Sacchi, Romano, discipulo de Benedito seu Pai, contraindo estreita amizade com Francisco Albano, melhorou de estillo, e conseguio tal perfeição, que nos seus quadros se admira a mesma graça, e mimoso colorido daquelle artista, porém com gosto de desenho mais correcto; as suas figuras são maravilhosas pela expressão, e uma engraçada simplicidade faz apreciaveis, e vistosas as

suas roupagens ; pintava delicadamente mais que tudo assumptos simplices. Thomás Caravaggino, Carlos Maratta, e Luiz Garzi forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; em S. Carlos a Catinari, o Tranzito de Santa Anna ; em a sachristia da Minerva, um Christo crucificado ; em S. João in Fonte, os quadros da cupulazinha em cima ; em os Capuchinhos, um S. Antonio ressuscitando um morto, e o quadro de um Santo Bispo com Maria SS., e o Menino ; em Santo Izidoro, o quadro do altar mór ; em S. José ao fim das casas, uma N. Senhora com o Menino, e o Anjo, que desperta a S. José ; em S. Pedro, o Milagre de S. Gregorio, e varios quadros nas grutas Vaticanas; em S. Romualdo, o quadro do altar mór. Veja-se Exame Analytico.

Salvador Rosa.

Salvador Rosa, Napolitano, aprendeo com um certo Daniel Falcone; o seu toque he espirituoso, os seus paizes, e com especialidade as folhas das arvores são de gosto exquizito ; porém todavia observa-se nas suas obras um engenho bizarro, pouco correcto desenho, e tambem figuras de natureza selvagem. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja de S. João de Florença, dois Santos Martyres condemnados ás chamas.

Carlos Maratta.

Carlos Maratta, do Estado Pontificio, foi discipulo de André Sacchi, em cuja escola estudou dezanove annos. Este grande homem soube unir a simplicidade com a nobreza ; teve delicado gosto de desenho, colorido admiravel, idéas cheias de magestade ; mas por lhe faltar a energia de um engenho original, porisso as suas obras quasi nada

commovem o animo de quem as vê. Pedro de Petris, Miguel Semini, Francisco Paveze, Antonio Balestra, Jacintho Calandrucci, José Chiari, Nicoláo Berretoni, João Baptista Ferretti, Pedro Bianchi, João Paulo Melchiorri, José Passeri, André Procaccini, e Agostinho Mazucci forão seus discipuloss. Em Roma existem suas pinturas; na Igreja Nova, os Santos Carlos, e Ignacio; em a Minerva, um S. Pedro com varios Santos; em Jesus, um S. Francisco Xavier; em S. José dos carpinteiros, o Nascimento de Christo; em Santo Izidoro, uma Conceição, um Crucifixo, e o Tranzito de S. José; aos Orfãozinhos, o quadro do altar mór; em Santa Maria de Populo, uma Conceição com varios Santos; em S. Carlos, o quadro do altar mór; em Santa Maria da Paz, em cima na cupula, a Visitação; em S. João dos Florentinos a Virgem N. Senhora com seu Filho Jesus, e S. Filippe; em S. João in Fonte a historia a fresco da ruina dos Idolos.

Luiz Garzi.

Luiz Garzi de Pistoia, discipulo de André Sacchi, foi o seu amado alumno, a quem para fazer conseguir boa reputação lhe retocava a maior parte das obras; desenho correcto, bom colorido, gruppos bem dispostos, roupagens lançadas com graça, grande intelligencia na paizagem são os predicados, que honrão este famoso Pintor. As suas glorias dos Anjos são certamente maravilhosas. Em Roma existem suas pinturas; em Santa Maria ao campo Santo no Oratorio, uma Conceição; em S. Venancio, o quadro do altar mór, e o do altar de S. Filippe; em Santa Barbara dos livreiros, o quadro do altar mór; na Igreja das Chagas, a abobada a fresco; em Santa Catharina de Sena a monte

Magnianapoli, a abobada; em S. Marcello, o quadro, que cobre o Crucifixo; nas Freiras do campo Marcio, uma N. Senhora com S. Gregorio Nazianzeno; em Santa Maria de Populo, a cupula da capella da Conceição; nas Freiras do Espirito Santo, o quadro do altar mór; em S. Carlos, a Gloria detrás do altar mór, e a abobada da capella do Espirito Santo; em S. João Laterano, na nave do meio, o Profeta Joél; em Santa Martha ao Collegio Romano, as tres Marias no acto de irem ao Sepulchro, com as pinturas de lado do altar mór; em S. Silvestre in Capite, na segunda capella da parte direita, os dois quadros lateraes.

Solimene.

Francisco Solimene, do Reino de Napoles, de um Pintor mediocre aprendeo os principios d'Arte; mas com o seu engenho, e estudo adquirio um toque firme, douto, e livre, unido a um colorido flórido, e vigoroso, porém algum tanto amaneirado. Possuia os varios estilos, que caracterizão as obras dos artistas de grande fama. Conrado Giaquinzio, Francisco de Mura, e Sebastião Conca, de quem foi discipulo Caetano Lapiz, forão seus alumnos.

Seculo XVIII.

Bianchi.

Pedro Bianchi, Romano, discipulo de Carlos Maratta, teve colorido vigoroso, e exacto no desenho; mas todavia se tivesse mais espirito nas invenções, seria maior o seu merecimento. Caetano Sardi foi seu alumno. Em Roma he pintura sua em S. Pedro, na capella do coro, uma Senhora da Conceição.

Escola Franceza.

He coisa bem difficultosa assignar a esta escola caracteres distinctivos; porque cada um em particular dos seus artistas escolheo, e estudou daquellas obras, que mais lhe agradárão, e segundo ellas regulou a sua maneira. Porém fallando geralmente póde dizer-se, que os Pintores Francezes se tem feito admirar no genero nobre do historico, mas ordinariamente são amaneirados, de pouco bom colorido, e bem longe estão da belleza do antigo. O Primatticio, mais que Leonardo de Vinci, e o Rosso, contribuio a banir desta escola a aspereza, ou o barbaro Gothico, porisso deve chamar-se o seu chefe depois do novo restabelecimento das bellas Artes: e por quanto o foi tambem da escola Romana, não será fóra de razão o dizer-se, que della seja filha a Franceza.

Seculo XVI.

O Primaticcio.

Francisco Primaticcio, Bolonhez, teve os principios da Arte de Innocencio de Imola, e de Bagnacavallo discipulos de Rafael; porém Julio Romano foi quem lhe deo os maiores conhecimentos. Chamado a França por Francisco I. ahi se estabeleceo, e abrindo escola fez ressurgir as bellas Artes. Era bom colorista, compunha com espirito, as suas figuras tem aptitudes muito bem escolhidas; mas comtudo pintava mui depressa, e alguma vez de prática. Entre os seus discipulos o mais célebre foi Nicoláo de Modona.

Seculo XVII.

Vovet.

Simão Vovet, de París, discipulo de seu pai, Pintor mediano, estudou muito em Roma sobre as obras de Michael Angelo de Caravaggio, e porisso adquirio uma maneira resoluta, e agradavel; mas voltando á sua patria (diz Mr. de Piles) deo em amaneirado, e em um colorido acinzentado. No pintar retratos mostrou mais o fogo do seu engenho. A sua maior gloria he de ter sido mestre de le Sueur, de le Brun, Mignard, e Valentim. Em Roma he sua em S. Francisco em Ripa, a Natividade.

Poussin.

Nicoláo Poussin, da Normandia, teve os principios de medianos mestres; mas a sua demora em Roma, e o estudo sobre o bello antigo o fizerão caminhar a passos rápidos. O Cavalleiro Marino lhe fez tomar gosto na lição dos Poetas, e daqui soube tirar bellissimas composições, cheias de nobreza, e de estro. O colorido das suas primeiras obras he mui vistoso pelo estudo dos quadros de Ticiano. Mas temendo que a graça do colorido lhe fizesse negligenciar o desenho, pouco mais estudou delle; e eisaqui a sua segunda maneira, em que pôz todo o cuidado, paraque nas suas obras se visse o bom gosto pelo antigo, e a correcção de desenho. Porém melhor seria que nas roupagens fizesse menor quantidade de prégas, que fossem mais variadas as feições dos rostos, que algumas vezes evitasse o secco, e que finalmente não fosse tão estatuario. Em Roma

na Igreja de S. Pedro do Vaticano, he seu o quadro de S. Erasmo.

Valentim.

Valentim de Colomiers na Bria, discipulo de Simão Vovet, frequentando a sua escola pouco tempo, partio para Roma, e deo-se a imitar não só a maneira de Caravaggio, mas juntamente a de Nicoláo Poussin, com quem teve particular familiaridade. Expedito, e gracioso he o seu toque, o seu colorido harmonioso, as figuras são bem dispostas, o todo da historia exprimido com viveza, mas nem sempre com graça, ou com a mais exacta correcção. Em Roma ha delle em S. Pedro no Vaticano, um quadro dos Ss. Processo, e Martiniano.

Blanchard.

A Tiago Blanchard, de París, discipulo de um seu tio, o viajar pela Italia, e o vir estudar em Veneza submenistrárão os meios de conseguir, (sebem que não isento de alguma exageração) aquelle bom colorido, que tanto faz apreciar suas obras, e poronde tambem mereceo entre os seus, ser denominado o Ticiano Francez. Tinha igualmente muito engenho, e dava ás figuras uma viva expressão.

Le Sueur.

Eustachio le Sueur, de París, discipulo de Vovet, tinha tão particular disposição para a Pintura, que se a morte o não arrebatasse nos seus melhores dias, e tivesse viajado pela Italia, onde podia aprender o sublime d'Arte, certamente teria obtido fazer sombra a Rafael. São elevadas as suas idéas, admi-

raveis as expressões, e as suas roupagens lançadas com bom gosto. No colorido porém teve pouca força e verdade, nem do claroescuro foi muito intelligente.

Mignard.

Pedro Mignard, de Troyes, discipulo de Simão Vovet fez o seu maior estudo em França das obras de Primaticcio; e daqui partindo á Italia, sobre as pinturas particularmente de Rafael, e de Ticiano formou o seu gosto de desenho, e de colorido. Não obstante encontrão-se muitas vezes nas suas obras incorrecções de desenho, e pouca expressão nas composições. Foi insigne em fazer retratos, e em copiar quadros dos melhores mestres Italianos. Em Roma he seu em S. Carlos ás quatro fontes o quadro do altar mór.

Le Brun.

Carlos le Brun, Parisiense, discipulo de Simão Vovet tambem como seus condiscipulos devia ir á Italia, e especialmente a Roma para illustrar o seu talento sobre o antigo, e a bella natureza. Desta necessidade ficou tão persuadido, que a instancias suas se estabeleceo em Roma a Academia de França, onde á custa de S. Magestade Christianissima se mantem os melhores talentos daquelle Reino. A maneira de Annibal Caracci foi a que mais agradou a le Brun. Não póde negar-se, que não tenha sido um dos primeiros Pintores da França; mas a affirmativa de um patricio seu apaixonado: = de que le Brun não teve infancia, isto he, que nada fez que desse a conhecer de principiante; pois todas suas obras são de um grande mestre... e que em relação as da antiguidade merecião serem colocadas em altares =, são exa-

gerações estas, dignas de Milão de Cortona. He certo que são engenhosas suas composições, e cheias de Poezia, de vaga escolha as suas aptitudes, e de bom contraste as fysionomias; mas he pouco variado, e languido o colorido, ha muita uniformidade nos seus quadros, e he pouco correcto o desenho; e como confessa o mesmo Marquez *d'Argens*: *Il n'a point fait assez d'attention a donner le veritable caractere a chacun objet.* Forão do numero dos seus discipulos Claudio Audran, Verdier, e Vivien.

Seculo XVIII.

Vivien.

José Vivien, Lionez, discipulo de le Brun; he admiravel nos seus quadros pela belleza, e fecundidade do seu imaginar unidas a um excellente talento no executar. Foi prodigioso especialmente no fazer retratos a pastel.

Subleyras.

Pedro Subleyras, de Gilles em Languedoc, discipulo de Rivalz, teve fertil engenho no inventar, e no compôr um estilo tão grandioso, quanto o de Pedro de Cortona. Se reflectirmos á facilidade, que naturalmente usava no obrar, o seu desenho não deixa de ser correcto, o colorido vivo, e soube communicar ás suas obras um luxo magestoso pelo lançado das roupagens, pela perspectiva, e pelo claroescuro no total. A sua maneira porém de pintar á fanthazia lhe fez desprezar alguma vez a mais procurada degradação das sombras; donde vem que todas as figuras de persi carecem do sufficiente relevo, e os contornos não são bastantemente fluidos. Talvez por falta de tempo não deixou discipulos; seguidores porém do

bom nome paterno existem entre nós dois filhos; um justamente reputado por homem de engenho nas bellas Letras, e na Poezia; e o outro com sólido estilo Architetonico pertende afugentar as caprichosas chimeras de Boromino, e fazer renascer os felizes dias de Palladio, e de Vignola. Em Roma permanece delle em S. Pedro um S. Bazilio.

Escola Bolonheza.

Os caracteres distinctivos desta escola são grande gosto de desenho formado sobre o antigo, e sobre a bella natureza; côres mui naturaes; contornos fluidos; e uma rica disposição com um toque judicioso, nobre, e engraçado. Soube formar um composto do bom, e do bello das outras escolas, e he-lhe devedora a Pintura por ter-se opposto ao gosto amaneirado, que naquelles tempos dominava na Italia. Deduz sua origem da escola Lombarda.

Seculo XVI.

Ludovico Caracci.

Ludovico Caracci, Bolonhez, discipulo de Prospero Fontana da escola Lombarda, logoque aprendeo os elementos da Arte, deo-se ao estudo das obras de André del Sarto, de Ticiano, de Parmigianino, e de Julio Romano. Composição fertil, maneira discreta, e mui graciosa, colorido natural, com desenho grandioso, e nobre formão o caracter deste grande homem. Annibal Caracci, Camillo, e Julio Cezar Procaccini forão seus alumnos.

Agostinho Caracci.

Agostinho Caracci, Bolonhez, primo de Ludovico, discipulo tambem de Prospero Fontana, foi desenhador excellente, e o estudo, que fez das bellas Letras, subministrava-lhe judiciosos assumptos.

Annibal Caracci.

Annibal Caracci, Bolonhez, irmão de Agostinho, discipulo de Ludovico seu primo, adquirio com estudo das obras de Correggio, e Ticiano vigoroso colorido, das de Rafael correcto, e elegante desenho, e das de Buonarotti estilo magestoso, e cheio de nobreza. Na serie dos seus discipulos devem contar-se Antonio Caracci, seu sobrinho, Tiago Cavedoni, João André Donducci denominado o Mastelletta, Innocencio Tacconi, Lucio Massari, Lactancio Bolonhez, e Balthazar Croce, que muito concorrem para seu elogio. Em Roma existem suas pinturas; em Santo Onofre, N. Senhora do Loreto; em S. Francisco em Ripa, um Christo morto com as tres Marias; em S. Gregorio, o quadro deste Santo, junto da pequena porta lateral; em Santa Catharina dos cordoeiros, Santa Margarida; em S. Tiago dos Hespanhoes, na primeira capella da esquerda, S. Diogo; em Santa Maria de Populo, a Assumpção; em Santa Cecilia na capella mór, N. Senhora em um ovado; no Palacio Farnezino, a Galleria. Veja-se Exame Analytico.

Guido Reni.

Guido Reni, Bolonhez, discipulo de Caracci, apenas saîo da sua escola, imitou o estilo de Cara-

vaggio, e desta primeira maneira, he a Crucifixão de S. Pedro, na nova sachristia Vaticana. Depois adoptou outra maneira mais graciosa, e transparente, na qual a encarnação parece ter sangue, que circula; e neste segundo estilo pintou um S. Miguel nos Capuchinhos. Temos delle muitos quadros de uma terceira forma negligente, e já amaneirada, e com esta pintou as obras, que perseguido da miseria por causa do jogo vendia aos contratadores de quadros. Geralmente se admira nos seus quadros, o delicioso, e a magestade, delicado gosto de desenho, e de roupagens, cabeças que assombrão não só pela regularidade dos gestos, mas pela fórma graciosa, que soube dar aos beiços, e por uma certa modestia que lhe introduzio nos olhos. Nada mais seria para desejar nas suas obras, senão o espirito, e expressão de Annibal Caracci. Na honrosa serie de seus discipulos tem lugar distincto Tiago Semenza, Carlos Cittadini, Simão Cantarini, dito o Pesarense, Canuti, Gessi, Emilio Savonanzi, e Guido Caulassi, cognominado Cagnacci. Em Roma existem suas pinturas; em S. Gregorio, um Santo André conduzido ao Martyrio a fresco (veja-se o Exame Analytico); na Trindade dos Peregrinos, o quadro do altar mór; na Igreja Nova, S. Filippe; em S. Luiz dos Francezes, Santa Cecilia, copiada do original de Rafael; em Santa Maria Magdalena, na capella Borgheziana, as pinturas dos lados da janella, as do arco, excepto N. Senhora, pintada por Lanfranco; em S. Lourenço em Lucina, o Crucifixo do altar mór, cujo emboço em meia figura existe no Oratorio do Collegio Hibernio; em S. João Laterano, S. André Corsino; nos Capuchinhos, S. Miguel. Veja-se Exame Analytico.

Albano.

Francisco Albano, Bolonhez, foi discipulo de Caracci. As Venus, as Nynfas, e os Amores forão de ordinario as occupações do seu pincel risonho, e gracioso. He porém algum tanto digno de crítica, por ter muitas vezes repetido os mesmos assumptos com alguma frieza, e pouca correcção. Cignani, e Pedro Francisco Mola forão seus discipulos. Em Roma existem suas pinturas; em a Igreja da Paz, o fundo, e angulos da abobada do altar mór a fresco; em S. Tiago dos Hespanhoes, algumas obras a fresco pintadas com Domenichino na primeira capella á mão esquerda.

Domenichino.

Domingos Zampieri, Domenichino, Bolonhez, discipulo de Caracci, teve por mortal inimigo Lanfranco, mas Albano pelo contrario se conservou sempre um fiel amigo. Não he possivel acharem-se composições melhores que as suas; o seu desenho he delicadissimo, as aptitudes das figuras, as fysionomias são simplices, e cheias de variedade, mas um pouco duro, e falto de viveza parecerá a alguem o seu pincel. No pintar a fresco foi excellente. Antonio Barbalonga Messinense, e André Camassei de Bevania forão seus discipulos. Em Roma existem suas pinturas; em S. Pedro, um S. Sebastião (veja-se Exame Analytico); em Santo Onofre, algumas pinturas a fresco no portico exterior; em Santa Maria em Transtivere, uma Assumpção no tecto da Igreja (veja-se Exame Analytico); em S. Carlos a Cattenari, os quatro angulos da cupula; em S. Petronio, o quadro do altar mór; em S. Gregorio, uma Flagellação (veja-se Exame Analytico); em Santo André della

Valle, a Tribuna, e os angulos da cupula; em S. Luiz dos Francezes na capella de Santa Cecilia, as pinturas a fresco; em S. Silvestre no monte cavallo, os angulos da cupula; em a Victoria, um quadro de N. Senhora, que entrega o Menino a S. Francisco, e os dois lateraes; aos Capuchinhos ao lado do altar mór, um S. Francisco em extasi sustentado por um Anjo; em S. Jeronymo da Caridade, o Santo deste nome (veja-se Exame Analytico); em S. Tiago dos Hespanhoes na primeira capella á mão esquerda, algumas historias a fresco, pintadas juntamente com Albano.

Lanfranco.

João Lanfranco, natural de Parma, foi discipulo de Caracci; grande luxo se observa nas suas composições, desembaraço, e facilidade no executar, as roupagens são de muito bom gosto, nos gruppos teve boa distribuição; mas o seu colorido he fusco, e tira a negro, e a encarnação algumas vezes se mostra ordinaria. Este grande homem floresceo com maior merecimento no pintar a fresco, que a oleo, e especialmente no genero de pintar cupulas foi dos mais excellentes. Mathias Pretti dito o Calabrez, e Jacintho Brandi forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; em S. Pedro, a Barquinha; em Santa Martha detraz do Vaticano, o quadro de S. Tiago, com S. Antão Abbade, e o de Santa Ursula; em S. Carlos a Cattenari, a Annunciação, e a tribuna a fresco no altar mór; em Santo André della Valle, um S. André Avelino, e a cupula (veja-se Exame Analytico); em Santa Luzia a Santa com o algoz; em os Capuchinhos, o quadro do altar mór, e o do Nascimento de Jesu Christo; em S. José ao fim das casas, a Virgem Maria, que dá um collar a Santa Teresa; em Santo Agostinho, diversas

historias a fresco na capella de S. Guilherme, e S. Agostinho; em Jesus Maria ao Corso, um quadro na Sacristia.

Seculo XVII.

Grimaldi.

João Francisco Grimaldi, o Bolonhez, foi discipulo de Annibal Caracci, e seu parente. Este egregio artista pintava perfeitamente as paizagens, cujas situações são escolhidas com muita facilidade, e he admiravel a folhagem. Tinha um pincel fecundo, e um colorido suave, e cheio de harmonia; porém melhor seria que tivesse um tom menos verde. Em Roma existem suas pinturas; aos Cruciferos, pequenas obras pintadas a oleo defronte do altar do Crucifixo; em Santa Maria, in Publicoli, um S. Francisco copiado do original de um de Caracci, e os dois retratos em os depositos; em Santa Maria del Anima na segunda capella á mão direita, as pinturas da parte de cima; em S. Marcos, a Natividade da SS. Virgem.

Brandi.

Jacintho Brandi, natural de Poli, visinho a Roma, discipulo de Lanfranco, teve imaginação viva, bella disposição, e toque feliz; mas depois abandonando a primeira maneira para imitar a graça de Guido, deo em um colorido debil, e em alguma incorrecção de desenho. Alexandre Vazelli, Felis Ottimi, e Carlos Lamparelli forão seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; em as Chagas, o quadro da primeira capella á mão esquerda; em S. Lourenço em Burgo, o quadro da ultima capella da parte esquerda; em Santa Maria em Transtivere, o quadro da capella proxima á porta lateral;

em S. Carlos a Cattenari, um S. Braz; aos Santos Anjos Custodios, o quadro do altar mór; em S. Silvestre in capite, a abobada; em Santa Maria Magdalena ao Corso, um Senhor Crucificado, e uma Santa Luzia; em S. Carlos ao Corso, os Anjos da cupula, a tribuna, e a abobada; em Jesus e Maria ao Corso, o quadro do altar mór, com as pinturas de cima, e o quadro de S. José, e N. Senhora; em S. Roque, o quadro do altar mór; em Santo Agostinho, o quadro da quarta capella da parte esquerda, e o de S. Rita; em Santa Maria in via Lata, os artezões do tecto, e o quadro do primeiro altar á direita.

Cignani.

Carlos Cignani, Bolonhez, foi discipulo de Francisco Albano, que alguma vez o empregou a pintar nos seus quadros. O seu desenho he correcto, gracioso o colorido, ellegante na composição, bom gosto de roupagens, exprimia com verdade as paixões da alma, mas os seus quadros são muito acabados, e porisso carecem de fogo, e de espirito. Fernando Bibbiena, Ventura Lamberti, dito o Bolonhez, Carlos Ricci, José Maria Crespi, Luiz Quaini, e Marco Antonio Fransceschini, grande imitador de seu mestre, todos estes forão seus alumnos.

Seculo XVIII.

Benefiale.

Marcos Benefiale, do Estado Pontificio, foi discipulo de Ventura Lamberti, que saîo da escola de Carlos Cignani. O desenhar deste grande homem foi o mais correcto; as suas composições energicas, expressões nobres em as figuras, e um pincel fecundo.

Este Pintor famoso poderia ter vivido em mais reputação entre os seus, e maior oppulencia se o não tivesse prejudicado a sua maledicencia. Marcos Caprinozzi, e João Baptista Bonfreni forão os seus alumnos. Em Roma existem suas pinturas; em as Chagas, uma Flagellação; em Aracœli, na capella de Santa Margarida de Cortona, os dois quadros lateraes; em S. João e Paulo, o quadro da quarta capella á mão direita; em os Trinos á estrada Condotti, o quadro da primeira capella da parte esquerda; em S. Lourenço in Lucina, o quadro da ultima capella á mão esquerda; em S. João Laterano na nave do meio, o Profeta Jonas.

ARTIGO QUARTO.

Exame Analytico, dos quadros mais celebres das Igrejas, e das mais famosas pinturas a fresco dos palacios de Roma.

Verdadeiramente (diz o anonymo Author do Livro intitulado Arte de vêr) *Roma se celebra como deposito das bellas Artes! he comparativamente, ou por prejuizo?* Todas as mais estupendas pinturas de Rafael, as mais célebres esculturas acabadas pelo habil cinzel de Michael Angelo, em summa as coisas mais notaveis de Roma fazem áquelle pobre Cavalheiro melancholia: mas de nenhuma sorte cause assombro este seu particular juizo. Sabemos por Suetonio, que Asinio Polio tambem desdenhava das obras mais insignes dos Escritores Romanos. Os Commentarios de Cesar erão para elle escritos com negligencia, e pouco

veridicos : Sallustio era um affectado assoalhador de palavras velhas , e rançosas : Tito Livio um historiador insipido : e o mesmo Cicero não escapou ao açoute daquelle prezumido motejador. Eu creio, que Polio se deixou levar mais pelo seu depravado gosto, que por inveja , ou maledicencia. Por falta de bom gosto ha entre nós , quem intentando resuscitar a memoria de Achillini , e Preti , bemcomo todos aquelles frios conceituistas do seculo passado atrevidamente despreze a veneranda authoridade de Dante, e de Petrarca.

O gosto traz a sua origem da alma, nem todas as almas tem a mesma sensibilidade para o que he bello, e bom. Se a alma daquelle anonymo Author, porque de facto carece da necessaria sensibilidade, se enche de melancholia ao vêr as mais bellas producções da Arte , que existem em Roma , merece piedade, mas não que se lhe perdoe. A clara sombra de Mengs contra ti , mesquinho Escritor, alçando do sepulchro seu rosto ameaçador te reprehende , e com toda a razão te rennuncia por seu panegyrista. E com acerto naquelle teu Livro julgas Mengs como discernidor o mais fino no genero de bellas Artes, por pintor sobre cujas pizadas se póde caminhar á perfeição da Arte ; e depois vais cégamente contrariar-lhe seus mesmos principios. Protestas que as coisas mais decantadas de Roma no genero de bellas Artes te fazem melancholia ; e Mengs nas suas varias obras impressas exalta Roma como centro das maiores preciosidades dos antigos , e modernos Artistas. Mofas das pinturas de Rafael , porque nada dizem ; e no juizo do mesmo Mengs , as suas obras são cheias de gosto expressivo. Escarneces o cavallo de Marco Aurelio , e com uma comparação algum tanto licenciosa zombas da aptitude do Cavalleiro ; e Mengs na sua carta a Mr. Falconet diz : = O cavallo de Mar-

co Aurelio encanta, porque tem uma certa expressão de animado... Pelo que diz respeito ao Cavalleiro, elle com ar de bondade estende a dextera em signal de paz aos povos. =

Seja consagrada esta pequena digressão á doce memoria de tão famosos artistas injustamente ultrajados. Qualquer pois que seja aquelle anonymo Author, lhe peço queira tolerar alguma acrimonia aos ternos sentimentos, que nutro pelo amor da patria, e me permitta que com toda a ingenuidade possa assegura-lo, que, apezar da sua negra melancholia, Roma será sempre olhada com admiração por todos, que tiverem delicado gosto nas artes de desenho. Só o Templo de São Pedro em Vaticano bastaria a grangear-lhe o primeiro lugar entre as Cidades as mais augustas, e interessantes. Poronde não he de espanto o vermos continuadamente entre nós virem de regiões remotissimas mancebos estudiosos, para imitarem a belleza do antigo, e do moderno = *c'est un noble hommage* (convêm nisto o mesmo Mr. de Voltaire) *que rend a Rome ancienne, e moderne le dezir de l'imiter.* =

Agora examinaremos as mais célebres pinturas, que fórmão certamente uma parte das preciosidades de Roma. Onde os defeitos admittirem alguma indulgencia ou dissimulação, adoptaremos com todo o prazer o sentimento de José Reynols, que diz, que os erros dos grandes artistas devem antes desculpar-se, que engrandecer-se por malignidade. Mas assimcomo sabemos tambem, que o advertir ou contar ingenuamente os enganos dos outros abrevia o caminho que nos conduz á verdade; despido todavia do amor patriotico me absterei outrosim de occultar a verdade ao amante da Arte, que instruido já dos *Caracteres distinctivos das diversas escolas*, etc. poderá assim mais commodamente pôr em prática as *Regras da Pin-*

tura já expostas, bemcomo as *Reflexões sobre a Arte Critico-Pictorica.*

Igreja de S. Pedro no Vaticano.

A Barquinha de Giotto, collocada sobre a porta grande da parte de dentro. = Ha hoje mais de 500 e tantos annos, que existe este antigo monumento, donde podemos ajuizar, qual tenha sido a Arte da Pintura naquelles tempos. O assumpto he a barca agitada pelos ventos contrarios, e S. Pedro animado de uma viva fé caminha sobre as ondas do mar para aproximar-se a seu divino mestre. He algum tanto bizarra a idéa de ter figurado aquelles dois espiritos infernaes que dos lados soprão desenfreados ventos: assimcomo he inverosimil, que aquelle pescador assentado sobre um penhasco continue a pescar socegadamente ao horrivel aspecto de uma tempestade tão medonha. Todavia esta figura he certamente a mais bem desempenhada de todo este quadro. Se pois o amante da Arte desejar saber, quem sejão aquelles venerandos velhos, que se vem em cima na gloria, poderá recorrer a algum prompto antiquario. Os Patriarchas da lei antiga estavão ainda clausurados no limbo.

A Santa Petronilla de Guercino. = A Santa está representada já morta, e no mesmo tempo quea descem á sepultura. Em cima porém está Christo recebendo a alma desta bemaventurada creatura, pintada com um semblante o mais alegre, e amavel; he este um quadro assás estimado, tanto pela invenção, como pelo todo, e pelo colorido; não obstante haverá, a quem não agrade aquelle negro, e ar lugubre, que domina por todo elle, *trahit sua quemque voluptas.* Ludovico Caracci porém vendo o pintar deste grande artista, não pode deixar de escrever

em uma sua carta : „ Aqui ha um mancebo natural „ de Cento, que pinta com summa facilidade de in- „ venção. He um desenhador famoso, felicissimo co- „ lorista, um monstro da natureza, e um milagre „ que faz aturdir a quem vê as suas obras.

Os Santos Processo, e Martiniano de Valentim. = He este um dos bons quadros, que adornão esta Bazilica, e tanto mais deve ser observado pelo amador da Arte, poisque vemos nelle um pintor Francez despido com effeito dos perjuizos da sua escola. Parece uma pintura animada pelo pincel de Caravaggio, ao qual chegou a imitar no colorido, e a exceder no desenho. Não podia certamente introduzir-se no rosto daquelle Santo Martyr uma constancia mais firme, e verdadeiramente heroica!

O S. Sebastião de Domenichino. = As aptitudes das figuras são expressivas, e convenientes; a composição he grandiosa, a figura do Santo especialmente he muito bem pensada, e de uma bella fysionomia. Só poderia notar-se-lhe a falta de perspectiva, pela razão de que toda a acção parece estar mettida por força em a superficie do quadro.

O milagre de S. Gregorio Papa de André Sacchi. = Representa quando o Santo Pontifice para confundir um incredulo lhe mostra o sangue, que sahia daquelle panno de linho que tinha sido tocado no corpo de S. Pedro; ou (como outros pertendem) lhe mostra o corporal ensanguentado da hostia consagrada. Mas seja qual for o milagre, não póde negarse, que este quadro he primorosamente colorido, e bem pensado. A figura porém do incredulo parece algum tanto forte.

A Transfiguração, o S. Jeronymo, e o S. Miguel adiante os examinaremos nas respectivas Igrejas, onde existem os originaes. Nesta mesma Basilica se vem outras mais pinturas de famosos artistas, como

de Lanfranco, a barquinha; de Valentim, a cahida de Simão Mago; o S. Bazilio, de Subleyras; o Santo Erasmo, de Poussin, etc. Será bem, que o amador da Arte as observe; porém nós assim mesmo as analyzaremos, por não deteriorarmos o nosso assumpto.

Igreja da Trindade dos Montes.

O descendimento da cruz. = Este quadro he pintado por Daniel de Volterra, e mui nomeado, suppondo-se que o desenho tenha sido feito por Michael Angelo seu mestre. O colorido seria talvez em outros tempos menos negro e de melhor effeito, e porisso a composição tambem mais harmoniosa. Mas não vejo poronde escusar a incoherencia, que certamente se descobre nas aptitudes, e nas expressões. O sentimento de dôr não he o mesmo em todas as figuras; cada uma costuma mostra-la segundo o proprio caracter. Aqui pois nos apresenta o Pintor a SS. Virgem, não já qual matrona forte que resignada com a vontade divina desafoga a humanidade por meio de tardas, e espaçosas lagrimas; mas desmaiada como uma mulher ordinaria se vê em uma aptitude pouco digna do seu caracter. Em S. João pelo contrario não se descobre no seu semblante commoção alguma, e só está attento em descer da cruz o corpo do Salvador; e aquelle, que está occupado em tirar um prego, tem uma positura totalmente falsa. Em quanto porém ao desenho em geral he correctissimo; bem como mui expressivo o gruppo das mulheres.

Igreja de S. Romualdo.

O S. Romualdo. = Este quadro de André Sacchi, que representa o Fundador da Ordem dos Camaldolenses, he um dos mais bellos de Roma. A scena he

dentro de um valle, entre os Montes Apeninos, onde S. Romualdo inflammado de um zelo ardente por fazer proselytos teve uma apparição, em que vio certos homens vestidos de branco, dos quaes um após outro subia por uma escada da terra para o ceo. A' primeira vista se apresenta a imagem a mais deleitavel da vida solitaria, onde tudo he tranquillo. A mesma igualdade dos vestidos, tanto na fórma, quanto na côr contribue não pouco a fazer ver um estado de quietação, e de delicia.

O Santo está sentado á sombra de uma copada arvore, que faz um optimo effeito nesta scena campestre. Os seus cinco discipulos estão sentados diante delle, e põem toda a sua attenção ao discurso que versa sobre a visão que teve, cuja representação lhes indica com o dedo. Esta visão fórma no quadro a mais bella Poezia fanthastica, e postoque não seja uma invenção do pintor, todavia he pintada com tanta Arte, que bem se póde chamar sua. O progresso das sombras dos Santos Camaldolenses, das quaes as primeiras parece, que se perdem entre as nuvens á medida que se vão pondo em distancia, fornece um vasto campo á imaginação, e enche o assumpto de uma solemnidade vistosa, e de um respeito religioso. Em uma palavra toda a expressão deste quadro tão excellente, e tão simples no assumpto dá á alma, mais que á vista, um tal prazer, que parece ver-se o paraizo naquelle valle eremitico.

Igreja dos Capuchinhos.

O S. Miguel. = Este quadro póde dizer-se a melhor obra de Guido Reni, e bem merecia que elle o pintasse (como fez) em tafetá, paraque não fosse tão sugeito a dilacerar-se. O dragão infernal não parece, que tenha a idéa conveniente ao assumpto; elle

he na realidade insipido; devia dar-lhe um aspecto mais orgulhoso, e de maior effeito. O Archanjo he da ultima belleza, tem toda a graça de um espirito celeste, he desenhado com toda a exactidão, bemcomo as côres são verdadeiramente angelicas. Richardson porém lhe deseja um caracter mais grandioso, como aquelle que representa o capitão da esquadra celeste, e principalmente no acto em que com o pé vencedor esmaga a cabeça do debelado inimigo. Aquelles porém que o tem copiado assegurão, que ha nos olhos uma tal valentia, e authoridade, que exprime admiravelmente a acção imperiosa, em que se acha.

Igreja de S. Jeronymo da Caridade.

A Communhão de S. Jeronymo de Domenichino. = Um quadro de igual assumpto se vê tambem na Igreja dos Certozinos de Bolonha, pintado por Agostinho Caracci; e assimcomo atégora tem sido diversos os pareceres dos intelligentes a respeito da primazia destes dois famosos quadros, não será fóra de proposito, o fazermos um crítico parallelo.

Agostinho Caracci foi o primeiro a apoderar-se deste objecto, e por elle tinha já recebido um grande applauso; Domenichino porém logo teve a desvantagem de dever seguir uma idéa que seu competidor tinha regeitado, ou mostrar-se um copista. Não se nega, que podia tomar o mesmo pensamento no geral, mudar as circumstancias, e as expressões; mas para fazer isto depoisque Domenichino já tinha a sua mente cheia do quadro de Agostinho, era necessario que possuisse uma imaginação mais fecunda e mais prompta, que a do seu illustre rival.

O Santo, e o Sacerdote vem-se em ambos os quadros na mesma positura geral; mas como são differentes as particularidades, ha entre elles uma mu-

dança consideravel. No de Agostinho, o S. Jeronymo está com as mãos encruzadas sobre o peito, e com a mais devota súpplica de humildade no acto de receber a hostia consagrada das mãos do sacerdote, que attento espera o momento de lha communicar. O Santo faz os seus ultimos esforços para levantar-se, e tem os olhos fictos em o Sacramento com tanto zelo, e ardor que occupa todo o espirito de quem admira aquelle quadro. Esta he na verdade a grande circumstancia, que fórma o assumpto da obra. Naquelle pois de Domenichino parece, que o S. Jeronymo está para dar alma a Deos, e que apenas se recorda do que alli se trata; tão grande he o desfalecimento, que se vê em todo o corpo! os braços cahidos, e pendentes, os dedos já interiçados, e separados, os olhos encovados, a palidez da morte tudo indica absolutamente, que o Santo espira antes de receber o Sacramento. A expressão seria mais adequada, se imaginar pudessemos, que já tinha o Santo recebido o sagrado viatico. No quadro de Domenichino todas as figuras ou chorão, ou mostrão sentimento pelo Santo moribundo, sem em nada attenderem ao Sacramento, que he o objecto principal; pelo contrario no de Agostinho, a devoção he o caracter perdominante. Domenichino por não ser reputado um copista, deixou este ponto de vista ao seu competidor; todas as suas idéas se encaminhárão sómente ao fim da compaixão, que naturalmente he innegavel, se apodera da alma dos circumstantes ao verem um enfermo agonisante. Mas nesta fórma o seu quadro não nos representa outra coisa mais, que agonia de S. Jeronymo, e não a communhão. Agostinho porém faltou em quanto ao costume; poisque muitas vezes a falta de reflexão faz, com que o sacerdote ministre o Sacramento com a mão esquerda. Seja porém qualquer que for este defeito, não descoberto ainda por outros escripto-

res, he certo, que ambos estes quadros são igualmente excellentes, logoque se dê por objecto principal, em um a Agonia, em outro a Communhão de S. Jeronymo.

Igreja de Santa Maria Transtivere.

A Assumpção da SS. Virgem de Domenichino. = Este he um dos mais bellos quadros, que fez em Roma. O brilhante resplandor da gloria que cerca a Senhora, a sua presença magestosa, o seu jubilo, e a promptidão dos Anjos em servi-la arrebatão a imaginação. Este quadro pintado em cobre foi posto no meio da talha dourada; e por quanto nenhum outro objecto diverte a attenção do espectador, parece que se está vendo a Beatissima Virgem, que pouco a pouco vai subindo ao alto, e que se vai a summir naquelle bello Ceo de gloria, que a cerca.

Igreja de S. Pedro em Montorio.

A Transfiguração, pintura de Rafael. = Este, sem a menor dúvida, entre os quadros de grande machina de cavallete, póde chamar-se o primeiro quadro de quantos existem no mundo. Aquelle resplandor nobre, que cerca a figura principal, e se espalha por todas as outras da parte superior do quadro, assimcomo tambem a luz da parte inferior he disposta tão judiciosamente, que não obstante a multiplicidade das figuras recebe a vista um bello repouso. He pena, que todas as sombras se tenhão tornado igualmente negras: na sua primitiva, antesque aquelles escuros mudassem, que famosa variedade, e degradação de tintas deveria ter! Não podem ver-se contornos mais fluidos, e elegantes, gosto de desenho mais delicado, e fysionomias mais sublimes, e expressivas.

Os cabellos parecem um pouco atormentados, bemcomo as outras partes são executadas segundo o uso daquelles tempos á ponta do pincel; porém isto menos escrupulosamente, que em outros quadros pequenos deste Pintor sublime.

O assumpto do quadro he um dos mais magnificos, que póde occupar o espirito do homem; he certamente superior a todos quantos os antigos puderão imaginar. Elles não tinhão uma idéa tão nobre da Divindade, e a nossa Religião he infinitamente muito mais sublime que a sua. Alli se nos representa a Transfiguração de Jesu Christo sobre o Thabor; he innegavel que esta seja a acção principal, e porisso precisamente se rende vencido o meu Rafael a uma objeção crítica de que em vão tentarei defende-lo. Peloque não sómente áquelle objecto principal se lhe associa outro facto historico, cuja figura representa tambem de objecto principal; mas além disso um facto historico acontecido em tempo diverso. S. Lucas nos assegura, que no dia seguinte á Transfiguração ao tempo, que Christo descia do Thabor, vio que o povo tinha feito vir um mancebo Energumeno, paraque os seus discipulos o livrassem. Desta falta poderia defender-se, com a supposição de que o Energumeno tivesse sido alli trazido no mesmo tempo, em que Christo se transfigurava sobre o monte, uma vez que o Texto de S. Lucas não obsta a tal interpretação, nem dos outros Evangelistas se póde colligir o preciso instante, em que estes dois factos acontecêrão. Mas da outra parte não vejo, poronde possa desculpa-lo, quando he criticado de haver inserido em hum só quadro duas historias, que sebem acontecêrão contemporaneamente, não tem entre si connexão alguma. De uma dellas vimos no conhecimento da declaração, que o Padre Eterno quer fazer da Divindade, e da Missão de seu

Filho; e da outra do poder de Christo sobre os espiritos Infernaes, que elle já tinha communicado aos seus discipulos.

He verdade, que o Pintor quiz mostrar o facto, no representar os discipulos apostando com o dedo para o alto da montanha; mas isto não podia contemplar senão a Pessoa de Jesu Christo; e de nenhuma sorte aquelle portentoso acontecimento, que elles ainda com effeito ignoravão. Rafael sem dúvida foi aquelle, que na Pintura possuio mais partes em gráo maior que nenhum outro; elle tem sido, e será sempre o meu perdileto Pintor; mas isto não faz, paraque a paixão, e o espirito do partido deva guiar a minha penna. Emtanto no todo deste famoso quadro, relativamente á sua invenção, e ao executado, Rafael errou; mas este erro he de tal natureza que os olhos ficão contentissimos. Praza aos Ceos, que em nossos dias pudesse achar-se um quadro semilhante de algum Pintor moderno! Porém eis-aqui uma Analyze mais exacta.

Jáque são dois os objectos, examinemos primeiramente a Transfiguração, que occupa a parte superior. Diz a Sagrada Escriptura „ que Jesu Christo tomou a Pedro, Tiago, e João seu Irmão, „ e os conduzio ao cume de um alto monte; alli „ á sua vista se transfigurou, resplandecendo a sua „ face como o Sol, e os seus vestidos parecendo „ brancos como a Luz; e eisque Moyses, e Elias „ se vírão fallar com elle. Então disse Pedro, ó „ Mestre seria bom que ficassemos aqui: façamos „ tres Tabernaculos, um para ti, um para Moyses, „ e outro para Elias. Em quanto assim fallava, desceo uma nuvem resplandecente, que os assombrou, „ da qual sahio uma voz que dizia = Este he o meu „ filho dilecto, olhai, ouvi-o. = Os Apostolos ao „ som desta voz cahírão com a face por terra. „ Ve-

jamos agora quaes forão as circumstancias, de que Rafael se quiz servir, e a razão, por que tomou umas, e banio outras; tudo isto pertence á Invenção. O instante da representação que elle escolheo, foi aquelle immediatamente, depoisque a voz sahio da nuvem, segundo se nos mostra da cahida dos Apostolos por terra. E na verdade com muito juizo se vem mudadas as aptitudes destas tres figuras; poisque he certo, que a Escriptura diz; que todos os tres igualmente cahírão com a face por terra: mas como uma tal monotonia de acções não poderia fazer bom effeito; porisso tomou a liberdade, sem alterar a verdade do facto historico, de os pôr cahidos por terra, mas em diversas aptitudes, que formão um bellissimo gruppo. Ora vejamos o sabio criterio deste egregio Pintor, no assignar a cada um o seu lugar conveniente. S. Pedro está no meio, como Principe dos Apostolos; mas sempre o faz ver um pouco de perfil: S. João, como discipulo o mais amado de Christo está mais em perspectiva; e S. Tiago para mostrar a sua humildade, e devoção está collocado da parte de trás de S. Pedro, e sobre elle se vê espalhada uma sombra maior.

A mesma Escriptura Santa nos representa Moyses, e Elias fallando com Christo no tempo da sua Transfiguração; mas depois da circumstancia da voz do Padre Eterno deveria naturalmente mudar-se esta imagem de familiaridade; e eis a razão, por que Rafael pintou com o mais puro discernimento aquelles dois Profetas como pasmados tambem daquella solemne demonstração do Eterno Padre, e não mais fallando; mas os representa no acto de adoração ao Divino Filho, que ainda se vê cercado de gloria. Poucos Leitores da Sagrada Escriptura poderião conceber uma idéa tão sublime, e tão justa. Que poezia! Que admiravel invenção o figurar aquelles dois Profetas, com Jesu Christo suspensos no ar; este por-

que he o Filho de Deos, e aquelles porque são Entes superiores ao resto dos mortaes! Porém mais proximos á terra, que Christo, como mais digno, em maior elevação, e com os braços levantados na acção de dar graças ao Eterno Pai da nova declaração em seu favor. Mas por que motivo, dirá alguem, se vem alli tambem no alto da montanha Santo Estevão, e S. Lourenço como escondidos entre as arvores? Eu por mim confesso que não sei; vejo que são innuteis, e que fazem um máo effeito. Talvez o Pintor seria obrigado a executar as ordens de Julio de Medicis, para quem foi pintado aquelle quadro; misera condição bem usual nos Artistas deverem absolutamente servir ao capricho dos Grandes!

Agora examinemos a parte inferior, que representa o mancebo Energumeno, que por seu pai he trazido aos discipulos de Christo, paraque o curem. O momento da representação deste facto, que Rafael escolheo, foi quando aquella infeliz creatura se achava na maior agitação do mal, que porisso á sua miseravel vista todos os Apostolos estão em grande consternação, e duvidosos do seu poder, por cujo motivo forão depois reprehendidos de faltos de Fé pelo Salvador. Aquelle que está assentado no principio do quadro com um livro, parece que tem o seu espirito todo occupado, e surprehendido; o levantar da mão aberta exprime optimamente o seu caracter. O discipulo que está da parte de cima, mas visinho a elle parece que diz: Nós duvidamos do nosso poder, está muito possesso dos espiritos malignos; o nosso Mestre está em cima no monte, quando vier o livrará. Para exprimir isto aponta com a mão para o alto. Parece que o terceiro discipulo, que está igualmente com a mão levantada diz o mesmo que aquelles dois, que lhe estão por cima, e que mostrão tambem a sua consternação, e insufficiencia; uma igual expressão

em differentes aptitudes se vê nos outros discipulos. Os espectadores juntamente com o pai do Obssesso implorão com o maior fervor, e parece que não sabem capacitar-se da falta do poder daquelles, que já tem feito tantos milagres. O discipulo, que se vê por cima daquelles mencionados, que mostra o Energumeno a um companheiro, que lhe está vesinho, parece narrar o acontecimento áquelle ultimo discipulo, o qual indica ter chegado naquelle instante, e porisso curioso procura saber do facto, semque se lhe diviz em o rosto commoção alguma. Este he nada menos que o falso Judas, a quem bem compete o caracter de um coração frio, e inteiramente despojado de sensibilidade. O todo finalmente he exprimido com bellas fysionomias, com aptitudes as mais convenientes, e tão intelligiveis, que sem equivocação alguma claramente se comprehende, quanto o Pintor tenha querido dizer-nos. Com que elegancia, e energia não historiou elle este quadro! Com que prudencia não ajuntou de sua idéa! Mais natural não podia ser, nem mais verosimil. Só este quadro he bastante a mostrar-nos o ingenho animado de Rafael, e a vastidão das suas delicadas, e sublimes idéas.

Igreja de S. André de la Valle.

A Cupula = Os quatro angulos della forão pintados por Domenichino, assimcomo tambem a Tribuna. O desenho he correctissimo; as aptitudes convenientes; e a viveza do colorido he tal, que ao entrar nesta Igreja ficão os olhos encantados, e experimentão um prazer grande. Lanfranco porém pintou a cupula, a qual vendo-se em distancia póde dizer-se a primeira, que haja no mundo no genero de Pintura a fresco. Aquella de Parma, pintada por Correggio he na verdade excellente pela invenção, e pelo colo-

rido, vista de perto como um quadro; mas se se vê em distancia, e naquelle ponto, em que se deve vêr uma cupula, não faz bom effeito. Pelo contrario Lanfranco para tirar este bello effeito no seu ponto de distancia, pintou segundo a Arte com toque cheio, e grosseiro, ou sem perfeição, e até se servio antes da esponja, em vez do pincel, dando ás figuras principaes a altura de trinta pés; porém ao verem-se na sua justa distancia, que bella harmonia de côres! Que bella disposição de gruppos! He um attractivo tão tocante, de que a vista não póde separar-se sem desgosto.

Igreja de S. Gregorio no monte Celio.

O Martyrio de Santo André Apostolo = Estes são dois quadros pintados a fresco sobre a parede defronte um do outro. Forão executados por emulação entre Guido Reni, e Domenichino; isto he, o Santo André posto de joelhos diante da Cruz, sobre que deve ser martyrisado, foi pintado por Guido; e o outro que representa a flagellação do Santo, foi pintado por Domenichino.

Nesta concurrencia tinha Guido a vantagem da maioridade sobre o seu rival, que não contava então mais que vinte e sete annos, quando aquelle tinha já quarenta. Mas por outra parte Domenichino tinha uma condição melhor em quanto ao assumpto, pois que a flagellação he mais propria para excitar paixão nos espectadores. Eu por mim não saberei julgar, qual das duas obras seja melhor; tanto uma, quanto outra tem qualidades excellentes. Porém naquelle tempo a primazia foi dada a Guido, talvez porque tinha maior conhecimento do mundo, e por consequencia maior numero de affeiçoados. Ao contrario Domenichino, homem affavel, e devoto, só cuidava de si

proprio, e porisso carecia de amigos, que lhe podessem espalhar seu nome. Mas parece, que a posteridade decidio a favor de Domenichino, seguindo antes o juizo de Annibal Caracci, que desde então até agora se declarou sempre em seu abono, do que o parecer de Algardi, que costumava dizer, que só a figura principal, e o bello paiz de Guido era mais apreciavel, que todo o quadro de Domenichino. Comoquerque seja, he certo, que em ambas estas excellentes obras se vê um desenho correctissimo, uma expressão natural, e aptitudes mui convenientes; mas talvez haja de temer-se, que as injurias do tempo devorador não as deixem gozar aos nossos vindouros.

Igreja de S. Agostinho.

O Profeta Isaias de Rafael = Vê-se posto este quadro sobre uma das pilastras na nave do meio: he sem dúvida excellente tanto na execução, como no colorido flórido, e no contorno grandioso, e nobre. Perguntado Michael Angelo da bondade desta pintura, bemque seu rival, não pode deixar de affirmar, que o preço que Rafael tinha pedido era apenas sufficiente a pagar um só joelho deste Profeta. Não sei donde tenha tirado Richardson uma tal anedocta: mas, se não he verdadeira, pelo menos he bem apropriada. Este quadro, conforme o que nos deixou escrito Jorge Vazari, foi acabado por Rafael antes que visse as obras de Michael Angelo; não sei porém, com que razão pertenda aquelle Escritor, que na ausencia deste se introduzisse na Capella Sixtina por meio de Bramante Architecto Pontificio, e alli fizesse depois muitas mudanças, e o reduzisse ao estado, em que hoje se vê. Mas passe por verdade tudo quanto elle diz; e não menos o que affirma Bento Varchi, e Ascanio Condivi, que muitas vezes o grande

Rafael dera graças a Deos, por ter nascido em os tempos de Michael Angelo; será sempre um raro exemplo da sua docilidade. Assim fosse docil o genio severo daquelloutro, que á vista das obras do seu illustre rival tivesse podido mitigar o seu terrivel estilo, e aquella musculatura gladiatoria!

Igreja de Santa Maria da Paz.

Os Profetas, e as Sibillas de Rafael. = Sobre o arco do primeiro altar á mão direita se vem dois Profetas com duas taboas na mão, nas quaes apparecem gravadas as suas Profecias sobre o Nascimento do Redemptor. Por cima destes se avistão as Sibillas, que se pertende, terem vaticinado a vinda do Messias, sebem nos nossos dias se reputão apocryfos taes vaticinios. Estes admiraveis monumentos de Pintura são todos a fresco, mas assás damnificados pelo tempo, e talvez tambem pela incuria. A composição em geral he de estilo grandioso; mas as fysionomias, e os contornos dão muito na sua segunda maneira Florentina por uma certa sequidão algum tanto recortada. Peloque o meu juizo he, que estas sejão das primeiras coisas, que Rafael pintasse em Roma, depoisque veio de Florença.

A Virgem na Apresentação ao Templo de Balthazar Peruzzi. = Está collocado este quadro no alto sobre o arco da capella proxima ao altar mór. O tempo, que tudo consome, não perdoou a este bello quadro, mas do pouco, que nos resta illezo, facilmente se descobre a preciosidade de tão estimavel monumento da escola Senense. Aquelle velho, que faz a esmola, e o homem, que desce do cavallo, estão nas aptitudes as mais naturaes, e as mais bem desenhadas: a perspectiva lineal não póde ser melhor distribuida; nem as fabricas as mais bem enten-

didas poderião melhor provar-nos o engenho architetonico de Peruzzi. Este grande homem pintou tambem o técto da capella defronte dos mencionados Profetas de Rafael, e por aquelle pouco, que póde distinguir-se, deveria ser uma obra excellente. O bello quadro de Carlos Maratta, que representa a Visitação de Santa Izabel, merece tambem a observação dos amadores da Arte.

Igreja de S. João de Laterão.

A Annunciação que se crê de Michael Angelo Buonaroti. = Na sachristia da Bazilica Lateranense se conserva este famoso quadro. A Virgem parece tão sobresaltada ao Annuncio do Anjo, que retrocedendo um passo encontra uma especie de altar, que lhe serve de apoio para não cahir: em cima se vê o Espirito Santo cercado de uma gloria resplandecente, que desce sobre a Virgem. O colorido he mui bom, que porisso tem havido sempre quem duvidasse, que seja de Buonaroti, não obstante a affirmativa de Titi, e outros Escriptores das Pinturas de Roma. Vasi pois decide com toda a franqueza, que se não foi pintado por Buonaroti, certamente elle o desenhou. Vazari porém, que viveo por aquelles tempos, assevera tom. 3.° pag. 855, que este quadro foi pintado por Marcello de Mantua, isto he Marcello Venusti Mantuano discipulo de Pierin del Vaga. E na verdade vê-se neste quadro muito do estilo de Rafael; mas nenhuma só coisa se encontra do colorido, nem do valente desenho de Michael Angelo.

Palacio Vaticano.

As Lojas ditas de Rafael. = A primeira historia representa o Padre Eterno na acção de separar os

elementos. O enthusiasmo he verdadeiramente poetico; está representado sobre aquelle immenso cháos, e com as pernas estendidas, e com os poderosos braços desenvolve os quatro elementos, e parece que quasi os colloca nos seus competentes postos. A penna de Homero não podia certamente dar-nos uma descripção mais grandiosa, e energica! Annibal Caracci perguntado, quem tinha sido o maior Poeta, com razão respondeo: O maior Poeta para mim foi Rafael.

As outras tres figuras de Deos Padre, que se vem na mesma arcada, forão pintadas por Julio Romano, sobre o desenho de seu mestre. Todas tres são nobremente imaginadas; e com especialidade aquella de quando cria o Sol, e a Lua, e a outra que indica quando, *Spiritus Domini ferebatur super aquas.*

A Formação de Adão, Adão cultivando a terra, Jacob junto da fonte, a Escada de Jacob, o Baptismo de Jesu Christo, e a Cea, julga-se, forão pintados pelo mesmo pincel daquelle grande Professor. As outras historias forão executadas pelos seus melhores discipulos. Examinemos as mais excellentes.

João Francisco Penni, denominado o Fattore pintou:

1.° Loth fugindo de Sodoma. = Neste quadro brilha maravilhosa expressão. Parece, que anima as duas filhas, e as assegura de todo o susto, e as tem ambas apertadas pela mão, e como que as move, e violenta, paraque caminhem, e não voltem curiosamente os olhos á Cidade, envolvida já na Divina vingadora chamma.

2.° Jacob encontrando a Rachel no paiz de Arão. = Ella aperta a mão á irmã, e ambas duvidosas fixão os olhos em o incognito mancebo. O gruppo destas duas donzellas he verdadeiramente mimoso;

exprime ao mesmo tempo o receio, e curiosidade de saber, quem seja o Estrangeiro, que diante dellas se apresenta.

3.° Abimelech, e Abrahão, os quaes presenteandose um ao outro, se dão reciprocamente mutuas provas de uma sincera amizade. = Os caracteres de ambos elles são igualmente magestosos, e exprimem muito bem a sua sabedoria, e poder.

Julio Romano pintou:

1.° José explicando os sonhos a seus irmãos. = O gruppo especialmente daquelles tres, e a verdade, com que se exprime a attenção dos outros, he certamente magistral. O artificio dos dois pequenos círculos no Ceo, que explicão, ou denotão o sonho, parece um puro mechanismo.

2.° José vendido aos mercadores Ismaelitas. = A composição, bemcomo a expressão he primorosamente executada. O mercador, que conta as moedas, está bem attento a não se enganar, e o que as recebe, parece igualmente occupado a não ser enganado. Os outros irmãos, que estão de guarda a José, estão como os barbaros ao calabre, esperando o momento, que se acabe de contar a ultima moeda, para o entregarem aos compradores.

3.° José explicando os sonhos ao Rei Faraó. = O desasocego, que se descobre sobre aquelle semblante Real, e a franqueza, com que o mancebo Hebreo revéla os sonhos, formão dois bellissimos contrastes; e por si só bastavão a exprimir o assumpto sem ser preciso recorrer ao ordinario meio dos dois pequenos círculos no alto, nos quaes figurou os sonhos daquelle Rei do Egypto.

Pierin del Vaga pintou :

1.° A filha de Faraó livrando a Moyses das aguas. = A curiosidade feminil, e a sua compaixão não podião melhor exprimir-se no gesto, e nas expressões ternas do gruppo daquellas sete mulheres. Seria porém bom, que a figura principal não se confundisse com as outras ; o caracter de magestade Real deveria distinguir visivelmente a filha do Rei poderoso.

2.° Moyses, recebendo as Taboas da Lei. = A passagem, que fazem aquellas Taboas das mãos do Eterno Padre para as de Moyses he expressada optimamente. O gruppo dos Anjos parece ter alguma confusão; a figura porém de Moyses não podia imaginar-se melhor, nem melhor situar-se o acampamento dos Israelitas.

3.° Moyses despedaçando as Taboas da Lei. = A disposição principalmente de todo este quadro, póde dizer-se maravilhosa.

4.° Moyses entregando as Taboas aos Israelitas. = A expressão de alegria ao recebe-las não podia ser mais natural com os braços, que quasi se vem levantados igualmente parallelos.

5.° A passagem do Jordão. = A idéa he realmente poetica ; o rio Jordão figurado naquelle velho annoso retira as suas aguas como surprendido de pasmo, e veneração. A fórma simples da Arca, e a maneira de vestir, dos que a levão, he conforme ao costume. Nem podia fazer melhor effeito a situação de Josué, doque cheio de uma fé Santa invocando o Deos de Israel na passagem das suas tropas.

6.° A cahida das muralhas de Jericó. = Este quadro he copiado do antigo, isto he, do baixo relevo da columna Trajana. Os soldados formão o arie-

te (1), o que não concorda com a historia, porque as muralhas só ao som milagroso das trombetas se abalárão, e cahírão por terra.

7.° Josué fazendo parar o Sol. = A ordem com que está disposta a batalha he estupenda. Nos soldados reina a desordem principalmente naquelles que vão cedendo; mas os vencedores, que estão atrás, deverião mostrar algum tanto mais de movimento para exprimirem a sua marcha adiantada.

8.° A divisão da terra promettida. = O todo certamente produz um bello effeito; mas a aptitude do Rei he pouco nobre.

9.° David degolando o gigante Golias. = As tres, ou quatro figuras, que estão adiante compostas segundo o gosto antigo, são collocadas bellissimamente, e em uma positura tal, que não só ellas, mas todo o resto do exercito bem exprimem, que estão no maior calor da batalha.

10.° O tryunfo do Rei David depois da conquista da Syria. = Representa-se em um carro tryunfante, ao qual se vê maneatado um Rei captivo. A antiguidade não póde offerecer-nos pompa mais magestosa.

Pellegrin de Modena pintou:

1.° A sagração do Rei Salomão. = Sadoch sagrando o seu Rei mostra um magestoso caracter Sacerdotal; e as acclamações do povo não podem ser mais vivamente expremidas.

2.° A Rainha Saba offerecendo donativos a Salomão. = A Architectura, que serve de fundo a este quadro, produz bom effeito; e as partes, que fór-

---

(1) Machina da milicia antiga com que escalavão as muralhas.

mão o todo, são de uma composição bellissima. Seria para desejar na Rainha um ar mais magestoso, e mais demonstrativo do caracter Real.

3.° O juizo de Salomão. = O gruppo dos juizes está bem situado; mas o aspecto do Rei parece mui ordinario; e as figuras da verdadeira mãi, e do soldado, que está para executar a sentença sobre o innocente, estão verdadeiramente um pouco retiradas.

Na ultima arcada vem-se dous quadros pintados por mão de Rafael.

1.° O Baptismo de Christo. = A figura do Redemptor tem toda a bondade; nem são menos bem compostas as figuras dos que o seguem, e com especialidade do que está para lhe despir a camiza pela cabeça: os Anjos, que guardão os vestidos do Salvador, mostrão optimamente respeito, e veneração. Não se poderia introduzir em tal assumpto um episodio mais conveniente.

2.° A Cea do Salvador. = He este o quadro do colorido mais flórido destas Lojas. A conversação dos Apostolos he bem imaginada; e o contraste, que fórma a opposta positura daquelles dous diante de Christo, faz um bom effeito, e descobre o objecto principal: ao qual parece que falta aquelle ar de divindade, que mesmo ainda cá na terra deve ter o Filho de Deos.

Por João de Udino forão executados os grutescos. Rafaellin del Colle, Gaudencio, e Polidoro de Caravaggio pintárão o resto. Mas em tanto ou estas historias fossem executadas mais por um que por outro, o certo he que todas forão desenhadas pela mão de Rafael, e talvez que em alguma parte as retocasse todas elle mesmo.

Sallas de Rafael.

São varios os pareceres a respeito do primeiro quadro, que elle mesmo pintasse. Muitos tem querido dar a primazia, ao que representa a escola de Athenas. Mas assimcomo o quadro da disputa do SS. Sacramento tem mais que nenhum outro da escola de Pedro Perugino, pela maneira ainda algum tanto secca, e pelo ouro que pela norma da antiga escola se vê na gloria, e nos ornatos; parece mais provavel, que este fosse o primeiro. Deste pois começaremos o nosso exame; e parte por parte iremos analyzando os mais famosos.

1.º A disputa do SS. Sacramento. = A delicadeza da expressão deste quadro he maravilhosa. Não póde ser mais natural a aptitude de S. Agostinho que está dictando a um mancebo, que escreve com a maior verdade. As cabeças de S. Gregorio especialmente, de S. Ambrozio, de S. Agostinho, de S. Domingos, de S. Boaventura, e de S. Jeronymo, são bem variadas, e de um caracter admiravel. A composição da parte inferior he bellissima; porém não assim a gloria, na qual, tirada a figura do Salvador, domina algum tanto de gothico. O lugar da Scena he allegorico ao assumpto: he representada sobre os fundamentos de um Templo, de que se avista uma pequena parte já edificada. O prazer que Rafael sentia pela leitura da Comedia de Dante, o transportou a introduzir este Poeta das infernaes cavernas entre os grandes Theologos daquelle assumpto.

2.º A escola de Athenas. = Eisaqui uma obra de pintura verdadeiramente magnifica. He apreciavel pela sciencia, pela invenção, pela boa ordem, e pela perspectiva. Não póde negar-se, que algum tanto tem de secura; mas não ha uma obra mais capaz a dar

gloria ao seu author. Michael Angelo não tinha dado até então senão uma prova do fero, e do terrivel; e Leonardo da Vinci apenas algum retrato, e alguma pequena obra perfeitamente acabada: a escola de Athenas foi o primeiro modello de assumpto grande, e tratado por uma maneira nobre, e sábia. Todas as idéas alli são expressivas, e cada Filosofo pelo gesto, e predicados está optimamente caracterizado segundo sua escola. Não póde dar-se linguagem pictoresca mais expressiva; e comtudo ao anonymo Author da Arte de vêr parece (eu me admiro) que esta pintura nada exprime! Certamente a cabeça de páo feita por Alberto Magno dizia mais; ou articulava melhor as suas palavras o *Ver-Vert* de Mr. Gresset. A scena he representada em lugar ornado de bellissima Architectura, que não pouco se assemelha aos primeiros desenhos de Bramante, e de Michael Angelo feitos para a Bazilica Vaticana.

No meio desta bella scena vê-se Platão, e Aristoteles, que parecem questionar sobre algum ponto filosofico. Pelo contar dos dedos se distingue Socrates; está contemplando o seu Alcibiades, que verdadeiramente tem a figura de um moço o mais amavel, e gentil. Aqui Pythagoras; bem o symbolisão as tabellas, sobre que estão desenhadas as consonancias harmonicas; e aquelle menino coberto de um candido manto he Francisco Maria, Duque de Urbino, sobrinho do Papa Julio II.: costumada ceremonia authorizada pelo costume daquelles tempos. Diogenes está representado em um ar cynico, assentado no segundo degráo com um livro na mão, e junto delle se vê Archimedes que está descrevendo uma figura exagona: neste se annuncia a pessoa do Architecto Bramante, tio de Rafael, e naquelle menino, que põe um joelho em terra para vêr melhor a figura exagona, Fernando II. Duque de Mantua. Aquelloutro finalmente, que veste um man-

to recamado de ouro, tendo na mão um globo, e sobre a frente uma coroa radiante, he o Rei Zoroastro, junto do qual se vê com um ar meigo e um barrete preto na cabeça o nosso egregio Pintor, e pouco distante delle seu mestre Pedro Perugino. O melhor lugar porém foi dado a Platão, e Aristoteles; áquelle, porque talvez he mais conforme a sua doutrina com a Religião Christã, e a este, porque no tempo do Pintor estava a Filosofia Aristotelica no maior sequito. Agora nada mais resta a desejar, senão saber por que motivo o nosso Rafael excluio os Epicureos, e os Estoicos. Teria podido por ventura vingar, como depois fez com douta penna Pedro Gassendo, a falsa idéa popular, que então se tinha de Epicuro, figurando-o na imagem de um homem comedido que punha toda a sua felicidade nas virtudes moraes, e não já na figura de um glotão, e priguiçoso. Ou tambem para indicar-nos a Estoica seita, que bella figura não poderia elle fazer de Catão o velho, se no-lo representasse, como o descreve Lucano, no tempo em que Labieno o sollicitava para ouvir do Oraculo de Jove Ammon a sorte da Republica Romana?

3.° O Parnaso. = Neste quadro estão pintados os mais famosos Poetas Italianos, apár dos mais antigos, e caprichosos primazes da Poezia Grega, e Romana; e o Pintor tambem não deixou de se retratar junto de Virgilio, e de Homero. A figura do Apollo he talvez a menos bella: as tres Musas, que estão atrás, tem um elegante contorno; e Saffo especialmente, que se vê logo no principio da scena, he sem dúvida a figura a mais enérgica, e a cabeça a mais graciosa. O que a alguem porém não agrada, he aquelle meio ordinario de escrever o seu nome sobre o pequeno papel; bastava que lhe tivesse dado o caracter de uma amante exasperada de amor pelo ingrato Fauno. E tanto mais bem caracterizado

seria o Poeta de Venoza, se duas pombas Lesbias lhe cingissem a frente com coroa de murta, e louro; como elle cantou:

„ *Me fabulosæ Vulture in Appulo,*
„ *Altricis extra limen Apuliæ,*
„ *Ludo fatigatumque somno;*
„ *Fronde nova puerum palumbes*
„ *Texêre*

Aqui me parece a proposito dar um aviso ao estudioso amante d'Arte; que esteja de cautella, e não se fie de certos escriptores que ha de um estilo hyperbolico. Eis-aqui de mil um exemplo. Vazari (Parte 3.ª Vol. 1.º pag. 71) descrevendo o presente quadro diz. „ Na fachada... junto de Belvedere onde está „ o Parnaso... fez em roda daquelle monte uma ma- „ ta umbrosa de loureiros, nos quaes se conhece pela „ sua verdura quasi o menear das folhas por suaves „ virações; e nos ares uma infinidade de Amores „ nús com bellissimas fysionomias, os quaes colhem „ ramos de louro, e tecem grinaldas que lanção, e „ espalhão pelo monte. „ Esta mata umbrosa de loureiros não he outra coisa mais, doque tres mouchões pequenos de arvoresinhas, isto he, um em cada canto do quadro, e o terceiro no meio; em quanto aos Amores que se occultão por aquella mata umbrosa, são de tal natureza, que pelos ares não se vê um só. O pobre Vazari não tendo diante dos olhos o quadro quando o descrevia, nem podendo exactamente lembrar-se de todas suas partes, fiou-se de alguma estampa, ou de algum desenho desfigurado.

4.º O incendio de Burgo. = A disposição deste quadro he pensada com toda a naturalidade. Vê-se em um angulo um mancebo robusto, que trazendo seu pai ás costas parece o piedoso Troiano com o

velho Anchises ; he este um gruppo de summa estimação. Aquelle homem , que desce abaixo de uma muralha , tem um desenho verdadeiramente anatomico , bemcomo a mulher , que traz um vaso á cabeça, não póde ser desenhada com maior elegancia. O tranquillo genio de Rafael não lhe permittio, que tratasse este assumpto com aquelle horror, que merecia na escuridade da noite alumiada em parte pelas tortuosas chammas. Pintou porém em tempo que o incendio se ia já extinguindo ao signal da cruz , que lhe fez o Pontifice. Mas, aindaque se não note aquelle horroroso espanto que se imagina , quando se vê um incendio tão vasto , não deixa comtudo de produzir um excellente effeito a grande variedade de figuras, postas em atitudes infinitamente diversas , nem deixa de nos fazer admirar o pensamento exacto de Rafael. Querendo exprimir a grandeza do incendio nos faz vêr, que soprava um vento assás forte, e isto no-lo mostra por meio dos cabellos soltos, e das roupagens inchadas, e fluctuantes.

5.º O Eliodoro. = A Architectura deste quadro tem muita similhança com a da escola de Athenas. A expressão daquelles dois Anjos em fórma humana que expulsão do Templo o profanador Eliodoro , he verdadeiramente de um pensar sublime. Não quiz já representar aquellas duas figuras Angelicas da maneira regular ao lado daquelle inimigo de Deos ; mas para dar-lhe mais viveza , uma após outra o perseguem com tal rapidez , que sem o remar das azas parece que voão com os pés levantados da terra. Toda a composição he executada primorosamente ; só porém póde criticar-se-lhe o anachronismo de ter feito contemporaneo de Eliodoro o Pontifice Julio II., que se vê introduzido tambem no Templo. Mas talvez com este episodio teria querido o Pintor fazer um elogio honroso a este Pontifice , que havia

com effeito libertado o Estado Ecclesiastico dos usurpadores do patrimonio de S. Pedro.

6.° A Missa, ou o milagre de Bolzena. = Neste quadro se representa o milagre succedido em Bolzena com aquelle sacerdote incredulo, que da consagrada hostia vio correr vivo sangue sobre os corporaes. Aqui se vê expressão nobre, unida a degradação admiravel. Tambem aqui o Pintor, para elogiar o Papa Julio II., o põe no acto de ouvir a Missa, supposto este facto não ter acontecido no tempo do seu Pontificado. Elle porém não mostra estar admirado á vista daquelle portento; e bem está, como aquelle que he a cabeça visivel da Igreja, e que deve estar firmissimamente persuadido da real presença de Jesu Christo no Santissimo Sacramento. Pelo contrario o povo miudo parece estar no maior pasmo, e os Suissos tambem demostrão a sua consternação, mas de uma maneira mais fria conforme a sensibilidade daquella rustica Nação. Os caracteres das cabeças especialmente do Celebrante, do Papa, dos Cardiaes, e daquelles dois que estão a um canto do quadro, são de tal bondade, que Ticiano não teria podido pinta-los com côres mais verdadeiras. Aqui parece Rafael mostrar-nos, que não só era exactissimo desenhador, mas tambem excellente colorista.

7.° O Attila. = Neste quadro se vem descer do ceo com a espada na mão os dois Apostolos S. Pedro, e S. Paulo arremeçando contra Attila, que os divisa no mesmo instante, em que se lhe avesinha intrepido o Santo Papa Leão. Aquelle terrivel Rei dos Hunnos, parece naquelle momento, que não atina onde fixar os olhos, nem que partido tome. Só esta expressão irresoluta era bastante a caracteriza-lo como figura principal. E na verdade outra qualidade não concorre nelle como primeiro objecto, antes estando in-

teiramente submergido em meia tinta, e por diante delle algumas figuras accessorias, fica de modo, que não se apresenta logo á primeira vista. Os retratos do Papa, dos Cardiaes, e daquelles, que se vem diante da Corte Pontificia sobre um veloz cavallo branco, são verdadeiramente excellentes; as figuras porém dos Apostolos na verdade não acabão de encher a alma de prazer. Os ornatos, e atavio daquelles dois Cavalleiros Hunnos, são copiados da Columna Trajana. Aqui Rafael, parece negligenciar pouco mais a força do claroescuro.

8.º O carcere de S. Pedro. = Este he um quadro unico no mundo, que nenhum Pintor se tem atrevido a imitar. He célebre não já pela unidade da acção, que antes por esta parte he defeituoso, mas sim pela singularidade, e differença de luzes. Duas acções diversas se vem aqui juntas; uma representa S. Pedro na prizão assentado na terra, e meio dormindo, com um Anjo que despertando-o o convida a sair; e a outra nos pinta o mesmo Apostolo, com aquelle mesmo Anjo, que por uma escada o tira fóra da prizão. Tudo isto succede de noite, que porisso se mostra esclarecido por quatro luzes. A lua tambem espalha o seu reflexo sobre uma escada onde dormem alguns guardas do carcere; o Anjo que desperta a S. Pedro espalha o seu resplendor em toda aquella casa: outra luz he communicada a uma parte deste quadro pelo archote que um soldado tem na mão; e a quarta luz he a que vem repartida pelo mesmo Anjo, quando conduz a S. Pedro pela escada, onde está o soldado com o archote acceso, e sobre quem a lua diffunde tambem o seu clarão. He aqui onde tres diversos effeitos de luz, divina, natural, e artificial se achão tão perfeitamente unidas, que a mesma natureza não poderia talvez mostra-las com maior verdade. E eisaqui neste quadro Rafael se mos-

tra um famoso mestre de claroescuro. Mr. du Piles não vio certamente esta pintura, pois de outra sorte como affirmaria, que este excellente pintor não conheceo o claroescuro?

9.° A batalha de Constantino. = He esta a ultima obra principiada por elle mesmo: mas no melhor della lhe impedio a morte o acaba-la. Foi porém levada á ultima perfeição por Julio Romano. Que estupenda composição! He disposta em um campo dilatado, onde reina total desordem, e onde se apresentão os mais famosos gruppos sem nada distrahirem a vista do objecto principal. Aquelle veterano soldado que defende o filho do golpe contrario, e os outros dois visinhos a elle que se estão combatendo, tem expressão maravilhosa. Vê-se o tyranno Maxencio, que em vão se esforça a esporear o cavallo para sahir do Tibre, em que está a perigo de afogar-se; e mostra no tímido semblante o susto da morte, mas com os signaes mais feros de uma tyrannia obstinada. Eis-aqui o verdadeiro caracter de um ímpio, miseravel, abatido, confundido, desamparado de Deos e dos homens, e proximo á sua ultima ruina. Ao contrario no Imperador Constantino se conhece, que he protegido pelo Ceo: tres espiritos angelicos com a espada na mão estão promptos em sua defeza, e tudo o mais que lhe está em torno faz visivel a perfeição do seu amavel, e meigo caracter.

Todas as vezes que se me representa esta grandiosa batalha, parece-me estar vendo os espantosos combates descriptos por Homero. Só deixa a desejar que as aguas do Tibre, nas quaes se vê aquelle tyranno proximo a afogar-se, estivessem em maior agitação, e á roda delle mais espumantes, e furiosas, por não ser verosimil que as aguas de um rio, das quaes para salvar-se um fogoso cavallo faz os ultimos esforços, corressem junto delle tão placidamente. Mas

he este um defeito commum nos grandes talentos, que deixando transportar-se de sublimes idéas empregão-se sem consideração em coisas de menor importancia. Tirado porém este defeito, qualquerque elle seja, e o do colorido, que talvez o tempo tenha feito ao presente desagradavel, e frio, he innegavel que não ha obra mais exacta no desenho, de maior numero de figuras dispostas com tamanha variedade de convenientes atitudes, de composição mais grandiosa, e de tal expressão em que o assumpto seja mais devidamente representado com todas as suas partes. Le Brun na sua batalha de Arbella se lhe assimilhou muito, mas bem se entende ser copia feita sobre este sublime original.

Capella Sixtina.

O Juizo Universal. = Esta composição immensa he verdadeiramente capaz de suscitar a idéa do vasto, e animado engenho do grande Michael Angelo Buonaroti. Muitos Historiadores, que a tem descripto, nos derão uma narração pomposa constituindo-a na classe das primeiras obras a fresco. O amante da Arte porém que deve ser despido de toda a prevenção, só pela razão filosofica, e sagaz crítica desapaixonada se deixará inteiramente conduzir ao exame desta portentosa obra. Albano dizia, que se perguntassem a muitas figuras pintadas neste quadro, que estavão alli fazendo, se acaso fallassem responderião: „ que de „ facto o ignoravão, mas que sem dúvida o saberião se „ Rafael fosse quem as pintasse. „ Leonardo de Vinci tambem não deixou de mofar deste seu concidadão, por ter repetido neste Juizo Universal os mesmos membros, as mesmas partes em differentes figuras, e ter feito contornos violentos, e resentidos nos homens, nas mulheres, nos mancebos, e nos velhos. Ora façamos analyse mais exacta.

A Comedia de Dante gozava naquelle tempo da maior fama, e era talvez o livro da maior paixão de Michael Angelo. O quadro, sobre que estamos em exame, offerece-nos sufficiente prova do seu aferro áquelle Poeta, não sómente pela demonstração de Charonte batendo com o remo nos condemnados, pensamento copiado da tal comedia, mas tambem porque alli introduzio Minos condemnando as almas com a mesma idéa fantastica do Poeta:

„ *Stavi Minos orribilmente, e ringhia.*

Mas ou Michael Angelo se tenha servido dos pensamentos de Dante, ou haja copiado em parte o Juizo Universal, que Lucas Signorelli havia pintado antes delle na Cathedral de Orvieto, como alguns querem, ou seja o pensamento todo seu, he certo que atégora não appareceo ainda um quadro de tantas figuras nuas juntamente, e tão doutamente desenhadas, das quaes cada uma por si só bastava para uma bellissima Academia. Porém se olharmos para a idéa, que daquelle tremendo dia nos dá a Sagrada Escriptura, somos obrigados a confessar, que a invenção desta obra he totalmente impropria, indecente, e absurda.

Emquanto á expressão vê-se executada com mais força em Charonte, e Minos, nos espiritos malignos, e nos condemnados, que na SS. Virgem, e nos escolhidos. O engenho de Michael Angelo era naturalmente transportado pelo fero, e terrivel; o seu gosto não se adaptava aos assumptos delicados, e patheticos: elle na pintura póde chamar-se uma caudata estrella ameaçadora. A mesma composição nada tem de melhor; não se vê nella bom colorido, harmonia, nem vigor de claroescuro. Póde ser que o tempo lhe arruinasse boa parte, mas os seus maiores panegyristas

concordão, que este famoso Artista sómente foi sublime na correcção das formas, e na energia dos caracteres; e isto lhe bastou para levar as suas decantadas esculturas a um gráo tão elevado. A pintura requer outros muitos predicados.

Palacio Barberini.

O tecto pintado a fresco por Pedro de Cortona. = He esta uma das mais bellas, e grandiosas composições, que jámais teria podido executar o engenho b zarro deste egregio Artista. O colorido tem vistosa apparencia, he claro, e brilhante; e apezar do grande numero de figuras não ha a menor confusão. O assumpto he do genero misto: representa as heroicas virtudes de Urbano VIII., que faz o objecto principal; e o todo he feito em honra da casa Barberini, da qual descendia este Summo Pontifice.

O tecto a fresco de André Sacchi. = Representa a divina sabedoria de Urbano VIII. = *Sapientia divina hujus Pontificis*, etc. = formaes palavras do Author que escreveo o livro intitulado = Ædes Barberinæ. = Esta obra he admiravel, e aindaque o colorido pareça aos olhos do vulgo menos vivo, que o de Cortona, todavia os intelligentes da Arte sabem achar-lhe maior graça, e melhor escolha.

Palacio Farneze.

A galleria de Annibal Caracci he a melhor pintura a fresco, e a mais bem conservada do mundo. Esta mesma Arte não tinha chegado ainda a um gráo tão eminente nos dias de Rafael. Aqui se descobrem todas as bellezas do fresco unidas a todas as vantagens da pintura a oleo, e porisso a obra mais consideravel que fez Annibal. Nella se observa ima-

ginação fecunda, rica, solida, e judiciosa; expressões energicas, e convenientes, colorido que tem em si a gravidade de Rafael, a graça de Correggio, e os mais bellos contornos, e nobres atitudes tiradas do antigo da escola Romana. Eisaqui o sentir commum dos homens intelligentes, e desapaixonados: todavia o Marquez d'Argens nas suas = Observações Críticas, etc. = discorre pouco favoravel. Mas com effeito sabemos pelos eruditos, que depois se desculpou, assimcomo fez o P. Bettinelli nas suas = Cartas de Virgilio = protestando ter assim escrito só para mofar malignamente dos professores de Bellas Artes. O anonymo Author da = Arte de vêr = com o tempo dirá talvez o mesmo.

Toda esta galleria está repartida em tantos quadros poeticos, e allegoricos que debaixo mesmo do seu véo deixão apparecer visivelmente as verdades moraes, e instrucções theologicas. O pincel de Annibal corresponde aqui á penna do Poeta mais sublime: nella gastou oito annos os melhores da sua vida, mas foi mal premiado.

„ *Virtutem præsentem odimus,*
„ *Sublatam ex oculis quærimus stulti.*

Sobre a porta está uma donzella abraçando um unicorne. Este quadro tem grande extensão, mas falta-lhe a energia do pincel de Annibal: dá-se por seu Author Domenichino que certamente não possuia o poetico d'Arte naquelle gráo sublime, a que já tinha chegado seu mestre. A Galatea acompanhada dos Tritões não podia ser mais bem pensada, assimcomo igualmente a Aurora. Ha quem diga, que nestas duas pinturas tambem tivera parte o pincel de seu irmão Agostinho Caracci.

Palacio da Farnezina.

Agostinho Chigi um dos nobres de Sena, e grande protector das Artes fez erigir este Palacio, e quiz que um Pintor de fama lho pintasse. E quem deveria ser escolhido senão aquelle, que imitando fielmente a natureza tinha já tocado com o seu pincel aquellas derradeiras metas a que deve aspirar todo o Artista, isto he a illudir a vista, satisfazer o entendimento, e a mover o coração? Assim o pronunciou um dia no Capitolio a favor do meu Rafael, o mais famoso allumno da necessaria, e util Filosofia, objecto das melhores esperanças de Roma, Monsenhor Julio Cesar de Somaglia. Foi pois com toda a razão escolhido Rafael, paraque juntamente com seus discipulos o pintassem maravilhosamente: porém o tempo com a humidade do Tibre visinho tem damnificado muito estas duas boas producções da Arte. Carlos Maratta intentou concerta-las; mas não chegou certamente, como quer Vazi, a pô-las no seu primitivo estado. Sebem elle fosse famoso mestre, as arruinou talvez mais do que o tempo, e a mesma humidade poderia ter feito desde então até hoje. Ou porque as tintas de Maratta tomassem depois outro tom de colorido, ou porque se tivesse enganado na execução, estas pinturas presentemente não correspondem ao engenho sublime de Rafael, ao honroso elogio que dellas escreveo Bellori, e nem menos ás estampas de Dorigny e Perrier. Não obstante examinemos o mais notavel.

Ao entrar na galleria se nos representa Mercurio, figura bellissima que tem certamente agilidade maravilhosa. Venus tirada por duas pombas he das figuras mais elegantes de toda a obra. Jove, Plutão, e Neptuno tem entre si parecença fraterna, mas de maneira, que se descobrem distinctamen-

te os seus caracteres differentes. O pescoço de uma das Graças pintado pelo pincel sómente de Rafael he da ultima excellencia. Cupido mostrando as Graças á sua Psyche, parece de uma côr muito inflammada; mal talvez quiz seguir o pensamento de Moscho, que no seu Amor fugitivo diz, que elle não tem já a pele alva, mas sim côr de fogo.

Em uma camera da salla superior defronte da janella se vê Alexandre que offerece uma coroa a Rossane, assentada sobre um leito nupcial, etc. Varios são os pareceres a respeito do Author desta pintura; eu estou bem persuadido, que foi Sodoma, e que elle a pintou, antes de Rafael apparecer em Roma; a cujo proposito temos uma authentica prova de Borghini, e de Vazari. Alli se descobre o poetico; mas se quizermos estar pela descripção de Lucano, he assás inferior este quadro, áquelle, que Ezio pintou do mesmo assumpto, e que lhe adquirio o premio nos jogos Olympicos.

Balthazar Peruzzi. Este grande Artista foi tambem dos que pintou a abobada da segunda galleria, e especialmente algumas pinturas a claroescuro, de que se pertende dar-nos a entender, que Ticiano ficára enganado, julgando serem de relevo. Hyperbole muito custosa de se acreditar no Seculo XVIII.; e á qual igualmente se poderia ajuntar outra fabula, que a julgo de estilo Etrusco, que Michael Angelo tinha pintado em uma luneta aquella grande cabeça a claroescuro, para vituperar a maneira secca de Rafael! Este tinha já feito pasmar o mundo com as suas pinturas das sallas Vaticanas; poisque senão toda, ao menos a maior parte erão executadas completamente por elle, primeiroque pozesse mão na galleria, de que agora fallamos. Ou este grande busto foi desenhado por Michael Angelo para outro objecto, que o mencionado, ou pertenderia talvez este grande homem, que

as figuras devessem engrandecer-se sobre o gosto antediluviano.

Palacio Pallavicini.

A Aurora de Guido Reni. = Pela graça, e pelos caprichosos semblantes, esta pintura a fresco não cede a nenhuma outra. Vê-se exprimida não só a Aurora, mas a Alva, e a Madrugada. Cupido com rosto nitido, e alegre, bem como a estrella matutina, representa a Alva. Vê-se representada a Aurora em uma donzella vestida de côr branca, e alaranjada, lançando fóra da cabeça um véo; e do Ceo vai espalhando sobre a terra flores matizadas de varias côres. Apollo finalmente em um resplandecente coche, tirado por quatro fogosos, e destros cavallos indica a Madrugada; e assimcomo este he o tempo mais risonho, e aprazivel, porisso os dias da semana com ar de alegria, e debaixo do aspecto das engraçadas Nynfas, lhe danção em roda do carro.

A maneira de figurar estas tres partes da manhã he tirada do antigo, nem póde negar-se, que a tenha copiado Guido dos baixosrelevos, das medalhas, e das pedras entalhadas. Mas uma maneira mais magnifica, e mais deliciosa, de que se servio Guido, não tinha sido vista até então dos modernos, e talvez que nem tambem dos mesmos antigos. As duas donzellas, que se mostrão mais proximas aos olhos do espectador, forão copiadas do baixorelevo da Villa Borgheziana. Aquella vestida de verde, foi igualmente introduzida neste quadro com pouca mudança; e aquelloutra de côr azulada sem mais alguma differença; que o dar-lhe atitude diversa. Richardson porém julga, que a tal mudança dera pouca vantagem a estas duas figuras; a perna direita principalmente da de côr verde está algum tanto grossa, e o nú não

se vê exprimido com tão bom gosto debaixo das roupagens, como na figura do baixorelevo.

Alguns tem querido affirmar, que estas donzellas significassem as horas, porém segundo o seu numero parece melhor interpetra-las pelos dias da semana. Mas sejão ou os dias, ou as horas, he certo, que a pintura deve aos Poetas o terem elles primeiro com a invenção animadora personalizado as coisas. Os Egypcios communicárão aos Gregos o seu espirito hieroglyfico; e Homero especialmente fez depois magnifico dom a todos os habitadores da Terra. Deve porém confessar-se, que todas as vezes que o pincel he manejado por homem de talento, que sabe tornar sublimes suas idéas como aqui fez Guido, a Pintura parece, que tem alguma vantagem sobre a Poezia. As gallerias de quadros moveis estão sugeitas a grandes alterações; motivo que me prende a penna a descreve-las. Tantos famosos quadros, de Correggio especialmente, se achão citados em outros escriptos nos Palacios de Roma, de que a cubiça Ultramontana com sua generosidade importuna nos tem insensivelmente privado. Aqui pois convirá pôr termo a todo meu dizer, e se he verdade, que um bom fim costuma coroar toda a obra, não podia melhor termina-la que com o exame da Aurora de Guido, pertencente á illustre, e generosa familia Pallavicini, com a qual tem summa affeição o meu Mecenas. Assim com os nomes de Familias tão respeitaveis não só será afortunado o principio, mas tambem o fim deste Ensaio Pictorico.

FIM.

CATALOGO CHRONOLOGICO

Do nascimento e morte dos famosos Pintores já descriptos; combinado segundo a mais exacta crítica.

Nasc.	Nome	Escóla	Mort.	Pag.
1191	Guido, Chefe	Senense	1280	37
1240	J. Cimabue Chef.	Florentina	1300	41
1255	Duccio	Senense	1340	37
1276	Giotto	Florentina	1336	42
1285	Sim. de Memmo	Senense	1344	38
1370	Van-Eyk, Chef.	Flammenga	1441	53
1417	Masaccio	Florentina	1443	42
1419	G. Bellini, Chefe.	Venesiana	1501	59
1422	J. Bellini	Venesiana	1512	59
1439	Luc. Signorelli	Florentina	1521	42
1443	Leon. de Vinci	Florentina	1520	43
1446	P. Perugino	Florentina	1524	43
1451	Mantegna, Chefe	Lombarda	1517	67
1453	Pinturicchio	Florentina	1513	43
1469	B. de S. Marcos	Florentina	1517	44
1471	Durero	Flammenga	1528	54
1474	M. A. Buonarotti	Florentina	1564	44
1475	Balth. Peruzzi	Senense	1550	38
1477	Ticiano	Venesiana	1576	59
1478	Giorgione	Venesiana	1511	60
1480	O Sodoma	Senense	1555	39
1483	R.de UrbinoChef.	Romana	1520	74
1484	Pordenone	Venesiana	1540	60
1485	Mecherino	Senense	1545	39
1485	Seb. del Piombo	Venesiana	1547	60
1485	Par. Bordone	Venesiana	1542	61
1488	Fattore	Romana	1528	75
1488	Andr. del Sarto	Florentina	1530	45
1490	Primaticcio, Chef.	Franceza	1570	84
1492	Julio Romano	Romana	1546	75
1493	Pontormo	Florentina	1559	45

Nasc.	Nome	Escóla	Mort.	Pag.
1494	Correggio	Lombarda	1534	67
1494	J. de Udino	Venesiana	1554	61
1495	P. Caravaggio	Romana	1543	76
1496	Rosso	Florentina	1541	45
1498	J. Holbein	Flammenga	1554	54
1500	Pierin del Vaga	Romana	1547	77
1504	Parmigianino	Lombarda	1540	68
1509	Daniel de Volterra	Florentina	1566	46
1510	Jacob Bassano	Venesiana	1592	61
1510	Bronzino	Florentina	1570	47
1510	Franc. Salviati	Florentina	1563	46
1514	Jorg. Vazari	Florentina	1574	47
1517	J. del Conte	Florentina	1570	47
1522	Andr. Schiavone	Venesiana	1582	62
1524	Tintoretto	Venesiana	1594	62
1527	Lu. Cangiagio	Lombarda	1585	68
1528	Baroccio	Romana	1612	78
1529	Tad. Zuccaro	Romana	1566	77
1532	Paulo Veronez	Venesiana	1582	63
1532	Jer. Musiano	Venesiana	1590	63
1535	J. Porta	Florentina	1585	48
1535	Alex. Allori	Florentina	1607	49
1535	Scip. Pulzone	Florentina	1609	48
1536	Sante Titi	Florentina	1620	49
1540	Palma o Velho	Venesiana	1588	64
1541	Tiago Zucca	Florentina	1613	49
1543	Fed. Zuccaro	Romana	1609	78
1544	Palma o Moço	Venesiana	1628	64
1555	L. Caracci, Chefe	Bolonheza	1619	89
1556	Ottão Vaenio	Flammenga	1634	54
1557	Ber. Castelli	Lombarda	1629	68
1558	Agost. Caracci	Bolonheza	1602	90
1559	Luiz Cigoli	Florentina	1613	50
1560	Ann. Caracci	Bolonheza	1609	90
1560	Bart. Schidone	Lombarda	1616	69
1560	J. de Vecchi	Florentina	1610	50
1563	Raf. de Reggio	Romana	1620	79

Nasc.	Nome	Escóla	Mort.	Pag.
1565	Passignani	Romana	1635	79
1565	Vanni	Senense	1609	40
1567	Rubens	Flammenga	1640	55
1567	Bloemart	Flammenga	1647	55
1567	Salimbeni	Senense	1613	40
1569	M. A. de Caravag.	Lombarda	1609	69
1570	Baccio Ciarpi	Florentina	1625	51
1570	O Cav. d'Arpino	Romana	1640	79
1575	Guido Reni	Bolonheza	1624	90
1578	Albano	Bolonheza	1660	92
1581	Domenichino	Bolonheza	1641	92
1581	Lanfranco	Bolonheza	1647	93
1585	Carlos Venesiano	Venesiana	1625	65
1589	Spagnoletto	Lombarda	1656	70
1590	Mannozzi	Florentina	1636	51
1590	Vovet	Franceza	1649	85
1590	Guercino	Lombarda	1666	70
1590	Luciano Borzoni	Lombarda	1645	71
1590	J. Carloni	Lombarda	1630	71
1594	N. Poussin	Franceza	1665	85
1596	Berretini	Florentina	1669	52
1599	Wandyck	Flammenga	1641	56
1599	Andr. Sacchi	Romana	1661	80
1600	Alex. Turcchi	Venesiana	1670	65
1600	Valentim	Franceza	1632	86
1600	T. Blanchard	Franceza	1638	86
1606	Grimaldi	Bolonheza	1680	94
1606	Rembrand	Flammenga	1674	56
1610	Mignard	Franceza	1695	87
1615	Salv. Roza	Romana	1673	81
1615	B. Garofalo	Lombarda	1695	71
1616	Bened. Castiglione	Lombarda	1670	72
1617	le Sueur	Franceza	1655	86
1619	le Brun	Franceza	1690	87
1623	Jacint. Brandi	Bolonheza	1691	94
1623	Filip. Lauri	Lombarda	1694	72
1623	Luc. Jordáo	Lombarda	1703	72

Nasc.	Nome	Escóla	Mort.	Pag.
1625	Carlos Maratta	Romana	1713	81
1629	Carlos Cignani	Bolonheza	1719	95
1631	Vander-Kabel	Flammenga	1695	57
1634	Cyro Ferri	Florentina	1689	52
1635	Luiz Garzi	Romana	1721	82
1639	Bacicci	Lombarda	1709	73
1643	Eglon. Vanderneer	Flammenga	1697	57
1654	Trevizano	Venesiana	1746	66
1657	Vivien	Franceza	1735	88
1657	Solimene	Romana	1747	83
1659	J. Ricci	Venesiana	1734	66
1659	Wander-Werff	Flammenga	1722	57
1684	Benefiale	Bolonheza	1764	95
1694	Bianchi	Romana	1739	83
1699	Subleyras	Franceza	1749	88
1728	Mengs	Flammenga	1779	58

MEMORIA
DOS
MAIS FAMOSOS
PINTORES PORTUGUEZES,
E DOS
MELHORES QUADROS SEUS.

Subi, claros Espiritos prestantes,
Erguei-vos do profundo esquecimento
Coroados de luzes radiantes.

Dias Gomes Eleg. I.

Alvaro de Pedro.

ESte he o Pintor mais antigo, de que pudemos descobrir noticia. De nossos Escritores sabemos por muitos lugares, em que assim o deixárão apontado, haver entre nós Pintores nos tempos dos primeiros Reinados; mas quem elles fossem, nem elles o dizem, nem he facil o podermo-lo averiguar por outro algum meio. Fr. Bernardo de Brito no Elogio do Conde D. Henrique faz menção do seu retrato de illuminação antiga, tirado ao natural na primeira folha de uma Biblia antiquissima no Cartorio de Alcobaça. O Excellentissimo D. Fr. Manoel do Cenaculo Bispo de Béja, e Arcebispo de Evora traz, nos Cuidados Litterarios a pag. 77, que no tempo do Senhor Rei D. Affonso III. se fazia bom uso da Pintura, conservando-se por seu meio as presenças das Pessoas Reaes. Do tempo d'ElRei D. Diniz nos refere o insigne Chronista Fr. Luiz de Sousa na Part. I. da Hist. de S. Domingos Cap. 27 um retabolo dos Reis Magos, mandado fazer e pintar pelo dito Rei, que se conservou por muito tempo em particular capella na Igreja do Convento de Lisboa: o mesmo traz Brandão Monarch. Lus. Tom. VI., Lacerda na Vida da Rainha Santa Isabel Liv. I. pag. 44, e Fr. Pedro Monteiro no I. Tom. do Claustr. Dominic. pag. 288. Este quadro (porque digamos tudo) permanece hoje com grande estimação na galleria do Excellentissimo Senhor Marquez de Borba; e da imagem da Senhora, que está no meio delle, se mandou copiar o retrato da Rainha Santa Isabel que vem na Collecção dos Varões e Donas, que se publicou pou-

cos annos ha; o que se fez com licença do mesmo Senhor por se dizer na mesma Chronica do citado Sousa etc., que nelle estava tirada ao natural a mesma Santa Rainha. De outro retabolo feito no tempo de seu filho o Senhor D. Affonso IV. tambem dos Reis Magos no Mosteiro de Odivellas, dá testemunho Fr. Bernardo de Brito no Elogio deste Rei accrescentando, que nelle estavão retratados ao vivo, elle, e seu filho D. Pedro adorando o Menino Jesus. O mesmo Escritor nos aponta outro retrato do Senhor D. Sancho II., que se dizia do tempo do dito Senhor D. Affonso IV., no Elogio daquelle Soberano. D'El-Rei D. João I. nos dá em seu Elogio um retrato seu antigo, e quasi do seu tempo. A esta mesma epocha se deve attribuir o do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que deo ao Convento do Carmo desta Corte o Senhor D. Affonso, I. Duque de Bragança, pois era tirado ao natural em vida do mesmo Condestavel, como nos refere Fr. Manoel de Sá nas Memorias Historicas dos Escritores do Carmo de Portugal a pag. 222 n.º 315. Dous do Senhor Rei D. Duarte do seu mesmo tempo nos aponta tambem no Elogio deste Monarcha o mesmo Brito, dos quaes um era em taboa, e esteve, como elle diz, no Mosteiro da Batalha até o tempo do Rei Cardeal D. Henrique. Donde se conclue a introducção, que esta Arte teve em Portugal, e logo desde os mesmos tempos em que as Sciencias, e as Artes sacudindo o pezado jugo da escravidão, em que se vírão soçobradas por mais de nove seculos de barbaridade, recobrárão, deixando esta já livre o uso da razão, o lustre que ganhárão entre os Gregos, e Romanos; tão antiga talvez como a mesma Escóla Senense que foi de todas a primeira: e grande lastima he faltarem não só as memorias, mas até os nomes dos Pintores, e ver-mo-nos constrangidos a começarmos a serie no meio dos

tempos, faltando a acreditarmos tantos outros que viverão primeiro.

Floreceu Alvaro de Pedro com applauso, e gloria do seu nome pelos annos de 1450, que corresponde já ao Reinado do Senhor D. Affonso V.; e delle refere Vasari, na vida de Taddeo Bartoli, que teve uma maneira similhante á deste Pintor, sebem fosse mais claro o seu colorido, e de menos effeito nas figuras. Pintou em Volterra alguns quadros, na cidade de Piza, e em varias outras da Italia.

Nuno Gonsalves.

Consta deste Pintor, pelo que delle nos deixou escrito Bermudes, referindo-se ao nosso Francisco de Hollanda, ter estado ao serviço do Senhor Rei D. Affonso, que suppomos seja o quinto deste nome, aindaque o não especifica. Pintou, segundo elle diz, para a capella de S. Vicente da antiga Sé desta Cidade, hoje Basilica de Santa Maria, um quadro de que só temos esta simples noticia; e outro para uma capella (sem explicar qual fosse) no Convento da Trindade, de que tambem nos he desconhecido o seu assumpto, e o fim que teve. O mesmo Author accrescenta, que Nuno Gonsalves não foi estudar á Italia, mas apezar disso procurou nas suas obras imitar os bons Professores della.

João Annes.

No Reinado do Senhor D. Affonso V. achâmos noticia deste Pintor, que segundo consta da Carta do mesmo Rei em data de 17 de Julho de 1454 esteve a seu serviço, e em muita contemplação. E paraque se notem algumas particularidades della aqui as transcrevemos fielmente = Excusa-o de pagar ne-

nhuns pedidos peitas fintas nem talhas seruiços emprestidos nem em outros alguns encarregos que por ElRei ou Conselhos forem lançados. Izenta-o tambem de ser tutor nem curadador de nenhuns orfãos nem nenhum encarrego seu nem dos Conselhos contra sua vontade. De ser besteiro do Conto nem posto em vintena do mar, e se for que seja logo della tirado nem tenha cauallo nem armas nem besta de garucha posto que tenha a contia porque a haja de teer nem pouzem com elle nas suas cazas demorada nem adegas e caualharices nem lhe tomem pão vinho roupa palha lenha galinhas gados bestas de sella nem de albarda nem outra cousa do seu contra sua vontade nem sirua nem vá seruir por mar nem por terra a nenhumas partes que sejão salvo com nosso Corpo ou com o Infante nosso Irmão.= Conserva-se esta Carta no Real Archivo Liv. 10 da Chancellaria do Senhor Rei D. Affonso V. fol. 35. Destas muitas mercês, que não serião sem grande merecimento delle, se vem a entender os grandes serviços, que fizera a este Monarcha. Póde ser fosse deste Pintor o Retrato d'ElRei D. Fernando feito no anno de 1473, de que se lembra Fr. Bernardo de Brito no Elogio dos Reis de Portugal, Elogio do mesmo Rei D. Fernando.

Vasco.

Vasco, de quem não descobrimos outro algum appellido, he mais conhecido entre nós por Grão Vasco, em attenção talvez ás muitas, e mui bem acabadas Pinturas que fez, e que se vem espalhadas por todo o Reino. Raras são as Igrejas, Mosteiros, e Edificios Regios, que não estejão adornados com suas bellas obras. Pela sua particular maneira, e delicado estilo se póde conjeturar ter estudado na Escóla de Pedro

Perugino; pois desenhava exactamente, mas segundo o gosto de seu mestre, e exprimia ao vivo as paixões d'alma por meio de energicas atitudes. Vem-se nos seus quadros mui bem desempenhadas as regras de Architectura, e são naturalissimos os seus paizes. Pintou quasi sempre assumptos sagrados; e em oito quadros de singular belleza, que possue o Excellentissimo Marquez de Valença, fez a vida de Nossa Senhora. Na Casa do Deprofundis no Convento da Trindade desta Corte ha nove quadros, que muito se assemelhão ao seu estilo. Os dous primeiros que ficão logo á entrada á mão direita, que representão a Transfiguração do Salvador, e a Santissima Trindade são excellentes; mas superiores a estes são sem duvida o da Circumcisão, o do Cenaculo, e o da Adoração dos Reis. (*a*) Não são menos apreciaveis os que existem na Igreja de Nossa Senhora do Paraizo, e contém os Desposorios de Nossa Senhora, a Annunciação, Visitação, o Nascimento, Circumcisão, Adoração dos Reis, a Fugida para o Egypto, e o Menino entre os Doutores; e com toda a verdade affirmamos, que o quadro da Circumcisão, a não ter algum tanto de Gothico, bemcomo os outros, seria por si só bastante a fazer-nos saudosamente lembrar a memoria de Grão Vasco, ainda mesmo que delle nada mais existisse.

(*a*) Por occasião de fallarmos nesta casa não será fóra de propósito mencionar aqui de passagem, que tambem por cima da porta do Refeitorio está um Apostolado, que pelo estilo inculca vir da Escóla de Leonardo de Vinci; e por cima deste outro da Annunciação, daquelle mesmo tempo, mas de Author diverso. Ha além destes, no Claustro, um quadro grande em taboa com figuras ao natural, digno de toda a admiração pelo desenho, e pela composição; e só tem de máo o estrago a que a incuria, o tempo, e talvez a ignorancia o tem reduzido.

No Real Mosteiro de S. Bento da Saude desta Corte na Capella de Nossa Senhora dos Prazeres temos outros quadros deste Pintor insigne chegados a uma maneira mais grandiosa e franca, destinguindo-se muito entre elles o da Circumcisão pela circumstancia, além de outras, de haver quem diga estar o mesmo Vasco retratado ao natural em um dos espectadores, que alli introduzio em acto de admiração.

No Livro 13 da Chancellaria do Senhor D. Affonso V. a fol. 179 vers. no Real Archivo se acha lançada uma Carta de Illuminador passada a Vasco, que se diz alli Criado de Luiz Dantes Criado d' ElRei = *em loguo de huum moço que tynhamos hordenado a gonçalo eanes noso capelam outro si noso Illominador* = com o ordenado de 200 réis por mez pela portagem de Lisboa, de 7 de Março de 1455. Outras particularidades de sua vida ignorâmos pela falta dos nossos Antigos em conservar-nos as importantes noticias daquelles heróes, que em seu tempo florecerão; e só unicamente sabemos viver ainda pelos annos de 1480, segundo o Instrumento da acquisição que elle fez de certos moinhos, chamados hoje em dia os moinhos do Pintor. (*a*)

São muitos outros os quadros seus em todo este Reino: na Capella mór do Real Seminario de Vara-

---

(*a*) Ha quem pertenda, que Vasco seja natural de Vizeu; não refutamos esta tradição; só dizemos que não encontrámos monumento algum que comprove esta naturalidade; e se acaso citamos aquelle Instrumento, he só fundados no que delle nos deixou escrito Guarenti no Abcedario Pictorico de Pelegrino Antonio Orlandi, a quem nos referimos. Tambem desejariamos dar por verdadeira a noticia, que nos communicárão, de que fallecêra em Thomar, e fôra sepultado na Igreja do Mosteiro dos Religiosos da Ordem de Christo daquella Villa; porém tudo isto he destituido de fundamento, que nos não soube dar, quem isto nos affirmou.

tojo, os da Annunciação, do Nascimento de Christo, da Adoração dos Magos, e da Resurreição. Na Galeria do Excellentissimo Senhor Marquez de Borba os tres do martyrio dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia. Dous quadros em taboa, que representão, um dous Santos Beneditinos, e outro uma Santa Religiosa contemplativa, que se conservão no gabinete do Excellentissimo Marquez de Penalva. As pinturas das portas de um oratorio na sachristia do Collegio Real de Nobres do Nascimento de Christo, e S. João baptizando a Christo, que supposto estarem muito repintados ainda mostrão a delicadeza do primeiro pincel.

O do Senhor coroado de espinhos, de que faz menção D. Thomaz Caetano de Bem nas suas Memorias Historicas e Chronologicas a pag. 182 Tom. I. por não especificar o lugar, não o podemos ver, quando para este fim nos dirigimos ao Convento de S. Caetano da Divina Providencia. He mui provavel deixasse muitos Discipulos, e isto nos faz crer sejão delles muitos quadros, que se lhe attribuem, e se não conformão com o grande engenho deste Pintor por algumas incorrecções que se notão em alguns delles.

Gonsalo Gomes.

Infelizmente não temos podido verificar atégora, se ainda existem entre nós algumas Obras deste Artista; mas se nos he permittido julgar, sem suspeição de engano, do merecimento de qualquer Pintor sem nunca ter-mos visto, nem examinado seus quadros, parece que só deste o podemos fazer seguramente; porque apezar de carecermos delles, restanos um testemunho positivo, respeitavel, e authentico que nos convence, e nos obriga a crer a decidida reputação, e intima amizade, que os seus talen-

tos lhe conseguirão do Senhor Rei D. Manoel em um Seculo de gosto tão delicado em razão de Bellas Artes. He uma Carta Original deste Soberano, escripta em pergaminho, por que confirmou a Mercê, que (sendo Duque) lhe fizera a 6 de Dezembro de 1489 de seu Pintor, em data de 13 de Fevereiro de 1496. Está muito bem conservada; assignada do proprio punho d'ElRei com o seu Sello Real pendente de cêra vermelha; e foi registada no Livro 26 da sua Chancellaria a fol. 39 vers. in medio, na qual recomenda = o honrem e tratem bem e lhe façam „todo o fauor e gasalhado que bem poderem em „todas aquellas cousas que justas e rasoadas forem „asj como herasam por uiuer comigo e teer delle „gramde carreguo nam lhe fasemdo nem consentyn„do faser nem huum nojo agrauo nem semrazão „mas antes como dito tenho o emparem e defendam „asy como cousa minha çendo çertos que todos aquel„les que o asy fezerem lho guardecerei e terei mui„to em seruiço, e do contrario o que de nem huum „não espero me desprezera muito = Acha-se com todo o recato na Gaveta 15, Maço 9, Numero 6 no Real Archivo.

Garcia de Resende.

Garcia de Resende natural da Cidade de Evora foi filho de Francisco de Resende, Cavalleiro no tempo d'ElRei D. Affonso V., e de D. Brites Boto, como diz Diogo Barbosa Machado emendando-se no IV. Tomo da Bibliotheca Lusitana a pag. 149, do que tinha escrito com menos informação no I. a pag. 327. De mui pouca idade passou de Moço da Camara d'ElRei D. João II. para o serviço do Principe D. Affonso seu filho, quando lhe deu casa no anno de 1490. Tornou por morte deste Principe a ser chamado a Moço da Escrivaninha d'ElRei, lugar

de particular estimação no Paço; e teve tamanha privança com este Monarcha, que o acompanhou quasi sempre em quanto viveo, recebendo repetidas mostras da sua benevolencia, e até em sua morte lhe assistio dormindo na mesma Camara sem nunca della sahir, como elle mesmo confessa na Chronica que escreveo do mesmo Rei no Capitulo 213. E havendo o dito Rei de fazer testamento foi este escrito assistindo elle, e até, segundo palavras suas no Cap. 208 da mesma Chronica, = Com as minhas „ pennas, e meus aparos, e eu estaua á porta de fó„ ra, e acudia quando chamaua =.

ElRei D. Manoel no anno de 1514 mandando por Embaixador a Roma Tristão da Cunha ao Papa Leão X., como refere Damião de Goes na Chron. do dito Rei Part. III. cap. 55, e por seus Accessores os Doutores Diogo Pacheco, e João de Faria, pelo bom conceito que tinha de Garcia de Resende o nomeou Secretario da dita Embaixada: devendo emendar-se o P. Bartholomeu Guerreiro na Gloriosa Corôa quando nos diz, que esta Embaixada fora de Duarte Galvão a Julio II, e no anno de 1506; no que tudo se enganou.

Debuxava primorosamente; e supposto o não apontem os que delle escreverão, he o mais abonado testemunho disto o que elle mesmo diz na mencionada Chronica cap. 201. = Eu debuxaua muito bem, e „ elle (falla do Rei) folgaua muito com isso, e me „ ocupaua sempre, e muitas vezes o fazia perante „ elle en cousas que me elle mandaua fazer, e por„ que eu leuasse gosto em o fazer, me disse um dia „ perante muitos, que me prezasse muito disso, por„ que era muito boa manha, que elle dezejaua mui„ to saber; e que o Emperador Maximiliano seu pri„ mo era gram debuxador, e folgaua muito de o sa„ ber e fazer =; e como tal se lembra delle Vicente

Carducho no Dialogo de la Pintura impresso em Madrid 1633 pag. 219 vers. numerando-o entre os Pintores Portuguezes, e transcrevendo estas mesmas palavras que ficão apontadas.

A sua morte foi na mesma Cidade de Evora, e jaz no Convento do Espinheiro de Frades Jeronymos em uma Ermida na cerca do dito Convento, que elle mandou edificar no anno de 1520: nella se vê o Escudo das suas Armas relevadas em pedra sobre a porta, e no pavimento o breve Epitafio = Sepultura de Garcia de Resende. =

Não pertence a este lugar a relação das obras, que deixou escritas.

Duarte d'Armas.

Foi Duarte d'Armas um Pintor que floreceu pelos annos de 1507 no Reinado do Senhor D. Manoel, e nesse tempo de grande reputação. Foi mandado pelo dito Soberano á Cidade de Azamor na Armada de D. João de Menezes, Camareiro mór do Principe D. João, com o intento de delinear as barras da mesma Cidade de Azamor, de Salé, e de Larache, o que convinha á empreza daquelle Monarcha em mandar ganhar aquellas terras aos Mouros. Faz menção delle Damião de Goes na Chronica que escreveo do mesmo Rei, Part. II. Cap. 27 referindo a citada expedição, onde diz fallando dos que acompanhárão o dito D. João de Menezes » E hum Du» arte darmas, grande Pintor, que traçou e debu» xou as entradas destes rios, e a situação da terra. »

Braz do Avelar.

Este Pintor, segundo nos deixou escrito Frei José Pereira de Santa Anna, Carmelita Calçado na Chronica da sua Ordem Tomo I. pag. 476, floreceu pelos annos de 1510, e pintou para a Igreja do

seu Convento os quadros da Purificação, da Fugida para o Egypto, e o da Annunciação, que ao presente já não existem.

Pelo tempo, em que viveo Braz do Avelar, que recahe no Reinado do Senhor D. Manoel, podemos conjecturar, que passou a Italia em companhia dos alumnos, enviados por este Soberano a aperfeiçoarem-se n'Arte, para com suas pinturas aformozear a grandiosa fabrica do seu Regio Mosteiro de Belem. Que elle pintou para esta Igreja o comprova claramente o Chronista Frei Manoel Baptista de Castro, mencionando seus quadros debaixo do simples nome de Avelar, este sem duvida de que tratamos, e de quem ao presente talvez existão alguns no mesmo Mosteiro; pois nos diz Carvalho no Tomo III. da sua Corografia a pag. 660, referindo-se ao expressado Chronista, que na escada da portaria principal havia pinturas de Avelar, e de Arrerino: porém de qual destes dois Pintores seja o quadro do Senhor na acção de cahir por terra, que ainda lá se vê embebido na parede, não podemos dizer ao certo.

Jorge Affonso.

Acha-se noticia deste Artista em uma Carta, que o Senhor Rei D. Manoel escreveo a Pedro Vaz, Vedor das Obras de São Francisco de Evora, em que por ter falecido o Mestre Olivel o aviza, do que ha de fazer com Fernão Munhoz sobre a Obra, de que este se queria encarregar. Nella se faz menção de Jorge Affonso, a quem, como Pintor, o mesmo Soberano enviou outra em data de 2 de Dezembro de 1512, escripta daquella Cidade, e assignada de seu proprio punho; paraque escolha em Lisboa *dous officiaes boons e que o bem entendam e saibam sem sospecta aas partes que aualiem a dicta obra*

per Juramento. Este Documento Original existe no Maço 12 do Corpo Chronologico, Parte 1.ª a Numero 37 no Real Archivo.

Francisco Dansilha.

No mesmo Reinado do Senhor D. Manoel achamos pelos annos de 1513 este Pintor; do qual faz memoria a Carta que o Duque de Bragança D. Jaime escreveu a ElRei D. Manoel, quando depois da expedição de Azamor lhe deu nova de a haver ganhado. Póde-se lêr no Tom. IV. das Provas da Hist. Genealog. da Casa Real por D. Antonio Caetano de Souza Documento N.º 106 ao Liv. VI. pag. 32.

Gregorio Lopes.

He este Pintor mais conhecido hoje em dia por ter estado ao serviço do Senhor Rei D. Manoel, e seu filho o Senhor Rei D. João III., que por obras de pintura de que tenhamos a mais leve noticia. Podemos todavia conjeturar com bastante fundamento, que no seu tempo teria sido um consumado Pintor, pois o vemos nomeado entre outros para pintar em obras Regias: consta da Gavet. 20, Maço 13, Num. 73, no Real Archivo. Além disso foi condecorado com sua competente Carta, na qual se especifica um Alvará de Lembrança, por que servira no Reinado do Senhor D. Manoel, e em virtude delle se lhe passou na forma seguinte:

Dom Joham etc. ffazemos saber a vos dom Joham da Syluaa comde de portalegre do noso comselho e noso mordomo mor que nos ffelhamos hora novaamente *groguorio lopez* por noso pymtor asy e pola manejraa que o ate guoraa foram o outros pymtores e com hordenado ao dicto offjcjo de pymtor e

porem o noteffiquamos asy a vos e aos veadores de nossaa ffazenda pera que lhe façam asy acodyr com o ho dicto hordonado ao dicto offjcjo de pymtor da qujem adjamte dada em a nosa cydade de lyxboa a 25 dias da brill bastiam da costa a ffez de 1522 o qual grogorio lopes elRey meu senhor que samta grorgaa ajaa tynha a tomado por noso pymtor por huum alvara de lembrança. Foi fielmente extrahida do Liv. da Chancellaria do Senhor D. João III. fol. 101, vers., onde se acha lançada.

D. Heliodoro de Paiva.

Foi D. Heliodoro de Paiva, colaço d'ElRei D. João III., filho de Bartholomeu de Paiva, seu Guardaroupa, e Vedor das Obras do Reino. Desenganado do mundo foi buscar o seguro da salvação entre os Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, onde recebêra os primeiros estudos; e alli unindo a virtude com o profundo engenho de que era dotado, ganhou a estimação de todos, e se fez respeitavel por tantos titulos. Teve inteiro conhecimento das Linguas Hebraica, Grega, e Latina, compondo em todas ellas, e fallando-as como proprias. Delle se conta, que ao mesmo tempo que postillava Theologia, vertia em verso Grego tudo, o que o mestre dictava em Latim. Foi o maior Filosofo, Theologo e Escriturario do seu tempo, e muito eminente no imitar quaesquer caracteres. Foi insigne na Pintura, como refere o Abbade Barboza em sua Bibliotheca Tom. II. pag. 433, e escrevia todo o genero de letras com tanto primor, que parecião debuxadas. Cantava suavissimamente; e com o mesmo desembaraço tocava orgão, rabeca, harpa, sendo juntamente insigne no contraponto. A todos estes extraordinarios dotes ajuntou o da modestia, e humil-

dade regeitando varios Bispados, que por vezes El-Rei lhe offereceu. A 20 de Dezembro de 1552 faleceu em Coimbra. Póde ver-se D. Nicolau Antonio na Chronica dos Conegos Regrantes Part. 2. Liv. 10. N.º 8.º

Andre Gonsalves 1.º

Andre Gonsalves deveria ser Pintor de merecimento no mesmo Reinado de D. João III., pois foi encarregado por ordem Regia de pintar algumas obras, destinando-se-lhe lugar acommodado, e privativo entre outros Artifices, paraque melhor pudesse desempenhalas. Na Gaveta 20, Maço 13, Numero 73 acha-se uma Carta de Bartholomeu de Paiva escripta a 13 de Novembro sem data, na qual claramente se especifica a reputação que gozou, e a preferencia em que era tido ainda mesmo pelo Soberano. Uzaremos das mesmas expressões nella conteudas, e taes são originalmente..... *hestes pjmtores que haão de pjmtar ha hobra da Rolaçam tem lla hũa pouca de deferença sobre a dicta pjmtura a saber hamdre gomçalluez com gregorio lopez e fjgueyredo* (1) *e gracia fernam e porque sua allteza tem ja detremjnado ho que sobryso haão de fazer ha quall he que ho dicto hamdre gomçalluez pjmte na hobra de saão gjhaão e os outros tres na hobra da Rolaçam e por quam djserão a sua allteza que as dictas hobras estauam todas jumtas em huuma das terrecenas manda sua allteza que façaes mudar ho dicto hamdre gomçaluez*

(1) Talvez seja este o mesmo, de que se faz menção em um Documento da Gaveta 18, Maço 5.º, Numero 2 no Real Archivo pelo nome de Christovão de Figueiredo, Pintor del Rei, pai de Pedro de Figueiredo, Moço da Camara do Infante D. Henrique.

e o Retaccollo de saão gjhaão a outra terrecena honde laura ho carpemteiro os paynes e darres ao dicto hamdre gomçalluez ha mjlhor parte e honde elle mais follgar e os pjmtores darrolaçam ficaram com seus paynes honde agora estaão... Quaes sejão estas obras da *Rolação* e *saão gjhão* (São Julião) não podemos atégora averiguar.

Aindaque neste Documento não se especifique a data, comtudo sabemos que todos estes Pintores florecerão, nos Reinados dos Senhores Reis D. Manoel, e D. João III.; poisque sendo assignado por Bartholomeu de Paiva, Vedor das obras na India, este mesmo figura a 18 de Agosto de 1512, e 30 do mesmo mez de 1535, em cujas epochas recahe o governo daquelles dous Soberanos: vindo tambem a aclarar-se o terem passado áquelles Estados, onde havião de pintar segundo as instrucções, que se lhe dessem. Consta do Corpo Chronologico Parte II. Maço 3.º, Documento 203, e Maço 203, Documento 65 no Real Archivo.

Frei Carlos.

Foi um dos bons Pintores do seu tempo, e Religioso da Ordem de S. Jeronymo, a qual professou no Mosteiro do Espinheiro a 12 de Abril de 1517. Consta ser Flamengo de Nação, e muito habil no manejo do pincel, que por isso mereceo particular attenção entre os da sua Religião, e hoje entre nós todo o elogio, que ainda lhe adquirem as Obras, que por felicidade tem escapado ás ruinas do tempo. Destas a maior parte se conserva naquelle Mosteiro da sua Profissão; e as que temos no Real Convento de Pelem, fazem ver, que dirigio todos os seus estudos n'Arte pelas Obras de Corregio. Em 1534 pintou para a Sacristia do Mosteiro de Santa

Marinha da Costa um quadro do Senhor na acção de o sepultarem. Na capella de Santa Eustochio do já citado Mosteiro do Espinheiro, fundada por D. Maria de Castro (onde jaz sepultada) ha varias Obras deste insigne Monge. No Altar da Sacristia está uma Annunciação, que tem muito merecimento; no Refeitorio entre as duas grandes janelas, que ficão da parte do poente ha um painel com as imagens de N. Senhora do Espinheiro, o Doutor Maximo S. Jeronymo, e Santo Agostinho de igual estimação. Mas sobre todas he maravilhoso o quadro do Nascimento do Salvador, que está sobre um Altar de pedra na casa antigamente chamada, a casa dos ferros. Foi neste, em que Fr. Carlos mostrou todo o enthusiasmo só proprio de um genio, qual o seu, decididamente portado pela Pintura, em que tanto se distinguio, e pela qual merecia aos seus reservarem-nos mais amplas noticias.

Dos unicos dous quadros, que deste seu Artista possue o Regio Mosteiro de S. Jeronymo de Belem, um delles he, o que está collocado sobre o Altar na Casa dos Reis, e representa a SS. Virgem com o Menino, Santa Maria Magdalena, e S. Jeronymo vestido de Cardial; mas infelizmente foi já retocado ficando por isso desmerecido da primitiva belleza, e pouco capaz de servir de elogio ao seu Author. O segundo he pintado em taboa, e se vê na capella do dormitorio, onde se conserva o Sagrado Viatico, está mais bem conservado, e foi trazido do Espinheiro pelo Padre Fr. Antonio de Campos, quando lá acabou de ser Prior.

Gaspar Dias.

Este Pintor foi um dos que tambem o Senhor Rei D. Manoel fez ir á Italia a melhorar de estilo

e aperfeiçoar-se n'Arte, para o que tomou por modelo as Obras de Rafael e de Michael Angelo. Voltando á patria pintou por ordem do Soberano varios quadros a oleo para o Real Mosteiro de Belem, e outras Igrejas mais. O quadro do Senhor Crucificado que está no Claustro foi por elle copiado de outro, original de seu mestre Michael Angelo; e seu he tambem o do Senhor Ressuscitado, que tem padecido grande ruina, e se acha muito damnificado. Este quadro, pelo que ainda hoje mostra, era bellissimo; e a seu respeito diz o Chronista citado Fr. Manoel Baptista de Castro. = Que sendo visto pelos maiores Pintores da Europa confessárão, que não se atrevião a fazer outro semelhante, nem o virão; porque parece que por Arte não se podia pintar um corpo glorioso na forma em que se vê =. Não se póde com tudo dizer delle, como já se escreveu, que o seu colorido he tão admiravel como o de Rubens, e que muito sobresahio ao merecimento de Vasco, Pedro Perugino, Reinozo, Avelar e outros grandes Artistas; o que he tão absurdo como faze-lo discipulo de Michael Angelo, e contemporaneo de Grão Vasco. Sabemos pelo testemunho de Guarenti, que vivia pelos annos de 1534; porque cita na Igreja da Misericordia o quadro da Tribuna, da vinda do Espirito Santo, marcado com o seu proprio nome, e feito naquelle anno; dizendo igualmente, que elle o restaurara em 1734.

Gaspar Cam.

Apenas consta deste Pintor ter estado a serviço do Senhor Rei D. João III. que lhe mandou passar em data de 19 de Fevereiro de 1539 Carta de seu Pintor em lugar de Alvaro Pires seu pai, a quem o Senhor D. Manoel tinha feito a mesma mercê; con-

cedendo-lhe todos os privilegios, liberdades, e isenções, que costumavão andar annexos a semelhantes empregos, e mandando a todas as Justiças dos seus Reinos, que lhos cumprissem, e fizessem cumprir sem contradição ou embargo que a isso lhe puzessem. Acha-se esta Carta na Chancellaria do Senhor D. João III. Livro 26, fol. 31 vers. no Real Archivo.

Christovão de Utrech.

Nasceu Christovão de Utrech em 1498 na Holanda, e foi discipulo de Antonio Moro (*a*) na Hespanha, donde passando a Lisboa com o Embaixador do Senhor Rei D. João III., este Soberano o admittio a seu serviço, e logo lhe fez a graça de o crear Cavaleiro da Ordem de Christo, e lhe consignou a pensão annual de 1500 ducados. Trabalhando continuadamente para varias Igrejas, e Palacios Reaes em quadros de historia, e retratos; adquirio tanta reputação, que por todos era chamado o Grão Vasco de Utrech. Entendia perfeitamente as regras de perspectiva, e as suas Obras tem merecido até hoje estimação consideravel por serem acabadas sobre o gosto de Pedro Perugino, e João Belini; mas com pincel mais delicado, e harmonioso. No anno de 1557 acabou seus dias aos 59 de idade. Joze Gomes da Cruz lembra-se delle como Portuguez na Carta Apologetica, e Analytica a pag. 48.

(*a*) Deste Pintor Antonio Moro são os retratos do Senhor Rei D. João III. e de sua mulher a Senhora Rainha D. Catharina, que estavão na Livraria do Mosteiro de Belem, e forão feitos, quando elle aqui veio pelos annos de 1552 por mandado do Imperador Carlos V. para este fim, e trouxe em companhia a seu discipulo Christovão de Utrech.

Affonso Sanches Coelho.

He este um famoso Pintor que floreceu no dourado seculo 16.º, seculo feliz, e o mais glorioso para a Nação pelo delicado gosto nas Bellas Artes, que se havia espalhado entre nós, e grande conta em que erão tidos todos aquelles, que a ellas se dedicavão. Nasceu em Portugal no anno de 1515. Destinado desde o berço para exercitar com applauso a nobilissima Arte da Pintura, recebeo da sua melhor mestra a Natureza todos os mais raros dons e talentos, com que ella se compraz brindar os seus alumnos, quando os destina para cousas grandes. Entrado já no estudo dos primeiros ensaios, concebeo logo ardentes dezejos de transportar-se a Roma, e de instruir-se alli na escola dos melhores mestres, que então se conhecião naquella capital. Apenas pôde realizalas foi cultivar seus talentos debaixo da direcção de Rafael de Urbino, e depois de Antonio Moro na Hespanha. Passados alguns annos se recolheo á patria; e sendo empregado a serviço do Principe D. João, e da Princeza Dona Joanna, já viuva, irmã de Filippe II., a instancia deste Soberano partio para Madrid a occupar dignamente o lugar de Antonio Moro.

Aqui começou de fazer conhecer a sublimidade e excellencia do seu pincel nas diversas obras que fez no Escurial. Neste sumptuosissimo Mosteiro se conservão preciosos quadros deste Author, que Palomino no Museo Pictorico pag. 260 refere um por um, e nos affirma serem todos de grande merecimento. Mas o que mais se faz alli recomendavel, he o quadro de S. Sebastião, que está na capella de S. Jeronymo, á mão direita entrando pela

porta principal, e tem ao lado direito o Salvador, ao esquerdo Maria Santissima, mais baixo S. Bernardo e S. Francisco, e em cima o Padre Eterno, que na linguagem do mesmo Escritor cada figura por si não póde melhorar-se.

Retratou por muitas vezes a ElRei Filippe II. em diversos trages, e differentes atitudes, e assim mesmo dezasete pessoas da Familia Real entre Principes, e Infantes sendo de todos mui bem acolhido, e estimado. Em 1585 fez o Retrato de Santo Ignacio pelo modelo de cera, que se formou sobre seu rosto depois de morto pela direcção do Padre Pedro de Ribadeneira, como testemunha de vista, e foi o mais bem parecido de quantos se tem feito atégora.

Os extraordinarios talentos de Affonso Sanches Coelho erão na verdade bem dignos da acceitação a mais distincta em que o teve Filippe II.: deu-lhe casa em Palacio, onde ia muitas vezes velo pintar, e conversar familiarmente com elle, não consentindo que se levantasse, quando queria tributar as devidas honras á soberania da Magestade; até chegar a dar-lhe o grato tratamento de seu filho nos sobrescritos das cartas, e o de Ticiano Portuguez. Este raro exemplo foi já por diverso modo em outro tempo praticado pelo grande Alexandre com o famoso, e celebrado Pintor Apelles; e comprova nos nossos dias, que não se escurecem nem o esplendor nem a grandeza, quando se animão as Artes, e se protegem os seus Professores.

Não o honrárão menos por sua fama as maiores personagens daquelle seculo, como forão os Pontifices Gregorio XIII., e Xisto V.; o Grão Duque de Florença, o de Saboia, o Cardial Alexandre Farneze, irmão do Duque de Parma. E porque o vião os Principes tão favorecido de um tão grande Monarcha, muitos o cortejavão, e se valião da

sua protecção; por isso era frequentado de muitos Titulares como o Arcebispo de Toledo, D. Gaspar de Quiroga, o Arcebispo de Sevilha, D. Rodrigo de Castro, e mesmo até do Senhor D. João d' Austria, e do Serenissimo Principe D. Carlos.

E para remate de tanta gloria, a que se vio elevado pelos seus talentos, fundou em Valhadolid uma Casa pia de meninas orfãs, para a qual deixou cincoenta e cinco mil ducados, somma assaz consideravel naquelle tempo; e que diz Palomino a pag. 261 do seu Museo Pictorico ainda se conserva apezar dos diversos contratempos, e dos poucos rendimentos de semelhante doação.

Cheio de honras e riquezas acabou seus dias em 1590 aos 75 de idade; sua morte foi muito chorada do Monarcha, e de grande perda para a Arte, que tanto havia illustrado. Deixou uma filha, Dona Izabel Sanches Coelho, a quem o Bacharel João Pirez da Moia no seu Livro das *Santas e illustres mulheres* reputou por uma das que na Hespanha teve mais habilidades; e Bermudez a pag. 336 do Tomo 4.° do *Dicc. Hist.* refere, que seu pai lhe ensinou o desenho, e a retratar com semelhança e correcção. O Author do *Theatro Heroino* a pag. 549 do Tom. I. chama-lhe Dona Izabel Collo, e a trata por insigne Retratista, mas não conheceu que seu pai era Portuguez.

O famoso Lope de la Vega no seu Laurel del Apolo fol. 79 elogia o nosso Artista, consagrando á sua respeitavel memoria os seguintes versos:

Y el Español Protogenes famoso,
El Noble Alonso Sanchez, que embidioso,
Dexára á el mas antiguo, y celebrado,

De quien oy han quedado,
Honrando su memoria,
Eternos quadros de Divina Historia.

Fazem delle menção entre os Pintores Portuguezes José Gomes da Cruz na Carta Apologetica, e Analytica, e Diogo Barbosa Machado na Censura d'este mesmo livro; accrescentando o primeiro a pag. 48 que fôra Cavalleiro da Ordem Militar de Christo.

Fernão Gomes 1.°

No feliz, e sempre memoravel Reinado do grandioso Monarcha o Senhor D. Manoel de gloriosa memoria, um dos mais propicios ao augmento das Bellas Artes floreceu Fernão Gomes, dotado de um genio o mais analogo para o estudo da Pintura. E como a ella se applicasse, depois de ter os primeiros ensaios achou logo todo o acolhimento naquelle Soberano, que ancioso por deixar á posteridade um monumento da sua magnificencia emprehendeo a sumptuosa fabrica do Mosteiro de S. Jeronymo em Belem; e não se poupando a despeza alguma para a sua brilhante condecoração mandou estudar á Italia varios mancebos, a fim de que á vista dos sublimes originaes em que ella tanto abunda, pudessem formar sobre a Arte o mais perfeito e delicado gosto. Foi portanto um deste numero o nosso Pintor, que depois de passados alguns annos debaixo da direção de Michael Angelo se recolheo a esta capital, e vindo foi encarregado de pintar os quadros da capella collateral da parte do Evangelho, que ainda hoje se conservão naquelle Mosteiro, tendo já perdido uma boa parte do seu muito merecimento, por mãos pouco habeis os haverem retocado, além dos estragos do tempo. Representão o Nascimento do Sal-

vador, e a Vizitação de Santa Izabel, achando-se por sua morte o emboço do quadro do Nascimento firmado com o proprio nome de = *Fernam Gomes* =.

Na outra capella fronteira, em que actualmente está o presepio, mandado fazer pelo Padre Frei Francisco de Borja, e pintado por Henrique Ferreira, existião dois quadros da Annunciação, e Santa Anna do mesmo Fernão Gomes; tem toda a belleza de expressão, mui desenhadas formas, são pintados todos quatro sobre taboas unidas umas a outras, e tambem destes ficárão os emboços por elle firmados, quando faleceo. Da estimação, que gozárão sempre tão preciosas producções d'Arte dá prova o P. M. Doutor Frei Manoel Baptista de Castro na Chronica apontada da sua Ordem; pois diz = *Estas pinturas sou eu testemunha, que acompanhando hum celebre Pintor destes nossos tempos, chamado Baccareli, hindo-as vêr as avaliou em doze mil cruzados.* =

Qual seja porém o lugar, que ao presente se lhes destina para serem collocados, nós o ignoramos, sabemos sim, que forão removidos desta capella, que experimentárão a fatal sorte dos primeiros, e como elles ficárão deteriorados em parte da sua perfeição.

Tambem no claustro em uma das capellas que estão no vão da parede ha um quadro da Assumpção da Senhora de igual merecimento; deste mesmo se achou o rascunho n'um livro de desenhos, que por morte de Bento Coelho ficou a certo curioso. Fronteiro a este em outra capella fica outro da Annunciação; e aindaque o citado Chronista não diga expressamente, qual fosse seu Author; todavia pelo seu estylo póde-se reputar da mesma mão. Além destes ha mais dois quadros do Senhor no horto, e da Coroação de espinhos, attribuidos desde a sua pri-

mitiva a um Pintor chamado Rebello. Havia tradição nesta Casa serem todas estas Pinturas de Salzedo; mas a verdade he, que forão mandadas fazer pelo Senhor Rei D. Manoel aos Professores, que enviou a Italia como Fernão Gomes, Gaspar Dias, Francisco Venegas (*a*) e Manoel Campello, que assaz se destinguirão no imitar a Michael Angelo, e a Rafael. Do mencionado Rebello são os quadros, que estão nas paredes mais altas da Sacristia; e ao que parece, forão já retocados com bastante damno da sua belleza.

Salzedo.

Este Artista, de quem não pudemos descobrir mais que o appellido, floreceu no seculo 16.°, e pelo que delle consta, gozou no seu tempo de muita reputação pintando no Real Mosteiro de Belem, havendo quem comparasse suas obras com as dos melhores mestres, que tinhão ido estudar o bom gosto á Italia. Assim no-lo deixou escripto Frei Manoel Baptista de Castro na Chronica da Ordem, tantas vezes citada, dizendo haver tradição na Casa, serem de um Pintor chamado Salzedo os quadros da Annunciação, Assumpção, e outros, que depois se reputárão indisputavelmente de Fernão Gomes de quem acabamos de tratar. Se ao presente existem algumas obras suas ou naquelle Real Mosteiro, ou em outros lugares, não podemos determinar precisamente; o certo he, que a Senhora Rainha Dona Catharina, mulher do Senhor D. João III., no seu Codicillo fez mercê do uzofructo das Casas, em que pousava D. Aleixo, á viuva do Pintor Salzedo. Consta esta

---

(*a*) Não sabemos deste outras noticias.

noticia da Gaveta 16, Maço 1, Numero 12, fol. 8 in fine no Real Archivo.

Manoel Campello.

Nos annos da sua mocidade foi Manoel Campello mandado estudar á Italia a Pintura na escóla de Michael Angelo, e taes progressos fez debaixo da sua direcção, que voltando á patria teve a honra de ser nomeado Pintor do Senhor Rei D. João III., graça que lhe havia concedido já seu augusto pai.

No claustro grande do Real Mosteiro de Belem ha varios quadros seus, que representão assumptos da paixão de Christo: são dignos de todo o louvor pelo correcto desenho, grandioso estylo, predicados que lhe ganharão o nome de fiel exactissimo imitador de seu grande mestre. Tambem estes, como todos os mais que alli se conservão, forão repintados, e muito mudados de sua fórma primitiva; e por isso já hoje em parte não encantão cabalmente a vista de um observador intelligente. Qual seria a sua graça, e a sua grandeza quando estavão na sua original conservação, não póde conjeturar-se, porque não resta entre nós uma só obra sua intacta, e sem alteração.

D. Francisco Manoel de Mello, este gracioso Escritor, que sempre merecerá estimação entre as pessoas de bom gosto, no seu bellissimo Dialogo que intitulou Hospital das Letras, supposto o attribua a Bocalino um dos interlocutores do mesmo Dialogo, faz delle o seguinte conceito, enumerando-o entre os varões insignes, e diz assim a pag. 456: »Bem »confesso a travessura do meu genio, como todos »sabeis, mas sem embargo delle, e della, sou obri»gado a confessar, e confesso, que não foi a natu»reza, nem a fortuna avára com os Portuguezes,

„da gloria do engenho; porque tal Poeta como vos „deu no Camões; tal Historiador, como em João „de Barros; tal Orador, como em Jeronymo Ozo„rio; tal Rhetorico, como em Cypriano; tal Ju„rista, como em João das Regras..... tal Prega„dor, como em Antonio Vieira; tal Pintor, como „Manoel Campello; tal Rei, como D. João II.; em „fim tal Santo, como Santo Antonio; não vimos, „que juntos a outra Nação se dessem.„

Guarenti no seu Abcedario Pictorico fallando deste Artista mostra ignorar-lhe o nome, quando expressamente diz „ Campello assim chamado nas „antigas memorias de Portugal foi natural deste „Reino. „ Não podemos dizer ao certo, se outras obras nos restão do seu pincel admiravel.

Frei Bento Contreiras.

Foi Fr. Bento Contreiras insigne illuminador; e como tal se faz delle menção nas *Memorias Historicas da Provincia do Carmo de Portugal*, onde diz o seu Author Fr. Manoel de Sá, que fizera os Livros do Choro do Convento do Carmo de Lisboa com todo o primor d'Arte. Estes Livros forão alli collocados pelos annos de 1551, governando estes Reinos o Senhor Rei D. João III. Vejão-se as sobreditas Memorias a pag. 390 N.° 573.

Bras Pereira.

Nasceu Braz Pereira em Portugal, e foi filho de Fernando Brandão, Guardaroupa do Infante D. Fernando de Portugal. Teve estreita amizade com Francisco de Holanda, que o vizitou na volta da romaria, que fez a São Tiago de Galiza em companhia do nosso Infante D. Luiz, na mesma casa em

Castella, onde estava hospedado. Descançou nella oito dias, e em todo este tempo não fallárão, nem tratárão senão da Pintura, do que resultou o Dialogo, que escreveo Holanda sobre = *Tirar do natural* = que anda entre os Dialogos manuscriptos, que elle escreveo sobre a Pintura. Pereira foi um Professor muito instruido, e intelligente nesta Arte, e vivia pelos annos de 1560. Bermudez Dicc. Hist. faz delle menção Tom. 4.° pag. 61 referindo-se ao Manusc. de Francisco de Holanda.

Vasquez.

Foi Vasquez Pintor Portuguez, e um dos que tambem nos refere Bermudez, mencionando um quadro seu no Altar de São Sebastião da Parochia de São Lúcar de Barrameda, que representa o martyrio do mesmo Santo, figura ao natural, firmado deste Author com a seguinte formula = *Vasquez Lusitanus tunc incipiebam anno* 1562 = ; e outro do Descendimento da cruz, collocado na mesma Igreja, *casi perdido*, diz o Historiador tantas vezes citado. Ambos elles mostrão, que este Artista estudára a Anatomia, e proporções do corpo humano; porém o seu estylo de pintar era duro, e pouco resoluto.

Antonio Maciel.

Ao nosso insigne Historiador Frei Luiz de Souza, na vida que escreveo do Arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, somos devedores por nos conservar a memoria deste Artista, que vivia na Villa de Vianna com bom nome no anno de 1590; o qual tirou o retrato do mesmo Santo Arcebispo pouco tempo antes de falecer; e diz assim „Quiz o Arcebispo D. Frei Agostinho aproveitar

„aquelle espaço de tempo com uma obra do seu „valor bem digna. Mandou vir um Pintor de fa„ma por nome Antonio Maciel pera nos ficar por „seu meio conhecimento do rosto e feições do San„to, consolação grande pera os que não alcançamos „sua presença. „ Liv. V. Cap. V. fol. 207 col. 4.ª Não pudemos descobrir outras noticias deste Pintor.

Vasco Pereira.

Foi este um dos Pintores muito acreditados do nosso paiz, que daqui partio para Hespanha, e se estabeleceo em Sevilha pelos fins do seculo 16.º, onde pintou muitas obras, citadas por Bermudez no 5.º Tomo do *Dicc. Histor.* a pag. 141. Como este Historiador faz delle particular menção na sua obra pelas memorias, que achou no Archivo da Cathedral daquella Cidade, tudo diremos com palavras suas, copiando aqui literalmente quanto nos refere nosso Artista Portuguez. = *El cabildo de aquella catedral le encargo el año de* 1594 *reparar la famoza calle de la Amargura, que Luis de Vargas habia pintado al fresco treinta años antes en las gradas del lado del norte, porque comenzaba á padecer por el temporal: pintura de gran aprecio, que entonces era la devocion del pueblo, ante la qual permitia la justicia se parasen á rezar los que salian á la verguenza, por lo que desde aquel tiempo conserva el nombre del Christo de los azotados. Pintó Pereyra con otros professores en* 598 *el tumulo que levantó la ciudad de Sevilha en su iglesia mayor para las honras de Felippe II., en el que luciéron con emulacion las mejores habilidades, siendo la de Pereyra una de las mas aventajadas. Por entónces pintó al fresco la degollacion del Apóstol de las Gentes en el claustro del convento de S. Pablo, en*

el que trabajaron á porfia Mohedano y Vazquez, de cujas obras no ha quedado mas que el adorno de la puerta que á la iglesia. Doró y estofó el retablo mayor antiguo del monasterio de S. Leandro en aquella ciudad, que seria mucho mejor que el actual; y en un baxo relieve de Cristo á la columna, que a un se conserva en el moderno, unió con mucha inteligencia la columna á un trozo de arquitectura, que pintó en perspectiva en el fondo. Fué gran dibuxante, pero de seco y duro colorido, como se nota en los quatro doctores que hay de su mano en la libreria de la cartuxa de santa Maria de las cuevas, y en una anunciacion de nuestra Señora colocada en la sacristia del que fué ántes colegio de S. Hermenegildo, y hoy casa de los Toribios. Falleció en Sivilla á principios del siglo 17. Arch. de la cat. de Sev: Pach: Espinos.

Diogo Reinoso.

De Diogo Reinoso são tão duvidosas as noticias, que pudemos haver, como incertas as muitas Pinturas, que lhe ouvimos attribuir, e não ousamos affirmar serem suas. Delle faz honorifica menção o Excellentissimo D. Fr. Manoel do Cenaculo nas Mem. Hist. do Ministerio do Pulpito a pag. 135, enumerando-o entre os nossos Pintores de bom nome, e accrescentando que fôra discipulo de Michael Angelo; comtudo ignorou-lhe o primeiro nome. Diogo Barbosa Machado tambem se lembra delle na Censura á Carta Apologetica e Analytica de José Gomes da Cruz. He certo, que pertence a esta idade, e ao Reinado do Senhor D. Manoel, e D. João III.; e talvez seria um daquelles muitos mancebos, que este ultimo Rei mandou estudar a Italia. Tudo nos escondeo o tempo, e o descuido dos nossos

maiores; mas dos poucos quadros que temos motivo para a affirmar serem seus, notamos correção no desenho, e tudo o mais que no estylo corresponde á escóla de seu mestre. São elles tres, que vimos na galleria do Excellentissimo Marquez de Penalva todos em taboa: um que representa a Santo Agostinho, outro a Santo Ambrosio, e o terceiro a Santa Clara dignos sem dúvida de toda a estimação.

Frei Luiz de Bastos.

Fr. Luiz de Bastos foi Religioso Carmelita Calçado, e um dos que admirou o seu tempo pelos seus conhecimentos na Pintura; cuja Arte exerceo insignemente, pelo que delle escreve Frei José Pereira de Santa Anna na Chronica da sua Ordem a pag. 476, dizendo fora » o mais insigne de quantos co-» nheceo o Reino no seu tempo; e postoque come-» çasse a mover os pinceis por curiosidade, ou por » força de inclinação, veio depois a constituir-se tão » senhor delles, que não sahio de sua mão pintura » alguma, que aos melhores Artifices não servisse de » admiração, ou de modello. »

Christovão Lopes.

He este certamente um Pintor Portuguez, que de quantos florescerão no seculo 16.°, mais illustrou a Nação pelos seus grandes talentos n'Arte, e que lhe grangeárão não só a Regia Protecção do Augusto Soberano o Senhor D. João III., a total estima entre os seus, mas até deu muito que invejar aos estrangeiros. Nasceu em 1516, seis annos antes que seu pai Gregorio Lopes passasse a serviço deste Monarcha, tendo já servido no Reinado antecedente. Esta circumstancia não podia deixar de ser

mui favoravel a um mancebo, destinado desde logo a immortalizar seu nome naquella mesma profissão, em que seus maiores se vião já assaz condecorados; e por isso seguindo os mesmos passos principiou a ter os primeiros ensaios da Pintura debaixo da direcção de seu pai, talvez muito antes que seu mestre Affonso Sanches Coelho lhe facilitasse as sabias instrucções. Palomino, Museo Pictorico pag. 243., he quem o faz discipulo deste grande homem, e lhe chama eminente Pintor Portuguez, *a unque oriundo de Castilla*, e Pintor da Camara do Senhor D. João III., que lhe liberalizou entre outras singulares mercês a de Cavalleiro da Ordem de Aviz, e a grata condescencia de lhe permittir retrata-lo por differentes vezes, e a toda a Familia Real. Mas se olhamos para as suas Obras como conhecedores, e meudamente as examinamos, melhor lhe chamaremos um fiel imitador de Michael Angelo, cujo estylo copiou primorosamente. He esta uma prerogativa, que a maior parte dos nossos Pintores antigos possuirão em gráo sublime, e esta he tambem uma das razões, por que muitos quadros, dos que hoje existem entre nós, se attribuão a Estrangeiros, ficando por isso inteiramente escurecida a gloria Nacional, e deteriorados os seus proprios Authores da justa veneração, que lhes he devida.

E paraque se conheça o distincto merecimento, a que soube elevar-se Christovão Lopes, citaremos aqui as suas preciosissimas pinturas, que enriquecem hoje em dia o Real Mosteiro de S. Jeronymo em Belem; e são todos os paineis da capella mór, que, a não terem soffrido estrago, poderião affoutamente disputar a primazia ás obras dos mais assignalados Professores, daquelles mesmos de quem estes beberão os principios. Nelles se admira muita belleza, desenho semelhante ao de Michael An-

gelo, expressão igual á de Rafael; e só he para sentir, que fossem já retocados, e que os não possamos gozar na sua original perfeição.

O mesmo Palomino no lugar citado dá a este famosissimo Pintor 54 annos de idade, e diz falecêra em Lisboa em 1570; mas conhecidamente se enganou, porque no Livro 32 da Chancellaria d'ElRei Filippe I. fol. 127. vers. no Real Archivo existe uma Carta de Pintor passada a Fernão Gomes por falecimento de *Christovão Lopes* em data de 18 de Maio de 1594: vindo portanto a viver mais 24 annos, do que elle lhe attribue; erro em que induzio tambem Fr. Manoel Baptista de Castro na sua citada Chronica.

Fernão Gomes 2.º

Foi Fernão Gomes segundo do nome, e diverso do primeiro, o que se collige de uma Carta de Pintor, que se acha no Liv. 32 da Chancellaria d'El-Rei Filippe I. de Portugal a fol. 127 vers. no Real Archivo. Nella se acha provido no Officio de Pintor de oleo por falecimento de Christovão Lopes com o ordenado de cinco mil reis por anno e um moio de trigo, vencimento este que tinha o dito Christovão Lopes, e era o mesmo, que vencia seu pai Gregorio Lopes. Esta Carta he passada em data de 18 de Maio de 1594. Ora bem claro está, que semelhante mercê não póde competir com o primeiro Fernão Gomes; porque sendo mandado á Italia pelo Senhor Rei D. Manoel, e por ordem sua fazendo elle quando voltou todos os quadros já especificados, em que estado se acharia naquelle anno, capaz de servir Filippe I. tendo morrido o Senhor D. Manoel em 1521, e mediando entre estes dous Soberanos nada menos que tres Reinados e um delles algum tanto

extenso, qual o do Senhor Rei D. João III. Só deste, e não do outro se póde entender o que diz Guarenti de existir ainda em 1580.

D. Magarida de Noronha.

Nasceu D. Margarida de Noronha na cidade de Evora, forão seus illustres Progenitores D. Francisco de Noronha II. Conde de Linhares, e D. Violante de Andrada, Dama da Imperatriz D. Izabel. Foi Senhora de grande engenho, mui versada no conhecimento das Linguas Latina, Franceza, Italiana, e Ingleza, e tão excellente na Pintura que a muitos Professores causou admiração a belleza do seu pincel. Duarte Nunes na Descripção de Portugal a pag. 152 a destingue como Pintora nas seguintes palavras.... „ A mesma pinta tão excellentemente a „ oleo e illumina que suas obras fazem espanto aos „ maiores mestres officiaes daquelle officio. „ Não foi menos perita na Architectura, chegando a fazer o desenho para a Igreja, officinas, e varanda do Convento da Annunciada que seu Avô Fernão Alvares de Andrada, Fidalgo da Casa de ElRei D. João III., e do seu Concelho Escrivão e Thesoureiro mór de sua Fazenda mandou fundar; para onde entrou na flor dos seus annos com heroico desengano tomando o nome de Soror Margarida de S. Paulo, e exerceo com grande prudencia, e a affabilidade por quatro triennios o lugar de Prioreza. Escreveo muitos discursos de coisas espirituaes, que pela profunda erudição, e altos conceitos inspirão devoção em quem os lê. Os muitos Escriptores que já tem fallado em abono desta virtuosa matrona podem ver-se no Tomo III. da Bibliotheca Lusitana, cujo Author nos dá a sua morte a 2 de Janeiro de 1636 de 86 annos de idade.

Antonio de Holanda.

Foi Pintor de illuminação, e pai de Francisco de Holanda, Artista tão fallado entre nós pelos seus quadros, e mormente pelos seus Escritos. He elle quem diz de seu pai mil maravilhas, e o põe no catalogo dos famosos Pintores modernos, que chamou Aguias; e affirma ter sido valente illuminador. No Livro que compoz em Portuguez intitulado, *a Pintura antiga* escreve o seguinte, que conforme a tradução de Bermudez no Dicc. Historic. diz assim.= *A Antonio de Holanda, mi padre, podemos dar la palma y juicio, por ser el primero que halló y hizo en Portugal la suave illuminacion de prito y blanco, mucho mejor que en otra parte del mundo*=. E no fim dos Dialogos sobre *o Tirar pelo natural*, que cita no mesmo Livro o dito Bermudez, continúa:= *Ami me dixo el Emperador D. Carlos en Barcelona delante de nuestro duque de Avero y delante del duque de Albuquerque y del duque de Alba, que mejor le habia sacado al natural Antonio de Holanda en Toledo de illuminacion que Ticiano en Boloña*= Bermudez na citada Obra, referindo-se aos Mss. de Francisco de Holanda, Tomo 2.º pag. 292.

Francisco de Holanda.

Francisco de Holanda Illuminador e Architecto Portuguez nasceu na Cidade de Lisboa, e foi filho de Antonio de Holanda, e Irmão de João Homem de Holanda Provedor em Santarem (*a*). Aprendeo com

(*a*) Foi primeiro Juiz de Fóra em Obidos, segundo consta da Carta, que se lhe passou em data de 6 de Janeiro de

seu pai a miniar em branco e negro, e depois a modelar em barro, sendo taes seus progressos que conseguio a gloria de ser o primeiro no nosso paiz em desenhar á penna sem perfil. Estando em Evora miniou com pontos de branco, e preto uma Annunciação, e a Vinda do Espirito Santo para um breviario do Senhor Rei D. João III., sendo mui digno de admiração não ter visto ninguem illuminar a pontos antes de o vêr fazer em Roma a D. Julio Clovio, inventor alli deste genero de pintura no mesmo tempo que Holanda em Portugal.

Nos annos da mocidade foi enviado á Italia por aquelle Soberano para vêr, e desenhar as fortalezas e obras mais insignes della; onde, depois de estudar muito do antigo, e frequentar algum tempo a escóla de Michael Angelo Buonarotti, com quem teve estreita amizade, se recolheu ao Reino trazendo-lhas todas em desenhos, como elle mesmo confessa no seu Livro intitulado *Fabrica que falece á Cidade de Lisboa.* (*a*) Fallando das preciosidades daquella

---

1551, e se acha lançada no Liv. 69 da Chancellaria do Senhor Rei D. João III. a fol. 123 vers. no Real Archivo.

(*a*) *Livro do que falece á Cidade de Lisboa* he um pequeno opusculo dirigido a ElRei D. Sebastião no anno de 1571: tem doze capitulos com vinte e sete desenhos como da Figura de Lisboa, de uma ponte para se fazer no Rio de Sacavem, d'outra em Abrantes, d'outra em Santarem; do prospecto de um palacio para o mesmo Rei no valle de Xabregas; do retabulo de uma capella que aconselhava, se fizesse no Paço no mesmo lugar, onde se commetteo o desacato de um Inglez na presença do Senhor Rei D. João III.; de duas Custodias, etc. Guarda-se na Collecção dos manuscritos da Real Bibliotheca. Tivemos o gosto de o vêr no Paço Real da Ajuda, e agora sabemos que por ordem de S. A. R. veio em 1814 do Rio de Janeiro uma cópia exacta-

Capital do mundo »Que pintura (diz elle no livro »da *Pintura antiga*) de estuque ou grutesco se des»cobre por estas grutas e antigualhas assim de Ro»ma, como de Puzol, e de Bayas que não se ache »o mais raro dellas por meus quadernos cunhado? »E desta sorte não sabia eu coisa nem antiga nem »moderna da pintura, ou da escultura, e da archi»tectura de que não tomasse alguma lembrança del»la.»

Voltou muito aproveitado a Portugal por Monserrate na Catalunha e por Sevilha, vivendo ainda seu Protector o Senhor D. João III.; e a seu mandado illuminou os livros do choro do Real Convento da Ordem de Christo de Thomar, que se conservão como eterno monumento da sua perfeição, miniatura bellissima, cujo desenho he cheio de elegancia e franqueza. Esteve em Guadalupe, com o Infante D. Luiz seu particular amigo quando lá foi visitar o corpo do Apostolo S. Tiago, fazendo este delle tanto conceito, que repetidas vezes o mandava chamar para o ouvir em coizas de seu serviço. Por esta occasião se demorou oito dias em casa de Braz Pereira sabio Pintor e Architecto como em sua memoria se disse, de cuja conversação com elle sobre bellas Artes compoz Francisco de Holanda os Dialogos de *tirar pelo natural* ou retratar, cheios de muita erudição, e insertos no Livro de *Pintura an-*

---

mente tirada, por Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, Ajudante mui digno na mesma Bibliotheca, para a Academia Real das Sciencias. O P. João Baptista de Castro o cita no seu Mapp. de Portugal Tom. I. pag. 102 e Tom. III. pag. 488 da 2.ª edicç. e no Roteiro Terrestre §. 21 da Introducção, pelo ter visto na selectissima Livraria do Excellentissimo Senhor Conde de Redondo, hoje Marquez de Borba.

tiga, que elle escreveo em o nosso idioma, quando veio de Italia, vivendo ainda Buonarotti.

Comprehende esta obra dous Tratados cada um delles com Prologo distincto ao Senhor Rei Dom João III.: o primeiro de quarenta e quatro capitulos sobre preceitos da Arte demonstrados com desenhos: o segundo he subdividido em quatro partes, que são outros tantos Dialogos á cerca da excellencia das bellas Artes, e das antiguidades da Italia; introduzio nelles como interlocutores a si proprio, o seu charo amigo Michael Angelo, Miser Ambrosio, Lactancio Tolomeo tambem seu prezado amigo, a Marqueza viuva de Pescara D. Victoria Colona, o Cavalheiro Zapata, D. Julio Clovio, e outros Professores mui intelligentes, que pela verosimilhança das coizas parece serem formados sobre conversações verdadeiras passadas entre estes sugeitos em casa da mesma Marqueza, onde concorrião familiarmente. Segue-se logo uma Tabella dos mais celebres Artistas modernos Italianos e Hespanhoes, a que dá o nome de Aguias, concluindo com o dito *Dialogo de tirar pelo natural* em que falla com o Senhor Rei D. João III., a quem tambem dedicou esta obra a mais singular nesta materia, e a mais adequada para instrucção e aproveitamento dos que seguem as bellas Artes na frase de Bermudez.

Na sua estada em Roma gozou sempre da estimação das maiores personagens pelas suas boas qualidades e erudição, entre as quaes muito se distinguia por ser versado em varias linguas especialmente na Grega, e Latina. O mesmo Pontifice Paulo III. lhe fez a graça de lhe ministrar por sua propria mão a Communhão no Vaticano em dia de Paschoa de 1539, nove annos antesque voltasse á patria, vindo portanto no de 1548 em que escreveo em Lisboa o

Livro de *Pintura antiga* (*a*); e no de 1549 em Santarem o *Dialogo de tirar pelo natural* acima.

Escreveo tambem sobre Architectura; e compoz em toda a sorte de metro algumas obras de erudição como *Louvores eternos* dedicados ao Anjo Custodio, que completou a 22 de Novembro de 1569; *Amor da Aurora*; *Idades do homem* adornadas estas duas de considerações devotas, e enriquecidas de preciosas illuminações: além do Tratado da *Fabrica que falece á Cidade de Lisboa*; e manuscrito curiosissimo pelas noticias historicas e instructivas da antiguidade da *Pintura antiga*, o qual fez copiar do authografo da Real Bibliotheca de Madrid o Illustrissimo Monsenhor Ferreira Gordo, e trouxe para a Real Academia das Sciencias de Lisboa, onde se conserva, quando como Socio alli foi por commissão da mesma Academia.

Improvisava gentilmente desenhando á penna; e tamanha reputação lhe grangeárão seus talentos na Arte, que teve a honra de ensina-la aos Infantes de Portugal. O desenho de um chafariz, que constava da figura de Lisboa em cima de uma columna cercada de quatro elefantes deitando agua pelas trombas, foi mandado fazer, diz o P. João Baptista de Castro, pelo Senhor Rei D. Manoel ao famoso Holanda quando tentou encaminhar as aguas para a Cidade, e que corressem para a praça do Rocio; este desenho, diz elle, vira, o que certamente deveria ser muito antes de ir á Italia.

Quão grande e incomparavel tenha sido o gráo

(*a*) Esta obra foi traduzida por Manoel Diniz no idioma Castelhano em 1563, e não em 1759 como falsamente escreveo Campomanes no Discurso sobre a Educaç. Popular, pag. 100. not. 5.

de merecimento, a que o seu raro engenho soube elevalo, se mostra evidentemente ao vêr-se o quadro do baptismo de Santo Agostinho. He este quadro, que tivemos o gosto de vêr, de quatro palmos de comprido, e dous de alto com vinte e uma figuras, a cada uma das quaes corresponde a expressão e caracter conveniente. Senão temesse a taxa de exaggerado ousaria dizer, que nelle se acha reunido á composição de Rafael, o desenho de Michael Angelo, e o colorido de Ticiano; todavia posso affirmar sem nota ser o melhor Pintor, que temos tido. Foi deixado este quadro (para que faça menção de tudo que he digno de illustre memoria) a D. Manoel de Castro, filho de D. Alvaro Fernandes de Castro, por D. Fernando Alvaro de Castro seu tio, irmão de seu Avô D. Manoel de Castro, netos ambos por D. Alvaro de Castro, do grande Vice-rei da India D. João de Castro. Esta doação foi-lhe feita por Alvará de ElRei em data de 4 de Maio de 1632 juntamente com alguns outros moveis, e bens de raiz vinculados em morgado, por occasião de se recolher o dito D. Fernando Alvares de Castro ao Convento de S. Domingos de Bemfica, onde tomou o nome de Fr. Fernando da Cruz, de quem já fez menção Frei Luiz de Souza na Historia de S. Domingos Parte II. Livro II. capitulo XVI. He delle hoje possuidor João Maria Rafael de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria e Pereira, Alcaide mór de Cintra, que o tem em muita estima, bemcomo outro de Alberto Durero, Pintor Flamengo, e outro de Christovão Morales, Pintor Hespanhol, os quaes andão todos em cabeça de morgado.

Não foi menos insigne nos retratos, que tirava mui parecidos e com tanta naturalidade, que mereceo da Infanta D. Maria, irmã do Senhor Dom João III. deixar-se retratar pelo seu pincel admi-

ravel; e deu lugar pela sua belleza ao elegante Jurisconsulto Manoel da Costa a decanta-lo no seguinte Epigramma =

Exprimere ad vivum divinam Holanda Mariam
Tentavit, raro dignum opus artifice,
Et talem expressit, qualis collata Dianae
A vate Alcinoi filia Moeonio.
Scintillare oculi stellata e fronte videntur,
Et micat in roseo vividus ore decor.
Vultus majestas est, cui fastigia rerum
Deberi juxta cum ratione putes.
Quod si Penelopes formam celeberrimus olim,
Depinxit Zeuxis cum probitate simul,
Et felix manus Holandae monstravit eadem,
Augustae mores virginis in tabula.
Denique si posset mortali lumine cerni,
Hac facie virtus conspicienda foret.
Nec tamem ostendi potuit satis illa venustas
Qua toto visum est gravius orbe nihil.

Não podemos dizer precizamente, quando fosse a morte deste grande homem tão sensivel para a Pintura. Consta por tradição que fora sepultado no Mosteiro de Penhalonga ao pé da serra de Sintra da Ordem de S. Jeronymo; he certo, que alli se acha na Igreja uma inscripção sepulchral em letra Romana bem negligentemente mutilada, porque estando embebida a maior parte da lage na pilastra, que se firma sobre ella, só dá lugar a lerem-se estas unicas palavras = *falleceo na Era de* 1574 =, que muito bem se podem entender delle.

Quando por este motivo fomos áquelle Mosteiro, não pudemos deixar de estranhar a reprehensivel incuria e total deleixamento, de quem dirigio as obras modernamente feitas na mesma Igreja, por

succumbir á ignorancia dos operarios consentindo-lhe cobrir a pedra e esconder o epitafio, ficando assim duvidoso o lugar da sua sepultura. Praza aos Ceos, que tomem vigor as determinações do Senhor Rei D. João V. expressamente decretadas em um Alvará contra semelhantes abusos, pois só deste modo se poderão remediar outros muitos tão iguaes, que continuadamente succedem entre nós. Sobre este Pintor veja-se o mais que diz D. Antonio Conca, Descrizione Odeporica della Spagna, Parma 1793 Part. II. D. Antonio Ponz. Viag. de Hespanha Tom. II. Cart. V.

Manoel Diniz.

Do Pintor Portuguez Manoel Diniz falla Bermudez Diccionario Historico Tom. II. pag. 11, e diz, se criara na Hespanha desde muito menino, e traduzira no Castelhano em 1563 o Livro da *Pintura antiga*, que pouco antes tinha escrito em Portuguez Francisco de Holanda: Manuscrito mui apreciavel, que conserva na sua Bibliotheca publica a Real Academia de São Fernando. O mesmo Author confessa dever a noticia deste Pintor ao citado opusculo de Holanda, a que se refere.

Filippe Nunes.

Filippe Nunes nasceu em Villa Real na Provincia de Traz os Montes, de Belchior Martins, e Guiomar Nunes. Foi dos mais célebres Artistas, que venerou o seu tempo, e por cuja pericia na Pintura, e Poesia, e muita lição de Letras Humanas, e dos Santos Padres tem inda hoje entre os sabios grande estimação os seus Escriptos. Qual fosse o seu merecimento n'Arte, quaes seus estudos, e o sabio mestre que o dirigio, não veio atégora á nossa noticia. Sabemos,

pelo que delle se acha escripto, exercitára com muito gosto e inclinação a Pintura, e que a ella consagrára uma boa parte dos seus dias, e dos seus melhores disvélos, devendo-lhe ficar privativamente a gloria de ser o primeiro, que no nosso paiz, e nosso idioma publicou por meio da Imprensa algumas noções (aindaque breves e minguadas em tão vasto assumpto) na sua *Arte Poetica e da Pintura etc.* de que já fallamos na Introducção desta Obra.

Em idade já crescida professou o Instituto da Ordem dos Pregadores no Convento de Lisboa a 4 de Novembro de 1591 tomando o nome de Fr. Filippe das Chagas. Veja-se Barboza Tom. II. pag. 68 col. 2.ª da Bibliotheca Lusitana, onde descreve as obras, que este varão insigne deixou escriptas; e Tom. IV. pag. 121 col. 2.ª: Pedro Monteiro Claustr. Domin. Tom. III. pag. 202: Barboza *Comment. ad Ord. Reg. Portug.* Liv. IV. Tit. 91 §. 14. Fr. Lucas de Santa Catharina no Appendix dos Escriptores da Ordem de S. Domingos na IV. Parte da Chronica.

Diogo Sobrinho.

Nasceu Diogo Sobrinho o Bacharel na Cidade de Valhadolid no anno de 1562, de Antonio Sobrinho Portuguez, natural da Cidade de Bragança, e da celebrada matrona Cecilia de Morillas, ou Henriques, e não Maria como diz o Author do Theatro Heroino Tom. I. pag. 285 tratando de sua irmã D. Cecilia Sobrinho. Pelo que nos deixou escripto Barboza no I. Tom. da Biblioth. Lusit. pag. 661 col. 1.ª deste insigne varão, ajuizamos ter sido perito na pintura; porque refere-se alli; »que fora dotado »de grande presença, engenho agudo, condição affa»vel, discrição natural, intelligencia da Historia, »Pintura, Musica, Poesia, e das linguas mais po-

»lidas da Europa, cujos singulares dotes lhe conci-»liárão estimação universal. Em 1594, sendo já Sacerdote, se recolheo com consentimento do Eminentissimo Cardeal D. Rodrigo de Castro, Arcebispo de Sevilha, depois de o ter acompanhado a Barcelona, a Saragoça, e a Roma, á Religião reformada dos Carmelitas Descalços; onde passando algum tempo n'uma vida exemplar foi obrigado pelos seus superiores a sahir da Thebaida de Batuecas, em que tinha sido um dos primeiros Fundadores para exercitar o seu talento em honroso beneficio da sua mesma Religião. E depois de haver desempenhado louvavelmente o lugar de Prior do Convento de Segovia, e outros empregos de distinção passou a gozar o premio das suas virtudes a 10 de Junho de 1623 no Convento de Veles, deixando varias obras manusc. e uma só impressa em 1615. Deste varão Religioso fallão largamente o Chronista da Ordem Fr. José de Santa Tereza Part. III. Liv. IX. Cap. V. n.º 4, e Liv. XVI. Cap. VI.; e D. Nicoláo Antonio no I. Tom. da Biblioth. Hispan. pag. 226 Col. 1.ª

Diogo Pereira.

Nasceu Diogo Pereira em 1570; foi estimadissimo Pintor e ainda hoje mui celebrado pela nobre imitação de fogos, incendios, torres abrazadas, e outros assumptos de semelhante qualidade. Representou tambem algumas scenas campestres com grande merecimento, as quaes fazia vêr illuminadas á luz da Lua, ou da candeia; e varios quadros de paiz com pequenas figuras de optimo gosto. Mas apezar de ser bastante conhecido seu muito talento por meio das suas apreciaveis obras, em que trabalhava continuadamente, nunca em quanto viveo pode melhorar fortuna; antes chegou a um tal extremo de miseria já

quasi nos fins de sua vida, que teve de procurar o abrigo de um grande amador das Artes, que generosamente o amparou, e soccorreo, atéque acabou seus dias em 1640 com 70 annos de idade. E com effeito he de notar, vermos em vida este homem, aliàs benemerito, tornado a um estado tão abatido; e apenas falecido, começarem-se logo de procurar suas pinturas com grande excesso para a Italia, para Inglaterra, e França, onde se pagão ainda a largo preço. Em Napoles (diz Guarenti fallando deste Pintor) possue o Conde D. Diogo um quadro, em que pintou o Inferno, e outros de Troia abrazada, com um grandissimo numero de figuras.

Não he raro em Lisboa encontrarem-se obras deste Author, nem ainda em algumas partes do Reino, em que imitou o gosto e maneira de Tiniers, Pintor Flamengo. O Excellentissimo Marquez de Marialva possue tambem dous quadros seus dos quaes um representa o Diluvio, e outro o Incendio de Troia.

Antonio de Barros.

Sabemos, que este Pintor esteve a serviço d' ElRei Filippe I. de Portugal, e que floreceu pelos annos de 1596, em que se lhe passou carta em Lisboa em data de 29 de Fevereiro deste mesmo anno; na qual se especifica, que não haveria casamento, nem mantimento pelo não haver tambem seu antecessor Gaspar Carvalho; mas que se lhe pagarião as obras que fizesse. Acha-se lançada no Livro 30 de Doações de Filippe 1.° fol. 169 no Real Archivo.

Luiz da Costa.

Este insigne Pintor de tempera nasceu em Lisboa

a 16 de Maio do anno de 1595, e forão seus pais Luiz da Costa, e Maria de Almeida. Teve por mestre na Pintura a Sebastião Ribeiro, de cuja Escóla sahio tão eminente, que suas obras se confundião, e equivocavão entre si. Modelava figuras com igual perfeição; e com a mesma valentia fundia em cera e estanho. Foi muito dado á lição dos Livros; e como sabia bem a Lingua Italiana, traduzio della em Portuguez os quatro Livros de Symetria do corpo humano, compostos por Alberto Durero, a que ajuntou o quinto Livro de Paulo Galario Saludiano; cuja obra manusc., diz Barboza na Biblioth. Lusit. Tom. III. pag. 87 col. 1. estava toda cheia de estampas primorosamente desenhadas pelo Traductor. Foi sua filha Ignacia de Almeida, donzella virtuosa como lhe chama Frei Agostinho de Santa Maria no Tomo I. do Santuario Marianno pag. 351, muito perita na escultura de barro, e cêra dizendo-nos ser sua a imagem de Nossa Senhora em representação de morta no vão do altar da capella dos agonizantes na Igreja de S. Roque desta Cidade. Além desta teve outros filhos, que como refere o mesmo Escritor, forão todos dotados de partes excellentes.

Maria da Cruz.

Nasceu Maria da Cruz de familia illustre; e professou o instituto da Ordem de Santa Clara no Convento das Chagas da Cidade de Lamego. Foi dotada pela natureza de propensão summa para a Pintura, cuja Arte exerceo com admiração dos mais peritos Artifices, retratando do natural com muita semelhança tudo quanto se lhe offerecia. Na capella do Desterro, que mandou erigir á sua custa no claustro daquelle Convento, collocou o quadro de Nossa Senhora, e o de seu Esposo São José, primorosas obras

do seu pincel, chegando até a dourar o retabulo da mesma capella por suas proprias mãos.

A esta singular prenda soube unir outras mais, que muito a ennobrecerão, pois cantava e tangia rabecão com igual destreza, contribuindo muito desta maneira para se celebrarem os Officios Divinos com maior pompa, e prestando-se de boamente a ensinalas a todas as Religiosas, que de sua generosa pontualidade se querião utilizar. E depois de ter vivido exemplarmente na observancia regular do seu Instituto morreo com vulgar opinião de Santa no anno de 1619. Veja-se o Author do Theatr. Heroino Tom. II. pag. 214.

Estevão Gonsalves Neto.

De Estevão Gonsalves Neto pudemos descobrir fôra capellão do Bispo de Vizeu D. João Manoel, e provido por elle a 8 de Outubro de 1622, no Canonicato daquella Sé vago por morte de Christovão de Mesquita, de que tomou posse a 9 do mesmo mez e anno. Ignoramos a sua filiação, e naturalidade: presumimos, terem sido victimas do incendio, que soffreo o cartorio do cabido daquella Cidade em 1711 estando na quinta de Fontello, os Documentos respectivos á sua Ordenação, os quaes deveria ter apresentado no acto da Collação para serem autuados segundo já o costume daquelle tempo; a não haver dispensa do Prelado como seu familiar. He porém indubitavel, e muito digno de louvar-se o grande genio, e sublimes idéas com que desempenhou varias obras, poronde nos merece hoje não só a nossa admiração, e respeito, mas até o nome de Pintor sublime. Na Livraria do Convento de Jesus desta Corte deposito de muitas preciosidades se conserva em muita estimação um Missal escripto em pergaminho,

em que da primeira até a ultima pagina se admira a summa variedade e bom gosto, com que soube embelezar todas as margens de ornatos os mais bellos, adequados, e brilhantes. Este rico monumento per si só he bastante a dar-nos uma perfeita idéa do seu grande talento n'Arte; porquanto alli se achão unidas, e judiciosamente executadas muitas partes, que formão o caracter distinctivo dos grandes mestres. As composições são bellissimas, e cheias de muita novidade; o desenho he correcto; o colorido admiravel; e porque se assemelha ao de Baroccio, e de Taddeo Zuccaro, talvez dê a conjecturar passasse elle á Italia e estes houvessem sido os seus modelos.

No Thesouro da Cathedral de Vizeu ha delle memoria: existe um calix rico, que serve unicamente nas festividades principaes, e tem no fundo da base as armas dos Netos, com esta lenda na circumferencia = Estevão Gonsalves Neto. = Anno 1626. A. B. H. V.

No Livro das missas annuaes, que o Cabido he obrigado a fazer celebrar por varias instituições, achão-se estabelecidas pelo mesmo Estevão Gonsalves dez pela sua alma e de seus pais, e cinco pela do Bispo D. João Manoel. He com tudo de reflectir que este Livro, chamado das missas de prima, porque todas são celebradas pelos Capellães a esta hora, tem o frontespicio illuminado com as armas dos Abreus, e nelle se acha em muito boa letra vermelha a seguinte inscripção = Gaspar de Campos e Abreu Chantre e Conego na Sé de Vizeu mandou fazer este livro á sua custa 1618. = Que elle fosse o seu Author, nem se póde crer, nem tambem negar, visto que nos emprazamentos capitulares do tempo, em que viveo Estevão Gonsalves, se acha assignado; e combinando-se a letra delle nestes com a do referido deixa a duvida, de quem o illuminasse.

Soube entender excellentemente as regras da Architectura, Perspectiva, e ornato; disto he tambem prova decisiva o citado Missal, que supposto por unico tem um titulo de raro, e merece toda a estimação, muito mais lhe he devida ainda por encerrar dentro em si tantas maravilhas d'Arte, quantas são as estampas que contém. Não podemos proferir sem magoa, que ignoramos outras muitas particularidades deste insigne varão tão respeitavel pelos talentos Pictoricos, como o seria talvez nos diversos ramos scientificos: sabemos apenas ter acabado os seus interessantes dias a 29 de Julho de 1627.

Amaro do Valle.

Foi este Pintor de gosto delicadissimo, e muito estimado no seu tempo pelas bellissimas obras com que então, e ainda hoje tanto se distingue. Mostra-se em todas ellas o expressivo estylo mui semelhante ao de Michael Angelo; e apezar de terem pelo decurso do tempo padecido consideravel ruina, assim mesmo testemunhão o grande merecimento de seu Author. He tradição vulgar e antiga ser de sua mão o quadro do Senhor crucificado, que se vê collocado sobre o Altar da portaria do Convento de S. Francisco da Cidade nesta Corte; e postoque não tenha escapado aos retoques e máos concertos de pincel inhabil, com tudo indica positivamente, qual seria o seu brilhante effeito ao sahir das mãos do Artifice.

No Real Mosteiro de Belem sobre a meza travessa da parte principal do refeitorio está metido na parede a pequena altura outro quadro do mesmo Amaro do Valle, e representa o nascimento do Salvador. Quando por motivo de analysarmos este quadro alli fomos, não pudemos deixar de ficar suspen-

sos á vista da sua belleza. As figuras quasi ao natural quanto bem são distribuidas! tem toda a correcção no desenho e são pintadas com a maior valentia. Havia quem dissesse ter sido pintado por um certo Marçanello Pintor Germanico; mas esta crença foi inteiramente desvanecida, logoque se achou o desenho em um livro feito por elle, e assignado com o seu proprio nome. Consta isto da Chronic. manusc. de Frei Manoel Baptista de Castro, dedicada ao Senhor Rei D. João V., que se guarda na Livraria daquelle Mosteiro. Do Livro 43 da Chancellaria d'El-Rei Filippe II. fol. 216 no Real Archivo consta ter servido como Pintor a este Soberano, em cujo emprego veio succeder por sua morte Domingos Vieira no 1.° de Junho de 1619, e neste anno pouco mais ou menos o pudemos reputar falecido.

Luiz Alvares de Andrade.

Foi Luiz Alvares de Andrade natural da Cidade de Lisboa, e um dos varões tão acreditados entre os muitos que em seu tempo florecerão em virtude e santidade, que era conhecido entre todos pelo nome de Pintor Santo. Seus pais se chamárão Affonso Alvares de Andrade, e Maria Franca. Aprendeu a lêr, e escrever entregue pela mãi á direcção de Fr. Francisco de Bovavilha, Religioso Dominicano de nome na Hespanha, e que occupava neste Reino o lugar do Confessor da Rainha D. Catharina mulher d'ElRei D. João III., por lhe faltar o pai. O insigne Frei Luiz de Granada, lustre da mesma Ordem Dominicana contribuio tambem muito para desde menino lhe formar o coração; e tanto aproveitou, que sem haver nelle cousa de reprehender foi por toda a vida um extremo de assombro e edificação na humildade, na paciencia, no desprezo de si,

e sobre tudo no cordial affecto de devoção ao SS. Sacramento que de continuo testemunhava por muitas lagrimas, em que parecia destilava pelos olhos o coração em sua presença. A singular piedade deste grande servo de Deos inspirou-lhe o desejo de pôr em pratica nesta Cidade, o que o Marquez de Tarifa tinha começado em Sevilha, celebrando os Passos de Jesu Christo em sua Paixão sagrada, imitando os que elle mesmo deu com a Cruz até o Calvario, e empregando muitas diligencias para este fim, não sem grande trabalho, e despeza sua. Com o beneplacito do Arcebispo D. Miguel de Castro o pôz em execução, sendo no anno de 1587 o principal instituidor da Procissão que ainda hoje se faz na segunda sexta feira da Quaresma com a mesma Imagem, que elle fez collocar no Convento da Graça, e a seu exemplo se extendeo depois por todo o Reino.

O Abbade Diogo Barbosa Machado nos testifica em sua Bibliotheca o seu merecimento na Arte da Pintura escrevendo no Tom. II. pag. 54 Col. 1.ª: „Teve cordial devoção ao altissimo mysterio da „Santissima Trindade, e paraque os corações se ac„cendessem na sua contemplação, como era perito „na arte da Pintura, fez muitos quadros, em que se „representavão as Tres Divinas Pessoas, e os collo„cou em diversos Templos.„

Sua morte foi na mesma Cidade de Lisboa sua patria no anno de 1631 a 3 de Abril, e devia ser já de idade adiantada visto ter tomado lições de Fr. Francisco de Bovadilha, que tinha falecido em Evora, havia já 51 annos, no de 1580. Jaz enterrado no cruzeiro da Igreja de S. Roque de Lisboa. Escreveo sua vida Lucas de Andrade seu filho, Capellão de ElRei, e Prior da Igreja de Villa-Verde, donde extrahírão, o que delle nos referem Cardoso no Agiolog. Lus. dia 3 de Abril, e Barboza no citado Tom.

da Biblioth., onde se poderá vêr o Elogio Latino, que lhe dedicou Fr. Bernardino de Santo Antonio.

Domingos Vieira.

Este insigne Artista succedeo no Officio de Pintor de oleo a Amaro do Vale, de que se lhe passou Carta de provimento no primeiro de Junho de 1619, em que se lhe consigna o ordenado de mantimento de 5000 réis e um moio de trigo, como elle teve, e seus antecessores. Acha-se passada na Chancellaria d'ElRei Filippe II. de Portugal Livro 43 a fol. 216 no Real Archivo.

Na obra intitulada = Viagem de Catholica Real Magestade d'ElRei D. Filippe II. = de João Baptista Lavanha impressa em Madrid no anno de 1622 se inserio uma Estampa, com esta legenda = Dezembarcacion de Su M. en Lisboa = *Debuxada por Domingos Vieira Pintor delRei y cortada por Joan Schorquens.* Infelizmente não temos noticia das obras deste Pintor para delle formarmos juizo, não sendo sufficiente o que apontamos para julgar do seu merecimento. Segundo a carta, que o Senhor Rei D. João IV. mandou passar a Miguel de Paiva o podemos dar falecido em 1641.

Antonio Pereira.

Contemporaneo de Domingos Vieira devemos contar a Antonio Pereira. Nada delle sabemos senão haver-lhe mandado passar Provisão Filippe III. no anno de 1628 de mercê de Pintor das Igrejas das Ordens Militares. He datada de 9 de Janeiro, e guarda-se no Livro 12 da Ordem de S. Tiago no Real Archivo fol. 54.

Miguel de Paiva.

Tudo que consta de Miguel de Paiva devemos tambem ás indagações, que se fizerão no Real Archivo. Foi provido no officio de Pintor de oleo a 4 de Março de 1641 por falecimento de Domingos Vieira com o mesmo ordenado de 5000 réis, e um moio de trigo que elle tinha. Acha-se a sua Carta no Livro 10 da Chancellaria do Senhor Rei Dom João IV. fol. 137.

D. Thomazia Nunes.

Nascida na Cidade da Guarda de pais humildes soube por seus talentos fazer-se nobre, e admiravel nos estudos da Filosofiia, Arithmetica, Musica, e Architectura. Pintou com igual perfeição, escreveo dous livros em folio, um intitulado = Idéas singularissimas = outro = Nova arte de bem fallar = Faleceo pelos annos de 1644. Dão della noticia o Author do Theatr. Heroino. Tom. II. pag. 439, e o Abbade Barboza Machado Biblioth. Lusit. Tom. III. pag. 753.

Jorge da Camara.

Por natural da Cidade do Porto, e mui acreditado por sua nobreza e grande engenho he conhecido Jorge da Camara filho de Martim Gonsalves da Camara, Fidalgo honrado, Commendador de S. Christovão de Nogueira, da Ordem de Christo, e de Dona Brites Manoel sua segunda mulher. Professou a vida Ecclesiastica; „e foi muito perito na „Pintura debuxando com singular primor, e muito „versado na intelligencia das linguas Italiana, e

„Hespanhola, que fallava com pureza, e expedi-„ção.„ Estas são as expressões, de que usa Barboza no Tomo II. da Bibliotheca Lusitana pag. 796 col. 1., e as mesmas que copiamos para ser reputado como Artista, visto não termos noticia das suas obras, por onde melhor se comprovaria. O seu Estro Poetico, formado no estylo jovial, e satyrico com que improvisava, lhe alcançárão por antonomazia o nome de Marcial Portuguez; porém quando hia dar á luz alguns Poemas lhe sobreveio de improviso a morte a 31 de Julho de 1649. O mesmo Barboza no lugar citado recopila todos os manusc. que deixou; e delle faz tambem memoria Souza Histor. Genealog. Tom. I. App. 90, num. 84. Agostinho Rebello da Costa Descripç. da Cidade do Porto pag. 337.

Manoel Henriques.

Foi oriundo de Nogueira, Villa no Bispado de Coimbra, Comarca de Vizeu e nasceu no anno de 1593. Deo-se ao estudo da Pintura com grande utilidade de alguns Collegios, que enriqueceo de excellentes quadros. Em 1618 professou o Instituto da extincta Companhia de Jesus, em que viveo 25 annos no exercicio de heroicas virtudes, que lhe grangeárão nome e opinião de santidade. Empregava na oração todo o tempo que podia roubar ao exercicio do pincel. Morreo a 29 de Dezembro de 1653 na Igreja de Nossa Senhora da Lapa, de quem foi muito devoto, santuario mui celebrado na Provincia da Beira, Bispado de Lamego, que era annexo ao Collegio de Coimbra da extincta Companhia, onde se achava ornando-a de ricas e formosas pinturas. Foi levado, por ser aquella Igreja toda de rocha viva, e não dar lugar a abrir-se nella sepultura, á de S. João Baptista de Quintella, Igreja Parochial não

mui distante, onde jaz na capella mór, de que dá bom testemunho Cardozo Agiologio Lusitan. Tom. III. no Comment. do dia 11 de Junho letra g. pag. 644; e ahi lhe chama insigne Pintor, e no Comment. de 3 de Abril letra c. a pag. 412 do Tom. II. Pintor Sancto. Deste Pintor acha-se memoria em um manuscripto em 4.° que se guarda na Bibliotheca publica intitulado = *Monologium virorum Illustrium societatis Jesu* = Escreveu a sua vida o Padre Manoel Fernandes Jesuita, de que se lembra Barboza Tomo III. da Biblioth. Lusit. pag. 263.

Domingos da Cunha.

No anno de 1598 nasceu este Pintor famoso em Lisboa de Gregorio Antunes, e Margarida Pereira; floreceu no seu tempo pelo seu raro engenho, sendo mais conhecido pelo cognome de Cabrinha, que suas feições lhe grangeárão. Logo de tenra idade mostrou tal inclinação para a Pintura, que seus pais não podérão fazer menos, que mandar-lhe ensinar esta Arte; e depois de já ter nella amplas noções passou a Madrid, onde tomou por mestre Eugenio Cajez, famoso Pintor de Filippe o Prudente; e alli se fez conhecer passado tempo pelo maior discipulo da sua escóla. Foi insigne retratista, e tão eminente neste genero, que não havia Fidalgo, que á porfia não procurasse suas obras para ornar com ellas suas galerias. Em grandissima estimação as tiverão sempre D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral; D. Manoel da Cunha, Capellão mór; e o Conde Camareiro mór. Sendo de trinta e quatro annos tomou a roupeta de Jesuita no Noviciado de Lisboa, renunciando os grandes lucros, que adquiria por sua Arte. Se os apreciaveis quadros, que havia de sua mão n'esta casa, tivessem escapa-

do ao fatal incendio do horrivel terremoto de 1755, teriamos provas mais decisivas do seu relevante merecimento. Alli erão tidos em toda a estimação mais de cincoenta paineis, em que havia pintado a vida de Nossa Senhora, de Santo Ignacio, de São Francisco Xavier, havendo além destes outros na Igreja e no claustro; sendo de todos o mais notavel o de São Francisco de Assiz tão penitente, que a sua vista converteo um mancebo dissoluto, e se foi viver Religioso observantissimo na sua mesma Ordem. Não era menos digno de admiração o famoso quadro de S. Francisco Xavier em trage de peregrino de S. Tiago, tal como se dizia o vira em sonhos o Padre Marcelo Mastrili estando em Napoles; poisque desejando ter uma Imagem do Santo, semelhante a que se lhe tinha representado, e não o havendo podido ainda conseguir de alguns Pintores acreditados na Europa, que para esse fim tinha procurado, o alcançou finalmente da habil, e delicada mão de Domingos da Cunha, por inculcas do Padre Simão Alvares, então Reitor do Noviciado da Companhia nesta Capital, estando aqui o mesmo Padre Marcelo Mastrili de caminho para as missões da India. E com effeito satisfez tanto o nosso Artista os desejos deste virtuoso varão, e desempenhou tão maravilhosamente a premiditada obra, que enthusiasmado com a perfeição della se exprimio desta maneira = Questo che il mio Sancto =; e o levou comsigo para o Japão, onde ficou em poder do Governador, que soube dar-lhe toda a estima, que por tantos titulos merecia.

Por ordem do seu superior o Padre Bernardino de Sampaio escreveo a sua vida com o titulo: = *Vida do irmão Domingos da Cunha* =. Nella apontou diffusamente todos os casos que precederão á sua conversão, e varios successos notaveis depois de entrar

na Companhia, e professar que foi a 30 de Março de 1632. Della, e de seu Author faz larga menção Cardozo no Agiologio Lusitano Tom. III. pag. 182. e no Comment. de 11 de Maio Let. m. He de vêr o manusc. intitulado = *Vidas e Virtudes de alguns Religiosos da nossa Companhia desta Provincia de Portugal* = . Hum Vol. em 4.° pag. 407 na Real Biblioth. de Lisboa no Gabinete dos manusc. de Hist. n.° 18. Franco = Imagens do Novic. da Comp. de Lisboa Liv. III. cap. 15--22: Biblioth. Lusitan. Tom. I. pag. 710; e tambem o Padre José de Seixas escreveu a vida deste Pintor, mas nunca foi impressa.

Felis Machado da Silva Castro e Vasconcelos.

Por este mesmo tempo floreceu em Hespanha o illustre Fidalgo Portuguez Felis Machado da Silva Castro e Vasconcelos, foi filho de Manoel de Araujo de Souza e Castro, e Dona Margarida Machado da Silva e Vasconcelos, Senhor da Commenda de S. João de Concieiro da Ordem de Christo, e das casas de Castro, Vasconcelos, e Barrozo, cujos solares são situados entre os Rios Homem, e Cadavo. Obteve grande applauso nas Artes Liberaes, e Mecanicas, merecendo grande estimação entre os sábios pelos seus profundos conhecimentos da Historia profana, e Geografia, consagrando-lhe estes varios elogios á sua memoria. O Author da Bibliotheca Lusitana Tomo II. pag. 6 col. 2. não especifica o seu merecimento na Pintura, a qual professou, e consta ter usado para subsistir com decencia. Este Cavalheiro Portuguez (refere Palomino Museo Pictorico pag. 161; e Bermudez Diccion. Histor. Tomo III. pag. 172) e Embaixador que havia sido em Roma pela corte de Lisboa, exerceo a Pintura em Madrid com intelligencia, onde tinha vindo pelo levantamento de

Portugal; e não tendo meios de viver decentemente, se vio na necessidade de pintar até que ElRei Filippe IV. lhe consignou certa renda. Ensinou esta Arte a seu filho, Antonio Felis Machado da Silva e Castro, segundo Marquez de Montebello, e a outros Fidalgos, como D. João Antonio, Lente das Mathematicas dos Pagens d'ElRei, e D. João Niño de Quevara, Pintor acreditado em Malaga.

Teve a mercê do Titulo de 1.º Marquez de Montebello em Milão no anno de 1630 pelo dito Rei Filippe IV., que o teve em singular contemplação. Foi casado com D. Violante de Orosco, Dama da Imperatriz D. Maria, filha do I. Marquez de Mortára D. Rodrigo de Orosco, e da Marqueza D. Victoria Porcia, Dama da Rainha D. Margarida de Austria, de quem teve illustre successão, e ainda hoje ha nesta Corte Fidalgos de acreditada reputação, que muito se prezão de o ter por ascendente. Sendo muitos os que delle tratarão, cuja relação se póde vêr na Bibliotheca Lusitana, não consta com tudo da sua morte.

Entre os diversos louvores que se lhe consagrárão, he recommendavel a Egloga IV. da Part. IV. da Fuente de Aganipe por Manoel de Faria e Souza, onde diz;

„Generoso Marquez em quem derrama
„Com esplendida mão mil partes varias,
„Porque a ti tanto como a muitos ama
„O throno das eternas luminarias;
„A artes mil exercendo com mil partes
„São em Ti liberaes todas as Artes.

Como de Pintor faz delle memoria o Abbade João Soares de Brito Theatr. Lusit. Litterat. letr. F n.º 2.; e especialmente José Gomes da Cruz na Carta

Apologetica e Analytica da Pintura o comprehende entre os insignes dizendo assim na pag. 49; = » na »jerarchia dos Duques e Grandes o Marquez de »Montebello Grande em Portugal, Embaixador a »Roma, Pintor excellente vivendo da Pintura, e »Mestre de um filho de Filippe IV.»

Frei Euzebio de Mattos.

Era natural da Bahia onde nasceu em 1629. Professou o Instituto da Companhia na Provincia do Brazil em 1644; e depois passou á Religião Carmelitana em 1677. Possuio talento extraordinario, tanto, que delle dizia o nosso respeitavel Vieira, se empenhára Deos a faze-lo em tudo grande. Soube eminentemente letras humanas; leo Filosofia e Theologia; foi elegante Poeta Latino, bom Musico e tão subtil Arithmetico, que sempre que os negociantes tinhão duvidas em suas contas, o consultavão, e a sua decisão prevalecia ainda nas mais difficultosas e baralhadas.

Entre estes dotes, que muito o accreditarão, possuiu a nobelissima Arte da Pintura, de que dão testemunho Barboza Bibliotheca Lusitana Tom. I. pag. 766 chamandolhe Pintor engenhoso, e accrescentando, que delle se conservavão com estimação particular muitos debuxos; e João Baptista de Castro Mappa de Portugal Tom. II. pag. 362 dizendo que fôra caprichoso Pintor maiormente no desenho. Fr. Manoel de Sá, que delle faz menção nas Mem. Histor. dos Escriptor. do Carm. cap. XXIV. pag. 140 num. 197, não se lembra delle como tal, póde ser porque o não considerou no primeiro habito. A sua morte foi no Convento do Carmo da Bahia, onde jaz, em 1692.

Manoel Franco.

Em 23 de Fevereiro de 1650 achamos provido Manoel Franco, criado d'ElRei, no officio de Pintor, em attenção a estar casado com Rufina de Paiva, irmã de Antonio de Paiva, que tambem o era, Proprietario do dito officio de Pintor de oleo, com o ordenado *pros eprecaucos* (são palavras da sua Carta) que direitamente lhe competirem. Está esta dita Carta no Livro 23 da Chancellaria do Senhor Rei D. João IV. fol. 30. vers. no Real Archivo.

José de Avelar Rebello.

Um dos Pintores deste tempo de maior sequito, e que por suas obras não só conseguio grande reputação, vindo-lhe de todo o Reino encommenda dellas; mas até tantas riquezas que chegou a comprar muitas casas, e a fabricar outras de sorte, que uma rua inteira era sua, e tomou delle o nome, foi José de Avelar Rebello. (*a*)

Possuimos ainda varios quadros de muito merecimento, e alguns delles bem conservados; além dos que devorou o incendio sobrevindo ao terremotu de 1755, quaes forão os da Livraria da Patriarchal, pintados, segundo a authoridade de Guarenti, com muito louvor, e applauso. O grande e formosissimo retabulo, que está collocado na Livraria do Real Mosteiro de Belém he a nosso parecer uma

---

(*a*) Não podemos determinar, que rua fosse esta. Castro a pag. 433 do Tomo III do Mapp. de Portug. dá *a rua de Rebello*, na Freguezia de S. Sebastião da Pedreira. Póde ser a de José de Avelar Rebello.

das melhores obras que nos deixou. Representa o Doutor Maximo S. Jeronymo encostado a uma banca na acção de escrever; e no semblante bem mostra a profunda meditação, e os sublimes pensamentos, de que estava possuido o seu espirito. O fundo do quadro mostra uma Livraria, que faz perfeita illusão principalmente de um livro aberto que convida a todos a quererem lê-lo; e o leão parece vivo.

Qual fosse o seu grande merecimento em quanto vivo, o manifesta bem decididamente Frei Apollinario da Conceição, na Demonstração Historica da Real Parochia de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa, cap. 34 §. 367, fallando dos primorosos paineis, de que se adornava a antiga Igreja, assim se exprime = » Elegêrão para esta obra » o melhor Pintor que havia então em Lisboa, Jo- » sé de Avelar Rebello, que em sua manufactura le- » vou quasi nove annos, pondo-se os ultimos paineis » no tecto da Igreja no de 1648. Erão por todos se- » tenta e dois, e cada um de onze palmos de compri- » do, e oito de largo, distribuidos em oito fileiras ca- » da uma com nove, que firmavão sobre as cimalhas » das paredes, e contestavão com os frontespicios in- » teriores do corpo da Igreja. Estavão com largas mol- » duras, e nos repartimentos com pinhas, ou florões » tudo sobredourado, que junto com o singular da » pintura, representava-se aos olhos um devoto Ceo, » no qual estava historiado toda a vida de Christo nos- » so Redemptor desde a Annunciação até á vinda do » Espirito Santo. De cada um destes quadros levou o » Pintor onze mil e duzentos réis. »

Na Igreja dos Padres Theatinos, no altar mór estão collocados de um, e outro lado seis quadros da vida de S. Caetano, e um delles tem a legenda = Avellar fecit 1655 =. Nestes diversificou de estylo tanto, que facilmente lhe podemos attribuir duas

maneiras de pintar comparados com aquelle de S. Jeronymo, em que briha um pincel grandioso, e valente, e um colorido de muito effeito. Gozou tamanhas estimações, que até o Senhor Rei D. João IV. o honrava, indo muitas vezes vê-lo pintar, e conversar com elle, e o condecorou com o habito dà Ordem de S. Bento de Avís em premio do seu merecimento, e para nobre estimulo de ser imitado de outros por isso mesmo que tão perito era na sua Arte.

Ignoramos o tempo da sua morte, quem tenha sido seu mestre, e os discipulos que estudárão com elle.

Manoel da Silveira.

Do anno de 1670 encontrámos uma Provizão delRei D. Pedro II. sendo então Principe Regente em que fez mercê de Pintor das Ordens Militares a Manoel da Silveira, = com todos os privilegios e liberdades que gozão os mais Officiaes das ditas Ordens Militares = He o unico documento poronde consta a existencia deste Pintor. A Provizão he datada em 22 do mez de Agosto daquelle anno. Está no Liv. 18. da Ordem de S. Tiago a fol. 79.

Dona Jozefa de Aiala.

Vulgarmente he chamada Jozefa d'Obidos, foi filha de Balthazar Gomes Figueira, natural de Obidos, Comarca de Alenquer, e de Dona Catharina de Aiala e Cabreira de nação Castelhana, illustre pelo appellido de sua nobre geração, e assaz conhecida naquelle Reino por Pintora insigne; mas muito mais entre nós que admiramos ainda hoje as suas excellentes obras. Nasceu na Cidade de Sevilha; porém passou a Portugal antes da gloriosa Acclama-

ção do Senhor Rei D. João IV. em companhia de seus pais, que forão viver na quinta chamada da Capeleira estra muros da Villa de Obidos; e aqui era visitada de grandes personagens, que concorrião aos banhos das Caldas meia legua distante da sua habitação, e pela fama que logo se espalhou da delicadeza do seu pincel.

Temos visto muitos quadros desta heroina, a maior parte de flores, e frutos, e tambem alguns de historia; em todos admiramos grande força de engenho, muita verdade, e viveza de expressão, mas hum estylo algum tanto duro.

Na Igreja, e Convento de Valbemfeito, da Ordem de S. Jeronymo (diz o Author do Theatro Heroino que a pag. 194 descreve a sua vida) se admirão grandes pinturas de sua habil mão, e que em casa do Doutor José Gomes de Avelar, de quem foi ascendente, elle víra muitas de igual perfeição = em pano, cobre, e prata, em que abria ao martello, e se chama de pontinho. =

Teve singular propensão para tirar retratos, como mostrou no da Princeza Dona Izabel, filha do Senhor Rei D. Pedro II., e da Senhora Rainha Dona Maria Francisca Izabel de Saboia, que por quanto ficasse mui parecido, se julgou o mais capaz de se mandar ao Duque de Saboia, Victor Amadeo, com quem se despozou.

Contaria apenas cincoenta annos de idade, quando acabou seus dias a 22 de Julho de 1684, e jaz sepultada na Igreja de S. Pedro de Obidos, onde se vem muitos quadros seus, que farão sempre lembrar sua memoria.

D. Maria Magdalena de Castro.

Foi esta senhora mui curiosa da Pintura, que

executou primorosamente. Assim o diz, e por estas mesmas palavras D. Antonio Caetano de Souza Hist. Genealog. Tom. XI. Liv. XIII. pag. 937. Era filha de Luiz Gomes da Matha, IV. Correio mór do Reino que morreo no anno de 1674, e de D. Violante de Castro filha de Lopo de Souza Coutinho, e de D. Joanna de Castro. Faleceu sem estado, aindaque José Gomes da Cruz a pag. 50 da Carta Apologet. e Analyt. diga por engano, que fôra mulher do Correio mór do Reino.

D. Maria de Guadalupe Lencastre e Cardenas.

He esta uma heroina, que tanta gloria deu a Portugal pelas grandes virtudes e extraordinarios dotes, de que sua alma foi enriquecida. Nasceu em Azeitão a 11 de Janeiro de 1630 de D. Jorge de Lencastre, Duque de Torres Novas, e D. Anna Manrique de Cardenas e Lara, sua segunda mulher, Duqueza de Maqueda. Entre outras muitas prendas, que possuio em gráo eminente, não lhe faltou a de ser Pintora insigne, como se vê das obras, que de seu pincel admiravel felizmente ainda nos restão, cujo numero maior seria a não ter passado á Hespanha no anno de 1660 com sua mãi. O Author do Theatro Heroino, que no II. Tomo a pag. 226 refere circumstanciadamente algumas particularidades da sua vida, não a considera como quem tão primorosamente exerceo a Pintura, nem mesmo como uma daquellas pessoas, que pelo que esta Arte tem de attractivo, a ella são affeiçoadas. He ao Padre Frei Agostinho de Santa Maria, no Santuario Marianno Tomo VII. pag. 171, que devemos a noticia de existirem pinturas suas no Convento de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Christo, fundação da Infante D. Maria filha de ElRei D. Manoel; e ser tambem

obra de suas mãos mui primorosa o quadro em taboa de Nossa Senhora da Piedade, que se conserva no Convento de Nossa Senhora da Conceição em Marvilla da Ordem de Santa Brizida, e a primeira que pintou; o qual foi retocado por Bento Coelho da Silveira. E a D. Antonio Caetano de Souza, pois aindaque disto se tinha esquecido quando no Tom. X. da sua Histor. Genealog. tratou desta Senhora, com tudo aponta como muito recommendaveis os dous retratos do Padre D. Alberto Maria Ambiveri, de que faz menção no Tomo IV. do Agiologio Lusitano a pag. 466 col. 2. dizendo-nos, que os fizera de excelente pintura.

O louvavel cuidado de alguns historiadores nossos conservando-nos as memorias desta virtuosa matrona tão nobre por seu nascimento, como assaz distincta em conhecimentos litterarios, por que grangeou tão bom nome, nos dispensa de mostrar com maior extensão, qual tenha sido o seu relevante merecimento. Mencionamo-la como Pintora, digna de entrar nesta obra consagrada a elogiar Varões e Donas, que nesta Arte se immortalisárão.

Por morte de seu irmão D. Raimundo de Lencastre e Cardenas Duque de Aveiro e Torres novas e em Castella de Maqueda por sua mãi, que foi em 1665, entrou logo de posse dos estados e titulos que lhe tocavão, e ficou sendo VI. Duqueza de Aveiro e Torres novas, VIII. Duqueza de Maqueda e Ciudad Real e Marqueza de Elche e Senhora de outros muitos titulos que gozou como administradora da sua grande Casa. No mesmo anno de 1665 casou com D. Manoel Ponce de Leon, que depois veio a succeder na casa de seus avós e foi VI. Duque de Arcos, Conde de Bailen e de Casares, e Marquez de Zara, Chefe dos Ponces de Leon em Hespanha e França, e uma das mais esclarecidas familias daquel-

las duas Monarchias, de quem muito escreverão Salazar de Mendoça, e o Marquez de Mondejar, deixando deste matrimonio nobillissima successão.

Tendo pois chegado ao termo de sua vida falleceo a 9 de Fevereiro de 1715 pelas duas horas da tarde aos 85 annos de idade. O seu corpo foi depositado no Mosteiro de Santa Maria de Guadalupe debaixo do arco da capella mór aos pés da imagem da Senhora entre as sepulturas de sua mãi, e do Duque D. Raymundo seu irmão, com a Inscripção seguinte, que ordenou em seu Testamento que se lhe mandasse lavrar:

Maria de Guadalupe Lencastre y Cardenas mandó-se enterrar en esto lugar debaxo de los pies de la Imagen centro de su amor y esperança.

In nidulo meo moriar, et sicut palma multiplicabo dies.

Frei Domingos Rodrigues.

Foi Pintor Portuguez, e Religioso Calçado da Ordem de Santo Agostinho. Passou á Hespanha, e residia em Salamanca pelos annos de 1682, onde deixou varios quadros de sua mão no claustro do Convento, que representão martyrios dos Santos da Ordem firmados em Latim com o seu proprio nome, e com aquelle mesmo anno. Delles se vê, que foi bom colorista, e correcto desenhador. Veja-se Ponz no Tom. XII. da *Viagem de Hespanha* Carta VII. pag. 245; e Bermudez Dicc. Hist. Tom. IV. pag. 216.

Cecilia do Espirito Santo.

Teve o seu nascimento na Cidade de Lisboa, e

foi filha de Domingos Antunes, e Maria Lopes de Bitancurt. Em tenra idade deixou a patria, e companhia de seus pais, e foi receber o habito Serafico no Convento das Chagas de Villa Viçoza, onde professou a 2 de Janeiro de 1652. Era tão déstra na Arte da Pintura, como na Poezia e Musica. Estudou Filosofia; e pela pratica de todas as virtudes se constituio perfeita Religiosa, passando a gozar o premio dellas a 30 de Janeiro de 1727. Compoz um livro em verso, que intitulou = Colloquios de um peccador arrependido com Christo Crucificado =. Foi impresso em Lisboa em 1688, no qual mais brilha o affecto de devoção, que a elegancia do metro. Lêa-se a respeito della o mais que traz a Biblioth. Lusit. Tom. I. pag. 564 col. 2.; e o Theat. Heroino Tom. I. pag. 298.

Braz de Almeida.

De Braz de Almeida nada mais sabemos do que o pouco, que nos refere o Abbade Diogo Barboza Machado. Nasceu em Lisboa, professou a Pintura, e Escultura, e seus desenhos merecêrão a universal estimação. Deixou dous manuscriptos que compoz em 1695, um = *Geometria Pratica* = de oitenta e oito laudas; e outro = *Geometria de Euclides*, *ou Elementos Mathematicos* =, o primeiro traduzido do Castelhano em Portuguez, do Padre Ignacio Stafford Jesuita. Veja-se o sobredito Barboza Machado Biblioth. Lusit. Tom. IV. pag. 82. col. 1.

Claudio Coelho.

Claudio Coelho, famoso Pintor Portuguez traz a sua origem daquella illustre familia dos Coelhos, donde havia sahido um seculo antes o grande Affon-

so Sanches Coelho, de quem já fizemos devida menção. Foi filho de Faustino Coelho, natural da Villa de Folgozinho, Bispado da Guarda (não de Vizeu como erradamente escreveo Palomino) excellente Broncista; e desejando vê-lo elevado ao maior gráo de perfeição no caminho das Artes, e o ajudasse naquellas obras, que a sua mesma profissão lhe subministrava lhe escolheo para mestre D. Francisco Rici, Pintor da Camara d'ElRei Filippe IV. A natureza e o engenho decididamente o inclinavão para a Pintura; e como lhe assistissem sempre na carreira de seus estudos, em breve tempo fez tão avantajados progressos, que não só era a delicia dos seus maiores, mas até do mesmo Rici, encarecendo por toda a parte seus avultados talentos. Um dia, que os louvava a certo Religioso com o seu costumado enthusiasmo, este medindo attentamente a fysionomia de Claudio Coelho então alli presente, e como nelle visse um ar sombrio, e rosto mui carregado lhe respondeo com toda a franqueza, que bem poderia vir a ser um grande homem, por cujos feitos n'Arte merecesse á Posteridade o mais acrisolado louvor; mas que os signaes nada disto promettião. O mestre porém, que observava neste mancebo um continuado afferro ao estudo, que não só lhe levava os dias; mas até levantando se alta noute era como inseparavel da applicação a mais fervorosa, lhe tornou dizendo; que não ajuizasse da agudeza do seu espirito pelas mentirosas apparencias que se lhe apresentavão; antes lhe affiançava ter de vê-lo em muito breve um consummado Artista.

Realisado se vio bem depressa este discreto prognostico, e surtio quasi rapidamente o seu admiravel effeito na primeira obra, que poz em público estando ainda debaixo das insinuações de Rici, e foi o quadro da Encarnação, que se acha no Altar mór

da Igreja das Religiosas de São Placido em Madrid, e o de São Roque na Parochia de Santo André.

Não contribuio pouco para aperfeiçoar-se no colorido a estreita amizade que travou com D. João Careño, pois como Pintor da Camara lhe facilitou os meios de copiar os quadros originaes de Ticiano, Rubens, e Wandick, que havia no palacio. Constituido já um habil Professor na Historia, Architectura, e Perspectiva, e no genero de pintar a fresco, para o que lhe servio de proveito fazer-se amigo de José Donozo logoque veio de Roma; de toda a parte lhe concorrião frequentemente varias obras, e uma dellas forão os quadros collateraes da Igreja de Santa Gertrudes, que representão o Nascimento do Salvador, e o da Appresentação, pintados com extremado gosto, e correcto desenho. Não o honrão menos o painel da Cêa, collocado no refeitorio dos Religiosos Capuchinhos do Prado; e os quadros da Annunciação, e vinda do Espirito Santo na capella de Nossa Senhora dos Remedios, na Igreja de Santa Ignez.

Igual reputação conseguio na pintura a fresco do tecto da sachristia pequena da Santa Igreja de Toledo, em que teve por companheiro, e competidor o mesmo Donozo, e no da capella de Santo Ignacio (chamada dos Borjas) no Collegio Imperial, rematando o ornato desta preciosa obra com o triumpho do glorioso Santo, a quem os Anjos conduzem ao Ceo em premio das suas heroicas virtudes.

No anno de 1683 passou á Cidade de Çaragoça, e foi encarregado pelo Arcebispo D. Francisco de Gamia de pintar a Cupula, e o Cruzeiro da Igreja do Collegio dos Religiosos de Santo Agostinho, em que occupou um anno. Tornado a Madrid o nomeou o Rei por seu Pintor a 29 de Março de 1684

por morte de Dyonizio Mantuano sem receber algum ordenado, verificando-se-lhe depois a 23 de Agosto do mesmo anno todos os prós e precauços ao dito Mantuano pertencentes, e o distincto emprego de Pintor da Camara por obito de D. Francisco Herrera, o Moço, ficando tambem encarregado de continuar a mesma pintura da Camara, que estava parada por falecimento de Careño, consignando-se-lhe vinte ducados por mez. Pouco tempo depois se lhe deo com grandes honras uma pensão de trezentos ducados para seu filho D. Bernardino; e outras mais do bolsinho secreto do Rei, que por sua morte recebia ainda sua mulher Dona Bernarda da Torre.

Não he nossa tenção, nem conforme ao nosso fim recopilar aqui todas as obras deste Pintor famoso, que existem hoje mesmo na Hespanha, e algumas entre nós; poisque Palomino no II. Tom. do = Museo Pictorico = desde pag. 440 até 444; o Abbade Ponz = Viagem de Hespanha = Tom. V. desde pag. 65 até 126; e Bermudez Diccionario Historico = Tom. I. desde pag. 337 até 347 as descrevem todas miudamente. Todavia não nos dispensamos, por amor nacional, de dar a analyse sobre a vastissima, e grandiosa composição do magestoso quadro da sachristia do Escurial.

O desempenho desta obra prima tinha sido confiado aos talentos de seu mestre Rici, quando a morte veio frustrar-lhe os planos em 1685 deixando-o bosquejado; e como o ponto de vista, de que tinha usado, não agradasse a Claudio, o abandonou inteiramente, e teve de formar novo imboço, do que determinava pintar.

O panno tem seis varas de alto, e tres de largo; proporção bastante incommoda para se pintar uma historia: representa a procissão no Mosteiro do

Escurial em 1684 para se collocar a Sagrada Fórma (*a*) no primeiro retabulo da sachristia, e o preciso instante em que se dá a benção com a mesma Sagrada Fórma aos circumstantes, que estão todos de joelhos; instante critico e difficultoso de se desempenhar bem pela uniformidade de acções, mas que de tal modo soube variar dando a cada figura a atitude correspondente e nobre segundo o seu caracter, que nada deixou a desejar. Contão-se neste quadro cincoenta retratos; o do celebrante, o do Rei, o do Duque de Medinaceli, do Duque de Pastrana, e de outros Cavalheiros, e Religiosos tão semelhantes, que qualquer os conheceria. Retratou tambem o altar, os castiçaes, a cruz, o orgão portatil de Carlos V., o apparato, e até a sachristia com seus caixões e pinturas tudo copiado do natural com a maior exactidão e franqueza, isto he, sem aquella affectada prolixidade, que tanto desagrada aos intelligentes.

No alto do quadro poz tres figuras allegoricas, que representão, a do meio a Religão espalhando com a mão direita um resplandor sobre as duas, que parecem ser o Amor Divino em fórma de um joven com azas tendo nas mãos um coração; e a casa de Austria figurada n'uma mulher vestida de amarello, que tem na mão esquerda as Aguias Imperiaes, e na direita o Sceptro.

(*a*) No Regio Mosteiro do Escurial se conserva desde o anno de 1592 uma Forma consagrada e incorrupta, trazida da Cathedral de Gourcamia na Hollanda, onde os Hereges Zuinglianos dous seculos antes a tinhão pizado, e escarnecido, de cujo sacrilegio ainda conserva tres signaes. Carlos II. em 1684 a trasladou de um relicario, em que estava, a um altar que lhe erigio na sachristia deste Mosteiro, para ser venerada com mais distincção, e decoro.

Este quadro, que será sempre admiravel foi pintado em S. Lourenço, e lhe levou mais de dous annos. Delle diz um célebre Escriptor: (*a*) = Le plus apparent de tous, celui qui fait plus grand effet, est le tableau de l'autel, qui est Claude Coelho peintre Portugais... = elogio este bem sem suspeita por ser proferido pela boca de um estranho.

O Excellentissimo Antonio de Araujo e Azevedo, Conselheiro de Estado, grande Protector das Artes, e das Sciencias, confiou do insigne Abridor deste nosso seculo Francisco Bartolozzi Florentino, o abrir a chapa do desenho deste quadro, que tinha mandado fazer em Madrid por José Camaron.

Em 1691 o nomeou por seu Pintor o cabido da Santa Igreja de Toledo, merecendo sempre a maior reputação de toda a corte, semque nen'um Artista lhe disputasse a primazia até o seguinte anno de 1692, em que veio Lucas Jordão; épocha fatal para a Pintura na Hespanha, na frase de Bermudez (diversa da que assigna Palomino á vinda deste célebre Pintor, que a faz recahir em 1693) este anno pois foi o da morte de Claudio Coelho acontecida a 20 de Abril, e motivada por esta occasião. (*b*)

Foi Claudio Coelho correcto no desenho, bom colorista, e grande conhecedor do bom effeito. Seus desenhos a lapis negro, e á penna são muito esti-

---

(*a*) J. T. Bourgoing = *Tableau de l'Espagne Moderne* = Tom. I. pag. 227.

(*b*) O Author da obra intitulada = *Anecdotes des Beaux Arts* = Tom. II. pag. 348 sem razão lhe chama Pintor mediano, e diz; que morrêra de pena, e sentimento á vista das obras de Lucas Jordão. O mesmo affirma ter succedido a Antonio de Castilho, natural de Cordova, em 1667 por se vêr excedido por Morillos.

mados pela correcção. Abrio tres estampas a agoa forte, que representão o Senhor Crucificado com a Santa Virgem ao pé em meio corpo, Santo Agostinho, e Santa Monica aos lados; e os dous retratos de Carlos II., e sua mulher.

He galante a resposta, que deu em certo dia o nosso Artista a D. Christovão Ontañon. *Aora vendrá Jordan á enseñar les a vstudes á ganar mucho denero*, disse D. Christovão. *Si Señor, y a absolver nos de muchas culpas, y quitar nos muchos escrupulos*, respondeo Claudio, alludindo a que Jordão attendia só ao todo das suas composições, e não a cada uma das partes de persi.

Deixou dous discipulos de merecimento, que forão D. Sebastião Muñoz, que foi Pintor do Rei, e D. Theodoro Ardemans, que tambem veio a ser Pintor da Camara d'ElRei. Jaz sepultado na Parochia de Santo André de Madrid.

Manoel de Castro.

Portuguez de Nação, e discipulo de Claudio Coelho passou á Hespanha, e alli foi declarado Pintor de Carlos II. em 19 de Agosto de 1698 por morte de Bartholomeu Peres, em attenção ao seu merecimento, e ás muitas obras que havia feito para varias Igrejas. Em Madrid, no Cruzeiro da Igreja da Trindade estão dous quadros grandes, que representão a Santa Virgem acompanhada de Anjos cantando em chôro; e a Redempção dos captivos com a Senhora em cima na gloria. No Convento das Mercês pintou a fresco as abobadas da capella dos Remedios.

Para a Igreja de S. João de Deos fez dous quadros da Paixão; e pintou a fresco a abobada da primeira capella á mão direita da Igreja de S. Filippe

Neri; nestas obras porém he de notar a falta de correcção do desenho, e a pouca nobreza na composição. Ponz no Tom. V. da Viagem de Hespanha a pag. 65, 66 95, e outras faz especial menção das obras deste Artista. Faleceu em Madrid em 1712, segundo delle escreve Bermudez no Diccionario Historico entre os mais illustres professores das Bellas Artes em Hespanha, Tom. I. pag. 299.

Marcos da Cruz.

Este he o Pintor Portuguez de maior nome entre todos os professores da Arte mas tambem o mais desconhecido de todos. Diogo Barboza Machado na censura da Carta Apologetica e Analytica da Pintura de José Gomes da Cruz, o enumera entre os melhores Pintores Portuguezes entre Diogo Pereira, e Bento Coelho, que por isso o collocamos neste lugar, sem podermos assignar-lhe precisamente o tempo em que floreceu. O Eruditissimo Bispo de Béja e Arcebispo de Evora tambem faz delle honorifica mençãc nas Memor. Hist. do Ministerio do Pulpito a pag. 135. Nem Pelegrin Antonio Orlandi, nem Guarenti, nem Ponz, Conca, nem Bermudez nos dão delle noticia alguma; nem em algum outro Escriptor Portuguez a pudemos descobrir. Ha tradição ser seu o quadro de Santa Maria Magdalena de Pazzi, que hoje se vé na Igreja do Convento do Carmo de Lisboa. Frei Manoel de Sá nas Memor. Hist. daquella Ordem descrevendo este quadro no Cap. X. do Livro II. num. 251, que na Igreja antiga estava na capella propria da mesma Santa na nave da parte da Epistola, nada nos diz sobre o seu Author. Se he verdadeiramente de Marcos da Cruz, he tambem uma prova authentica do seu merecimento.

Maria dos Anjos.

Maria dos Anjos foi Religiosa Dominicana no Convento de Santa Catharina de Sena na Cidade de Evora. Como destra na Pintura faz della memoria Frei Lucas de Santa Catharina na IV Parte da Historia de S. Domingos Livro II. Cap. 34 dizendo por estas palavras: ,, Levava-lhe este exercicio alguma ,, hora livre, encarnando umas imagens, e copiando ,, outras, achando-a muitas vezes elevada nellas. Ti- ,, verão muitas o voto de consummadas, examinan- ,, do-as os mais peritos da Arte, acompanhando o ,, voto com o assombro. ,, Não nos diz o tempo em que viveo.

Antonio Lobo.

De Antonio Lobo apenas encontramos noticia, sem nenhuma outra informação, em o Padre João Baptista de Castro no seu Mappa de Portug. Tom. III. pag. 401. Era da sua mão o tecto da antiga Igreja Parochial de Nossa Senhora da Pena, pintado, se devemos estar pelo que diz o mesmo Castro, com admiravel Architectura. Nada pudemos descobrir delle; e sendo a sobredita Igreja feita pelos annos de 1705, segundo nos refere Fr. Agostinho de Santa Maria na Parte VII. do Santuario Marian. Livro I. Tit. 45 citado pelo mesmo Castro, cabe esta época a este nosso Pintor.

Bento Coelho da Silveira.

Foi natural de Lisboa, e floreceu no seculo decimo septimo. Consta por tradição, que passou á Hespanha em tempo, que ainda alli se demorava o famoso Rubens Pintor Flamengo; porém qual fosse

o seu primeiro mestre antes de passar áquelle paiz, não temos podido verificar atégora. Todavia confessamos, que naquelles seus quadros mais bem acabados se descobre o muito estudo, que se propoz fazer daquelle Artista; e com effeito imitou-o maravilhosamente.

A maior parte das Igrejas antigas de Lisboa, na frase de um nosso Escriptor moderno, estão cheias das obras deste grande mestre; e apezar de terem acabado muitas no incendio immediato ao fatal terremoto de 1755, possuimos com tudo uma avultada porção dellas. As figuras, que introduzia nas suas composições, tem toda a expressão propria do assumpto que representão; e bem deixão vêr no Author a força da sua imaginação, e quanto era fecunda e vasta nas producções da Arte.

Evitaremos a narração fastidiosa de mencionarmos uma por uma de todas as suas obras; e só lembraremos aquellas, que a nosso vêr, tem maior acceitação, e de alguns Escriptores se achão já citadas. Na sachristia do Convento de Penha de França dos Religiosos de Santo Agostinho, os tres quadros do Senhor Crucificado, do Descendimento da cruz, e do Senhor na acção de o crucificarem possuem a preferencia de todos, quantos nos deixou este Pintor insigne, aindaque desfigurados pelo infeliz concerto que ultimamente lhe fez mão pouco habil. Os que ornão o oratorio do Excellentissimo Senhor Marquez de Tancos, maiormente o do Nascimento do Salvador, o de São Pedro, e o de Santa Maria Magdalena tem grande merecimento, e seguio nelles o colorido de Rubens. Todos os retabulos dos Religiosos de Santo Agostinho ao Grillo são seus. As laminas do Sacrario de Nossa Senhora do Bom successo forão pintadas pelo insigne Bento Coelho, segundo o testemunho de Carvalho no Tom. III. da

Corografia a pag. 661. O Author do Santuario Marianno a pag. 127 do Tom. I. dá como seus a maior parte dos quadros da Igreja do Mosteiro da Madre de Deos, de que tambem se lembrou Fr. Jeronymo de Bellem, Chronic. Serafic. Tom. III. Liv. 13 cap. 13 pag. 50; e a pag. 372 do mesmo Tom. diz-nos serem de sua mão as muitas e excellentissimas pinturas da Igreja de Nossa Senhora do Soccorro; e no Tom. VII. a pag. 29 especifica as da Ermida dos Fiéis de Deos. Além destas pintou outras muitas para diversas Igrejas e Conventos do Reino, no que se mostra a sua demasiada facilidade, que por causa desta negligenciou o desenho, e se fez por ultimo menos correcto.

No Livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei D. Affonso VI. a fol. 156 no Real Archivo se acha a Carta de mercê de Pintor de oleo, passada a Bento Coelho a 10 de Setembro de 1678; cuja propriedade lhe foi concedida = em attenção aos muitos annos que servia com satisfação = percebendo o mesmo ordenado que todos os seus antecessores. Succedeu-lhe no lugar Lourenço da Silva Paz, por ter falecido sem filhos que seguissem a mesma Arte, clausula esta alli expressa poronde vemos, o quanto sempre os nossos Soberanos tomárão em contemplação os bons serviços dos seus vassallos, valendo para os filhos nos empregos os que seus pais fizerão. Pelo unico motivo da successão em seu lugar do mencionado Lourenço da Silva Paz o reputamos falecido em 1708, anno em que se lhe passou a sua competente Carta de Pintor.

Lourenço da Silva Paz.

A 26 de Novembro de 1708 fez mercê o Senhor Rei D. João V. a Lourenço da Silva Paz, de

mestre Pintor de oleo da casa das obras dos seus Paços da Ribeira desta Cidade, por falecimento de Bento Coelho por este não ter filhos da mesma Arte, com o ordenado de cinco mil réis em dinheiro pagos no Almoxarifado da imposição dos vinhos desta Cidade, e um moio de trigo no das jugadas de Santarem, e com todos *os prós e precauços*, *que direitamente lhe pertencerem.* Acha-se lançada esta Carta no Livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei D. João V. a fol. 214. vers. no Real Archivo.

Theodora Maria.

Nasceu na Cidade de Tavíra no Reino do Algarve em o anno de 1692, de João Rodrigues Andino, insigne Pintor, e Bernarda da Assumpção, e foi baptizada na Freguezia de Santa Maria. Com bem fundamento a reputamos discipula de seu pai; e a darmos credito ao Author do Theatro Heroino Tom. II. pag. 442 = senão o excedeu, o igualou =; e aponta um quadro de Nossa Senhora da Graça de seu pincel que diz ser de grande excellencia. Pelas suas qualidades e boas prendas a escolheo por esposa André de Mendoça, natural de Faro, paraonde foi viver em sua companhia, e nesta Cidade terminou sua feliz carreira a 10 de Agosto de 1716 tendo pouco mais de 24 annos de idade. Jaz sepultada na Parochial de S. Pedro.

Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes.

Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes nasceu em Lisboa a 19 de Outubro de 1676, terceiro filho de Francisco de Sá e Menezes, IV. Conde de Pennaguião, e I. Marquez de Fontes, e D. Joanna de Lancastre que tinha ficado viuva do II. Conde de Unhão

Rui Telles de Menezes e Castro. Succedeo por morte de seus dous irmãos na casa e Titulo de seus pais, sendo III. Marquez de Fontes, e VII. Conde de Pennaguião. ElRei D. Pedro II. lhe mudou o Titulo de Fontes no de Abrantes, de que foi I. Marquez por Decreto de 24 de Junho de 1718. Foi Embaixador extraordinario a Roma em 1712, nomeado por ElRei D. João V. ao Papa Clemente XI.; e segunda vez extraordinario á Corte de Madrid em 1727 a fim de tratar ajuste de casamento dos Principes do Brazil, e das Asturias. ElRei D. Filippe V. o condecorou com a insigna da Ordem do Tuzão de Ouro. Foi varão singular de superior talento e erudição, e tão acreditado pelo conhecimento da Historia, e Antiguidades que foi um dos primeiros Censores nomeados na instituição da Academia Real da Historia Portugueza. Teve intelligencia de muitas Artes, e na da Pintura conhecia como professor as escólas de Italia, e Flandes, distinguindo com perspicacia as cópias dos originaes. Deixou sucessão da Marqueza D. Izabel de Lorena, com quem casou a 4 de Outubro de 1690, filha de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e da Princeza Maria Angelica de Lorena primeiros Duques de Cadaval; sendo primeiro fructo deste consorcio a Excellentissima D. Anna Catharina Henriqueta de Lorena, de quem falleremos a diante. Cheio de merecimentos, e digno por muitas virtudes em todo o genero de veneração faleceu em Abrantes, onde jaz, em 30 de Abril de 1733. São mais recommendaveis, entre os que delle fazem menção, D. Antonio Caetano de Souza Memorias Histor. e Genealogicas dos Grandes de Portugal a pag. 51; Apparato á Histor. Genealogica á Casa Real no Tom. I. n. 200 pag. 163; e no Corpo desta mesma Historia Tom. X. pag. 385; e o Abbade Barboza Biblioth. Lusit. Tom. III. pag. 637.

col. 1. O Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes lhe compoz o Elogio Funebre, que recitou na Academia Real da Historia em 7 de Maio de 1733, inserto no Tom. XII. da Collecção.

Dona Rita Joanna de Souza.

Foi Dona Rita Joanna de Souza natural de Olinda, Capital de Pernambuco, e filha do Doutor João Mendo Teixeira. Nos poucos annos que viveo, deu sobejas provas de engenho, e de admiração, distinguindo-se na Arte da Pintura, na Filosofia Natural em que escreveo diversos Tractados, e na Historia a que foi muito applicada. No melhor dos seus dias faltou-lhe a vida em 1719 aos 23 annos de idade. Theatr. Heroin. Tom. II. pag. 356; e Barboza Biblioth. Lusit. Tom. III. pag. 636. col. 1.

Henrique Ferreira.

Henrique Ferreira foi um Pintor bem conhecido, vivia pelos annos de 1720, tempo em que o Padre Fr. Francisco de Borja, então Geral do Real Mosteiro de Belém, lhe mandou pintar os Retratos de corpo inteiro dos nossos Soberanos para substituirem o lugar daquelles em meio corpo, desde o Senhor D. Affonso Henriques até o Senhor D. João III., que tinhão vindo dos Paços de Alcaçova, e se conservavão antigamente na Casa dos Reis; os quaes o mesmo Geral mandou passar para a Livraria; mas hoje não sabemos onde parão, porque indo alli para os examinarmos, os não encontramos, e só sim um montão de quadros, que pela desordem em que se achavão não os pudemos caracterizar, conhecendo sim haver entre elles alguns, que á primeira vista nos parecerão de bons Authores.

Furtado.

Vivia este Artifice, de quem não sabemos mais que o appellido, pelos annos de 1734: foi natural de Barcellos, e naquelle mesmo tempo pintou varias obras para a sachristia do Mosteiro de Santa Marinha da Costa da Ordem de S. Jeronymo, por mandado de Fr. Crispim da Conceição então Prior desta Casa. Delle são tambem os retratos de estatura ao natural dos Varões insignes que teve a Religião; e o grande quadro da Rainha Dona Mafalda, Fundadora deste Mosteiro, que se conservavão no salão. Estas noticias, aindaque muito escaças, pois nos não declarão nem ao menos o proprio nome deste Pintor, forão extrahidas da citada Chronica Manusc. do Padre Mestre Doutor Fr. Manoel Baptista de Castro unico, que saibamos, que no las deixou escriptas. E por semelhante occasião nos cumpre confessar só por esta vez a muita obrigação, em que lhe está a nossa Arte por haver inserido na sua Chronica tantas noticias de que careceriamos, e de que já tinha repartido algumas com o Author da Corografia, como elle mesmo ingenuamente confessa no Tom. III. pag. 660 fallando de Avelar, e Arrerino.

Dona Izabel Maria Rite.

Foi natural da Cidade do Porto, e filha de Francisco Pequerim, Inglez de nação, e de Joanna Pequerim natural da mesma Cidade; foi baptizada na Freguezia de S. Nicoláo. Mereceo muita reputação na Pintura entre os mais destros Professores, particularmente na Miniatura, que fazia com aceio, e correcção de desenho. Passou á Hespanha nos principios do seculo XVIII., onde se distinguio; e vivia

ainda pelos annos de 1735. Veja-se Theatro Heroino Tom. I. pag. 534: Bermudez Dicc. Histor. Tom. IV. pag. 202 referindo-se á Descripção do Porto, que della dá noticia entre as mulheres nobres daquella Cidade cap. 10 a pag. 370.

Francisco Pinto

Deste Pintor, que vivia pelos annos de 1738, nada temos que dizer por se perder de todo a sua memoria. D. José Barboza no Elogio Funebre do Desembargador Belchior do Rego de Andrade refere a pag. 53, que fora chamado para retratar o dito Desembargador depois da sua morte; e chama-lhe ahi Pintor insigne. Os quadros delle, que vimos na portaria do Convento de S. Domingos desta Corte; fazem crer, que fôra Pintor mediano. Foi seu discipulo Miguel Antonio.

D. Isabel Broune.

Floreceu neste mesmo seculo D. Isabel Broune filha de Duarte Pequerim, e Elsa Pequerim, e parenta de D. Isabel Maria Rite. Foi casada com o Medico da Cidade do Porto Pedro Broune. No Catalogo das Heroinas se acha escripto o seu nome como peritissima em pintar a oleo, e singular em fazer retratos. Theatro Heroino Tom. I. pag. 534, e Descripção do Porto cap 10 pag. 370. Viveo naquella Cidade pelos annos de 1740; e alli mesmo se admirão ainda suas pinturas, pelo estremado gosto, e são muito procuradas para adorno dos mais ricos gabinetes.

Luiza Maria Roza.

Nasceu na Cidade do Porto; foi muito insigne Pintora, e tão acreditada por suas obras que não só lhe ministravão commoda sustenção, mas lhe grangeárão varias discipulas, tendo Academia publica no campo chamado das Hortas, dentro da mesma Cidade. Existem aïnda pinturas suas dentro, e fóra daquella Provincia, sendo entre ellas muito admiraveis, as que se conservão nos claustros do Convento dos Capuchos do Valle da Piedade. Vivia pelos annos 1740. De tudo isto dá testemunho o Author do Theatr. Heroin. Tom. II. pag. 40.

José Lopes Baptista de Almada.

Foi natural da Villa de Chaves na Provincia de Traz os Montes. Seguio os estudos, e se formou na Universidade de Coimbra na Faculdade dos Sagrados Canones. Fazemos delle menção pelo testemunho do Abbade Barboza Machado, pois a pag. 215 do Tom. IV. col. 1. diz que exerceo insignemente as Artes de escrever, contar, e colorir, e accrescenta que fora nellas perito. Para instrucção da mocidade Portugueza publicou = Prendas da adolescencia, ou adolescencia prendada com as prendas, artes, e curiosidades mais uteis, e estimaveis em todo o mundo. Obra utilissima não só para os ingenuos adolescentes, mas para todas, e quaesquer pessoas curiosas, e principalmente para os inclinados ás Artes, ou prendas de escrever, contar, letrear, debuxar, illuminar, pintar, colorir, entalhar, miniaturar etc. He impressa em Lisboa, por Francisco da Silva em 1749, fol. com estampas. =

Victorino Manoel da Serra.

Nasceu em Lisboa no anno de 1692, e foi filho de Antonio da Serra, com quem aprendeo a Arte da Pintuta, e de Vicencia d'Almeida, pessoas de grande virtude e piedade. Foi baptizado na Parochial Igreja de Santa Justa. Conservamos ainda uma boa parte das suas obras; e pelo que dellas se vê, procurou imitar o estylo de Vicente Baccarelli, e introduzir em Portugal o ornato Francez, sendo o primeiro que assim o praticou, e desempenhou elegantemente no tecto da Igreja de S. Sebastião da Padaria; de N. Senhora da Boahora; da Ermida de N. Senhora do Monte do Carmo na rua Formosa; da Igreja da Pena por cima da porta principal; da Ermida de N. Senhora da Graça dentro do Hospital que pereceu com o terremoto, e da de N. Senhora da Oliveira, que experimentou a mesma sorte, e outros mais. Seu he tambem o risco e desenho, que ajudou a pôr em execução, do tecto da Igreja do Menino Deos, e das Trinas do Rato. Viveo sempre applicado no exercicio da sua Arte, e no exacto cumprimento das muitas obras de que o encarregavão; e devendo-se-lhe seguir daqui grande proveito, infelizmente morreo tão pobre, que não deixou cousa alguma, comque o sepultassem. Não contava ainda 55 annos de idade, quando foi assaltado da molestia, que lhe terminou os dias a 9 de Abril de 1747; e jaz enterrado na Igreja de Nossa Senhora do Soccorro. Manoel Ferreira Leonardo em nome de Jeronymo de Andrade escreveo o seu Elogio Funebre, que imprimio em 1748.

André Gonçalves 2.°

Nasceu nesta Cidade de Lisboa; foi discipulo de D. Julio Pintor Genovez, que aqui veio estabelecer-se, um Artista muito estimado, e de grande reputação em seus dias. Pintou com alguma facilidade, e com muito bom gosto de colorido, mas pouca invenção podendo-se chamar quasi todos os seus paineis excellentes cópias de varias estampas dos melhores originaes, de que tinha uma vasta collecção. Teve perfeito conhecimento dos famosos Pintores; e se ao genio que possuio, tivesse tido lugar de consultar as suas obras mais insignes, seria um dos assignalados mestres que florecerão entre nós. O seu desenho era correcto, imitava maravilhosamente os animaes, como era de vêr em um quadro grande de figuras ao natural, da Excellentissima casa do Duque de Cadaval, muito admiravel pela expressão e espirito com que foi desempenhado.

Pintou muitos quadros nesta Capital, dos quaes especifiaremos os melhores, e são os que estão collocados no corpo da sachristia da Igreja da Madre de Deos, que representão a vida de José; e o tecto da mesma sachristia com a Assumpção da Senhora acompanhada dos Apostolos. Na empena da capella mór se vê um excellente quadro da gloriosa Coroação da Santa Virgem, que produz muito bom effeito, e dá grande honra ao seu Author; além destes existem alli outros da sua mesma mão.

Tambem são seus os quadros das capellas da Igreja do Menino Deos, os da parte do Evangelho, o de Santa Isabel Rainha de Portugal, Santo Antonio, e Assumpção da Senhora. Da parte da Epistola, S. Miguel, Santa Anna, e S. Francisco. Na

Igreja dos Religiosos Paulistas os seis quadros da capella mór; e os do choro.

Foi sua discipula Joanna Ignacia. He della o quadro de Nossa Senhora da Pureza collocado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires da Ordem de Christo; e os retratos que estão no Palacio do Marquez de Pombal em Oeiras. O de Nossa Senhora tem a legenda seguinte = Lisbonensis feminae J.I.R. arteficio Idibus Julii anno M.DCC.LXX. Não nos foi possivel descobrir o appellido, que denota a inicial R.

D. Anna Catharina Henriqueta de Lorena.

O relevante merecimento desta illustre e distincta Matrona na Arte da Pintura dá sobejos motivos para fazermos della memoria neste lugar. Pelas excelsas virtudes de todo o genero, de que foi dotada, muitos são os que lhe tem feito bem merecidos elogios ao seu nome. Foi filha do III. Marquez de Fontes, e I. de Abrantes Rodrigo Annes de Sá e Almeida, de quem fizemos menção, e de D. Isabel de Lorena filha do I. Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Nasceu a 3 de Setembro de 1691. Foi Duqueza Camareira Mór da Rainha D. Marianna de Austria por mercê de 4 de Dezembro de 1753. Foi casada com seu tio materno D. Rodrigo de Mello. Em abono de tão grande heroina por não repetir-mos, o que já outros disserão, transcreveremos sómente as formaes palavras, com que Miguel Tiberio Pedegache se exprime a pag. 197 da sua Carta aos Socios do Jornal de Pariz: = E com „effeito seria um crime imperdoavel, se em uma „carta consagrada a celebrar as pessoas famosas em „letras deste Reino não tributasse os maiores elo„gios a esta heroina Portugueza, que falla Francez,

„Italiano, e Hespanhol, etc. entende o Latim, e „em fim unindo as Artes ás Sciencias pinta com „elegancia, bom gosto e perfeição. O Author do Theatro Heroino tinha escrito accrescentando a isto a pag. 494 do seu Supplemento: = E conseguio uma „perfeitissima idéa de fazer retratos, como se admi- „rou tirando o retrato da Princeza das Asturias, que „entre muitos dos mais peritos na Arte excedeo a to- „dos na semilhança e naturalidade. = A esta Senhora „foi dedicada a Carta Apologetica e Analytica da Pintura, que sobre a ingenuidade desta Arte escreveo o Dr. José Gomes da Cruz a rogo de André Gonsalves em 1752, com uma estampa no principio inventada por este Pintor; onde considerando-a como insigne lhe applica em particular a pag. 50, formando o catalogo das Senhoras de grandes Titulos e Estados que professárão a Pintura, as seguintes expressões: = „E eu refereria outras Senhoras, senão bastasse para „credito da Pintura, lerem-se nesse catalogo a Ra- „inha de Hespanha D. Maria Luiza de Bourbon, a „Senhora Rainha D. Izabel Farnesio, mãi da Ra- „inha Nossa Senhora, e a Vossa Excellencia illus- „trando superiormente a serie augusta das soberanas „e Reaes Artifices da Pintura. = Faleceo com sentimento geral, tanto dos nacionaes, como dos estranhos que reconhecião o seu merecimento no 1 de Junho do anno de 1761, quasi ao completar 70 de sua idade. Existe desta Senhora um quadro na Ermida de S. Joaquim, e Santa Anna no sitio de Alcantara entre outros do insigne Francisco Vieira Lusitano.

Antonio Pereira 2.°

A 19 de Fevereiro de 1755 lhe mandou o glorioso Monarcha o Senhor Rei D. José de Piedoza Memoria passar Carta de Pintor de oleo, e tempe-

ra da casa das Obras dos Paços Reaes, com o ordenado de seis mil réis e um moio de trigo, pago no Almoxarifado das jogadas de Santarem, tudo na fórma do Alvará de Regimento de 8 de Agosto de 1754. Está lançada no livro 66 da Chancellaria do Senhor D. José I. fol. 344 no Real Archivo.

Ignacio de Oliveira.

Foi filho do celebre Pintor Antonio de Oliveira, e estudou em Roma na escóla de Benedito Luti. O seu colorido he agradavel, mas no desenho não possuio toda a elegancia, e as suas composições são tiradas pela maior parte de boas estampas. Nas roupagens não foi muito feliz; e as suas figuras são pouco animadas. Talvez a sua pouca demora naquella Cidade désse causa a não chegar ao maior grão de perfeição; mas comtudo era eminente no conhecer as obras dos melhores Professores, e muito versado na Architectura.

Miguel Tiberio Pedegache na Carta ao Redactores do Jornal de Pariz pag. 196 falla do seu merecimento com algum tino, mas não tanto que senão mostre excessivo o seu juizo em notar alguns defeitos, que se observão nas suas obras. Foi empregado pelo Senhor Rei D. João V. nas pinturas do Real Convento de Mafra. Grande parte se conservão nesta Capital, e especificaremos aqui todas as que nos parecêrão mais dignas da observação do inteligente, e do singular apreço do amante da Arte; as quaes se reduzem ás seguintes. No Altar mór da Igreja do Menino Deos, o quadro de S. Francisco recebendo as Chagas. Na Igreja de S. Francisco de Paula da parte do Evangelho, um S. José, Nossa Senhora, com o Menino, na capella do Sacramento a SS. Virgem coroada pelos Anjos, e no tecto um S. Miguel. Na

Igreja das Necessidades, o painel da parte da Epistola, que representa o Senhor crucificado, Nossa Senhora, S. João, e a Magdalena. Na Parochial de Santa Isabel, Nossa Senhora da Arrabida ao lado do Evangelho. Na sachristia da Santa Igreja Patriarchal, uma Piedade. No refeitorio dos Monges Beneditinos, a cêa de Emauz. O Senhor Rei D. José lhe consignou ordenado, como tão amante que era das boas Artes. Obteve uma pensão de trezentos mil réis por concessão do Senhor Rei D. Pedro III., que ainda hoje conservão duas filhas, que vivem presentemente, pois D. Michaela Archangela Romaneti filha do mesmo Ignacio de Oliveira, que tambem exerceu esta mesma Arte, he falecida. Morreo em Lisboa a 19 de Janeiro de 1781, e jaz na Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Francisco Vieira Lusitano.

O merecimento deste illustre Pintor he tão conhecido, que não precisa dos nossos elogios para se fazer recommendavel. Lisboa lhe deu o berço, e foi filho de Francisco Vieira, homem de sentimentos mui religiosos, que por quanto visse a sua extraordinaria inclinação, que logo dos primeiros annos mostrou para a Pintura, lhe forneceu todos os meios opportunos, e necessarios para a estudar com proveito na mesma patria; e tanto nella como nas Bellas Letras lhe deu a instrucção que convinha a um perfeito Artifice, correspondendo elle com decididas provas de grande espirito, e vivissimo engenho. Rápidos e admiraveis erão seus progressos alentados pela força da sua applicação activa, quando o Marquez de Abrantes enviado a Roma como Embaixador o levou em sua companhia, onde teve por mestre a Trivisani, e desenhando correctamente obteve os

maiores creditos, e por algumas vezes o premio na Academia do Desenho. Entre as diversas cousas que pintou logo nos seus principios, se distinguio no quadro, que fez a instancias do Conde das Galveas, tambem Embaixador naquella corte, em que representou a fabula de Perseu.

Recolhendo-se á Lisboa, foi muito bem recebido do grandioso Monarcha o Senhor D. João V. (*a*); encarregando-o de varias obras consignou-lhe pensão de 720 mil réis com o seu trabalho pago se-

---

(*a*) A' generosidade, e liberal munificencia do Senhor Rei D. João V. deve a Pintura o grande acolhimento, que desde seu feliz reinado até hoje tem experimentado. Este Soberano foi, quem mandou a Roma muitos Alumnos; lá lhe erigio uma Academia em tudo digna do seu magnanimo coração. Honrou liberalmente ao insigne Vieira; ornou varias Igrejas com suas preciosas pinturas; e fez vir outras muitas de Italia.

A nossa Augusta Soberana tão interessada na felicidade dos seus póvos, como na gloria da Nação promoveu o augmento das Artes, estabelecendo por Alvará de 23 de Agosto de 1781 a Aula de Desenho, e de Figura, de que forão benemeritos Professores Joaquim Manoel da Rocha, e Joaquim Carneiro da Silva; e de Architectura José da Costa e Silva; devendo-se aos grandes talentos de Joaquim Carneiro da Silva o esplendor de tão util Estabelecimento. A' direcção do Intendente Geral da Policia, Diogo Ignacio de Pina Manique confiou Sua Magestade, que Deos guarde, a escolha dos moços, que se destinavão ás Bellas Artes, mandando para Roma os que davão mostras de applicação e de viveza. Para a Pintura forão destinados José Alvares, já falecido, Bartholomeu Antonio Calisto, José da Cunha Taborda, Domingos Antonio de Siqueira, Archangelo Fuschini, e Manoel Dias; para a Escultura João José de Aguiar; para a Architectura Joaquim Fortunato, e Sebastião José Vicente Nogar; para Abridores de Estampas, João Caetano Rivara; e para Abridores de camarfeus e cunhos José Antonio do Valle.

paradamente, mercê que lhe mandou continuar o Senhor Rei D. José; e lhe conferio entre outras especiaes graças a de Cavalleiro da Ordem de S. Tiago. No Livro 29 da Chancellaria da Ordem de São Tiago a fol. 321 no Real Archivo se acha inserto o Alvará, que se expedio a 23 de Setembro de 1744 a Francisco Vieira Lusitano para ser armado Cavalleiro na Igreja do Mosteiro de Santos. No mesmo dia foi passada a Carta para se lhe lançar o habito no dito Mosteiro. Ibid. E no mesmo dia se passou outro Alvará para no mesmo Mosteiro professar fol. 321 vers.; fazendo tambem expedir um Decreto contra quem tentasse por algum pretexto atraiçoar-lhe a vida.

A esta Regia Determinação deu lugar o ma-

A patria he muito devedora ao zelo, e bons serviços de D. Alexandre de Sousa, Embaixador de Sua Magestade Fidelissima em Roma, arranjando com commodidade, e decencia tudo o preciso ao estabelecimento da nova Academia, elegendo para seu Director João Gerardo Derrozi, de engenho vasto, capaz de tomar sobre si um tal emprego, e bem conhecido na Europa por seus talentos e escriptos: estabelecimento este tão util, como interessante á gloria da Nação, que a não ter sido interrompido pelos deploraveis acontecimentos do presente seculo, mostraria ás Nações estranhas, que Portugal abunda de homens capazes de se immortalizarem nas Artes, e Sciencias, como antes, e agora acabão de fazer nas Armas.

O nosso Amavel Augusto Principe, que sábiamente nos governa, não menos cuidadoso pelo bem dos seus vassallos, a nada se poupando por felicitar-nos, e promovendo tudo aquillo que póde augmentar o brilhante nome da Monarchia, proseguio no melhoramento das Artes, honrou aquelles mesmos depois que se recolhêrão á corte, dando-lhes avultadas pensões; e parece nada ter faltado á generosidade do seu bonissimo coração, para que fizessem novos progressos, e perpetuassem a Memoria do seu Governo.

trimonio, que havia contrahido com Dona Ignez Helena de Lima e Mello, parenta dos Illustrissimos Limas e Almeidas contra vontade de seus maiores, casamento este traçado em bem tenros annos, que lhe servio, como elle mesmo confessa na sua vida que escreveo em Cantos Lyricos, de estimulo forte para estudar com maior enthusiasmo a fim de merecer por seus talentos, o que lhe era negado pela nobreza; e que juntamente foi causa de partir segunda vez a Roma para obviar os muitos obstaculos, que bastante tempo retardárão este decantado casamento.

He certo, que todas as suas composições são vastas, e pela maior parte enriquecidas de nobres alegorias; e a usar da expressão de um moderno Escriptor foi hum prodigio de composição de affectos. A nossa Capital possue muitas, e riquissimas pinturas de sua mão, além das que o terremoto consummio quasi todos os quadros da Igreja de S Francisco de Paula são de seu pincel admiravel. O Excellentissimo Marquez de Penalva tem um retabulo do Evangelista S. Lucas, escrevendo o seu Evangelho, de optimo gosto. Na antiga casa dos Condes de Assumar conservavão-se muitos, entre elles por mais singular o da Sacra Familia. Para o Excellentissimo Marquez de Povolide pintou varios quadros de diversos assumptos em nada inferiores, aos que fez para a sachristia da Patriarchal, que forão victima do fatal incendio que sobreveio ao terremoto de 1755.

Nesta mesma catastrofe se extinguio o precioso quadro da tomada de Lisboa aos Mouros pelo Senhor Rei D. Affonso Henriques, e Guilherme de Longa Espada, que occupava o centro do tecto da Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, e tinha trinta palmos de cumprido, e vinte de largo, e custado dous mil e quinhentos cruzados, maravilhosa obra do in-

signe Pintor Francisco Vieira; cuja circumstanciada noticia he de Fr. Apollinario da Conceição, que nola transmittio na Demonstração Historica desta Igreja a pag. 392.

Em 1744 lhe ordemnou o mesmo Senhor Rei D. João V. o retrato do primeiro Patriarcha de Lisboa D. Thomás de Almeida, e depois defeito o mandou collocar entre os dos Arcebispos em Marvilla; mas deste não faz menção Castro no Map. de Port. Tom. III. pag. 481 e seguintes, tendo dito no mesmo Tom. III. pag. 401, que Vieira pintou os retratos de alguns Arcebispos de Lisboa no Palacio da Mitra em Marvilla. A Fernando Antonio da Costa de Barboza no Elogio Historico do primeiro Patriarcha a pag. 212 devemos esta noticia; e nos diz alli, que tambem lhe ordenára outro retrato pelo mesmo modo do primeiro, e o mandou pôr nos Paços da Casa de Bragança. Achão-se além destes alguns quadros na Ermida de S. Joaquim, e Santa Anna na quinta do Excellentissimo Marquez de Abrantes em Alcantara, e são as mesmas citadas por João Baptista de Castro Tom. III. pag. 213.

Mas o quadro que sobresahe a todos, os que deste famoso Pintor conservamos; o que lhe ganha maior credito, e attrahe a admiração dos intelligentes, he o de Santo Agostinho, que se vê na Portaria dos Religiosos do Convento da Graça, excede sem duvida todo o elogio, pelo desenho, pela expressão, e pelo colorido.

Notamos finalmente nos seus desenhos, feitos a maior parte de lapis encarnado, adoptar um estylo algum tanto amaneirado; porém não concordamos em tudo com o juizo, que deste insigne Pintor formou o Author da Carta aos Socios do Jornal Estrangeiro de Pariz, Miguel Tiberio Pedagache a pag. 195, exagerando excessivamente os seus defei-

tos. Cheio de annos, e de applausos acabou seus dias a 13 de Agosto de 1783; e se mandou deitar na Igreja de S. Francisco de Xabregas.

Joaquim Manoel da Rocha.

Natural de Lisboa nasceu em 1730 a 18 de Janeiro, de Manoel Francisco da Quinta, e Lionor Maria natural da Biscaia; foi baptizado na freguezia de Santa Catharina do Monte Sinay. Senão receassé ser encarecido, diria; que dos Pintores do seu tempo foi elle um, que não obstante ter estudado com Domingos Nunes, Artista pouco conhecido, mais profundou os conhecimentos d'Arte; e porisso póde-se affirmar, que muito excedeo o mestre, e que o seu grande talento lhe facilitou ser generico na Pintura. O quadro, que orna a Tribuna da Parochial Igreja de S. Paulo, he deste celebrado Artifice, merecedor certamente de todo o elogio. A ternura com que os dous Apostolos S. Pedro, e S. Paulo affectuosamente se abração, e se despedem na acção de caminharem ao martyrio, a raiva dos barbaros que os conduzem, todo o apparato lugubre, que alli se representa, não póde deixar de commover o espirito; e se a gloria, que comprehende a parte superior deste quadro, correspondesse ao todo na perfeição, seria uma obra prima. Na Igreja do Beato Antonio ha muitas pinturas suas, como a de Santa Maria Salomé na capella da parte da Epistola, a de S. João Evangelista do outro lado fronteira a esta, e S. Tiago Maior, cujos desenhos são de Vieira Lusitano. O da capella mór he de todos o mais recommendavel; representa a S. João na Ilha de Patmos escrevendo o Apocalipse, produz um effeito admiravel, e tem muita expressão. Além destes se conservão outros muitos por diversas Igrejas e galerias. Na

Igreja de Nossa Senhora do Loreto na capella do Sacramento, o painel da cêa; o de Nossa Senhora da Conceição na sachristia da Ermida de Nossa Senhora do Monte; dous de S. Pedro, e S. Paulo na sachristia do Convento de S. Pedro de Alcantara; no Convento dos Religiosos Paulistas uma Conceição na sachristia; e o retabulo de S. Paulo primeiro Ermita na Portaria mór. Na Igreja de S. Francisco de Paula, no Convento dos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco de Lisboa, ha outros mais: no Museo Mainense guarda-se uma Collecção.

Na galeria do Excellentissimo Senhor Marquez de Borba, um dos Governadores do Reino, se conserva deste Author a cabeça de um Monge, que tem colorido cheio de verdade, e merece toda a estimação.

O seu desenho era mui correcto, desenhava bem o nú; e foi o primeiro Professor da Aula do Desenho, estabelecida por Sua Magestade Fidelissima nesta corte; e porisso o primeiro mestre dos Alumnos que forão estudar a Roma, e Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor empregou a serviço, quando depois se recolherão. Foi um dos Directores da Academia do Nú, que para aperfeiçoar o Desenho erigio nesta Cidade, logoque veio de Roma, Cyrillo Wolkman Machado benemerito Pintor dos nossos dias, que ao presente está empregado no serviço de S. Alteza Real. O dia 28 de Dezembro de 1786 poz termo á sua feliz carreira; e nos enlutou de sentimento pelas sabias instrucções que lhe devemos. Jaz sepultado na Igreja Parochial do SS. Sacramento.

Deixou dous filhos Joaquim Leonardo da Rocha, e João Francisco da Rocha ambos da mesma Arte, que presentemente vivem; e um discipulo, Bernardino da Costa Lemos. Na galeria do Excel-

lentissimo Senhor Marquez de Borba existe da sua propria mão o seu retrato.

O Abbade Francisco José Apparicio.

Celebre Retratista Portuguez estudou em França a Pintura; teve grande communicação com o insigne Esculptor Romano Alexandre Giuste, que vindo a Portugal com outros Artistas para collocar na Igreja de S. Roque desta Cidade a rica, e magestosa capella de S. João Baptista, que chegára de Roma, e alli se patenteou pela primeira vez em 13 de Janeiro de 1751, ficára ao seu serviço neste Reino para executar em baixos relevos os paineis de todas as Tribunas dos Altares da Bazilica de Mafra. Ha pinturas suas na Real Casa de N. Senhora das Necessidades entre outras de Pedro de Pietri, e Francisco Trevisani, que nella mandou collocar o Senhor Rei D. João V. seu Fundador. He seu o retrato do Senhor Rei D. José I., que se vê no Real Mosteiro de Belém na chamada Casa dos Reis. Imitou muito o estylo de Mr. Jacintho Rigau celebre Retratista Francez ao serviço do Rei de França Luiz XIV. O seu colorido tem toda a verdade, pintou bem flores, e não negligenciou os accessorios. Faleceu a 3 de Março de 1787, em idade avançada, e jaz na Igreja Parochial de S. Tiago de Lisboa. Veja-se o Author da Biblioth. Histor. pag. 330. da 2.ª Ediç. em 4.º

Luiz Gonsalves de Sena.

Foi Luiz Gonsalves de Sena natural da Villa de Santarem, nasceu em 1713; forão seus pais Manoel Gonsalves, e Antonia Gomes; e na Freguezia do Salvador foi baptizado aos 30 do mez de Julho. Ap-

prendeo com Pintor mediano daquella mesma Villa, a quem não foi difficultoso exceder. He de sua mão o tecto de Architectura e Perspectiva da capella mór da Igreja do Collegio Real do Patriarchado; as pinturas do choro da Igreja de S. Domingos, em que historiou as acções mais especiaes de alguns Santos da Ordem; o quadro das Almas do Purgatorio no Convento de S. Francisco; o da ultima cêa do Senhor na Igreja de S. Martinho, tudo naquella Villa. São tambem seus varios retratos que fez em Lisboa nos Conventos de Jesus, e S. Francisco de Xabregas; e muitos outros de alguns moradores da Villa de Santarem. O Illustrissimo Desembargador Vigario Geral Domingos Ferreira, a quem devemos as noticias Biograficas deste Pintor, conserva um quadro da Conceição do seu pincel em muita estima. Foi casado com Feliciana Rosa, de quem não houve successão. Morreo sendo já viuvo a 7 de Novembro de 1790 na mesma Villa, que lhe deu o berço. No anno de 1791 imprimio-se em Lisboa na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno = Elogio do grande Apelles Portuguez Luiz Gonsalves de Sena que depois da sua morte compoz Joaquim Duarte Benedicto = Este opusculo, cujo Author nos consta fôra um Religioso de grande merecimento, pois o nome que nelle se lê he supposto, he pena que sem nos dar informação nenhuma do nosso Artifice, de que nos pudessemos aproveitar, só contenha coisas tão ridiculas e extravagantes para os intelligentes da Arte, que se em alguma coisa julgamos acertára, foi em esconder o seu nome.

Jeronymo de Barros Ferreira.

Nasceu em Guimarães a 3 de Dezembro de 1750 de José de Barros Ferreira natural de S. Tiago da

Faia, Concelho de Cabeceiras de Basto, Comarca da mesma Villa de Guimarães; e de Anna da Silva da mesma Freguezia de S. Tiago da Faia. Conseguio boa reputação na Arte depois de ter aprendido os principios della com Miguel Antonio de Amaral. Desenhava com facilidade, e pintava optimamente flores e ornatos; e foi tão affeiçoado á sua profissão, que não perdia occasião de recomenda-la chegando até a franquear generosamente a sua casa a todos, que quizessem aproveitar-se das suas instrucções, semque daqui lhe resultasse o menor interesse.

Era mui versado na Architectura; e tinha tal propensão, e talento para pintar retratos, que os fazia com a maior propriedade e semelhança. Um que fez do Pintor Antonio Caetano, a quem elle pelo seu merecimento guardava amizade, e respeito, comprova isto bem. O seu colorido he bom, e teve um pouco daquelle gosto da escóla Flamenga, como se descobre em algumas bambuchatas que pintou; e na composição, supposto ter adoptado um estylo simples, foi todavia mui natural e estimavel.

De sua mão permanecem as seguintes obras; as figuras do tecto da Livraria do Convento de S. Domingos; Architectura, e quadro da capella de Santa Brigida na Igreja do Lumiar; o tecto da casa de jantar do Palacio do Excellentissimo Marquez de Marialva; o retrato da Augustissima Rainha Nossa Senhora para a Condessa de Vimeiro, sendo Commendadeira do Convento de Santos; os retratos dos illustres pais do Excellentissimo D. Miguel Pereira Forjas, e as salas do seu Palacio á cruz da pedra, e o tecto da casa da Camara do Excellentissimo Marquez de Niza a Xabregas em allegoria engenhosa, que elle mesmo explicou em uma Descripção que escreveu.

Por sua morte lhe ficárão dous filhos, Silencio

Christão, e Vigilancia Perpetua, que havia tido de Antonia Engracia de Deos e Silva natural de Lisboa, com quem foi casado, a qual se lhe verificou ainda n'uma idade tão proveitosa aos 30 de Outubro de 1803, e jaz sepultado no claustro do Convento de Nossa Senhora de Jesus dos Religiosos da Ordem Terceira da Penitencia.

Theodoro de Souza Maldonado.

De Theodoro de Souza Maldonado dá-nos noticia o Author da Descripção Topografica e Histotorica da Cidade do Porto, entre o catalogo dos homens de conhecida reputação, que tem produzido aquella illustre Cidade. Nasceu em 1759 a 12 de Agosto. Recebeo pela Universidade de Coimbra o grão de Mathematica. Pelo conhecimento do desenho, e de miniatura he chamado pelo mesmo Author da Descripção *insigne* a pag. 350 cap. IX., accrescentando que as estampas da Cidade, e da barra que adornão a edicção daquelle livro, forão por elle desenhadas.

Pedro Alexandrino de Carvalho.

Não podemos ver sem assombro as immensas pinturas, que ornão quasi todas as Igrejas desta capital, e muitas do Reino. Ellas nos offerecem claro testemunho da grande promptidão e engenho, que admiramos em Pedro Alexandrino de Carvalho. Nasceu em Lisboa no anno de 1730; foi filho de Lazaro de Carvalho, e de Antonia Maria de Mattos, e baptizado na Freguezia dos Anjos. Estudou com Berardo Pereira, Pintor, cujo maior elogio consiste, em ter sido mestre de tão habil Artista. Logo poucos annos depois (bem o podemos affirmar

sem hyperbole) excedeo muito vantajosamente a seu mestre; e se houvera tido a fortuna de ir á Italia, e visto os melhores Authores os teria não só igualado, mas talvez excedido, poisque de um talento tão superior, tudo era de esperar. Todavia não obstante carecer destes soccorros, soube abrir um caminho largo, formando uma maneira facil e toda sua. Foi um dos Directores da Academia do Desenho intitulada do Nú. Não notamos os seus quadros em particular; porque são em grande número, os que adornão a maior parte das Igrejas novas desta capital, e em quasi todos se descobre a mesma igualdade. O seu pincel he livre, as côres vivas, e teve natural propensão para pintar com singular belleza os meninos, que dão tanta graça ás suas composições, e que na verdade encantão; e se tivera apreciado mais o seu talento, teria feito melhor fortuna. Conservou-se sempre em boa disposição até á idade de 80 annos, em que rematou sua longa carreira a 27 de Janeiro de 1810; cujas cinzas repousão na Parochial de S. José desta Cidade. Teve muitos discipulos, entre estes se distinguirão Joaquim José de Sampaio, Felisberto Antonio Botelho, e Henrique José da Silva que presentemente vivem com boa reputação. O seu retrato pintado por elle mesmo, se conserva na galeria do Excellentissimo Senhor Marquez de Borba.

José Teixeira Barreto.

Este insigne Artista foi oriundo do Porto; nascido na Freguezia de Santo Ildefonso extra muros daquella Cidade, aos 19 dias do mez de Março do anno de 1763, de Domingos Teixeira Barreto, Pintor, e Josefa Maria Angelica sua mulher, moradores na rua chamada do Padrão das Almas da dita Freguezia. Tendo apenas recebido de seu mesmo pai alguns

principios d'Arte, e chegado á idade de 19 annos foi furtivamente receber o habito de S. Bento no Mosteiro de S. Martinho de Tibães, cabeça daquella Congregação, aos 21 dias de Novembro de 1782 pelas 3 horas da tarde, tomando em memoria daquelle mesmo dia o nome de Fr. José da Apresentação. Daqui passou conventual para o de S. Bento da Saude desta Corte, e se matriculou logo na Aula do Desenho, que ferquentou alguns annos sempre como alumno extraordinario. E como de dia em dia crescesse nelle o vivo desejo de se adiantar na Pintura, rompeo no excesso de partir para Roma, onde teve a fortuua de encontrar a generosa protecção do Excellentissimo D. Alexandre de Souza Calhariz e Holsthein alli Embaixador de Portugal, que não só lhe consignou uma pensão mensal, mas até lhe obteve secularizá-lo para melhor poder continuar seus estudos (*a*).

Esteve primeiramente debaixo da direcção de Marcelo Lombardi; depois seguio os dictames de José Cadiz; consultou por algum tempo a Mr. Ganharau, celebre Pintor de Batalhas; e finalmente adoptando um methodo mais caprichoso que regular assim formalizou uma maneira toda sua. Não obstante voltou á Patria muito aproveitado, tendo decorrido algumas Cidades da Italia, França, e Hes-

---

(*a*) Não devemos de nen'uma sorte omittir por agradecimento, vistoque publicamos memorias de Varões insignes, que se distinguirão pelas Bellas Artes, seus illustres Protectores o Excellentissimo Conde de Palmella, e a Excellentissima Condeça d'Alva sua irmã, que herdando de seu pai com a Nobreza a mesma singular affeição para ellas, continuão hoje em dia com o mesmo espirito de grandeza, e munificencia a liberalizar todo o acolhimento para com os Artistas.

panha, e foi promovido na Cadeira de Desenho da Academia do Porto com o ordemnado annual de seis centos mil réis, que disfrutou poucos annos.

He para sentir, que lhe sobreviesse a morte em tão fresca idade, privando-nos assim de muitas, e bellas, producções do seu engenho; ella se lhe verificou a 6 de Novembro de 1810 contando apenas 48 annos e 8 mezes. Jaz na Igreja do Mosteiro de S. Bento daquella Cidade, onde se mandou enterrar com o seu competente habito, que pediu, e recebeu revalidando todos os votos de sua Profissão antes de falecer. Deixou muitos quadros naquella Cidade, que servem de ornato e enriquecem varias Igrejas; não fizémos delles mais circumstanciada memoria, por quanto os não pudemos analyzar. No Real Mosteiro de S. Bento da Saude desta capital ha um quadro de sua mão, na escada principal logo no primeiro lanço. He a copia fiel de S. Paulo primeiro Eremita tirada de um original, e de boa mão que está na sachristia daquelle mesmo Mosteiro: tem o seu nome, e declara o anno em que foi feito, que foi o de 1785.

Abrio a agoa forte duas Estampas, Moises exposto no Nilo, e achado pela filha de Faraó. Deixou uma escóla inteira de Desenho, começando desde a primeira lição: guarda-se no Mosteiro de S. Martinho de Tibães, com a veneração que se deve a seu Author.

Francisco Vieira Portuense.

Entre tantos, e tão famosos Artifices, de que já fizemos menção, merece lugar mui distincto e eminente Francisco Vieira, com quem coroamos estas Memorias. Nasceu em a Cidade do Porto a 13 de Maio de 1765; foi filho de Maria Joaquina, e de

Domingos Francisco Vieira Pintor, e não dos de menos conta na sua Arte; e como visse nelle logo de tenra idade dar mostras de inclinação para a Pintura, depois de o mandar instruir nas primeiras letras o entregou á direcção de Glama, famoso Artista Italiano. Não erão passados muitos annos, quando Mr. Pilman celebre Paizista Francez veio estabelecer-se naquella Cidade, e depois a Lisboa, onde mereceu acreditar-se pela belleza de suas obras. Admittido pois Vieira no número dos seus discipulos, em breve conheceu este sabio mestre, que a natureza com mão larga tinha repartido com elle os dotes de imaginação, e de engenho para se elevar áquelle gráo de perfeição que admiramos hoje em todas as suas obras. Não se limitando porém aos conhecimentos, que já tinha adquirido na sua Patria, veio para Lisboa, e conseguio matricular-se na Aula do Desenho. Estavão então destinados pelas sabias providencias da Nossa Augusta Soberana alguns alumnos para irem a Roma aperfeiçoar-se no gosto d'Arte; e alli á vista dos originaes sublimes que ainda conserva, poderem adquirir aquelles rasgos valentes, aquella invenção maravilhosa, um correcto desenho, e todos os mais predicados, comque tantos Pintores se immortalizárão.

Inflamado Vieira em ardentes desejos de ser um dos enviados applicou todos os meios por conseguillo; mas á generosa Companhia do Porto estava reservada a gloria de promover o adiantamento de um Artista digno certamente de mais longa vida. Apenas chegou a Roma servia de admiração, e espanto a muitos seus Collegas (que ainda vivem) o enthusiasmo, o vigilante cuidado, e applicação fervorosa com que procurou avançar-se nos conhecimentos d'Arte.

Nada escapou á sua especulação, e entre tantos e tão benemeritos Professores que alli se encontrão,

preferio a todos Domingos Corvi, um dos mais acreditados pelas academias, que desenhava com todo o primor e intelligencia. Guiado pois o nosso Vieira por tão grande mestre fez os maiores progressos; o seu genio se absorve no pelago immenso de tão profundos estudos, observa miudamente todas as galerias, e as melhores obras; mas aquelle ar gracioso, aquelle estylo encantador dos mimosos, e delicados pinceis de Albano, e de Guido Rheni lhe arrebatárão toda a sua attenção. Sobre estes sublimes modelos formou a sua maneira; com tudo a esphera do seu grandissimo talento parece não poder conterse dentro dos muros de Roma.

Por meio dos trabalhos e fadigas, inseparaveis de um viajante deccorreu quasi toda a Italia, vio a maior parte dos seus magnificos edificios, examinou suas raridades sem escapar algum monumento á sua indagação que não desenhasse. E disto uma prova he a immensa quantidade de livros com seus desenhos que possuimos, e que são hoje a delicia, e admiração dos que os conservão.

A maravilhosa galeria de Dresda foi por elle escrupulosamente examinada; e o famoso quadro de Correggio, que existia na galeria publica de Parma, mereceu os principaes cuidados de Francisco Vieira, e delle tirou a mais bella copia, que se conserva hoje na casa do Excellentissimo Visconde de Balsemão. Teve a honra de fazer muitos retratos das maiores personagens daquella Cidade, sendo um destes o da Serenissima D. Maria Luiza destinada por então a despozar-se com Fernando VII., pelo qual obteve grande credito e vantajoso premio.

Passando a Inglaterra foi na capella dos nossos Embaixadores, onde deu a mais decidida prova do seu talento no primoroso quadro do Descendimento da cruz. O de Veriato, que em signal do seu reco-

nhecimento offereceo a Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, he o maior monumento que temos para admiração do seu pincel. Collocado na galeria do Real Palacio da Ajuda por ordem do mesmo Senhor, muito se distinguia entre os preciosos monumentos, que a adornavão. O Cavalheiro Bartolozzi, um dos primeiros Abridores do presente seculo abrio deste ultimo quadro uma estampa, como fez de outras muitas composições deste insigne Professor.

Entre as suas estimadissimas pinturas devemos admirar o famoso quadro da formosa e infeliz Rainha D. Ignez de Castro. Parece, que o Artista empenhou aqui todos os preceitos d'Arte para nos representar uma scena, que ainda hoje commove os corações mais frios e insensiveis. Elle se deixou possuir de todos aquelles affectos, que desafião a compaixão e a ternura. O seu digno pincel fez ver esta desafortunada Senhora postrada aos pés do Senhor Rei D. Affonso IV., e com os olhos arrazados em lagrimas, fitos na face do Soberano lhe apresenta os tenros e charos filhos como piedoso meio de suspendor o mortal golpe, de que está ameaçada. Tudo neste magestoso quadro he digno do seu author; tudo proprio do assumpto que representa, dispertando nos animos dos espectadores os sentimentos mais ternos e compassivos.

Não he menos estimavel o quadro de D. Filippe de Vilhena, Condeça de Atouguia na acção de armar seus filhos D. Jeronymo de Attaide, e D. Francisco Coutinho, exhortando-os a que combatão pela liberdade da Patria, e pelos direitos de seu ligitimo Soberano o Senhor Rei D. João IV.; o qual se conserva em grande estimação na casa da Excellentissima Condeça de Anadía.

Na sua mesma Patria vio premiados seus talen-

tos por aquelles mesmos, que dantemão os havião promovido, nomeando-o Director da Cadeira de Desenho com o ordenado de seis centos mil réis, e lançando os alicerces a uma Academia, que a conclui-la honraria muito a Nação. O nosso Augusto Principe o creou tambem primeiro Pintor da Sua Real Camara com a pensão annual de cinco mil cruzados, conservando-lhe juntamente o emprego paraque tinha sido antes escolhido.

Parece nada ter faltado, paraque Francisco Vieira fosse um dos mais raros engenhos dos nossos dias; cheio de conhecimentos d'Arte ganhados com tamanho estudo fallou as lingoas mais cultas da Europa. Não somos excessivos quando dizemos, que o seu distincto merecimento era digno de se transmittir á posteridade por uma penna mais eloquente; mas como ainda possuimos varias obras suas, estas farão em todo o tempo o seu maior, e mais bem tecido elogio. Todavia temos a satisfação de sermos os primeiros a publicar estas memorias, aindaque assaz limitadas para o que elle merece, deixando aos vindouros aberta a estrada para continuarem a eterniza-lo.

A inveja, sempre declarada inimiga do merecimento, seria talvez, quem lhe abreviasse os dias; elle os acabou em 1805 de 40 annos de idade na Ilha da Madeira, paraonde tinha ido convalecer da perigosa enfermidade que o opprimia, aggravada por muitos incidentes, a que as mais das vezes nem mesmo as almas grandes podem resistir.

Para rematar-mos todo o elogio que se deve a este insigne Pintor, convém que se publique, que a elle se deve a vinda do illustre Abridor Florentino Francisco Bartolozzi, de quem fallámos, para Portugal, que a morte nos roubou neste mesmo anno, que isto escrevemos. Era elle o espanto da sua

Arte em Inglaterra, onde merecia os applausos de toda aquella Nação. Foi facil a condescender ao convite de Vieira, não menos por gozar das estimações que esta Corte lhe tributou, como por não querer largar a companhia de um homem, a quem elle chamava o milagre da sua profissão.

Ainda lhe he mais honorifico o motivo porque elle o chamou. Tinha permeditado acreditar a Nação com uma nitida, e mui singular edição do grandioso Poema do nosso immortal Camões; e para complemento desta sublime empreza devida ao merecimento do maior dos Epicos, e á honra, que não sem inveja para gloria do nome Portuguez, lhe tributão as Nações estranhas, tinha feito já em emboços os desenhos de muitas estampas, comque a queria acompanhar; e de acordo com o sobredito Bartolozzi vinhão ambos acompletar esta obra maravilhosa. Roubou-nos a sua morte o gosto de a vermos executada, que ainda que outra perda não tivessemos, esta só bastára, para o chorarmos com sentidissimas lagrimas.

Restava accrescentarmos aqui á memoria de muitos Pintores illustres, que ainda hoje possue este Reino; mas alongariamos demasiadamente a estreita circumferencia do abreviado trabalho, a que nos propuzemos, como não fizemos tenção de fallar dos vivos, deixamos aos vindouros a gloria de recordar seus nomes, tanto menos sem suspeita de lisonja, ou de desabono, de que puderiamos ser arguidos, quanto melhor á vista de suas obras se poderá julgar para o futuro de seu merecimento desapaixonadamente.

Todavia faltariamos ao mais essencial destas Memorias para o credito da Pintura, se depois de termos enumerado tantos varões insignes, e ainda Senhoras illustres no sangue e nas virtudes que a condeco-

rárão, nos não lembrassemos tambem, que assim como na Hespanha houve uma D. Maria Luiza de Bourbon, e uma D. Izabel Farnezio, que sendo Rainhas muito se distinguirão por Professoras nobilissimas da Pintura, uma D. Izabel Clara Eugenia, Infante de Hespanha, Condessa de Flandes, mulher do Archiduque Alberto, que não foi menos insigne nesta Arte; tambem em Portugal vive ainda hoje a Nossa Augusta Soberana, e a Serenissima Senhora Princeza do Brazil viuva sua irmã, que aos excellentes dotes, por que serão sempre gloriosos seus nomes na posteridade, unem a excelsa qualidade de Professoras insignes na sublime Arte da Pintura. Vive ainda na nossa saudade a Serenissima Senhora Infante D. Maria Anna, a quem a morte nos roubou, que tambem honrava os pinceis com grande credito: sendo todas diligentes na applicação particular, que fizerão com muito gosto debaixo da direcção de Domingos da Roza, mui digno por certo de ter seu nome nestes escriptos por chegar a merecer o titulo, e emprego honorifico de mestre destas Senhoras, em que teve por successor a José da Roza seu filho, e Professor desta mesma Arte, que ainda vive. Serão eterno testemunho desta verdade os quadros, que adornão a Bazilica do SS. Coração de Jesus, e do Convento do Desaggravo, e muitas estampas de sua invenção abertas depois em cobre por Carmona, e Joaquim Carneiro da Silva.

Esta prerogativa seria bastante por si só a grangear a esta Arte respeito, e admiração nos seculos futuros, se a não tivesse obtido das Nações sabias, e illustradas do bom gosto desde o tempo felicissimo, em que este mais dominava. Todavia esperanças mui grandes, e altamente fundadas tem ella ainda, de que crescerá esta gloria, pela protecção de um Principe virtuoso, sabio, e amante das Bellas Artes;

pelo empenho com que uma Princeza igualmente virtuosa, que o Ceo lhe concedeo por Esposa, mostra com tanto desvelo em inclinar ao amor dellas as suas filhas na bella educação, que ella mesma lhe sabe dar. Este he o meio affortunado, com que crescem as Sciencias, com que se augmentão as Artes, e que nós teremos o gosto de vêr desempenhado em nossos mesmos dias para honra da Nação, e para glorioso brazão do nome illustre Portuguez.

ADDITAMENTO.

Manoel Alvares.

IGnora-se deste Pintor, tanto a patria, como o nome dos pais. Entrou na estincta Companhia no Collegio de Coimbra no anno de 1549, a 2 de Outubro. Passados onze annos determinou-se a ir para a India, e embarcando-se na Náo S. Paulo, de que era Capitão Rui de Mello da Camara, com outro Jesuita Valenciano por nome João Roxo, sahio do porto de Lisboa no mez de Abril; e depois de experimentar infausta navegação até chegar á Bahia, ao seguir dahi a sua viagem junto da Ilha da Samatra suffreo o lastimoso naufragio no dia 20 de Janeiro de 1561, de que escapou com vida aportando em uma Ilha de Barbaros, em que tolerou horriveis trabalhos.

Nesta perigosa viagem tinha elle ajudado muito, e sido em grande parte de consolação a todos, segundo affirma Henrique Dias na Relação deste naufragio, dizendo assim: = E um Padre da Com-
„panhia de Jesus, Portuguez chamado Manoel Al-
„vares, de muitas letras, e mui insigne Letrado e
„Prégador, que nos servio de Cura, pela Náo não
„trazer Clerigo, homem de mui santos e honestos
„costumes, e de grande exemplo de vida, e doutri-
„na, que com suas muitas pregações, e amoesta-
„ções e confissões foi grande allivio e refrigerio,
„assim aos enfermos, como aos sãos =. Sahindo dahi para Malaca empregou-se com grande disvêlo no augmento da Christandade. Veio a falecer em Gôa

já de muita idade em 30 de Junho de 1616. „Foi „insigne na Arte da Pintura (diz Barboza Biblioth. „Lusit. Tom. III. pag. 172 col. 2.ª) de cuja mão „se conservão alguns quadros no Collegio de Coim- „bra=. O Padre Franco, que delle fez menção na Imagem da Virtude do Collegio de Coimbra, refere que em uma carta sua, onde relata o infausto successo da sua jornada, que elle conservava na sua mão, estavão debuxados por elle os baixos, em que se perdeo a Náo, e outras Ilhas e paragens, em que tiverão os naufragantes repetidos infortunios. São palavras suas a pag. 359 do Tom. I.

Fr. Simão de S. José.

Frei Simão de S. José, Religioso de S. Paulo I. Eremita, pelo testemunho de D. Antonio Caetano de Souza Tom. I. Apparat. N.º 166, assimcomo pelo do Abbade Diogo Barboza Machado Tom. III. Biblioth. pag. 154 col. 1.ª in fine consta, fôra insigne no debuxo, e illuminação; e delle se servio o Cardeal D. Luiz de Souza Arcebispo de Lisboa para copiar o Livro de Armaria do Archivo Real da Torre do Tombo, que executou mui primorosamente, e de uma letra admiravel.

Padre Manoel da Purificação.

O Padre Manoel da Purificação foi natural do Porto; e filho de Gonsalo, ou Lourenço da Rocha, e de Anna Magalhães Toscana. Tomou a murça de Conego secular da Congregação de S. João Evangelista em 19 de Fevereiro de 1641. Foi Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, e insigne Genealogico, e como tal falls delle Souza Apparat. da Histor. Genealog. Tom. I. N.º 49, apon-

tando um Livro de Armaria de todos os Reinos, e dos Grandes de Portugal; accrescentando, que os Escudos forão illuminados primorosamente por sua mão. O mesmo aponta Barboza Machado Biblioth. Lusit. Tom. III. pag. 347 col. 2.ª, attribuindo-lhe tambem os Livros do choro, obra executada com tal perfeição, que os caracteres formados pela penna parecião sahidos da impressão. Faleceu em Lisboa em Fevereiro de 1694. Fazem delle tambem menção o P. Santa Maria na sua Chronica Livro II. Cap. 50; e o Author da Descripção da Cidade do Porto a pag. 343.

José Antonio Benedito Soares de Faria e Barros.

Este moderno Pintor, chamado por antonomazia o Morgado de Setubal, merece particular lugar nestas Memorias por descobrir desde a sua infancia grande talento e propenção. Sem mestre começou desde logo, extrahindo do succo das flores, a imitar com as proprias côres a natureza, de que se mostrão ainda alguns ensaios engenhosos dos seus primeiros annos feitos á penna. Seu nascimento foi na Villa de Mafra pelos annos de 1750, ou 1751. Seu pai chamava-se Antonio José Bernardo, que nos principios do reinado do Senhor D. José I. foi Syndico do Convento dos Padres Arrabidos daquella Villa; e teve por tio a José Joaquim Soares de Barros, insigne Astronomo bem conhecido neste Reino, e nos estranhos por suas viagens, estudos, e producções litterarias, sendo um dos primeiros Socios da Academia Real das Sciencias. Depois dos primeiros estudos, que seguio na dita Villa, deu-se com muita applicação á Arte da Pintura, já pela nativa inclinação, como por gosto; e conseguio ser um perfeito imitador da natureza na representação de fogos,

de metaes, e pennas, e pellos de animaes; e tanto ao natural que um quadro seu, em que pintou um gato, deu occasião a ser retirado da vista de alguns cães, que se arremeçárão a elle, e o querião investir.

Não foi menos admiravel nos retratos, de que ainda ha muitos, e muito estimaveis por serem em tudo parecidos. Na copia de alguns originaes tanto se distinguio, que em duas que fez no Seminario dos Padres Missionarios de Brancanes, uma de um quadro de N. Senhora de Rafael, e outra do Menino Jesu, que se dizia de Carlos Maratta, de tal sorte igualou aos originaes, que os Religiosos quasi os não podião distinguir, e se conservão no mesmo Seminario. Faleceu na Villa de Setubal, de um ataque de apoplexia, a 9 de Fevereiro de 1809. Nunca casou, passando por sua morte o morgado a um sobrinho, filho de D. Maria Izabel sua irmã, que foi casada com o referido seu tio José Joaquim Soares de Barros. Jaz na Igreja Matriz de Santa Maria da Graça daquella Villa de Setubal no Mausoleo de seus pais. São em grande número os quadros de paizes, fructos, aves, e animaes que acreditão o seu merecimento.

FIM.

INDICE ALFABETICO

Dos Pintores Protugufezes comprehendidos nesta Obra.

AFfonso Sanches Coelho. Pag. 161
Alvaro de Pedro. 145
Alvaro Pires. 159
Amaro do Valle. 190
André Gonsalves 1.º 156
André Gonsalves 2.º 226
D. Anna Catharina Henriqueta de Lorena. 227
Antonio de Barros. 186
Antonio Caetano. 239
Antonio de Holanda. 176
Antonio Lobo. 216
Antonio Maciel. 169
Antonio de Oliveira. 229
Antonio de Paiva. 201
Antonio Pereira 1.º 193
Antonio Pereira 2.º 228
Antonio da Serra. 225
Archangelo Fuschini. 231
Bartholomeu Antonio Callisto. 231
Bento Coelho da Silveira. 216
Fr. Bento Contreiras. 168
Berardo Pereira. 240
Bernardino da Costa Lemos. 236
Braz de Almeida. 208
Braz do Avelar. 152
Braz Pereira. 168
Fr. Carlos. 157
Cecilia do Espirito Santo. 207
Christovão Lopes. 172
Christovão de Utrech. 160
Claudio Coelho. 208

Cyrillo Wolkman Machado. 236
Diogo Pereira. 185
Diogo Reinozo. 171
Diogo Sobrinho. 184
Domingos Antonio de Sequeira. 231
Domingos da Cunha. 196
Domingos Francisco Vieira. 244
Domingos Nunes. 235
Fr. Domingos Rodrigues. 207
Domingos da Roza. 249
Domingos Vieira. 193
Duarte d'Armas. 152
Estevão Gonsalves Neto. 188
Fr. Euzebio de Mattos. 200
Felisberto Antonio Botelho. 241
Feliz Machado da Silva Castro e Vasconcellos. 198
Fernão Gomes 1.º 164
Fernão Gomes 2.º 174
Figueiredo. 156
Filippe Nunes. 183
Francisco Dansilha. 154
Francisco de Holanda. 176
Francisco José Apparicio. 237
Francisco Pinto. 223
Francisco Vanegas. 166
Francisco Vieira Lusitano. 230
Francisco Vieira Portuense. 243
Furtado. 222
Garcia Fernão. 156
Garcia de Resende. 150
Gaspar Cam. 159
Gaspar Carvalho. 186
Gaspar Dias. 158
Gonsalo Annes. 148
Gonsalo Gomes. 149
Gregorio Lopes. 154

D. Heliodoro de Paiva. 155
Henrique Ferreira. 221
Henrique José da Silva. 241
Jeronymo de Barros Ferreira. 238
Ignacio de Oliveira. 229
Joanna Ignacia R. 227
João Annes. 145
João Francisco da Rocha. 236
João Rodrigues Andino. 219
Joaquim José de Sampaio. 241
Joaquim Leonardo da Rocha. 236
Joaquim Manoel da Rocha. 235
Jorge Affonso. 153
Jorge da Camara. 194
José Alvares. 231
José do Avelar Rebello. 201
José Antonio Benedito Soares de Faria e Barros. 253
José da Cunha Taborda. 231
José Lopes Baptista de Almada. 224
José da Roza. 249
D. Jozefa de Aiala. 203
D. Izabel Broune. 223
D. Izabel Maria Rite. 222
D. Izabel Sanches Coelho. 163
Lourenço da Silva Paz. 218
Luiz Alvares de Andrade. 191
Fr. Luiz de Bastos. 172
Luiz da Costa. 186
Luiz Gonsalves de Sena 237
Luiza Maria Roza. 224
Manoel Alvares. 251
Manoel Campello. 167
Manoel de Castro. 214
Manoel Dias. 231
Manoel Diniz. 183
Manoel Franco. 201

Manoel Henriques. 195
Manoel da Purificação. 252
Manoel da Silveira. 203
Marcos da Cruz. 215
D. Margarida de Noronha. 175
Maria dos Anjos 216
Maria da Cruz. 187
D. Maria de Guadalupe Lencastro, e Cardenas. 205
D. Maria Magdalena de Castro. 204
D. Michaela Archangela Romaneti. 230
Miguel Antonio do Amaral. 239
Miguel de Paiva. 194
Nuno Gonsalves. 145
Pedro Alexandrino de Carvalho. 240
D. Rita Joanna de Souza 221
Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes. 219
Salzedo. 166
Sebastião Ribeiro. 187
Fr. Simão de S. José. 252
Theodora Maria. 219
Theodoro de Souza Maldonado. 240
D. Thomazia Nunes. 194
Vasco. 146
Vasco Pereira. 170
Vasquez. 169
Victorino Manoel da Serra. 225

EXCERPTO

De algumas palavras da Arte da Pintura mais usadas, e introduzidas de outras lingoas pelos Professores della em a nossa Portugueza.

A

ACADEMIA. Esta voz na Pintura significa a figura desenhada pelo modello da mesma sorte, que se desenha na eschola da Academia, donde parece, que este nome tomou a sua origem.

AGOADA. Pintura a Agoada a que he feita com côres desfeitas em agoa, e differe da Miniatura por esta ser em ponto pequeno.

AGOARELHA. Lavadura formada de gêsso moido com colla para aparelhar o painel. *Filip. Nun.*

ALMAGRA ou ALMAGRE. Terra mineral vermelha, de que se usa nas pinturas para se formar o lapiz. He derivada da lingoa Arabiga.

ALMECEGA. Voz Grega com artigo Arabigo; rezina, ou gomma de um branco amarellado.

ALMECEGADA de côr de Almecega, ou branco amarellado.

ALVAYDE. Tinta branca extrahida do chumbo por meio do espirito de vinagre. He na sua etymologia Arabiga.

AMANEIRAR. Seguir, ou imitar a maneira, ou estylo tanto sem variedade, que fórma desagradavel monotonia.

AMANEIRADO. Diz-se Pintor amaneirado, o que sem variedade se imita em todas as partes, e dá a conhecer o seu estylo particular, o que quando se faz sem graça, he grande defeito.

ASSOMBRADO. Escurecido pela contraposição de outra côr mais clara.

ASSOMBRAR ou ASSOMBREAR. Empregar as sombras escuras para relevar a pintura. *Filip. Nun.*

ATTITUDE vem do Italiano *Attitudine* que significa acção, e postura das figuras no quadro. Emende-se em todos os lugares, onde por descuido se escreveo *Aptitude.*

ATTRIBUTO. Symbolo, ou signal que denota o caracter, e officio das figuras.

B

BALDREU. Pellica de luvas, ou os retalhos dellas cozidos, de cuja agoa, depois de desfeitos, se faz a colla. *Filip. Nun.*

BOSQUEJAR. Pintar as figuras com seu colorido sem lhes lançar os contornos, ou perfiz.

BOSQUEJO (Francez *Esquisse*, Italiano *Schizzo.*) Primeira deliniação, ou ligeiro esboço do quadro sem ter a ultima mão ou retoque.

BROCHA. Pincel grande e grosso que serve para imprimar a taboa, ou panno sobre que se ha de pintar a figura.

C

CAMPIR. Fazer os pertos, os longes, o Orisonte, e os Ceos no quadro. *Filip. Nun.*

CANÇADA. Pintura cançada, a que he nimiamente bem acabada, não o pedindo assim a distancia, em que se ha de vêr.

CARMIM. Tinta côr de purpura extrahida artificialmente do páo Brazil, ou da Cochonilha.

CAUSTICO. A que se faz queimando a madeira com estylo de ferro em parte, e o que fica queimado representa o objecto.

CAVALLETE. Certa armação de madeira, em que se sustem o panno, em que se pinta.

CLARO. Na Pintura he o lugar, que se representa allumiado com maior gráo de luz.

CLAROESCURO. Artificio de colocar a luz e a sombra, que dê realce, ou faça relevar o objecto, e reflectir e resaltar aos olhos: bem que pareção duas palavras pronuncião-se como uma só dizendo como os Italianos *chiaroscuro*, ou como os Francezes *clair-obscur*.

COCHONILHA. Tinta escarlata extrahida de um pequeno inseto, que se cria na America em algumas arvores. *Filip. Nun.*

COLORIDO. He a expressão das côres naturaes, que dá aos objectos a sua propria e perfeita semelhança. *Leit. Ferr. Arte de Conceitos.*

COLORIR. Empregar as côres convenientes para avivar a figura. *Filip. Nun.*

COLORISTA. O que emprega convenientemente as côres, e com perfeição na figura.

COMPOSIÇÃO. A bem ordenada, e decorosa representação de todos os objectos, que subministra a invenção do Pintor.

CONTORNO. Contornos do corpo são as linhas reaes, ou imaginarias que cercão a sua superficie; e daqui se diz contornar a figura, parece ser o mesmo que *perfil*.

CONTRASTE. He a variedade na disposição dos objectos e dos membros das figuras, por exemplo, se em um grupo de tres figuras uma se representa por diante, outra por detraz, e a terceira de lado se dirá que tem contraste; e assim contrastar a figura he dar-lhe attitudes, ou configuração diversa.

COPIA. Pintura imitada, ou tirada de outra.

CÔR. A natural he a dos objectos que ha na natureza; artificial he a mistura das differentes tintas de que o Pintor se val para imitar a côr natural; veja-se *Bluteau* e ahi os diversos nomes de côres.

CARICATURA. Imitação dos defeitos naturaes representados ao natural, de maneira que se tornem maiores, e com affectação ridicula.

Crua. Pintura crúa he a que tem os escuros desporpocionadamente fortes, e tem mais claros do que devera, não havendo entre estes dous extremos tinta média, que os una.

D

Debuxar. Delinear qualquer figura em superficie pela simples expressão de linhas; ou imitando-a com claroescuro. Começou-se a fazer no tempo da Grecia em taboas debuxo, e daqui vem a palavra. *Filip. Nun.*

Debuxo. Simples expressão de linhas, que representa a figura dos objectos. *Leit. Ferr. Arte de Conceitos.*

Decolorido. Pintura de colorida feita em secco com umas especies de lapiz de varias côres.

Degradação. Diminuição da luz, e das côres em um quadro.

Delambida. Pintura delambida he a que não tem força, e por mais unida, do que convém, se confunde ao longe.

Delineamento. Primeiro risco, ou debuxo do quadro, em que se representa a sua fórma com perfiz, ou linhas.

Delinear. Lançar os primeiros perfiz ou linhas no quadro, com que se debuxa a sua fórma.

Desenho. Na Pintura entende-se de dous modos; significa o delineamento, a traça, ou a idéa que concebe no pensamento o Pintor, com a qual pinta na imaginação o quadro ou figura ainda antes de começar: e toma-se tambem pela justa medida, e proporção, ou fórma exterior que devem ter os objectos, que são imitados ao natural; e he então uma das partes da Arte, e neste sentido se diz desenho correcto, ou incorrecto.

Desflorar. Tirar a flor dos quadros, e fazer desapparecer as côres. *Filip. Nun.*

DESLAVADA. Pintura deslavada, a que he feita sem sombras, ou claroescuro, e não finge relevo.

DISSIMULAR. Lançar os perfiz, ou linhas de maneira, que representem figura diversa, vendo-se o quadro de certo ponto.

E

EMBOÇO ou ESBOÇO. O mesmo que Bosquejo.

EMPASTADA. Figura empastada he aquella, cujas tintas, não forão bem desfeitas a oleo, e apparecem em algumas partes em massa.

ENCARNAÇÃO, do Francez *Carnation.* A côr de carne que se dá na Pintura ás figuras humanas.

ESCASCAR. Cahir a massa, ou tinta da Pintura aos bocados. *Filip. Nun.*

ESGRAFIADO. Pintura esgrafiada, a que se faz na parede levantando a cal fina, mostrando com o ponteiro o delineamento della na cal preta, que apparece descoberta.

ESMALTE. Tinta azul formada dos pós do vidro feito do metal chamado cobalto.

ESPACTO ou ESPALTO. Côr escura e transparente. Usa-se nos escuros dos encarnados depois da figura enxuta, como quem regraxa.

ESTAMPA. Do Italiano *Stampa*, Francez *Estampe*, commummente significa figura, ou imagem tirada em papel de lamina lavrada.

ESTYLO. Ponteiro de páo, ou de prata para riscar, ou abrir a Pintura. *Filip. Nun.* Maneira de pintar que imita, e distingue assim as escholas, como cada um dos Pintores.

ESTREZIR. Formar o debuxo no panno, pondo sobre elle um papel picado, por meio do carvão subtilissimo moido, que passa pelos buracos. *Filip. Nun.*

EXPRESSÃO. Representação dos pensamentos, ou

movimentos d'alma vivamente declarada na figura pela acção.

EXPRESSAR, Francez *Prononcer*. A lingoagem da Pintura he muda, e da mesma sorte que no Discurso as palavras, servem-lhe as differentes expressões para manifestar nas figuras os sentimentos da alma.

F

FANTEZIA. A faculdade de aprehender os objectos sensiveis em suas imagens, e á semelhança destes conceber outras de possivel, ou impossivel existencia. *Pintor de fantezia* o que segue o seu capricho, e não a regularidade de imitação da natureza.

FATIGAR. Apurar tanto as tintas, que se falte ao desenho, e á expressão.

FIGURA. Aindaque por esta palavra se possa tomar em geral toda e qualquer imagem representada no quadro, na Arte da Pintura significa propriamente a figura humana.

FRESCO. Pintura a fresco maneira de pintar, em que se empregão as côres desfeitas em agoa só sobre reboco de cal mal enxuto.

FUNDO, os Francezes dizem *Champ du tableau*. O mais escuro do quadro, ou painel.

G

GENOLI, ou MACHIM. Tinta preta. *Filip. Nun.*

GOSTO. Em materia de Pintura he a rara propensão, ou particular inclinação para certas cousas, que unida ao juizo e discernimento caracteriza o nobre Pintor; e assim quando se diz pintura de gosto, val o mesmo que dizer pintura em tudo nobre, e muito excellente.

GRADE. Armação de madeira, em que o Pintor préga, e estende o panno para pintar.

GRUPO, Italiano *Groppo*, Francez *Groupe*. Que talvez se deriva do Latim *Globus*. He um aggregado de figuras do mesmo, ou diverso genero pintadas em pequena distancia, e divididas pelas suas competentes sombras; e assim se diz grupo de homens, grupo de animaes, grupo de arvores, ou de todas estas cousas juntamente.

GRUTESCOS, ou BRUTESCOS. Certos ornatos de puro capricho, variados de figuras, de animaes, de folhas, fructos etc. Dizem-se grutescos por servirem antigamente de ornar as grutas, em que se encerravão os sepulchros de uma mesma familia.

J

JALDE Italiano *Giallo*, Francez *Jaune*. Côr amarella dourada. *Filip. Nun.*

ICONICO. Figura Iconica representada ao vivo, ou natural.

ICONOLOGIA. Representação da figura, ou objecto feita ao natural.

ILLUMINAÇÃO. Pintura de Illuminação, a que he feita de côres, e sombras com tinta desfeita em gomma Arabia sobre pergaminho.

IMAGEM. Representação, ou figura de qualquer objecto, na sua fórma real, ou ideal.

IMPRIMAR. Pôr a imprimidura, ou aparelho no panno, ou madeira sobre que se hão de pintar as figuras, ou assentar ouro.

IMPRIMIDURA, ou IMPRIMADURA. Preparação, ou aparelho do panno, ou madeira antes de se pintarem as figuras.

INVENÇÃO. Combinação imaginada na mente do Pintor das differentes imagens, ou figuras, ou de quaesquer outros objectos, que se representão no quadro.

L

LACRA. Tinta de que se fazem os escuros dos cambientes. *Filip. Nun.*

LINEAMENTOS. Os riscos, ou linhas que tem a figura. *Filip. Nun.*

LINHA. Raio visual que vem da figura ao olho, a qual na Perspectiva he recta, ou obliqua. *Filip. Nun.*

LONGES. Os objectos que por meio da Perspectiva se representão no quadro distantes, ou remotos da vista em contraposição a outros que se suppõem no mesmo plano vizinhos, e mais de perto.

LUZ. Na Pintura significa não só a representação da luz natural verdadeira, mas todos os lugares que se representão esclarecidos, ou aluminados, pondo sombras da parte contraria daquella, de que se suppoem a luz.

M

MANCHADO. Quadro bem manchado diz-se aquelle, que he feito com deliberação, não muito acabado, com destreza, e tudo está posto em regra.

MANECHIM. Estatua, ou figura humana cujas junturas formadas por engonços são construidas de maneira, que facilmente admitte qualquer attitude que se lhe queira dar; são ordinariamente os Mannequins de páo, ou de cêra. Italiano *Manechino*, Francez *Mannequin*. Talvez se derive do Hollandez *Manneken*.

MANEIRA. Na Pintura he o mesmo que Estylo, isto he, a nota particular ou caracter distinctivo do Pintor não só no rasgo do pincel, mas nas tres principaes partes da Pintura, Invenção, Desenho, e Colorido, que descobre o seu engenho, conhecimento, e gosto; e pela qual sem equivocação se manifesta o author de qualquer quadro da mesma sorte, que pelo talho da letra se conhece, o que escreveo; e assim quando se diz *conhecer as maneiras* val o mes-

mo, que entre muitos quadros distinguir, o que he de cada Pintor em particular.

MEIA TINTA. He a que medeia entre os claros, ou altos, e os escuros, ou sombras. *Filip. Nun.*

MESCLA. Côr, que resulta de outras unidas enrre si; como do lacra, e branco, o Rosado; destas duas com cinzas, o Pombinho. *Filip. Nun.*

MESCLAR, ou MISTURAR, às côres he misturar as estremidades com as outras que lhe são vizinhas; isto se diz ordinariamente dos contornos com o seu fundo.

MINIATURA. Pintura em ponto pequeno feita com côres desfeitas em agoa.

MINIO. Tinta vermelha mineral, ou artificial, e a esta ultima se chama vulgarmente *Azarcão*, ou *Zarcão*.

MODELO. Na Pintura, Esculptura, e Architectura he geral qualquer objecto natural, que se propõe á vista para se imitar, ou copiar; particularmente significa um homem que se expõe nú nas Academias da Pintura para estudo, e direcção dos principiantes.

MORTECÔR. A primeira côr que se dá na figura logo depois dos traços do debuxo. Chama-se assim porque sempre morrem as côres antes de enxutas, e he necessario aviva-las depois com outras mais bem moidas. *Filip Nun.*

O

OCRE. Barro amarello, que se encontra nas minas de cobre, e chumbo; he de dous modos: Ocre claro, e Ocre escuro. *Filip. Nun.*

OLEO. Licôr untuoso extrahido de varios vigitães como de nozes, de linhaça, papoulas, etc.

OLEO GRAXO. Oleo grosso, ou na consistencia de mel, feito ao sol; serve para polimento, e mordente. *Filip. Nun.*

ORIGINAL. O proprio e verdadeiro quadro do Author a que se attribue; e assim cópia se diz o que se tirou delle, ou fez á sua imitação. Tambem se chama original o retrato, ou exemplar.

P

PAINEL. Pintura a oleo, ou tempera feita em panno, taboa, chapa de cobre, marfim, etc.

PAIZAGEM. Vista, ou representação de paiz, como de terras, campos, etc.

PAIZISTA. Pintor de paizes, ou paizagens.

PALETA. Taboazinha ordinariamente de figura oval em que o Pintor tem as tintas, de que vai usando.

PANNO DE PINTOR. Aquelle sobre que se faz a pintura; e póde ser brim, linhagem, tafetá, etc.

PASTEL. He a pintura feita em uma especie de pasta formada de lapiz de varias côres, amassado em gomma Arabia branda; fazem-se quadros a pastel assimcomo se fazem a oleo, ou a tempera.

PENNEJADO. Pintura de pennejado a que he feita com penna de escrever, em lugar de pincel.

PERFIL. A linha, ou extremidade da figura, que a separa, ou distingue, do plano, ou fundo. Meio perfil a vista de uma figura que se representa do lado, como rosto de meio perfil, isto he pintado como medalha só de uma face.

PERSPECTIVA. Repsesentação da figura, ou qualquer outro objecto na posição, ou distancia com que se offerecerião naturalmente á vista.

PERSPECTIVO. Pintor perspectivo, o que representa a figura ou o objecto na sua natural posição, ou distancia, em que se deve considerar. *Filip. Nun.*

PERTOS DA PINTURA. Os objectos que se representão mais proximos á vista.

PINCEL, Italiano *Pennello.* Molho de cabellos

unidos a um cabo, ou penna para applicar as tintas na Pintura.

PINCELADA. Golpe, ou rasgo de pincel.

PINCELEIRO, Fancez *Pincelier*. Vaso de limpar os pinceis.

PINTAR. Representar os objectos no quadro por meio das côres com penna, pincel, etc.

PINTOR. O que exercita a Arte da Pintura imitando a natureza, e representando ao vivo, por meio das côres, todos os seus objectos visiveis.

PINTORESCO. Figura ou objecto facil de se representar, e que seria vantajoso ao Pintor.

PINTURA. Arte Liberal que por meio da fórma exterior, e das côres imita ao vivo sobre superficie plana todos os objectos da natureza, susceptiveis do sentido da vista.

PINTURA A OLEO. Feita com tintas misturadas a oleo.

PLANTA. Se diz na Pintura a postura a prumo, ou direita da figura humana.

POLIMENTO. Tinta composta com alvayade, e oleo graxo que se usa no encarnado das imagens. *Filip. Nun.*

PROPORÇÃO. He na Pintura a justa medida, e exacta correspondencia ao natural das partes da figura com o todo della, ou das mesmas partes entre si. Para desenhar bem he necessario saber as proporções, isto he as medidas de cada uma das figuras, e he neste sentido que se diz, que as proporções constituem uma das partes da Pintura, que se chama Desenho.

PUNÇÃO. O mesmo que estylo, ou ponteiro de ferro.

PUNÇAR. Abrir com Punção, ou estylo de ferro.

R

RASCUNHAR. Fazer o rascunho, ou delineamento da Pintura. *Filip. Nun.*

RASCUNHO. Delineamento da obra que se ha de pintar em borrão.

RASGO. Traço feito com a penna, ou pincel, em que bem se conhece a destreza da mão, que o fez.

REALÇAR. Avivar com côres claras os lugares escuros do quadro.

REALCE, OU REALÇO. Na Pintura he a parte mais relevada, onde fere mais a luz.

REFLEXO. A parte illuminada, ou esclarecida da luz, que está, ou se suppõe visinha, nos extremos da sombra oppondo-se-lhe corpo claro.

RELEVAR. Accomodar a luz, e assombra na figura de sorte que sendo pintada em superficie plana pareça de vulto. *Filip. Nun.*

RELEVO. O que sobresahe ao plano ou superficie, que faz parecer os corpos de vulto em maior, ou menor distancia.

RESALTO. O mesmo que relevo.

RETOCAR. Dar com o pincel a ultima perfeição ao quadro.

RETOQUE. He o ultimo toque de pincel com que se vai dar perfeição, e polimento ao quadro.

RETRATAR. Tirar ao natural a imagem, ou figura de qualquer objecto de sorte que em tudo fique parecido.

RETRATO. Imagem, ou figura de qualquer objecto tirado ao natural, ou á semelhança delle, de modo que pareça o mesmo.

ROM. Pedra que vem da India, de que se servem os Pintores para amarello.

ROSETA. Côr roseta faz-se de raspa de páo Brazil, pedra hume, cal, grã, e gomma Arabia tudo fervido.

ROUPAGEM, Francez *Draperie*. Diz-se em geral de todo o genero de vestidos, de que se ornão as figuras em um quadro, ou a bem ordenada distribuição das pregas.

SECANTE. Composição de varias drogas que misturada nas tintas as faz seccar. He de muitos modos, e alguns não servem senão a certas tintas: o mais commum, e que serve para todas as côres, he de fezes de ouro.

SOMBRA. Falta de luz, ou escuridade que resulta de não cahirem sobre o objecto os raios da luz; porque onde a luz dá e fere, sempre alli está mais claro, e onde ella vai faltando logo as sombras se vão seguindo, pouco e pouco. *Filip. Nun.*

SOLVER. Desfazer, e applicar as côres com o pincel secco. *Filip Nun.*

SYMMETRIA. Nome Grego, quer dizer proporção conveniente nas partes, e membros humanos. *Filip. Nun.*

T

TEMPERA. Pintura a tempera aquella, cujas tintas são desfeitas em agoa, ou em colla; a differença entre a tempera e a miniatura está, em que esta he em ponto pequeno, e naquella ha liberdade de pincel. Francez *Détrempe.*

TINTA. Composição de varias drogas moidas com oleo, agoa, colla, ou gomma para dar as côres no quadro.

TOQUES. Rasgos do pincel nas luzes, e sombras para aperfeiçoar o objecto representado.

TRAÇAS. As primeiras linhas, ou desenhos que o Pintor faz da obra, que ha de executar.

V

VERDACHO. Tinta verde tirante a côr de cana. *Filip. Nun.*

VERDE BEXIGA. Tinta feita de çumo de arruda e erva moura.

VERDE MONTANHA. Verde azulado.

VERDE TERRA. Borraz amarello, que se faz lançando agoa em veias minaraes.

VERDETE. Tinta formada de ferrugem de cobre, ou latão extrahida pelo vinagre.

VERMELHÃO. Tinta formada de uma pedra mineral deste nome. A Artificial fórma-se de azougue, e enxofre.

VERNIZ. Composição de rezinas, e oleos combinados entre si para avivar as côres dos quadros, e defendellos da humidade.

VISÃO RECTA. He quando o raio visivel do olho he perpendicular á figura, seja debaixo, de cima, ou de lado. *Filip. Nun.*

VISÃO REFLEXA. A que se faz nos corpos lisos, e polidos, onde o raio torna ao olho a modo de uma pella. *Filip. Nun.*

VISÃO REFRACTA. A que se faz pelos raios refractos, que saiem da figura atravessando algum corpo diáfano, ou transparente. *Filip. Nun.*

ULTRAMARINO. Côr azul feita de lapis lazuli. *Filip. Nun.*

Z

ZARCÃO, OU AZARCÃO. Tinta artificial de côr vermelha, formada de laminas de chumbo, ou alvayade. *Filip. Nun.*

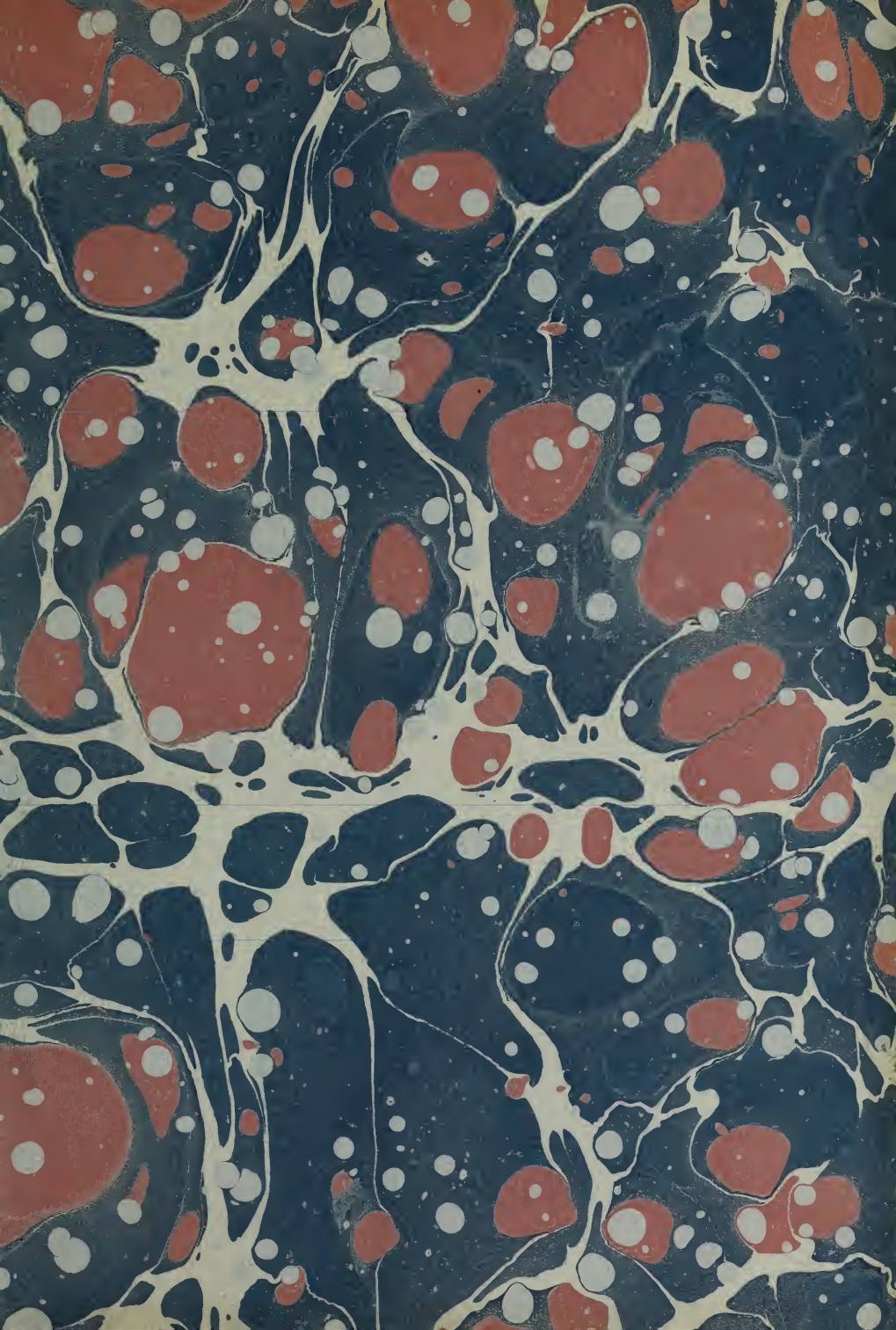
FIM.

Paginas.	*Erros.*	*Emendas.*
XXI	excitão,	exercitão,
Ibid.	tambem	tão bem
1	Megns,	Mengs,
2	Hipprocrates	Hippocrates
16	percipicio	precipicio
22 e 34	Leonardo da Vinci	Leonardo de Vinci
29	Shakespear	Shakespeare
31	*exalação*	*exhalação*
34	Epitecto,	Epicteto,
Ibid.	Trastiberi	Transtiberi
40	foi	forão
42	outros os fazem	outros as fazem
53	a Praça Navona	na praça Navona
58	*Acdotes*	*Anecdotes*
69	Modona,	Modena,
Ibid.	Milanez,	de Modena,
81	ao fim das cazas,	no principio das casas,
87	as quatro fontes	das quatro fontes
88	de vaga escolha	de linda escolha
98	*dezir*	*désir*
100	perjuizos	prejuizos
103	Igreja dos Certozinos	Igreja dos Cartuxos
107	apostando com o dedo	apontando com o dedo
Ibid.	perdileto	predileto.
112	anedocta:	anecdota:
118 Not.	escalavão as muralhas.	arrombavão as muralhas.
122	pelo ingrato Fauno.	pelo ingrato Faon.
156	D. Nicolau Antonio	D.Nicoláo de Santa Maria
170	nos refere nosso Artista	nos refere do nosso Artista
184	Diogo Sobrinho o Bacharel	Diogo Sobrinho
Ibid.	de Antonio Sobrinho	do Bacharel Antonio Sobrinho
191	Bobavilha,	Bovadilha,
213	qui fait plus	qui fait le plus
Ibid.	qui est Claude	qui est de Claude
Ibid.	nen'um	nenhum
234	as mesmas citadas	os mesmos citados
236	empregou a serviço,	empregou a seu serviço,
242	nen'uma	nenhuma
252	falls	falla

Alguns outros descuidos de virgulas, ou troca de letras supprirá o Leitor.

Nota do Traductor a pag. 121 : A cabeça de páo feita por Alberto Magno. Aindaque, segundo a Historia, a cabeça formada que respondia ás perguntas, de que aqui se falla, era de bronze; com tudo quizemo-nos conformar com o texto que tem = *La testa di legno fatta da Alberto Magno.*

Nota ao Artigo Diogo Pereira pag. 185. Póde-se conjecturar com fundamento, que o admiravel e ainda pouco conhecido mechanismo de pintar scenas campestres, alumiadas pelo frouxo clarão da Lua, que se diz haver sido inventado por um Alemão, e Meyer na sua Viagem de Italia refere, fôra praticado com primorosa illusão em Roma, e Napoles pelo nosso contemporaneo Hackert, era descoberto e posto em pratica em Portugal á já quasi dous seculos.

Nota ao Artigo José Antonio Benedito Soares de Faria e Barros pag. 254. Assignou-se-lhe o dia da morte a 9 de Fevereiro por uma noticia que veio primeiramente de Setubal; outra posterior declara que se enterrou no dia 12, e que assim consta do Livro 5 dos Obitos da Matriz a fol. 49 vers.

90-B3P656